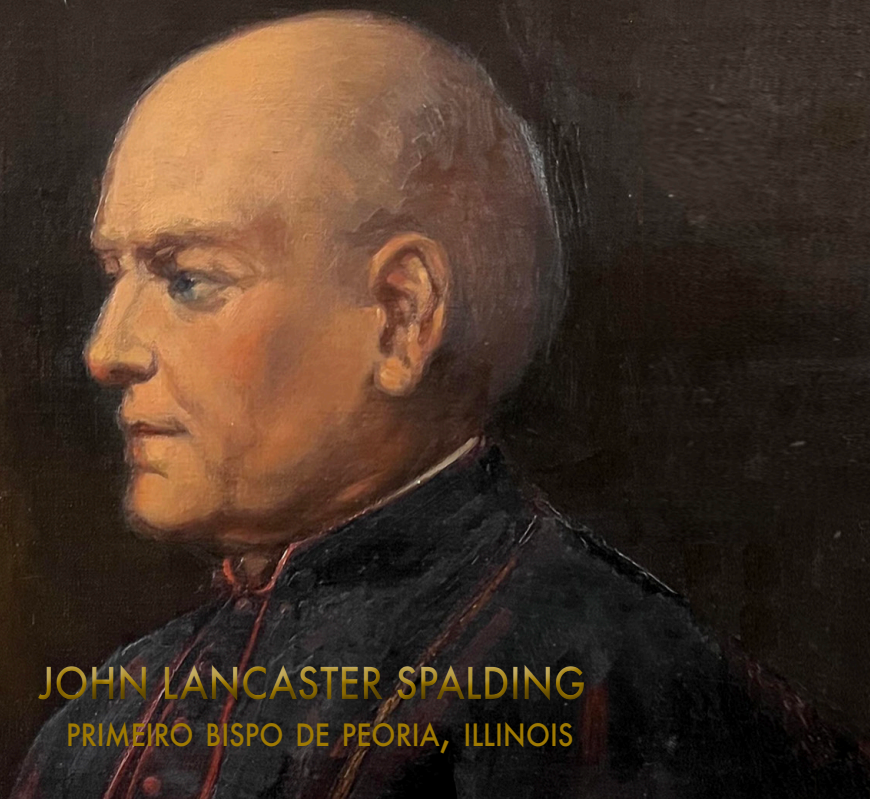


# A Alta Educação da Padre

TRADUÇÃO DO PADRE SENA FREITAS  
EDIÇÃO BILINGUE DE E. J. MOREIRA DA SILVA



JOHN LANCASTER SPALDING  
PRIMEIRO BISPO DE PEORIA, ILLINOIS

Publicado  
*por* EDITOR







*A* **Alta Educação**  
*do Padre*

John Lancaster Spalding  
*A Alta Educação do Padre*

TRADUÇÃO do Padre Sena Freitas  
EDIÇÃO BILINGUE de E. J. Moreira da Silva

CEHu  
Centro de Estudos Humanísticos  

---

Universidade dos Açores  
UAc

PONTA DELGADA | Açores | 2025

Publicado

*por* EDITOR

ISBN 978-989-35259-4-4

Grafismo e edição eletrónica de  
E. J. Moreira da Silva

Tipo do texto: CALIBRI 12 | 11 pt

# Índice Tabular

◆ NOTÍCIA DESTA EDIÇÃO	v
◆ BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	xxxvii
◆ 1. Introdução do Tradutor	1
◆ 2. Da Educação Eclesiástica e do Futuro Religioso	41
◆ 3. Educação Superior do Clero	117
◆ NOTAS EXPLANATÓRIAS (DO TRADUTOR)	
1. Introdução	199
2. Da Educação Eclesiástica...	204
3. Educação Superior do Clero	214
◆ NOTAS CRÍTICAS (DO EDITOR)	
1. Introdução	221
2. Da Educação Eclesiástica...	243
3. Educação Superior do Clero	254
◆ NOTAS TEXTUAIS (DO EDITOR)	
1. Introdução	277
2. Da Educação Eclesiástica...	279
3. Educação Superior do Clero	281
◆ APÊNDICES	
A. <i>fac simile</i> da página iii da edição de 1909	287
B. <i>fac simile</i> da página v da edição de 1909	288
C. <i>fac simile</i> da página vi da edição de 1909	289
D. <i>fac simile</i> da página vii da edição de 1909	290
E. <i>fac simile</i> da página viii da edição de 1909	291
◆ LISTA DE TEXTOS BÍBLICOS CITADOS	293
◆ LISTA DE OUTROS TEXTOS CITADOS	297
◆ ÍNDICE ONOMÁSTICO	301



## **Notícia Desta Edição**



**É DE DE CRER QUE, EM GERAL,** um editor (autor de edição) encete editar determinado(s) texto(s) — em volume único ou em mais do que um volume, na língua da escrita original, em versão bilingue ou em mera tradução (*e.g.*, do inglês médio para o inglês moderno) — (i) por motivação de tal tarefa lhe ter sido consignada (por exemplo, por este ou aquele publicador), (ii) por motivação de índole estritamente profissional (por exemplo, de índole académica), (iii) puramente por motivação de índole intelectual, ou, ainda, (iv) tanto por esta última motivação como por motivação de índole afetivo-sentimental.

Em se tratando, em particular, destas duas últimas circunstâncias, um editor encetará editar um determinado texto (i) puramente em resultado de assentimento de carácter intelectual à mundividência (*Weltanschauung*), à antropovidência (*Menschanschauung*) e/ou à teovidência (*Gottanschauung*) que esse mesmo texto aconteça endossar, expressar e porventura *trabalhar*, ou (ii) tanto em resultado de tal assentimento (de carácter intelectual) como em resultado de assentimento de carácter afetivo-sentimental a uma, ou a mais do que uma, de tais *vidências*. — O qual é, em geral, assentimento determinado mais marcadamente por proclividades decorrentes de estruturação psíquica (individual ou coletiva, característica, esta, de um certo *Zeitgeist*) e mais ou menos incentivadas, confirmadas e arreigadas (tais proclividades) por contextos de carácter sociofamiliar e educativo.

Trata-se, percebe-se, de proclividades que, não raras vezes, devêm responsáveis pelo sentimento que se usa denominar “fé” (do latim *fides*, “confiança,” “lealdade,” “fidelidade”), ou “crença,” de índole religiosa. O qual é sentimento que por seu turno, e por natureza, tende

a ocasionar instauração de *verdade* concetual (com relação a “conceção,” não a “conceito”) e, pois, ideacional. Ou seja, tende a ocasionar opinião-*dóxa* (de onde o qualificativo “ortodoxo”), ao invés, porquanto, de ocasionar conhecimento-*epistēmē*.

Perante estes três primeiros parágrafos, caberá, sem dúvida, indagar que motivações se encontram na origem da presente edição textual e eletrônica.

Motivações, em particular, puramente de índole intelectual?

Motivações, não menos em particular, tanto de índole intelectual quanto de índole afetivo-sentimental?

Motivações, ainda, de índole estritamente estética?!

A resposta mais direta e honesta a tais questões terá, por força, de residir na afirmação de que o presente Editor se viu motivado a editar os textos que ocupam, em paralelo (lado a lado), as páginas que se seguem (os dois textos do Autor, John Lancaster Spalding, e os textos das respectivas traduções,<sup>1</sup> da autoria do padre Sena Freitas) por três razões que há muito pouco tempo se lhe não davam sequer a vislumbrar.

A primeira, mas menos direta, de tais três razões reside na circunstância de, com desconhecimento completo do espólio literário e do *espírito* do padre Sena Freitas, o Editor ter assentido à incumbência de produzir estudo para ser apresentado, em Lisboa, no mês de dezembro do corrente ano (2025), no âmbito do NONO COLÓQUIO DO ATLÂNTICO — organizado pelo Centro de Estudos Humanísticos (CEHU) da Universidade dos Açores sob a designação J. J. SENA FREITAS, ENTRE PORTUGAL E O BRASIL: LEGADO FILOSÓFICO E LITERÁRIO.

1. ♦ O Tradutor, o padre Sena Freitas, designou a transposição translíngue que encetou, dos dois textos do Bispo Spalding que constituem *A Alta Educação do Padre*, quer “nacionalização” (na capa e no frontispício de 1909), quer “tradução” (ao afirmar não ir deixar de “traduzir” as “reflexões particulares” com que “Educação Superior do Clero,” o segundo e último texto, termina — p. 139, l. 35). ♦

A segunda e mais direta razão é a razão de, após ter investigado o acervo literário do cónego Sena Freitas, o Editor ter concluído que, dos temas com que tal acervo o confrontava, os (temas) da “educação” e da “cultura” (no sentido de *cultura hominis*, paideia ou *Bildung*) eram os (temas) que se lhe mostravam exclusivamente afins às suas preocupações e aos seus interesses de carácter intelectual — os quais são temas, aliás, que o autor traduzido pelo próprio Sena Freitas, John Lancaster Spalding, tratou de modo mais abrangente e menos *comprometido* religiosamente no seu *Education and the Higher Life (Educação e a Vida Bem-Aventurada*, de 1890).<sup>2</sup> Para, agora, mencionar apenas esse seu livro.

Por fim, a terceira razão, que veio a determinar de modo muito mais direto a produção da presente edição textual e eletrónica, decorreu, por seu turno, de duas circunstâncias também mais ou menos insuspeitadas por ele, Editor, *ab initio*.

O Editor refere-se, em primeiro lugar, à circunstância de, ao envidar uma primeira leitura das traduções de Sena Freitas que ocupam as páginas que se seguem com numeração ímpar, ter visto essa mesma leitura recorrentes vezes *sobressaltada* e interrompida (porquanto, dificultada) pela inépcia com que o próprio Sena Freitas virgoulou os textos (as traduções) que produziu. — Sendo que os distúrbios que tal inépcia acarretava à leitura por parte do Editor se revelavam a este último agravados pelo facto de a sintaxe seniana se constituir hipérbato com recorrência.

Eis aqui um exemplo, com respeito tanto à inversão sintática como à virgulação senianas:

O que é que há de salgar, se o sal não salgar? E como salgará se se derreter aos raios do sol da cidade maldita do vicio e do erro? Algu-

2. ♦ J. L. Spalding. *Education and the Higher Life*. Chicago, A. C. McClurg and Company, 1890, 210 p. ♦

ma coisa mais tem Deus direito de exigir do sacerdote que do leigo, do guia que do rebanho, da forma do que da matéria organizável, que para organizar-se para a vida cristã, espera o contato sobrenatural da nossa mão....<sup>3</sup>

Quanto o Editor vem de registrar não significa que inversão sintática recorrente se constitua, só por si, atropelo verbal em que leitor competente haja de deparar invariavelmente com fonte de *desconforto* e, pois, de *irritação*; significa, sim, que, para que isso mesmo se não verifique, inversão sintática recorrente terá de se fazer acompanhar por pontuação e virgulação — esta última em particular — que lhe hajam sido adequadas com proficiência, e, por conseguinte, que hajam sido praticadas com competência verbal pronunciada.

O Editor refere-se, em segundo lugar, à circunstância de a ortografia que Sena Freitas praticava de modo oficial — e, pois, de modo natural — preceder a ortografia que foi oficializada pelo Acordo Ortográfico de 1911 (de um ano após a implantação da República em Portugal), o qual, como é sabido, teve em vista *democratizar* a ortografia da língua portuguesa por via sobretudo de substituir a utilização de dígrafos de origem grega (*e.g.*, *th*, *ph*, *ch*) pela utilização de um só grafema (*e.g.*, *t*, *f*, *c*), bem como por via de reduzir a utilização das mais das consoantes dobradas (*e.g.*, *mm*).

Ora, o Editor confessa, com candura, que, muito embora se não constituísse atropelo à leitura que enviava levar a cabo, esta segunda circunstância — a circunstância que vem de explicitar — não menos se lhe revelou fonte de forte *desconforto* e, pois, de *enfática*

3. ♦ Padre Sena Freitas. *A Alta Educação do Padre. Introdução, Nacionalização e Comentação de Dois Notáveis Discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria, nos Estados Unidos*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1909, p. xxii. (Nesta edição, p. 10, ll. 8–14.) ♦

*irritação*. Em decorrência, como é evidente, de a grafia que o Acordo Ortográfico de 1990 (cuja prática se tornou obrigatória em Portugal a partir de 2015) se encontrar assimilada (já se encontrar assimilada) por sua mente, e, porquanto, em decorrência de essa mesma grafia ser a grafia que ora determina os seus hábitos e as suas expectativas de escrita e de leitura.

Quanto o próprio Editor vem de pôr em pauta revela de todo que, afinal, a questão de saber quais são as motivações que se encontram de modo particular na origem da presente edição textual é passível de obter resposta direta e honesta não mais do que por via da seguinte proposição: “o *desconforto* e a conseqüente *irritação enfática* — porquanto, espuriamente significativa — que a leitura da versão de 1909 de *A Alta Educação do Padre* nele ocasionou *ab initio*.”

Por seu turno, isto significa, como é evidente, que o primeiro e grande objetivo que o Editor pretendeu alcançar ao produzir a presente edição textual foi munir-se de edição de *A Alta Educação do Padre* que, ao ser por ele lida e estudada, nele não causasse tal *desconforto* e tal *irritação*. Isto é, foi munir-se de edição textual daquela mesma tradução que, de par a par com atualizar a ortografia a esta última, remediasse a virgulação deficiente de que a respetiva edição de 1909 enferma sem lhe alterar a sintaxe, a pontuação (com uma ou duas exceções, que se encontram devidamente assinaladas) e tanto o significado (a *letra*) como o *espírito* (por via também de consulta constante dos textos de partida).

A esse primeiro e grande objetivo, acresceu, porém, um outro, não menos importante. Trata-se do objetivo de trazer a existência edição daquela mesma tradução para português (*A Alta Educação do Padre*) que permitisse ao Editor comparar entre si, passo a passo, bem como com precisão e facilidade, os textos de partida (em inglês, da autoria de Lancaster Spalding) e os textos de chegada (em português, da autoria do Tradutor, o padre Sena Freitas).

Quer isto dizer: a tal primeiro e grande objetivo, acresceu, porém, o segundo grande objetivo de o Editor se munir de edição bilingue e paralela de *A Alta Educação do Padre*. — “Paralela” significando aqui edição bilingue na qual, de par a par com os textos de partida e os textos de chegada se encontrarem lado a lado, os parágrafos de uns e de outros se encontrem alinhados.

Chegado a este ponto da presente Notícia, incumbe ao Editor tecer dois reparos.

Um primeiro reparo é o reparo de, não obstante ter vindo a justificar a produção da presente edição textual em termos de todo de carácter prático (em termos de meros *fins*), o Editor se concebe e se *pratica* na qualidade de *perfeccionista* — em vista de ocorrer, como Matthew Arnold deu a ver, que “Culture is... properly described... as having its origin in the love of perfection... [as] a study of perfection.”<sup>4</sup> Isto é, se concebe e se *pratica* — o Editor — *sub specie* cultivador de *meios* que, em si mesmos, se configurem *fins*, e, porquanto, *sub specie* cultivador de *fins* que se não configurem tão-somente meios para alcançar outros fins.

Quanto o Editor vem de escrever tem a ver, afinal, com a circunstância de, ao trabalhar a presente edição textual e eletrónica, ele (o Editor) se ter deixado determinar em segunda instância tão-somente por *vontade* de produzir edição tão perfeita quanto estava ao seu alcance produzir. Ainda que, de par a par, se tenha deixado determinar, agora em primeira instância, por *vontade* de se munir, como já há dado a saber, de edição bilingue cujo texto de chegada lhe facultasse leitura o mais possível fluída e *confortável*. Muito embora ocorra que a circunstância de a sintaxe seniana requerer virgulação algo complexa (e, por vezes, *inusitada*) sempre haja de fazer recair sobre seus leitores — importa referi-lo — o ónus de a compreender

4. ♦ Matthew Anold. *Culture and Anarchy*. In: —. *The Complete Prose Works*. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1989, vol. 5, p. 91, ll. 28–31. ♦

devidamente apenas sob condição de, as mais das vezes, lhe prestar atenção continuamente concentrada.

Um segundo reparo é o reparo de, não obstante ter vindo a justificar a produção da presente edição exclusivamente em termos do *universo* particular da sua *vontade* e dos seus interesses específicos, o Editor jamais ter deixado de manter em mente, no decurso de seus trabalhos, que outras gentes com interesse, necessidade ou até mesmo obrigação de ler a tradução de Sena Freitas, ou os respetivos textos de partida, poderiam, afinal, vir a beneficiar tanto quanto ele, Editor, de estar ao seu alcance recorrer a edição bilingue (de tal tradução) capaz de lhes facultar, precisamente, leitura fluída e, pois, *confortável* o mais possível. Ainda que, de novo, uma tal edição sempre haja de demandar a tais gentes leitura atenta, pelas razões que o Editor há já explicitado.

Tudo quanto o Editor escreveu até aqui de modo algum ocasionou que se pronunciasse com relação ao seu posicionamento intelectual e sentimental *vis-à-vis* a mundividência (*Weltanschauung*), a antropovidência (*Menschanschauung*) e, sobretudo, a teovidência (*Gottanschauung*) que não poderiam ter deixado de determinar a escrita de um Bispo católico (no caso dos dois textos de partida) e a redação de um Padre de igual modo católico (no caso dos dois textos de chegada, bem como no caso da introdução e das notas que lhes servem de hipertexto). — Sobretudo quando tal escrita e tal redação hajam sido produzidas, como ocorre nas páginas que se seguem, em função do intento último de explicitar e incentivar “a alta educação do padre” (no título editorial que Sena Freitas escolheu utilizar), de par a par com o intento, não menos último, de “defender e difundir o reino de Jesus Cristo” (p. 113, l. 23).

Ora bem, o Editor declara sem acanhamento que de modo algum compartilha da mundividência (*Weltanschauung*), da antropovidência (*Menschanschauung*) e da teovidência (*Gottanschauung*) que hão determinado a produção dos textos que constituem *A Alta Educação*

*do Padre* (porquanto, que entram na presente edição) e que são por eles (textos) defendidas e propagandeadas. O que equivale a dizer que de modo algum assente intelectual e sentimentalmente — o Editor — a qualquer uma de tais *vidências*.

Mais, o Editor de modo algum assente intelectual e sentimentalmente à soteriologia (ao *esquema* de salvação) que inevitavelmente haveria de emparelhar com tais *vidências* ou interpretações ortodoxas (no sentido etimológico do termo) de Mundo, Homem e Divindade. —

Tal como sequer assente sem restrições, para não ir a mais longe, à designação titular “alta educação” — que Sena Freitas *recolheu* da designação original “higher education” (no título original do segundo texto que traduziu), em virtude (é de crer) de a tradução para português dessa segunda designação (a tradução “educação superior”) não lhe facultar formular o título sinóptico e bivalente que tinha em vista obter (o título editorial *A Alta Educação do Padre*).

É que o nome latino *educatio* (o nome que nos há dado o vocábulo “educação”) deriva, com propriedade de índole metafórica, da justaposição do prefixo latino *ex-* (“a fora”) ao infinitivo latino *duccere* (“conduzir”). A qual é circunstância que leva a que, afinal, não seja de todo adequado apor ao próprio nome “educação” o predicado “alta,” que terá de enviesar o seu significado etimológico (“conduzir a fora,” “expandir”) por via de lhe demandar o significado “conduzir a mais ou a menos alto”. Isto é, por via de lhe demandar — de demandar ao nome “educação” — significado etimológico que pertence estritamente ao nome “excelência” e ao qualificativo “excelente,” os quais derivam, em última instância, do infinitivo latino *excellere* (“ascender”).

A ausência de assentimento que o Editor vem de declarar — e, pois, a ausência de *simpatia* (no sentido etimológico do termo, *syn* + *pathos*) que se deixa depreender daí — não significa, como, aliás, as circunstâncias que não requerido esta Notícia põem em evidência,

que o próprio Editor haja produzido a presente edição textual e eletrônica emulando mentalmente o exemplo (o posicionamentos cognitivo) dos produtores dos textos que a compõem.

Isto é, não significa (tal ausência de assentimento) que, tomado por dualismo sem tréguas, estreitado pelo espartilho apertadíssimo do fideísmo, o Editor haja erigido as suas concepções ou *vidências* de Mundo, Homem, Divindade e Salvação (*sōtēria*) — ou Redenção (*lytrōsis*) — ao estatuto de *verdades* ideacionais absolutas. Vale dizer, ao estatuto de “verdades divinas” (p. 163, l. 33) mas, não obstante, determinantes exclusivamente da “nossa fé” (p. 34, l. 34), *sub specie* “fé absoluta e imutável” (p. 61, l. 25) conducente a luta cerrada — pela espada e ou pela pena, próprias e ou do pusilânime inimigo — contra conhecimento que a possa contradizer (a “nossa fé”), contra qualquer outra *fé* e contra ausência de *engagement* com “o curral” daquele que “governa o céu rotundo”<sup>5</sup> do ponto de vista católico-cristão.

Para já não dizer *sub specie* “fé absoluta e imutável” convocante de cruzada rumo a aniquilação desapiedada de conhecimento que não permita ser apropriado e convertido em “um dos melhores fatores e mais seguros coeficientes do triunfo desta [a Igreja] sobre o século” (p. 7, ll. 7–8), rumo a aniquilação desapiedada de seja qual for a *fé* que aconteça não coincidir com a “nossa fé” e, por fim, rumo a aniquilação desapiedada de ausência viril do *engagement* que o parágrafo anterior especifica. Veja-se:

Seja, a nossa arma, açacalada num aturado estudo particular, e não tenha menos de três canos, prontos a desfechar e relativos: primeiro, à existência de Deus e verdades primeiras; segundo, à autenticidade e veracidade da sagrada Bíblia, principalmente do hexâmero de Moisés e de todo o Pentateuco; terceiro, à

5. ♦ *Os Lusíadas*, VII, ii. ♦

história da Igreja. Urge contrapormos o livro ao livro, o folheto ao folheto, o jornal ao jornal. Quem é capaz de manejar uma pena, que a maneje, porque deixá-la em pousio seria indecoroso, quando os inimigos de Deus não descansam, nem ensarilham. (p. 30, ll. 37–38 a p. 31, ll. 1–9)

“[O]s inimigos de Deus”! — Do “Senhor Deus”!

Como se, em se não confirmando infantil, colhida em imaginação de cueiro, teovidência (*Gottanschauung*) configuradora de divindade absoluta, *ergo*, de divindade onnipresente, onnisciente, onnipotente — como ocorre, sem dúvida, com a teovidência hebraico-católico-cristã, — pudesse alguma vez coadunar-se com Ihe predicar “inimigos”! Ainda por cima, inimigos *menslich*, *allzu menschlich*, humanos, demasiadamente humanos (para utilizar o título de Nietzsche).

Quanto os dois antepenúltimos parágrafos põem em pauta significa que, muito pelo contrário, o Editor se relacionou mentalmente com o indómito maniqueísmo gnóstico-zoroástrico e o indómito fideísmo hebraico-cristão dos textos que editava com pleno desinteresse de índole histórico-estética.<sup>6</sup> —

6. ♦ Como se percebe, é de crer, o Editor tem em mente aqui o chamado Historicismo Estético, o qual consiste, em primeira instância, em entender e fruir a VIDA e todas as suas manifestações, ao invés de tão-somente a ARTE, na qualidade de fenómeno estético determinado historicamente, e, porquanto, consiste em contemplar cada uma de tais manifestações à luz do *Zeitgeist* que a haja determinado sem, contudo, assentir em comprometimento com qualquer importe de carácter histórico-ideológico (religioso, político, social, artístico, etc.), ou histórico-cultural, que Ihe subjaza ou que Ihe seja intrínseco. Vale dizer, o qual consiste (o chamado Historicismo Estético) em entrar em conta com e contemplar cada uma de tais manifestações na qualidade de fim em si mesmo; tão-somente por mor de quanto de belo, nobre e bom possa residir nela e ter-Ihe dado origem.

Bem como *casando* esse mesmo desinteresse com a recetividade — a “unclouded receptivity of soul”<sup>7</sup> — com que usa confrontar-se com toda e qualquer configuração e expressão de *verdade* ideacional (cognitivo-sentimental)

Talvez as seguintes palavras, de Walter Pater, tornem mais evidente o que o Editor vem de escrever: “Coleridge thinks that, if we reject the supernatural, the spiritual element in life will evaporate also, that we shall have to accept a life with narrow horizons, without disinterestedness, harshly cut off from the springs of life in the past. But what is this spiritual element? It is the passion for inward perfection, with its sorrows, its aspirations, its joy. These mental states are the delicacies of the higher morality of the few, of Augustine, of the author of the *Imitation*, of Francis de Sales; in their essence, they are only the permanent characteristics of the higher life. Augustine, or the author of the *Imitation*, agreeably to the culture of their age, had expressed them in the terms of a metaphysical theory, and expanded them into what theologians call the doctrines of grace and sin, the fluctuations of the union of the soul with its unseen friend. The life of those who are capable of a passion for perfection still produces the same mental states; but that religious expression of them is no longer congruous with the culture of the age. Still, all inward life works itself out in a few simple forms, and culture cannot go very far before the religious graces reappear in it in a subtilized intellectual shape. There are aspects of the religious character which have an artistic worth distinct from their religious import. Longing, a chastened temper, spiritual joy, are precious states of mind, not because they are part of man’s duty or because God has commanded them, still less because they are means of obtaining a reward, but because, like culture itself, they are remote, refined, intense, existing only by the triumph of a few over a dead world of routine in which there is no lifting of the soul at all. If there is no other world, art in its own interest must cherish such characteristics as beautiful spectacles. Stephen’s face, ‘like the face of an angel,’ has a worth of its own, even if the opened heaven is but a dream.” (Walter Pater. “Coleridge’s Writings.” In: E. J. Moreira da Silva, ed. *Walter Pater not Included in the Library Edition of his Works: Reviews, Articles, Introductions, an Essay and an Imaginary Portrait*. Ponta Delgada, Editor, 2022, pp. 29–30.)

7. Walter Pater. *Marius the Epicurean: His Sensations and Ideas*. London, Macmillan and Co., 1913, vol 2, p. 220. ♦

que se lhe comprovem racionalmente respeitáveis. Isto é, que se lhe comprovem visar a razão e o assentimento — ora, na terceira década do terceiro milénio — de mente coletiva intelectualmente adulta, não obstante poder bem tratar-se de configuração e de expressão de *verdade* congeminações séculos antes de o monge romano-oriental Dionísio Exíguo se ter dedicado a aritmetizar e a dar a instaurar, no século sexto, a divisão epocal “antes de Cristo—depois de Cristo.” — Em virtude (quanto respeita a esta adversativa) de a mente do animal humano evoluir da infância para a puberdade e desta para a adultícia indivíduo a indivíduo, ao inverso de época a época.

O que o Editor pretende dizer é que se relacionou mentalmente com o maniqueísmo (o dualismo indómito) e o fideísmo que vem de explicitar qual espetador que, recolhido no milenar museu humano da razão e da imaginação, contemplasse por perspectiva histórico-estética o *quadro* verbal *A Alta Educação do Padre*; e que, ao fazê-lo, fitasse passivamente a consabida fisionomia ideológico-religiosa desse mesmo *quadro*. Isto é, sem atraiçoar perceptualmente a sua condição histórico-cultural de *retábulo* — precisamente — *menschlich, allzu menschlich*.

Contudo, sem abdicar, um tal espetador, de formular este idiossincrático juízo teórico-estético: “Não é *quadro* belo, e dignificante, de pressuposto — necessariamente pressuposto — ‘reino de Deus’ (p. 159, l. 22). Tampouco é representação de um tal reino que se comprove desemolurada do intuito de estuprar a contemplação e a razão (*Verstand*) a quantos (também a quantos) estimem repugnante enaltecer os ‘pobres em espírito’ para que estes anseiem, e inclusivamente requeiram, ser *compenetrados*, religiosamente prostrados (no sentido etimológico do verbo), por altaneiros (em resultado de ‘alta educação’), mas prazenteiros, representantes na Terra do consabidamente celestial ‘reino de Jesus Cristo’ (p. 113, l. 23).<sup>8</sup> E, porquan-

8. ♦ Já que instaurar dicotomia entre (i) a proposição “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o

to, não é *quadro* que, com me impressionar a alma, solicite a esta assentimento cognitivo-intelectivo. Muito menos, pois, assentimento emotivo-sentimental.”

Ora, sendo que ente humano algo requintado bem poderá deparar com salvação, ou, pelo menos, com redenção, em excelente chávena de chá contendo chá excelente, um tal juízo teórico-estético seria, sem dúvida, passível de ser expresso do modo que se segue — não acarretasse consigo, isso, estrangeirismo e alguma deselegância semântica: *It is tea, indeed. However, it is not, most definitely, my cup of tea (neither the cup nor the tea itself), and will never be, even if I ever find myself tealess beyond redemption!*

De ora em diante, daqui até ao final desta Notícia, o Editor irá passar a focar a sua atenção na presente edição textual propriamente dita, com vista a fornecer a outros possíveis utilizadores dela — como lhe é devido — informação com respeito aos textos de que partiu e aos critérios que hão determinado a fisionomia gráfica e tipográfica que apresenta.

reino dos céus” (Mateus 5:3), e (ii) a proposição “O conhecimento incha, mas o amor edifica” (1 Coríntios 8:1) — a qual é dicotomia, Spalding esclarece, que “contrapõe a cultura meramente intelectual à salubre humildade que a crença religiosa requer” (p. 131, ll. 24–26) — jamais poderá acarretar consigo predicar causalidade apodítica entre (i) POBREZA DE ESPÍRITO (*qua* antecedente) e (ii) HUMILDADE (*qua* conseqüente), bem como, inversamente, entre (i) RIQUEZA DE ESPÍRITO (*qua* antecedente) e (ii) ORGULHO ou VANGLÓRIA (*qua* conseqüente). A menos, é claro, que instauração de uma tal dicotomia haja de se fazer acompanhar de predicação às *apalpadelas!*

Dando *uma no cravo, outra na ferradura*, o próprio Spalding se revela, aliás, consciente de ser assim: “não convém exagerar o pensamento do Apóstolo [com referência a 1 Coríntios 8:1]. O que Paulo se propõe, ao expressar-se por tal forma, é apontar-nos, por detrás da ciência, o perigo do orgulho.... Os que sabem pouco, e mal, são justamente os que impam de sabichões... e nem, ao menos, desconfiam da sua notabilíssima ignorância” (p. 131, ll. 27–29 e p. 133, ll. 21–24). ♦

Em virtude do seu carácter bilingue, esta edição de *A Alta Educação do Padre* partiu de quatro textos — muito embora não se configure versão *modernizada* tão-somente de dois deles (os textos de chegada): já que há que contar também com a Introdução e as Notas Explanatórias, da lavra do Tradutor.

Dois desses quatro textos são textos de partida, escritos, na língua inglesa, por John Lancaster Spalding (1840–1916), o primeiro Bispo de Peoria, no Illinois.

O primeiro desses dois textos de partida, pela ordem de precedência que o Tradutor, Sena Freitas, lhes deu, não pela ordem cronológica da sua escrita, foi originariamente proferido na qualidade de Sermão e publicado posteriormente na forma de Panfleto. Trata-se de: Rt. Rev. [Right Reverend] J. L. Spalding, D.D. [Doctor of Divinity]. *Education and the Future of Religion. A Sermon Preached in Rome, March 21, 1900*. Notre Dame, Indiana, The Ave Maria Press, s.d., 31 p.

O segundo dos referidos dois textos de partida, de igual modo pela ordem de preferência que o Tradutor, Sena Freitas, lhes deu, não pela ordem cronológica da sua escrita, foi originariamente proferido na qualidade de Discurso e de igual modo publicado posteriormente na forma de Panfleto. Trata-se de: Rt. Rev. [Right Reverend] J. L. Spalding, D.D. [Doctor of Divinity]. *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests. A Discourse Delivered at the Cathedral, Baltimore, Sunday, November 16, 1884*. Baltimore, John Murphy & Co., 1884, 34 p.

O sermão *Education and the Future of Religion, A Educação e o Futuro da Religião* (não e o Futuro Religioso, como se lê na tradução reconditamente *ardilosa* do cónego Sena Freitas),<sup>9</sup> foi proferido na Chiesa del San-

9. ♦ Em virtude de, nos começos do século XX — repare-se, — ele, Sena Freitas, se ter encontrado mais convencido do que o Bispo Spalding de que a Igreja Católica “possui”, em nome de toda a religião, “as promessas de uma vida imortal” (p. 61, ll. 11–12)? Ou seja: Em virtude de ele, Sena Freitas, não

tíssimo Nome di Gesù (Igreja do Santíssimo Nome de Jesus), em Roma, em resultado de o predicador, Lancaster Spalding, que então se encontrava de visita à *Beata Urbs*, ter aceitado convite para ali perorar a favor da criação, naquela mesma cidade, de uma escola noturna sem fins lucrativos.<sup>10</sup>

Por seu turno, o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests* (A Educação Universitária, Considerada nas suas Relações com a Educação Superior de Padres, não nas suas Relações com a Alta Educação do Padre) foi proferido na Catedral de Baltimore (Mary, Our Queen, Cathedral) por ocasião do Terceiro Consílio Plenário de Baltimore (Third Plenary Council of Baltimore), constituído por bispos, arcebispos e superiores de ordens religiosas dos Estados Unidos. — Sendo que, em virtude disso, esse mesmo discurso surge impresso em: *Memorial Volume: A History of the Third Plenary Council of Baltimore, November 9–December 7, 1884*. Baltimore, The Baltimore Publishing Co., 1885, pp. 74–102.<sup>11</sup>

ter querido perigar verbalmente a pressuposta *imortalidade do Futuro da Religião* (*the Future of Religion*)?

Compare-se-lhe o Matthew Arnold — o poeta oitocentista! — de “Stanzas from the Grande Chartreuse”: “I seek these anchorites, not in ruth, | [...] | But as, on some far northern strand, | Thinking of his own Gods, a Greek | In pity and mournful awe might stand | Before some fallen Runic stone — | For both were faiths, and both are gone.” (“Demando estes anacoretas não com remorso, | Mas como, em costa do longínquo Norte, | Pensando em seus próprios deuses, um grego | Eivado de pena e de mágoa reverente pudesse erguer-se | Rente a pedra caída gravada com runas — | Dado que houve quem pusesse fé em ambas, divindades rúnicas e gregas, e que ambas hão desaparecido.” (Matthew Arnold. “Stanzas from the Grande Chartreuse” (vv. 77, 80–84). In: —. *Poems*. Ed. Keneth Allott, London, Longman, 1979, p. 305.)

10. Cf. John Tracy Ellis. *John Lancaster Spalding, First Bishop of Peoria, American Educator*. Milwaukee, The Bruce Publishing Company, 1961, pp. 73–74.

11. Onze anos após ter escrito o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of*

No que toca aos dois respetivos textos de chegada, trata-se dos primeiro e segundo capítulos de: Padre Sena Freitas. *A Alta Educação do Padre. Introdução, Nacionalização e Comentaçãõ de Dois Notáveis Discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria, nos Estados Unidos*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1909, lxxx–157 p.

O primeiro desses dois capítulos traz ali (pp. 1–85) o título que apresenta nesta edição (como não poderia deixar de ser): “Da Educação Eclesiástica e do Futuro Religioso.”

O segundo capítulo traz acertadamente ali (pp. 89–157) — bem como, por conseguinte, na presente edição — o título “Educação Superior do Clero”: não, como na capa e no frontispício (de 1909), desacertadamente, o título *A Alta Educação do Padre*.

A um e a outro dos dois capítulos que o Editor vem de especificar, acrescem, também ali, na edição de 1909, a “Introdução do Tradutor” (pp. l–LXXX) e as respetivas notas (de rodapé), bem como acrescem as notas (de rodapé) que constituem a “Comentaçãõ” (aos dois capítulos) a que a capa e o frontispício fazem referência.

Agora, leitor desprevenido que leia pela primeira vez exemplar de 1909 de *A Alta Educação do Padre* não poderá deixar de estranhar três circunstâncias, a última das quais não poderá, por seu turno, deixar de se mostrar fonte de marcada confusão mental e estranheza.

O Editor refere-se, em primeiro lugar, à circunstância de, movido por “humildade e pureza do coração, como importa a homens que têm fome e sede de justiça” (p. 53, ll. 7–8), o Tradutor, o padre Sena Freitas, ter usurpado em nome dele, na capa e no frontispício de 1909, a autoria dos dois textos que constituem *A Alta Educação do Padre*.<sup>12</sup> Muito embora tal capa e tal frontispício elucidem

*Priests* (em 1884), Lancaster Spalding republicou-o, com o título “The Higher Education,” sob a forma de Capítulo VII do seu *Means and Ends of Education* (Chicago, A. C. McClurg and Company, 1895, pp. 181–232).

12. A página 2 da presente edição exhibe reprodução do referido frontispício. ♦

possíveis leitores, como vem de ser referido, de se configurarem patamar ou *profano!* a *Nacionalização e Comemoração de Dois Notáveis Discursos de Monsenhor Spalding*.

O Editor refere-se, em segundo lugar, à circunstância de, pleno de vontade de encorajar, à semelhança de sua Igreja, “sincero zelo e coragem na aquisição” de “conhecimentos mais exatos” (p. 65, ll. 12–13), o Tradutor, o padre Sena Freitas, ter sonogado a seus leitores (por razões que os parágrafos que se seguem evidenciam) conhecimento exato dos títulos em inglês e das fontes bibliográficas dos “Dois Notáveis Discursos” de Monsenhor Spalding que se propusera traduzir. — Já que, com relação a eles, *discursos*, e com a inexactidão que decorre de os classificar conjuntamente assim mesmo, de “discursos”,<sup>13</sup> apenas dá a saber (na sua Introdução) serem “dois discursos do insigne Bispo de Peoria, no Illinois, respeitantes à alta educação moderna do clero” (p. 7, ll. 10–11).

A isto, ele, Sena Freitas, acrescenta (com sintaxe irrepreensível!) a informação de se tratar de “discursos” “que [havia] entendi[do] fazer obra boa, gratíssima ao divino Fundador do clero, e utilíssima ao clero do [s]eu país e do Brasil, vertendo para vernáculo, ou, melhor, nacionalizando, e anotando aqueles dois trabalhos oratórios” (p. 7, ll. 11–15).

O Editor refere-se, em terceiro lugar, e por último, a circunstância que requer ser explicitada por via de enumerar três factos assaz lamentáveis.

O primeiro facto é o facto de a terceira página de exemplar de 1909 de *A Alta Educação do Padre* (a contar pela numeração romana) reproduzir “Carta de Monsenhor Spalding ao Cónego Sena Freitas”,<sup>14</sup> a autorizá-lo a “traduzir em português o” seu “livro intitulado *Oportunidade*”, bem como a pedir-lhe que lhe enviasse cópia da tradução após esta ter sido publicada!

13. ♦ Como o Editor já deu a saber, trata-se, na verdade, de um Discurso (de 1884) e de um Sermão (de 1900); não de dois Discursos.

14. Ver Apêndice A, p. 287. ♦

O segundo facto é o facto de o Tradutor informar seus leitores de ter traduzido “dois discursos do insigne Bispo de Peoria”, como o Editor já há referido, sem, de modo assaz oblíquo, lhes dar a saber, conjuntamente, não ter traduzido nem *Opportunity and Other Essays and Addresses* (“Oportunidade” e *Outros Ensaios, e Palestras*, publicado em 1900), nem qualquer dos oito escritos—capítulos que o constituem — os quais efetivamente pouco ou nada têm a dizer acerca da “a alta educação do padre”.<sup>15</sup>

O terceiro e último facto resulta de Sena Freitas ter intentado *pôr água na fervura* à confusão que antecipou os dois anteriores factos irem, por força, gerar na mente de seus leitores, o segundo dos quais é facto que há decorrido — é só ter *olhos* com que o *ver* — de o Tradutor, o próprio Sena Freitas, se ter visto constrangido a agir de modo a não deixar *mal vistos* a si mesmo e ao *Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo de Coimbra* ficar.<sup>16</sup>

Trata-se do facto, aquele terceiro e último, de, parco número de páginas adentro a sua Introdução, e inspirado pela interpretação ortodoxa de *O Cântico dos Cânticos* ou *Cântico Superlativo* (pressupostamente de Salomão), o Tradutor, o Cónego Sena Freitas, se ter dado de *arre- gaçar saia* à oportunidade de encomiar *Opportunidade* (*Opportunity*) — sem qualquer esclarecimento prévio ou concomitante — na qualidade de angariador proeminen-

15. ♦ *Opportunity and Other Essays and Addresses* (Chicago, A. C. McClurg & Co., 1900) é constituído pelos seguintes escritos: I. “Opportunity” (“Oportunidade”), pp. 8–44; II. “Women and the Higher Education” (“As Mulheres e a Educação Superior”), pp. 45–67; III. “The University: A Nursery of the Higher Life” (“A Universidade: Um Berçário da Vida Bem-Aventurada”), pp. 68–108; IV. “The University and the Teacher” (“A universidade e o Professor”), pp. 109–141; V. “Goethe as Educator” (“Goethe como Educador”), pp. 142–164; VI. “Goethe as Educator, continued” (“Goethe como Educador, continuação”), pp. 165–189; VII. “The Patriot” (“O Patriota”), pp. 190–212; VIII. “Empire or Republic” (“Império ou República”), pp. 213–228.

16. *Ver* mais abaixo. ♦

te (*procurer*), a escorrer-se em oiro, *para* as “núpcias da civilização com a Igreja”. Veja-se:

Monsenhor Spalding parece ter recebido da Providência um destino similar, e ter ouvido a mesma voz, não de Lacordaire, mas do alto. Todos os discursos que compõem o seu precioso livro *Opportunity* preenchem com um fulgor e uma competência singular este mandato — derramam excelentes ideias, originais, luminosas, fecundas, oportunas e alicerçadas num largo conhecimento experimental da sua época e dos homens. A epígrafe geral do livro podia ser o mote do brasão da família Chateaubriand — *Je sème l’or*, — porque, na verdade, semeia a fluxo o ouro, nos amplos horizontes que nos rasga, na elevação das vistas que nos descobre, na prudência consumada dos seus conselhos, no encarecimento esclarecido com que nos urge o amor do estudo e dos conhecimentos gerais, mesmo profanos, naquela linguagem, digna e por extremo insinuante, que emprega, para atrair sobre a alma do padre as núpcias da civilização com a Igreja, como um dos melhores fatores e mais seguros coeficientes do triunfo desta sobre o século. (p. 6, ll. 28–38 a p. 7, ll. 1–8)

Ora, o nome “padre” (*priest*) surge em *Opportunity (and Other Essays and Addresses)* tão-somente quatro vezes. Três delas, *en passant*; a outra, em asserção que, pelo menos em vista de quanto o Editor ora põe em pauta, o “Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cónego Senna Freitas” não terá tomado, afinal, em “alta” consideração.

Trata-se desta asserção: “Let a man have a purpose, let him resolve and labor to make of himself a good mechanic, or merchant, or farmer, or lawyer, or doctor, or teacher, or priest; but first of all let him have the will

and the courage to make of himself a true man, for else there shall be no worth in him.”<sup>17</sup>

Ou seja, em tradução do próprio Editor: “Que um homem tenha um propósito, que delibere e trabalhe para se tornar um bom mecânico ou comerciante, ou cultivador ou advogado, ou médico ou professor, ou padre; porém, que tenha, antes do mais, vontade de e coragem para se tornar verdadeiro homem, dado que, de contrário, não haverá nele valor.”

E que satisfação terá dado, o “verdadeiro homem” Sena Freitas — o Homem Sena Freitas, antes de o verdadeiro “padre” Sena Freitas — ao pedido de Monsenhor Spalding: o pedido de ele, Sena, lhe enviar exemplar da tradução para português de *Opportunity*?!

Em resultado de quanto o Editor vem de dar a saber, tem-se o que se segue.

Em primeiro lugar, que leitor desprevenido de *A Alta Educação do Padre* que não seja desprovido de inteligência e de perspicácia — que efetivamente não seja “pobre em espírito” — dirige olhos ao frontispício de 1909 daquela mesma tradução, e, por força, dá por si a representar mentalmente: *Ah, é tradução de dois notáveis discursos de Monsenhor Spalding.*

Em segundo lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* — um tal leitor — avança três páginas, dirige olhos à referida carta de Lancaster Spalding, e, por força, dá por si a representar mentalmente, reminescente de seu frontispício de partida: *É, afinal, tradução de Oportunidade!*

Em Terceiro lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* — um tal leitor — avança mais meia dúzia de páginas, dirige olhos ao referido encómio a *Opportunity*, e, por força, se vê a representar mentalmente: *É efetivamente tradução de Oportunidade!*

17. ♦ J. L. Spalding. “Opportunity.” In: —. *Opportunity and Other Essays and Addresses*. Chicago, A. C. McClurg & Co., 1900, p. 39. ♦

Em quarto e último lugar, que um tal leitor de *A Alta Educação do Padre* — um tal leitor — avança mais uma página, depara com a declaração de o Tradutor ter encetado tradução de “dois discursos do insigne Bispo de Peoria”, e, por força, dá por si a representar mentalmente: *Dois DISCURSOS que fazem parte de livro intitulado OPORTUNIDADE?!<sup>18</sup> Não há que duvidar. É tradução de Oportunidade!*

Em busca de mais informação, um tal leitor de exemplar de 1909 de *A Alta Educação do Padre* — um tal leitor — voltaria atrás, sem dúvida, para reler com mais atenção as páginas iniciais daquela mesma tradução.<sup>19</sup> Quase de certeza, daria por si, então, a representar (*vors-tellen*) os seguintes *praecepta*:

*Sim, não há que duvidar. É, de certeza, tradução de Oportunidade! Como atesta, aliás, o consentimento expresso do Autor, Monsenhor Spalding, e a aprovação do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Coimbra, dispensada após este ter lido “pouco” do “livro — Oportunidade — de Mgr. Spalding,” “que o M. R. Cónego Senna Freitas traduziu e anotou dando-lhe o título de A Alta Educação do Padre”!!!<sup>20</sup>*

*Que pena, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Patriarca de Lisboa ter-se encontrado ausente em Roma!<sup>21</sup> Com a consequência imprevista de se ter visto impedido — NOTE BENE — de, também ele, dispensar aprovação. Cabe indagar: após, de igual modo, ter lido “pouco” do “livro — Oportunidade — de Mgr. Spalding,” “que o M. R. Cónego Senna Freitas traduziu e anotou dando-lhe o título de A Alta Educação do Padre”?*

18. ♦ Podendo bem acontecer, aliás, que o leitor que está a ser pressuposto aqui já se encontrasse conhecedor de se tratar de livro, o do Bispo Spalding, intitulado não só *Opportunity (for short)*, mas “*Opportunity*” and *Other Essays and Addresses* (“*Oportunidade*” e *Outros Ensaios, e Palestras*).

19. Trata-se das páginas que os Apêndices da presente edição (pp. 287–291) dão a conhecer na forma de *fac simile*.

20. Cf. Apêndices D e E, pp. 290, 291.

21. Ver Apêndice E, p. 291. ♦

*Que pena, de qualquer modo, que o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Patriarca de Lisboa não tivesse tido oportunidade de fazer que aprovação dele emparelhasse com aprovação do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Porto, D. Antonio José de Sousa Barroso, e aprovação do Censor nomeado por S. Exa.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o Snr. Bispo do Porto, para averiguar heresia tanto em “os discursos de Monsenhor Spalding” como em “a introdução do notável escritor — Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cónego Senna Freitas”!*<sup>22</sup>  
*Vanitas vanitatum!*<sup>23</sup>

22. ♦ Ver Apêndices B e C, pp. 288, 289.

23. Ledor destas últimas linhas poderá, talvez, exclamar em representação (*Vorstellung*), tendo em mente o assentimento que o Editor há dado ao chamado Historicismo Estético: *Essa, era gente da Igreja de há quase cento e vinte anos, gente de outros modos eclesiásticos de conceber e de agir! Que ausência flagrante, e autocontraditória, de perspectiva historicista! Historicismo Estético, mon œil!*

Talvez, ledor, seja assim. Contudo, se ocorre que percepção, cognição e valoração de todo e qualquer *objeto* se constituem, por força, atos psíquicos condicionados historicamente não menos do que atos psíquicos determinantes da fenomenalidade (*Appearance, Erscheinung*) do próprio *objeto*, também ocorre o seguinte: que percepção, cognição e valoração são, não menos por força, atos intelectivos em que entram necessariamente tanto consideração da particularidade (lógico-ontológica) ou historicidade do *objeto* quanto consideração da universalidade (lógico-ontológica) ou a-historicidade deste último.

Por exemplo, a compleição particular das mulheres ebúrneas de ventre saliente e coxas carnudas que o pintor Peter Paul Rubens pintou não mais será julgada — é de crer — compleição bela. Contudo, a historicidade que determina aqui o juízo de gosto ou estético terá de recair tão-somente sob a particularidade de tal compleição — já que, sem dúvida, a compleição que o pintor Peter Paul Rubens e seus contemporâneos se viram obrigados a perceber e a valorar *sub specie* COMPLEIÇÃO DE MULHER jamais haverá de ser percebida e valorada, hoje, *sub specie*, por exemplo, COMPLEIÇÃO DE HOMEM (não obstante, é claro, as, hoje vigentes, hibridizações LGBT!)

Ora, o mesmo se aplica, *mutatis mutandis*, ao predica- do cuja presença nesta Notícia há tornado o presente *provisio*

“Uma geração vai, outra geração vem; a Terra, porém, permanece para sempre. O Sol nasce, o Sol põe-se, e apressa-se a retornar ao lugar em que nasceu.”

“Que retorno de todo o seu trabalho tem, porém, o Homem, que se revolve, labutando, debaixo do Sol?”

*Omnia vanitas!*<sup>24</sup>

Eis, pois, que, “em vindo a soberba, virá também a afronta”.<sup>25</sup>

Agora, os textos de chegada e de partida que o Editor vem de referenciar surgem na presente edição — que, de par a par com ser bilingue, é paralela — com os res-

necessário: o predicado VANGLÓRIA (*vanitas*) — cuja universalidade (lógico-ontológica) ou a-historicidade nunca e em nada haverá de ser determinada pela historicidade-particularidade de toda e qualquer valoração ou juízo que sobre ela possa recair. Toda a perspectiva historicista terá de acarretar consigo, porquanto, não só percepção-inteleção de diferença-descontinuidade subsistente entre valoração pretérita e valoração *in actu* do *objeto*, mas também, por força, percepção-inteleção da imutável continuidade histórica (lógico-ontológica) de toda e qualquer instanciação do conceito que aconteça subsumir as infindas representações mentais (*Vorstellungen*) do próprio *objeto*. Significa isto, percepção-inteleção da universalidade ou a-historicidade (lógico-ontológica) deste último. —

Não obstante, tem-se, é certo, como vem de ser entredito, que, em quanto respeite à fenomenalidade (*Appearance, Erscheinung*) do *objeto*, *esse est percipi*, por palavras do Bispo Berkeley (*A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge*, 3.); sem que, contudo, isso obrigue a esposar o idealismo objetivo que ele, Berkeley, propugnou. —

Com o resultado, afinal, de, com relação a um mesmo *objeto* (aqui, os Reverendíssimos das páginas iniciais da publicação original de *A Alta Educação do Padre*), percepção-configuração do predicado REVERENDÍSSIMO no ano 1909 (o ano dessa mesma publicação) em nada poder excluir ou contradizer percepção-configuração do predicado SOBERBÍSSIMO no corrente ano de 2025. Ou do predicado REMISSÍSSIMO — no caso, em particular, do algo comprometido e *atrapalhado*, mas bem intencionado (não obstante, bem intencionado), “Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Coimbra”.

24. Eclesiastes 1:2, 4–5, 3, 1.

25. Provérbios 11:2. ♦

petivos parágrafos alinhados, os (parágrafos) dos textos de partida ocupando as páginas de numeração par e os (parágrafos) dos textos de chegada ocupando (por conseguinte) as páginas de numeração ímpar. — Sendo que, de modo a garantir tal alinhamento, o Editor se viu constrangido, por vezes, a dividir linha de texto de partida (texto de Lancaster Spalding), ou, mais raramente, linha de texto de chegada (texto de Sena Freitas), em duas; porém, tendo o cuidado de dar a tais duas partes de uma só linha a mesma numeração (marginal), inclusive nos casos em que a segunda parte surge no início de uma outra página (na página seguinte), cuja numeração de linha, por conseguinte, se inicia na segunda das várias linhas que a constituem.<sup>26</sup>

A isso, acresce que, em virtude de o Tradutor, Sena Freitas, ter optado por dividir cada qual dos (longos) parágrafos de Lencaster Spalding em dois, três ou mais parágrafos, o Editor optou por iniciar cada um dos parágrafos dos dois textos de partida (de Spalding) com capitular de cor vermelho — com vista, percebe-se, a proporcionar comparação textual o mais fluída possível.

De igual modo, acresce que, com vista a obter esse mesmo efeito (comparação textual o mais fluída possível), o Editor optou por destacar as grandes diferenças *de re* que subsistem entre tais dois tipos de texto (de partida e de chegada) por via de assinalar o respetivo tipo (o tipo de tais diferenças) com, do mesmo modo, a cor vermelho. — Sendo, por conseguinte, que passos, frases e vocábulos destacados a vermelho nos dois textos de Lancaster Spalding (os textos de partida) correspondem a passos, frases e vocábulos que o Tradutor optou por não traduzir (sem dar qualquer notícia disso),<sup>27</sup> enquanto passos, frases e

26. ♦ Ver, por exemplo, a transição da página 55 para a página 56.

27. De par a par com assegurar seus leitores — o padre Sena Freitas — fazer questão de traduzir o discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests* (“Educação Superior do Clero”), na sua totalidade, “para respeitar o texto original”. Quando, afinal, dos dois tex-

vocábulos destacados a vermelho nos dois textos de chegada (os das traduções) correspondem a passos, frases e vocábulos (em português e latim) que o próprio Tradutor se não coíbiu de fazer *passar* por passos, frases e vocábulos da lavra do Autor (Lancaster Spalding). —

Muito embora ele, o Tradutor, haja parentesado as mais das citações da Vulgata que não resistiu a introduzir dissimuladamente nos dois textos que traduziu. O qual é, porém, modo de proceder que, no que respeita à edição original (de *A Alta Educação do Padre*), se configura de todo improfícuo, em virtude de, por força, acrescentar rigor algum (tal edição não sendo bilingue) a leitura por parte de leitores desconhecedores dos textos de partida.

De quanto o Editor deu a saber atrás, decorre que a virgulação dos textos de chegada (os das traduções), da Introdução e das notas do Tradutor que a presente edição apresenta é em grande parte de carácter editorial — sem que, por razões que não poderão deixar de ser óbvias, dada a extensão desses mesmos textos e dessa mesma Introdução, o Editor haja notificado possíveis leitores de cada uma das (imensas) alterações que efetuou a esse respeito (a respeito de tal virgulação).

Muito pelo contrário, as poucas (duas ou três) alterações que o Editor efetuou com respeito à pontuação do Tradutor encontram-se devidamente assinaladas, nas Notas Textuais. — As quais, em vista do que acaba de ser dito, assinalam sobretudo as (bastantes) alterações que, em benefício de correção de ordem gramatical ou referencial, e em benefício, de igual modo, de compreensão

tos de partida, esse acontece ser o texto em cuja tradução mais omisso ele, Sena, já se fizera.

Veja-se (p. 189, ll. 30–37): “(Referindo-se, agora, de um modo especial à Universidade católica nos Estados Unidos, faz, o autor, as seguintes reflexões particulares ao seu país e à criação de uma Universidade de orientação cristã, as quais, embora sejam pouco práticas e pouco aplicáveis, por ora, à minha pátria, nem por isso deixarei de as traduzir, para respeitar o texto original e porque não deixam de ser úteis e edificantes para a minha classe.)” ♦

o mais escorreita ou fluída possível, o Editor se viu compelido a fazer ao texto de cada uma das duas traduções e, de novo, ao texto da Introdução e das notas do Tradutor.

Trata-se, por exemplo, de correções de ordem morfológica com respeito à utilização da terceira pessoa do plural em lugar do infinitivo (*e.g.*, correção do segmento discursivo “segundo alguns fazem, sem se importarem que isso seja expressamente proibido,” por via de o verter no segmento discursivo “segundo alguns fazem, sem se importar que isso seja expressamente proibido” — p. 22, ll. 28–29). Ou, então, trata-se de correções da grafia de nomes (*e.g.*, “von Herthing” para “von Hertling” — p. 65, l. 24), bem como da correção da grafia de um ou outro termo latino (*e.g.*, *repullisti* para *repulisti* — p. 31, l. 15) e de uma ou outra referência textual (*e.g.*, “S. João Evangelista 6–26” para “S. João, 6:63” — p. 43, epígrafe).

E, claro, trata-se de igual modo, mas em muito menor número, de alterações com vista a proporcionar — como ora já é consabido pelos possíveis leitores desta Notícia — compreensão o mais possível cabal e escorreita, fluída, dos significados e sentidos expressos (*e.g.*, alteração de “haverá nada maior do que o supremo desenvolvimento do ser vital?” para “haverá algo maior do que o supremo desenvolvimento do ser vital?” — p. 43, l. 22).

Correções e alterações como as que o Editor acaba de especificar, fê-las, ele, também, de par a par com correções de virgulação, nas Notas Explanatórias, produzidas pelo Tradutor. Porém, essas, não as há, ele, assinalado, pela razão de que proceder de modo contrário o obrigaria a criar lugar, na divisão Notas Textuais, para notas (textuais, do Editor) a notas (explanatórias, do Tradutor). E, por conseguinte, pela razão de que isso mesmo o faria transgredir os modos de proceder que, em geral, são seguidos e respeitados no âmbito da edição de textos.

Ainda com relação a tais notas, as Notas Explanatórias, da lavra do Tradutor, importa dar a saber que, na versão original de *A Alta educação do Padre* (de 1909), elas

surgem invariavelmente na forma de notas de rodapé — enquanto, nas páginas que se seguem, surgem na forma de notas de final de capítulos (não de capítulo), em virtude, sobretudo, de esta ser edição bilingue, e, porquanto, edição cujo *lay out* naturalmente se mostra avesso à utilização de notas de rodapé.

De igual modo, importa chamar atenção para que, nas Notas Textuais, os segmentos discursivos que se encontram registados na sua forma original, prévia às modificações a que hão sido submetidos pelo Editor, surgem tipografados, não obstante, já de acordo com a ortografia ora vigente (ao invés, pois, de tipografados com a grafia do texto original de *A Alta Educação do Padre*).

Um outro aspeto que há que dar a conhecer aqui consiste em (com objetivos em mente que se não dão adivisar com precisão) o Tradutor, Sena Freitas, ter optado por fragmentar cada um dos textos de Lancaster Spalding em divisões separadas entre si por triângulos constituídos, cada um deles, por três asteriscos. O qual é procedimento a que ele mesmo, Sena, se refere, ao afirmar: “Chegado ao fim desta interessante divisão, é-nos bem grato reconhecer quanto seja edificante e consolador” (p. 216, n. 8) — mas que, para além do mais, não se coaduna, de igual modo, com o *lay out* que é requerido por edição bilingue. Sendo, pois, que tais divisões não assumem de todo lugar na presente edição.

Mais importante, porém, é prestar aqui esclarecimento com relação às chamadas de nota que desfilam ao longo dos três textos de Sena Freitas que entram na constituição desta edição.

Confrontado com a necessidade inescapável de produzir Notas Críticas, e, por conseguinte, confrontado com a necessidade de incluir nos textos anotados as respetivas chamadas de nota de par a par com as chamadas de nota referentes às Notas Explanatórias (do Tradutor), o Editor tinha, por força, de determinar modo de distinguir tais chamadas umas das outras. Isto é, modo de distinguir chamadas de nota referentes às Notas Críticas (dele

mesmo, Editor) de chamadas de nota referentes às Notas Explanatórias (do Tradutor).

Ora, é em virtude disso mesmo, que os possíveis utilizadores desta edição deverão de se deparar, no decurso de leitura de cada um dos textos do Tradutor, tanto com chamadas de nota no formato <sup>(E)1</sup>, <sup>(E)2</sup>, <sup>(E)3</sup>, etc., as quais são chamadas de Notas Críticas, produzidas pelo Editor (daí, <sup>(E)</sup>), quanto com chamadas de nota no formato <sup>(T)1</sup>, <sup>(T)2</sup>, <sup>(T)3</sup>, etc., as quais são, por seu turno, chamadas de nota referentes a Notas Explanatórias, do Tradutor (daí, <sup>(T)</sup>).

Resta ao Editor chamar atenção para três outras circunstâncias.

A primeira circunstância consiste em todas as citações da Bíblia que ocorrem em latim nas Notas Críticas terem sido feitas a partir da seguinte edição da Vulgata: *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementina* (Nova Editio). Ed. Alberto Colunga e Laurento Turrado, Matriti, Biblioteca de Autores Cristianos, 2023.

A segunda circunstância consiste, por seu lado, em todas as citações da Bíblia que ocorrem em tradução portuguesa nessas mesmas notas (as Notas Críticas) terem sido feitas a partir da versão da tradução do Padre João Ferreira de Almeida que é designada “Almeida Corrigida Fiel” (ACF). De modo mais preciso, a partir da seguinte edição dessa versão: *Bíblia de Estudo ACF (The King James Study Bible)* [2011]. Brasil, Thomas Nelson, 2024.

A terceira circunstância é a circunstância de, aqui e ali, nas citações (da Bíblia) que ocorrem em tradução portuguesa nas notas que vêm de ser referidas (as Notas Críticas), o Editor ter substituído virgulação original menos correta (sem alterar o sentido) por virgulação correta.

Por fim, ao terminar, o Editor declara que o trabalho e o dispêndio de tempo substancialmente consideráveis que a presente edição textual e eletrônica lhe requereu se mantiveram inquebrantáveis em resultado de “amor desinteressado” à perfeição (em virtude, de novo, de ocorrer que “Culture is... properly described... as having its origin in the love of perfection... [as] a study of perfec-

tion”), e não em resultado de “amor desinteressado da verdade” (p. 35, l. 25), considerada, esta última, estritamente *qua* verdade católico-cristã. — Que é, afinal, como Sena Freitas a considerava, *esquecendo-se* de que toda a verdade haverá, por força, de ser verdade universal, e de que, por conseguinte, “All truth is orthodox” (p. 56, l. 35), no dizer ilustrado do Autor, o Bispo Lancaster Spalding.

Ponta Delgada, dezembro de 2025.



# **Bibliografia Seleccionada**

**LISTADA POR ORDEM CRONOLÓGICA**



### ◆ DO AUTOR (J. L. Spalding)

- . *Essays and Reviews*. New York, The Catholic Publication Society Company, 1877, 355 p.
- . *Education and the Higher Life*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1880, 210 p.]
- . *Things of the Mind*. Chicago, A. C. McClurg & Company. 1894, 235 p.
- . *Means and Ends of Education*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1895, 232 p.
- . *Thoughts and Theories of Life and Education*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1897, 236 p.
- . *Opportunity and Other Essays and Addresses*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1900, 228 p.
- . *Religion, Agnosticism and Education*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1902, 285 p.
- . *Socialism and Labor and Other Arguments*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1902, 225 p.
- . *Glimpses of Truth, With Essays on Epictetus and Marcus Aurelius*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1903, 249 p.
- . *Religion and Art and Other Essays*. Chicago, A. C. McClurg & Company, 1905, 235 p.

### ◆ DO TRADUTOR (J. J. de Sena Freitas)

- . *A Doutrina Positivista*. Póvoa de Varzim, Livraria Povoense, s.d. 98 p.
- . *As Novidades no Pelourinho: Ecos d'uma Campanha Anti-Catolica*. Coimbra, Corrêa Cardoso–Havaneza Academica, s.d. [19–], 43 p.
- . *O Milagre na Crítica Moderna ou a Imaculada Conceição de Lourdes*. Braga, Typographia Lusitana, 1873, 64 p.
- . *Esriptos Cathólicos d'Hontem*. Guimarães, Teixeira de Freitas, 1877, vii–312 p.
- . *Os Nossos Bispos do Continente: A Proposito das Exequias da Lapa em Honra de Alexandre Herculano*. Guimarães, Teixeira de Freitas, 1878.
- . *Critica à Critica*. Porto, Manoel Malheiro, 1879, 128 p.

- . *Contra os Jesuitas: Representação Dirigida aos Poderes Publicos*. Braga, Cruz & Co., 1881, 15 p.
- . *No Presbyterio e no Templo*. Lisboa, Lallemand Frères, 1884, 2 vol., xiv–304 p., viii–302 p.
- . *Autopsia da Velhice do Padre Eterno*. São Paulo, Typographia a Vapor, 1886, 81 p.
- . *Perfil de Camillo Castello Branco*. São Paulo, Leroy King, 1887, iii–147 p.
- . *Observações Críticas e Descrições de Viagem*. Campinas, A. B. De Castro Mendes, 2 vols, 1888, 1891.
- . *O Morto Immortal ou Esboço Litterario de Luiz Veuillot*. Ernesto Chadron, 1888, 144 p.
- . *Processo do Positivismo*. Rio de Janeiro, L'Express–Typographia a Vapor, 1893, 28 p.
- . *A Prostituição e a Caridade Catholica*. Lisboa, Livraria Catholica Joaquim Antonio Pacheco, 1895, 19 p.
- . *A Sagrada Biblia: Discurso Proferido no Congresso Catholico do Centenário Antoniano, Realizado em Lisboa em Junho do Anno de 1895*. Lisboa, M. Gomes, 1895, 27 p.
- . *A Alma Portuguesa: Discurso Panegyrico Pronunciado em Lisboa, no dia 13 de Maio de 1896, na Igreja e na Festividade de Nossa Senhora dos Martyres*. Lisboa, M. Gomes, 1896, 30 p.
- . *O sacerdocio Catholico*. Lisboa, Typographia Universal, 1896, 20 p.
- . *Luctas de Penas*. Lisboa, Typographia Universal, 1901, 302 p.
- . *Quem São os Verdadeiros Reacionários*. Coimbra, França Amado, 1901, 48 p.
- . *Por Agua e Terra: Atravez da Suissa, Allemanha, Belgica e Hollanda*. Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1903, 184 p.
- . *Estudo Synthetico Sobre o Positivismo de Augusto Comte*. Lisboa, Correia Pinto, 1904, 71 p.
- . *A palavra do Semeador: Sermões, Orações Funebres, Discursos, Conferencias, Allocuções, Pronunciados no Templo e Fóra D'elle*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1905–1906, 3 vols., xvii–280 p., xvii–310 p., xv–291 p.
- . *Considerações Sobre Algumas Questões Sociaes*. Lisboa, Imprensa Lucas, 1906, 52 p.

- . *Ao Veio do Tempo: Ideas, Homens e Factos*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1908, 359 p.
- . *Stambul ou Itinerário d'uma Viagem a Constantinopla*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1909, 225 p.
- . *Historicidade da Existência Humana de Jesus, Contra Emilio Bossi*. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1910, 211 p.



↪ John Lancaster Spalding (1840–1916) ↩

JOHN LANCASTER SPALDING  
PRIMEIRO BISPO DE PEORIA, ILLINOIS

*A* **Alta Educação**  
*do Padre*

TRADUÇÃO, NOTAS E INTRODUÇÃO  
**Padre Sena Freitas**



EDIÇÃO BILINGUE, NOTAS E NOTÍCIA DE EDIÇÃO  
**E. J. Moreira da Silva**

Publicado  

---

por *EDITOR*



↪ José Joaquim de Sena Freitas (1840–1913) ↩

# **Introdução** *Da Tradutor*



PADRE SENNA FREITAS

---

A alta educação  
do Padre

---

Introdução, Nacionalisação e Commentação  
de dois notaveis discursos de Monsenhor Spalding,  
Bispo de Peoria nos Estados Unidos



1909

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta, 44 a 54*

LISBOA

**A** PRIMEIRA CLÁUSULA para a proficuidade da leitura deste livro, dedicado à classe eclesiástica, é que o padre creia em si. O padre que crê em si é o que tem a exata noção do que é, o que compreende o motivo sobrenatural da sua existência e se compenetra intimamente da natureza da sua missão especialíssima e única na sociedade cristã. 5

O que importa em subido grau, para que um membro qualquer do clero leia com fruto as páginas, tão alevantadas e circunspetas, do eminente Prelado americano, que vão passar por diante dos seus olhos, é que seja um homem de fé, e de fé viva, porque a morta nem de fé merece o nome. Seja de facto o que é de direito, porque a razão suficiente da existência, do carácter, do mandato, e do préstimo do padre católico é a fé. Sem ela, não poderia passar ao seu próprio juízo por outra coisa mais do que um fantasma, uma máscara, ou uma fita cinematográfica, que simula a vida mas não a encerra em si. 10 15

Seria, portanto, este, um livro inútil, incompreensível e até irrisório, para todos esses representantes da milícia sacerdotal que, infelizmente, a “invadiram pela janela, e não penetraram nela pela porta,” os quais consideram o sacerdócio como meio mais ou menos lucrativo, ao invés de como um fim, como um ofício e um expediente 20

1

financeiro equiparável a outro qualquer, e não como uma honrosíssima delegação, que exercemos na sociedade em nome de Cristo, para o bem espiritual dela e dos seus interesses eternos, *pro Christo legatione fungimur* (Paulo).<sup>(E)1</sup>

5

E há-os destes, *proh pudor!*<sup>(E)2</sup> para quem mandato, zelo pastoral, pão da palavra, bom exemplo, regeneração promovida pela ação eclesiástica, nada significam ou nenhum sentido têm no seu vocabulário orçamental. Não é a eles, que se dirige Mons. Spalding, o preclaro Bispo de Peoria, nos Estados Unidos, nem o seu obscuro intérprete português. Se, por equívoco, lhes cair nas mãos, este livro, é mais acertado que o fechem e o deponham.

10

Ele dirige-se ao padre coerente com o que é; ao que deseja sinceramente guindar-se à altura do seu caráter e missão; ao que não é só um convicto do presbiterado recebido, mas que vive as suas convicções; ao que não é só ministro, mas amigo, de Jesus Cristo, e anseia por gerá-lo gerando à verdade cristã as inteligências ermas da luz, povoadas de preconceitos, enredadas nas malhas do erro e da pretensa antinomia entre a ciência e religião, gerando, enfim, ao amor da virtude e do bem, segundo o sublime ideal cristão, os pobres corações emaranhados na sombria senda do vício.

20

Este livro dirige-se, por igual, ao candidato ao sacerdócio, que, entre o vestíbulo e o altar, espera, na tímida e, sem embargo, confiante pureza da sua alma de cristal, a palavra solene do seu Bispo: *Accedat qui vocatus est.*<sup>(E)3</sup> A tais leitores, procura o presente livro, e a sua Introdução.

25

Era aí pelos anos de 1855. Eu não passava ainda de um rapazola que andava já pelo Pórtico, para fazer sem grande vontade a vontade de meu pai, e cursava preparatórios no Seminário de Santarém, no tempo em que ali reitorava o ríspido, mas reto, cónego Joaquim Moreira Pinto, e lia de prima, na aula de Dogma, o dr. Américo dos Santos, posteriormente Cardeal Bispo do Porto, de gloriosa memória.

30

35

No dedal de ideias ocas que então mobilavam o meu cérebrozinho dos catorze anos feitos, o meu ideal e

mais persistente preocupação era a chegada a Santarém do meu correspondente, egresso sexagenário da Ordem franciscana, Fr. José de Santo Agostinho, que me vinha periodicamente buscar para ir passar as férias grandes, ou do Natal, em Lisboa. Meu pai, por essa época, insulava entre S. Miguel e Terceira. Era incalculável, o prazer com que eu via assomar-me à porta do quarto o simpático Fr. José, encadernado em espesso capote, debaixo do tríplice andar de três romeiras. Releve-me, o leitor, estas memórias de factos remotíssimos que, na limalha acumulada de perto de sessenta anos decorridos, têm hoje, para mim, o encanto que não tiveram então esses próprios factos, talvez porque são, hoje, mais conscientes do que o eram então.

Com a chispa da adolescência irrequieta e alegre, mas frívola, levava, eu, a semana do suspirado advento do dito correspondente ao Seminário assoalhando o meu terno de roupa e escovando o veludo *marron* da gola do meu lemiste, ainda feito em S. Miguel; e, todo aquele rosário de dias, desfiava-o a arquitetar e a desmoronar planos de recreios compatíveis com o bizantinismo austero de Fr. José, em casa de quem ia ficar, lá para os lados de Santo Estevão de Alfama. Meu pai escolhera-o entre cem — ele lá sabia porquê — para ser o guarda-freio moral da minha adolescência travessa e imaginosa. Chegado o dia da saída, abalava, eu, para a corte, todo vibrante de contentamento, sem levar outra saudade do Perípatos que a da andorinha que viera construir o seu ninho por baixo do beiral da minha janela e que todos os dias, nuns círculos vertiginosos e cativantes, esvoaçava, logo ao amanhecer, por diante dela.

As primeiras ideias impessoais e sérias que me despontaram no cérebro, devo confessar que mas provocou e mas semeou um eclesiástico francês que por aquele tempo viera habitar o Seminário Patriarcal, na qualidade de prefeito de camarata, e ali residiu cópia de anos.

Era bastante inteligente, muito lido em literatura eclesiástica, doado de uma eloquência natural e de uma vivacidade espirituosa que empolgavam em pouco tem-

1 po. Todavia, sendo clérigo, não era ainda presbítero, e  
nunca chegou a receber ordens de missa. Chamava-se  
Abbé Labatut. Deu-se muito comigo, porque já então me  
era assaz familiar, a língua francesa. Aquele estrangeiro,  
5 educado num excelente seminário de Toulouse, abriu-me  
perfeitamente os olhos sobre o que é um bom instituto  
deste género (que não é, portanto, um colégio, nem uma  
caserna) e sobre a grande questão da vocação ao sacer-  
dócio, de que eu não suspeitava. Incalculável, é o número  
10 de noções que lhe devo, de notícias históricas e geográ-  
ficas que me comunicou. O amor da leitura e das boas  
letras, que as suas conversações, já no seu próprio cubí-  
culo, já principalmente pelos arredores de Santarém, me  
instilaram, foi, para mim, um curso de religião e literatura,  
15 aberto pela simpatia e apenas pago pelo reconhecimento.  
Tinha, ele, conhecido e privado, em Toulouse, o eminente  
orador francês, Padre Lacordaire,<sup>(E)4</sup> da Ordem dominica-  
na, e o maior cume de eloquência cristã nos tempos mo-  
dernos. Uma vez, o *abbé* Labatut interrogou a Lacordaire,  
20 cuja clarividência transluminosa por não poucas vezes ti-  
vera azo de verificar: “Qual parece a. V. Rev. que seja a  
minha vocação?” O grande orador, que lhe conhecia o fio  
do pano, respondeu sem hesitar e sem que o relógio da  
parede do seu quarto tivesse tempo de marcar um minu-  
25 to: “Fique na posição em que está, e, sempre que lhe seja  
possível viajar, faça-o, *a sua vocação é derramar ideias.*”  
E assim fazia.

Monsenhor Spalding parece ter recebido da Pro-  
vidência um destino similar, e ter ouvido a mesma voz,  
30 não de Lacordaire, mas do alto. Todos os discursos que  
compõem o seu precioso livro *Opportunity*<sup>(E)5</sup> preenchem  
com um fulgor e uma competência singular este mandato  
— derramam excelentes ideias, originais, luminosas, fe-  
cundas, oportunas e alicerçadas num largo conhecimen-  
35 to experimental da sua época e dos homens. A epígra-  
fe geral do livro podia ser o mote do brasão da família  
Chateaubriand — *Je sème l’or*,<sup>(E)6</sup> — porque, na verdade,  
semeia a fluxo o ouro, nos amplos horizontes que nos

rasga, na elevação das vistas que nos descobre, na prudência consumada dos seus conselhos, no encarecimento esclarecido com que nos urge o amor do estudo e dos conhecimentos gerais, mesmo profanos, naquela linguagem, digna e por extremo insinuante, que emprega, para atrair sobre a alma do padre as núpcias da civilização com a Igreja, como um dos melhores fatores e mais seguros coeficientes do triunfo desta sobre o século.

Tais predicados ressaem de um modo tão visível em dois discursos do insigne Bispo de Peoria,<sup>(E)7</sup> no Illinois, respeitantes à alta educação moderna do clero, que entendi fazer obra boa, gratíssima ao divino Fundador do clero, e utilíssima ao clero do meu país e do Brasil, vertendo para vernáculo, ou, melhor, nacionalizando, e anotando aqueles dois trabalhos oratórios, e buscando, assim, pelo que me toca, propelir o padre para fora dos antigos moldes de uma educação já arcaica e insuficientíssima, segundo as exigências da nossa época atual. Não basta mais um eclesiástico versado na didascália<sup>(T)1</sup> dos seus compêndios dogmáticos e morais, sem outra bagagem de instrução, vivendo passiva e pacificamente no ambiente tépido e alfacezado do presbitério, entretendo os seus lazeres aplicados com a leitura do *Manuale Sacerdotum*, de Arvisent,<sup>(E)8</sup> ou do *Ano Cristão*, de Croiset,<sup>(E)9</sup> todo enovelado em cómoda poltrona e esperando, num quietismo beatífico, que venham chamá-lo para administrar algum sacramento ou convidá-lo para algum sermão de Festa.

O padre, hoje, há de ser militante, postado sempre, arma ao ombro, de piquete constante à guarda do depósito sagrado da fé, contra o qual o livre pensamento assesta de contínuo os seus aproches. O padre, hoje, há de aperceber-se de muito maior número de conhecimentos, ainda das ciências naturais e positivas, para ricocheter a objeção partida do bivaque de uma pseudo-ciência balofa; há de compenetrar-se da sua indispensável e prestante ação social, tomando a peito a moderna questão operária, nutrindo pelo povo, o pobre povo da blusa, e pelas suas necessidades materiais, um interesse enternecido,

—  
**1** de feito a ganhar-lhe o coração pelo viaduto da matéria, e a trazer-lhe Deus pela víscera do estômago.

Monsenhor Spalding, dirigindo-se ao clero do seu país, pulsa admiravelmente esta corda, mas encara sobretudo a educação debaixo do ponto de vista intelectual e científico, aliás tão importante. Vertendo para vernáculo, como acabo de dizer, os seus notáveis discursos, pareceu-me, todavia, que teria todo o cabimento se, completando o assunto educativo, eu, em modesta Introdução, combinasse e entramasse com a educação intelectual a moral e a eclesiástica, ao menos em algumas das suas linhas mais praticamente profícuas para o clero lusitano e brasileiro. Assim, o presente livro, tanto para os sacerdotes como para os candidatos ao clero, tornar-se-ia mais compreensivo e mais adequadamente satisfaria o seu título e às exigências de um quadro integral de formação pedagógica do clero.

A sociedade não pode viver e progredir dentro da esfera da verdade e do bem sem o cristianismo, e, de facto, só nas nações cristãs há vida e leveda o progresso, nem é menos certo que, banido aquele de um povo, afunda-se este paulatinamente na ruína e na morte. Ora, o cristianismo não subsiste sem o padre, seu propulsor e fomentador; sem o padre, embaixador oficial de Deus para com a sociedade.

Porém, o clero, longe de ser o que deve ser, comprometeria a sua alta missão, e tornar-se-ia, em pleno cristianismo, uma classe inútil, irrisória, mesmo nociva, e alvo permanente dos dardos dos adversários de Cristo,<sup>(1)</sup> se não fosse dotado em grau sensível daquela exemplaridade de costumes morais, sociais, religiosos, e daquele capital científico, que mais ou menos o imponham ao público e lhe captem o respeito, a estima, a simpatia; enfim, o prestígio de uma sociedade para a qual a própria virtude já não é suficiente salvo-conduto, nem o apanágio bastante do ministro de Deus, mas que quer ver nele positiva ilustração e, por assim dizer, o escudo radiante do saber sempre abraçado, sobre o qual incidam e caiam

impotentes as objeções que do campo adverso sejam desfechadas contra o seu *símbolo* cristão. É forçoso, que, no meio da sociedade contemporânea portuguesa, que mais e mais se desintegra e desagrega das suas gloriosas crenças tradicionais, frustrando assim a mente salvadora do Homem-Deus, o sacerdote católico seja o foco peregrino a que se acenda a antiga fé, que bruxuleia e ameaça apagar-se em parte por culpa nossa. Cumpre que a todos possa dizer, como outrora o Apóstolo: “Sede meus imitadores, como eu o sou de Jesus Cristo.”<sup>(E)10</sup>

Para ele, não basta não fazer o mal e não pregar o erro, porque é mister fazer o bem e pregar oportuna e importunamente em prol da verdade — *si non prodes, obes*: “se não for de proveito, prejudica.” Quanto mais, então, o seria, se operasse o mal e desmentisse na vida real o que preceitua na teoria; isto é, se ele, piloto da embarcação, sofresse do enjoo como qualquer dos passageiros? Um dia, a mão invisível mas potente de Jesus Cristo lançou-te, oh meu irmão, sobre o pináculo do templo, e disse-te: “Brilha! Sê a luz do mundo pela palavra que convence e pelo exemplo que arrasta. Que os homens, testemunhas do teu procedimento irrepreensível e edificativo, glorifiquem o Pai que está nos céus.”

Não pense, a luz acesa no seminário, que o destino que lhe cabe é ser escondida debaixo do alqueire, senão posta sobre o candelabro, para que irradie para todos os pontos da casa do Pai de famílias.<sup>(E)11</sup> E essa luz há de ser essencialmente social, porque foi acesa para a sociedade, e, portanto, não é suficiente que o padre viva, mas urge que comunique vida. O seu lema deve ser o de S. Paulo: “Eu fiz-me todo de todos para ganhar a todos ao divino Modelo.”<sup>(E)12</sup> Tal, a razão da sua existência, tal, o seu mandato, o seu norte invariável, sob pena de negar a si próprio. Sim, tudo pode mudar em nós e em torno de nós; como as folhas caem, podem ir caindo os nossos anos da árvore da vida; como as flores murcham, murchar, para sempre, o viço da nossa juventude; como as nuvens passam, passarem de vez as nossas ilusões; como

---

1

5

10

15

20

25

30

35

1

a luz solar se afrouxa, ao tombar o crepúsculo, debilitar-se, com a idade, o vigor e o fulgor da nossa inteligência; corno se congelam os rios, congelar-se-nos o sangue nas veias, pela invasão da velhice; porém, o que não passa em nós, nem cai, nem muda, nem murcha, nem é corrosível ao dente do tempo, é a natureza da nossa missão sublime e o ministério de dedicação que ela exige da nossa atividade.

O que é que há de salgar, se o sal não salgar? E como salgará, se se derreter aos raios do sol da cidade maldita do vicio e do erro?<sup>(E)13</sup> Alguma coisa mais tem Deus direito de exigir do sacerdote que do leigo, do guia que do rebanho, da forma do que da matéria organizável, que, para organizar-se para a vida cristã, espera o contato sobrenatural da nossa mão: *Forma facti gregis*<sup>(E)14</sup> — *Sacerdos alter Christus*.<sup>(E)15</sup> Bastantes fragilidades e deficiências é preciso desculpar ao pobre povo, maiormente na época que vamos atravessando, tão juncada de sofismas e de perigos morais; bastantes fragilidades, repito, é mister desculpar-lhe, quais sejam as faltas de lisura, de bondade, de equidade, de justiça, que tanto custam às vezes a suportar à nossa classe! Mas o padre católico, sobranceiro a elas, há de ser bom, “invencivelmente bom”, na expressão de Marco Aurélio (*Pensamentos*),<sup>(E)16</sup> tão digna até de uma pena cristã: há de ser suave, compassivo, paciente, tolerante, se não para com o erro, sem dúvida para com os que erram, serviçal, esmoler, amigo dos pequeninos, dos obscuros, dos miseráveis, amiguinho das crianças, o que neste mundo mais se parece com o Homem-Deus, pela inocência e pelo clarão do céu que furtivamente lhes irradia nos olhos. Tenha maior ambição de ser útil do que de ser grande;<sup>(T)3</sup> seja, enfim, quanto possível, homem-humanidade, para trazer a humanidade ao *Homem*. E, então, à força de amá-la, mau grado os seus anátemas, mau grado os seus ódios e tiranias, a humanidade respeitá-lo-á, e querer-lhe-á, talvez, um pouco mais. O que não é admissível é que o eclesiástico, continuando tradicionais apatias, se paralise e se ossifique na esterilidade, ao passo que ele é propriamente a célula do organismo

humano, elaboradora do calor cristão, que é chamada a transformar paulatinamente a face da Terra, e, sobretudo, ao passo que a época atual é de luta travada, implacável e renhida, entre o nosso Chefe adorável e os seus antagonistas.

Bem que nos seja absolutamente impossível atingir a perfeição do Divino modelo, se é certo que Ele passa todos os dias por nós, sacerdotes, convém que os homens percebam que em nós deixou algo do seu aroma divino. É o pensamento de S. Paulo: *Christi bonus odor sumus.*<sup>(E)17</sup> Um homem destes não é nem pode ser um homem ordinário. Nem se quer que o seja. O padre deve, rigorosamente falando, tornar se um homem extraordinário. Poderia até ser esta a sua definição — um homem extraordinário, votado por ofício à ação decidida do bem. Os ordinários para bem pouco mais servem do que para administradores de sacramentos, maquinismos de cerimónias sacras, e tabeliães eclesiásticos.

É evidente que a Natureza só por si não tem poder de produzir um ente tão superior à plana comum dos homens. Mas, por isso mesmo, virá em seu auxílio, a graça eficaz de Aquele de quem o Apóstolo das gentes dizia com tamanha ênfase: “Tudo posso, no que me conforta”.<sup>(E)18</sup> Além disto, para elevar-se a essa plana extra-comum, importa que o ministro de Deus conceba bem qual há de ser o ideal dirigente, a alma de toda a sua vida, o seu norte invariável e princípio palmar, em que se concentre toda a sua existência, que informe e modele o conjunto da sua ação sacerdotal, e o torne, em suma, capaz de alar-se, sobre a asa potente de um semelhante auxílio, acima da lezíria das mesquinhas preocupações, dos intuitos pequeninos, dos sentimentos vulgares, a essa atmosfera generosa e alta que tudo empreende e vence, que tudo ousa e espera, ainda contra a própria esperança, em que tudo se purifica e retempera. Este ideal, norte, alma, princípio, centro, é Jesus Cristo, não só crido pela fé e, por assim dizer, em abstrato e teoria, mas amado predominantemente e seguido na vida prática pelo padre, como alvo de to-

1

5

10

15

20

25

30

35

1

das as obras, conselheiro de todos os instantes, protótipo de toda a vida, regulador de todo o zelo e objeto final de todos os afetos. É essa, a grande luz que acompanha o seu discípulo e em cujo foco este vê e julga pessoas, coisas, acontecimentos, chegando, por fim, a sentir-se tão revestido e compenetrado do Homem-Deus, que lhe parece estar, Ele, mais perto de si que os objetos que o rodeiam, e, finalmente, que seus olhos o vêem mais chegado aos do seu modelo que o amigo que com ele pratica.

5  
10       Inspirado em tal fonte, apoiado sobre uma semelhante alavanca, o ministro do Evangelho saberá ser ouvido sem deixar de ser intensamente humilde; liberal e, por assim dizer, um mãos-rotas, que, depois de dar o seu trabalho e mais do que o seu supérfluo, dá até a si mesmo  
15 — *impendam et super impendar.*<sup>(E)19</sup> Ó, a sórdida avareza num padre, que deve ser o amigo nato dos pobres! Um sacerdote rico e agarrado sofregamente ao que possui é uma espécie de ateu do seu próprio caráter sacerdotal. Saberá ser sofredor e comiserativo<sup>(T)4</sup> para com os imperfeitos e os maus e os péssimos, no tribunal da penitência, onde a laxidão sistemática é um grave erro e o rigor desabrido um crime; saberá ser bom e amável nas relações sociais ordinárias, na direção pedagógica de um interior de seminário, e, sobretudo, sob o dossel de um trono de bispo, este belo sinónimo de “pai.”<sup>(T)5</sup> O amor de Jesus Cristo  
25 lhe porá nos ombros asas para empreendimentos de bem social: no campo da Igreja, não se limitará ao anónimo papel de um soldado de linha, automaticamente esticado no uniforme, mas não trepidará de ser de preferência um livre cavaleiro da Igreja, disciplinado porém movendo-se  
30 espontânea e desimpedidamente dentro da área balizada pelo dever e pela verdade. Saberá ser puro de pensamento, de palavra, de vida, pelo contato direto e diário com o que é puro e incompatível com o ceno; puro, sim, se não  
35 sempre na realidade, porque o barro não pode simular a neve, ao menos sempre puro na aspiração veemente da formosa virtude. Um eclesiástico que, ao mesmo tempo que pronuncia sobre a lápide do altar católico aquela

palavra de ouro, aquele verbo onnipotente e criador do *hoc est corpus meum*,<sup>(E)20</sup> é lascivamente desbocado na sua conversação, lardeada de anedotas correspondentes, deveria chamar-se “um monstro” na linguagem humana, se ela pudesse ter um termo adequado para o qualificar.

1

Afora estas qualidades indigitadas, a própria aderência íntima com o Homem-Deus inoculará na alma do seu levita o espírito irreduzível de sacrifício, porque o sacrifício entra na essência do cristianismo e é uma nota inalienável de todo o que não corar de se apelidar discípulo de Cristo, quanto mais do homem que, pela própria natureza do seu caráter e por ofício, deve seguir mais de perto, através da via dolorosa, o Mártir do Gólgota, o divino Crucificado! Que fazemos, nós, no altar? Renovamos o mistério augusto da paixão e morte de Jesus. Morramos, pois, com Ele, para o espírito mundano, para a vida sensual e afogada de delicadezas impróprias do nosso estado. O padre que não sabe sofrer, que se queixa a cada passo do peso de uma cruz até de alumínio e da dobra incômoda de uma pétala de rosa, como outrora os habitantes de Síbaris,<sup>(E)21</sup> para só se refastelar nos cômodos regalados de um viver sem atritos, é a negação concreta do seu próprio estado, e ainda da vida simplesmente cristã. Não percamos de vista o famoso símil de S. Paulo, o incomparável apóstolo, quando dizia<sup>(E)22</sup> que só se gloriava na cruz do seu Redentor, pelo qual o mundo estava crucificado para ele e ele para o mundo.

5

10

15

20

25

Tal, por conseguinte, há de ser o ideal do sacerdote: o Cristo-Deus, crido e amado na incondicional verdade da expressão; não, porém, para o ser individual e isoladamente, senão *transmitido* aos homens na sua integridade evangélica, afim de neles estabelecer o reinado social de Jesus, nos sentimentos, nos princípios, nos costumes, nas leis, na orientação política, no sentido das artes liberais, no prumo equilibrado das ciências, e, mais que tudo, na consumação da caridade, que aperta e perfuma os laços sociais, para que os homens sejam “uma só coisa, como nós o somos, oh Pai”, disse o Mestre.<sup>(E)23</sup>

30

35

1

Cumpre, de facto, não esquecer um instante que o padre é cristão para si, mas propriamente padre para os outros, e que tão subida honra, que o torna “a configuração do eterno sacerdote” (expressão belíssima de Tomás de Aquino),<sup>(E)24</sup> é simultaneamente uma responsabilidade e um oneroso encargo. Com efeito, é aqui que se aplica com a máxima propriedade o prolóquio latino *honos, onus* (“honra,” “ónus”). Que se conclui deste arrazoado? Que o ministro de Cristo deve, enfim, compreender o que nos séculos transatos não era assaz compreendido por ele na generalidade, nem mesmo, hoje, por muitos; que é por essência o homem do povo, que não se pode nem se deve isolar, mas oferecer-se ao povo, lançar-se no meio dele, viver e tratar com ele, advogar e desposar a sua causa, organizar em seu proveito sindicatos democráticos e toda a sorte de associações,<sup>(T)6</sup> positivamente orientadas para a verdade e para o bem, para a instrução e para a moral, para o ensino religioso e para a democracia cristã, de feição a gerar Jesus Cristo nos espíritos e nos corações dos seus irmãos. Uma sociedade cuja alma fosse o Cristo, com a sua sublime doutrina e moral toda altruísta, ou que formasse uma espécie de sistema planetário humano, cujo astro central fosse Ele, e, os satélites, nós, seria uma sociedade emparadisada, porque, até para os livres pensadores sem fé, o protagonista do Evangelho é o mais alto cume humano. Portanto, ainda quando semelhante alvo seja uma utopia, é lícito, é glorioso e conveniente tentar aproximar-nos do povo cristão, para aproximá-lo cada vez mais da realização dessa utopia.

30 Examinando “ao peso do santuário”<sup>(E)25</sup> a nossa consciência, ela nos responderá, sem tergiversações cobardes, que, de ora avante, é imprescindível acordar e marchar para a frente pela causa santa: que o nosso lugar não é no salão do jogo, nem nos centros das palestras fúteis (por não dizer mais), nem nos clubes políticos, nem nas fainas das galopinagens eleitorais, ambiente apertado de mais para um pulmão de padre, mas sim no templo, no púlpito, na associação religiosa, na praça, na rua, na quer-

messe, no espetáculo de caridade, na usina e em toda a parte onde o nosso caráter e ministério encontrarem uma ocasião oportuna de dar glória a Deus, de justificar a Igreja, de honrar a virtude, de pregar implicitamente o Evangelho, de servir os homens, ainda no terreno dos seus interesses materiais, para, por meio de uma espécie de corretagem toda de caridade, melhor os convenceremos da sinceridade do nosso amor.

Estamos em face de dois métodos de apostolado nos meios populares, onde o homem da milícia sacerdotal labuta e corveja. O velho clero, estacionário, prega no século vigésimo as verdades evangélicas como as pregaria e ensinaria nos tempos de D. Manuel ou D. João III, com o acompanhamento obrigado de chamadas eternas, de revelações e visões puramente lendárias, a propósito de tudo,<sup>(7)</sup> ocupando-se de um modo pouco criterioso da conquista das almas, sem curar de saber se o estado económico do pobre povo deve ou não ser melhorado. O jovem sacerdote, pelo contrário, entende que, para melhorar a alma popular, importa interessar-se igualmente pela sua situação mesmo material, pelas suas necessidades e justas reivindicações. Concebe-se que esta segunda tendência, atual, possa desviar-se um pouco do seu alvo em certas regiões industriais, tal qual sucedeu incidentalmente em França e na Bélgica; porém, o padre católico e militante tem sabido manter-se, geralmente, dentro dos lindes de um justo meio termo, atendo-se realmente ao comentário da insigne Encíclica do grande Leão XIII sobre a “Condição dos operários”.<sup>(E)26</sup> Prestemos, neste ponto, franca homenagem ao admirável clero belga e alemão.

Para uma doutrina, como para um partido, não existe pior inimigo do que o isolamento. Por vezes, se tem exprobado, com razão, aos conservadores franceses, haverem perdido a sua influência e préstimo, mantendo-se afastados de todas as funções e aspirações do seu país. A mesma sorte estaria reservada aos católicos de Portugal e do Brasil, especialmente à sua milícia eclesiástica, se, emigrados de toda a ação e interferência social (por

— exemplo, pelo sufrágio), só empregassem contra o seu  
1 tempo a represália da indiferença passiva. Se assim procedessem, tornar-se-iam uma minoria cada vez mais res-  
trita, só vivendo para si, ativa para as pessoas, condena-  
5 da a desaparecer na grande torrente contrária, que não poderia seguir nem arrepiar.

É possível que este ideal seja o de alguns. Quanto a nós, não esqueçamos que o catolicismo não é uma cape-  
la, mas uma igreja. Um grande corpo religioso não dura  
10 só pela continuidade da sua doutrina, mas pela adaptabilidade da sua ação social, moral e religiosa; ora, é para conseguir esta penetração, ou, melhor, interpenetração, tão conveniente da religião e da sociedade, que trabalharemos sempre. Vivemos com o nosso tempo não quer dizer denegri-lo e maldizê-lo; é compreendê-lo e conformar os nossos métodos ao seu espírito, associar-nos às suas ideias justas, aos seus haustos generosos, às suas reformas sensatas (no que o forem e enquanto o forem) e dedicar-nos, desta arte, cada um na sua esfera e profissão,  
15 ao triunfo do grande objetivo, ao bom progresso comum e à possível felicidade terrestre dos nossos irmãos. Seja o nosso lema “Fora do Estado alguma vez, fora da nação e de Deus, nunca.”<sup>(E)27</sup>

Ao cabo destas reflexões, francamente expostas, o  
25 meu escopo é determinar os sacerdotes assaz válidos a tomar uma parte ativa na belíssima obra da democracia cristã, obra palpitante, e da qual o socialismo não é mais que a democracia *azedada*, obra de tão fecundos resultados sociais para contraminar a ação corrosiva da cruzada  
30 anárquica e comunista de Carl Marx. E o alvo último, através das vantagens mesmo materiais, fornecidas ao povo, é sempre o mesmo, Jesus Cristo, seu modelo, seu consolador e seu fim supremo. “É uma viagem de ida e volta”, como dizia ainda há pouco, em um suculento e pitoresco  
35 discurso, o distinto Arcipreste de Huelva,<sup>(E)28</sup> viagem que começa em Cristo e termina no povo — esta é a da ida, e que sucessivamente começa no povo e termina em Cristo — a da volta. Querido povo, de grenha empasta-

da, de blusa metalizada pela limalha da oficina, de mãos encardidas, que lê de relance o seu diário à esquina da rua e não sabe ler entrelinhas que o exploram e o iludem vilmente; pobre e querido povo, que geme debaixo das rodas de uma máquina ou se aperta à roda da mesa de um lôbrego restaurante, a beber um ruim café; que feliz se deve sentir, uma verdadeira alma de padre, se, depois de meter a sua mão na dele, na efusão de uma sincera estima, conseguir meter-lhe também Cristo no coração!

Em suma, formoso e elevadíssimo mandato está reservado ao bom eclesiástico da atualidade, e principalmente do futuro, para a regeneração desta infeliz sociedade do século XX, onde a hidropisia de um indiferentismo religioso e de um sensualismo sempre crescentes lhe invadem já o coração, e reduziriam a fé a pó e nada, se ela pudesse acabar!

Mas, para tal, importa soberanamente que o candidato ao sacerdócio, logo desde os alvares da juventude, receba a iniciação adequada e a forma integral de uma educação técnica em institutos, que não são outros senão os seminários diocesanos. E isto basta e sobresta para que tais casas de educação devam merecer aos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Prelados das diferentes dioceses as suas primeiras e maiores preocupações, os seus mais persistentes e desvelados cuidados. Por isso, que os seminários devem ser, para eles, consoante a significativa comparação do Concílio de Trento, como que “a pupila dos seus olhos”:<sup>(E)29</sup> porque o seminário é o arsenal do Bispo, a Escola do exército do seu clero, e a armaria onde se constroem e pulem as armas espirituais das futuras sentinelas da Igreja, dos seus futuros pastores e da sua milícia de linha, sem a qual o Antístite nada pode fazer para o bem religioso e moral do aprisco que lhe está cometido.

Para que, pois, esses institutos diocesanos de Portugal e Brasil correspondam ao seu alvo e ao tipo do que devem ser, segundo as exigências do século e da ciência atuais, já não basta que sejam o que eram cinquenta ou setenta anos atrás, muito menos nessa época em que uns

---

1

5

10

15

20

25

30

35

1

meses de internato no palácio episcopal, umas pandectas manuscritas sobre dogma e casuística e umas pequenas férias dadas aos maus costumes compunham toda a bagagem de um mancebo aspirante ao sacerdócio. Semelhante tirocínio, de que ainda muito bem me recordo, quando, aí pelos onze anos, espaceava, em companhia de meu pai, a minha descuidosa adolescência pela diocese de Angra, nunca prestou para nada, e, hoje, para menos ainda prestaria, e seria a *abominatio desolationis in ecclesia Christi*.<sup>(E)30</sup>

Já uma certa remanipulação têm eles, felizmente, sofrido, tanto entre nós como principalmente na nossa nação irmã da América meridional, tornando-se, assim, mais similares ao que são, na hora presente, os bons seminários normais da Alemanha Católica, da Espanha, da Itália, e ao que eram ainda há pouco tempo os de França, antes do êxodo dos seus reitores e professores, acossados *liberalmente* pela República Francesa. Mas iludir-nos-íamos de todo em todo, se julgássemos que as nossas casas de educação eclesiástica já satisfazem plenamente ao seu programa completo, quer seja sob o aspeto científico, religioso ou social.

Um seminário não é apenas um internato, onde se estuda durante três ou quatro anos o corpo de doutrina que constitui o complexo das disciplinas teológicas, desde o dogma e a exegese até à liturgia, terminadas as quais, e documentadas pelo atestado dos exames feitos, é o ordinando investido na ordem de presbítero e, em seguida, colocado pelo Ordinário no cargo que lhe for destinado. Essa simples aprendizagem dá oficiais do culto, mas não almas de apóstolos, nem idóneos agricultores do Evangelho, prontos a suportar o peso do dia e da calma para alqueivar, semear, regar e amanhar o campo do Senhor, tendo sempre a solicitude de limpá-lo dos abrolhais que furtivamente vêm brotar por meio da boa sementeira.<sup>(E)31</sup> Além de científica, a educação de um seminário deve ser profundamente sacerdotal e própria para formar o homem de Deus, circunspeto, grave, piedoso e, ao mesmo

tempo, complacente e bom, que impõe o respeito e faz o encanto dos seus concidadãos. Deixem-me citar aqui as palavras tão ponderadas e justas por que o Concílio de Trento principia o cap. I.º do seu Decreto da Reforma do Clero (secção 20.ª): “Nada há que mais convide à piedade e ao culto de Deus do que a vida e o exemplo daqueles que, pelo seu próprio estado, se acham votados ao divino ministério, pois, como os fiéis os vêem transportados das ocupações seculares a um posto e mister todo celeste, neles põem os olhos como em um espelho terso, e deles recebem o que lhes cumpre imitar. Portanto, convém subidamente que os que vivem consagrados ao estado eclesiástico por tal forma componham os seus costumes, que assim no porte como no andar, no gesto, no traje, na linguagem e em tudo mais, nada exibam que não seja grave, moderado, e religioso, evitando mesmo certas faltas que em outros seriam leves mas neles não, afim de que assim possam conciliar o respeito e a reverência dos que com eles lidam.”<sup>(E)32</sup>

Eis por que um bom — Diretor espiritual — cheio do espírito de Jesus e da sua Igreja se torna essencialíssimo num seminário, e não externo senão interno, quanto possível, para estar sempre à mão, ser consultado como guia pelo seminarista nas suas dúvidas, procurado como confessor, quando convenha, e como oráculo e porta-voz de Deus sobre a vocação ou falta de vocação do jovem candidato à milícia sagrada. Tal, a praxe que se observa *ad unguem*,<sup>(E)33</sup> consoante eu mesmo tenho visto, por vezes, na maior parte dos bons seminários estrangeiros do orbe católico. E, sem esta cláusula da educação propriamente sacerdotal e geradora da virtude, haverá casernas clericais, nunca seminários. A experiência do que já se tem dado cá por casa, no interior de certos seminários, alguma coisa nos poderia dizer a tal respeito.

O espírito geral que deve reinar naqueles Institutos não há de ser o rigorismo da disciplina exterior e militar, toda formalista e distanciosa, de catadura severa e viseira abaixada. Tal sistema seria ótimo para fazer hipócritas nos

— subordinados, mas não sei que servisse para outra coisa.  
1 O aluno não deve ser um recruta, senão um filho, e superior e mestres hão de parecer-se muito mais com amigos e pais do que com tenentes-coronéis ou capitães, de  
5 jeito a inspirarem aos alunos uma obediência toda amorosa, uma submissão toda sincera e espontânea e esse bom espírito que eles um dia terão de levar para o século e para a prática do seu ministério, nos cargos que lhes forem confiados. Por falta deste espírito de suavidade e  
10 caridade, há, por vezes, advertências e objurgações, feitas por certos párocos aos seus paroquianos, à estação da missa ou em paréneses, que são uma abdicação flagrante da mansidão evangélica, um pergaminho irrecusável da mais absoluta falta de civilidade e um documento da carência total dessa formação técnica, que deviam ter tido  
15 no seminário (na aula de Teologia Pastoral) e não tiveram. Nem tampouco seria para louvar, senão, contrariamente, para deplorar, se o espírito que reinasse em algum desses seminários fosse tacanho, demasiado meticuloso, só filho de pouca ilustração e inteligência.<sup>(T)8</sup> Recordo-me ainda  
20 hoje de que, quando eu estudava em um seminário do Reino, aí pelos anos de 1856 ou 57, o meu prefeito de corredor teve a insensatez de me proibir expressamente a leitura do *Génio do Cristianismo*, de Chateaubriand<sup>(E)34</sup>  
25 (que meu pai me oferecera), dizendo-me que era um livro mau. Um livro mau!... Sei que, a outros, então condiscípulos meus, arrancaram das mãos alguns livros de literatura portuguesa, de autores da melhor cotação na nossa língua, só por julgarem que, como obras de literatura, deviam ser perigosas para a proficiência moral dos alunos.  
30 Que Deus nos dê o zelo do bem, mas um zelo esclarecido!  
O padre é a lâmpada da Igreja de Jesus Cristo — símil divino, por ter como autor o próprio Cristo. A lâmpada ilumina e irradia calor, mas com tanto que a chama seja  
35 alimentada pelo azeite. Ora, o azeite da lâmpada é o fundo sentimento da piedade cristã, ou da devoção, que já desde o seminário deve ser plantado nos corações naturalmente generosos, como jovens ainda, da interessante

tribo levítica, e que, se nela chegar a enterrar fundas raízes, acompanhá-la-á até uma idade proveta, e, nas horas de canseira, de tribulação ou de tortura, lhe proporcionará uma sombra mais doce do que foi, para Jonas ofegante, a hera providencial de Nínive.<sup>(E)35</sup>

1

5

Pérola escondida e descoberta, margarita inestimável, veio de puríssimo ouro, cuja origem se depara nos próprios filões do Evangelho, dulcíssima piedade, querida companheira do presbitério, quantas vezes não tens, tu, sido para uma alma de padre o cordial reconstituente e a ambrósia deliciosa no seu viver atravessado de tão diversas contrariedades, especialmente no isolamento da existência de um pároco rural! É a piedade, o segredo do zelo e da coragem, e, como acima dizia e repito, o azeite da lâmpada do santuário. Sim, pérolas, margaritas, veios de genuíno ouro, são, de facto, devoções tão eminentemente católicas como a de Maria Santíssima, da sua Conceição imaculada, do seu Rosário, tão recomendada por Leão XIII em muitas das suas encíclicas,<sup>(E)36</sup> a do Sagrado Coração de Jesus, a do Santíssimo Sacramento do altar, assim como o hábito adquirido das boas leituras edificantes e diárias, *v. g.*, da *Imitação de Cristo*, de Tomás Kempis,<sup>(E)37</sup> das *Vidas dos Santos* de Giry<sup>(E)38</sup> ou outro de igual valor, e, melhor ainda, a dos livros Sapienciais de Salomão, de todo o Novo Testamento e das arquivinas Epístolas de S. Paulo, das quais algumas são verdadeiramente o programa e o regulamento de uma vida sacerdotal. Ótima devoção, e, mesmamente, o hábito de alguns minutos, ao menos (um simples quarto de hora, se o tempo não chegar para mais), de pia meditação sobre a Paixão de Jesus Cristo (o estímulo dos estímulos para a virtude) ou alguma das verdades eternas. O eclesiástico que for homem de meditação será o soldado inexpugnável e o forte armado descrito por S. Paulo.<sup>(E)39</sup>

10

15

20

25

30

Seja-me lícito encarecer aqui designadamente o culto peculiar da Sagrada Eucaristia. É, ela, a devoção por excelência do sacerdote, o querido oásis refrigerante, mais precioso que o do árabe requeimado e a estalar de sede

35

—  
1 no meio dos desertos calcinados do seu Sahara. Àquele  
postigo misterioso do altar, por detrás do qual se esconde  
a imensa humildade de um Deus vencido por um amor  
inexpugnável, vai o padre que tem fé, vai o cura de almas,  
5 vai o bispo, vai o Pontífice, segredar as suas necessidades,  
gemer as suas amarguras, confiar os seus projetos, haurir  
os seus alentos, suplicar e ouvir os seus conselhos, e, se  
é, para um rebanho fiel, uma bênção celeste, um pastor  
orando pelas suas ovelhas, que se lhe acercam, é uma  
10 ameaça tremenda para uma população ímpia, um cura de  
almas chorando ante um sacrário deserto.

O espírito de piedade é a fina flor da fé e o aroma da  
espiritual corola. A um eclesiástico, pois, que seja homem  
de fé viva, que não morta e enterrada sob duas braças de  
15 socalco, tornar-se-á impossível subir ao altar sem ser em  
estado de graça e sem alguns instantes, ao menos, de fer-  
vorosa preparação (destinada, em parte, a pensar no ato  
que vai consumir e a dirigir as suas intenções), deixar de  
celebrar quotidianamente sem ser por um motivo sério,  
20 dizer missa em menos de vinte minutos e sair da Igreja ou  
capela sem ter feito uma estação maior ou menor de ação  
de graças. O contrário é condenável e sintomático de uma  
fé evidentemente bruxuleante ou, quiçá, já extinta. Algu-  
mas palavras sobre estes tristes casos de fobia religiosa.  
25 Impossível é, celebrar o sacrifício da missa com todas as  
orações e cerimónias prescritas pela Igreja, e, além disso,  
com a *decência* própria do ato, em um pequeno quarto  
de hora, segundo alguns fazem, sem se importar que isso  
seja expressamente proibido pelo Papa Bento XIV.<sup>(E)40</sup> Há  
30 ainda, mal, certos eclesiásticos que, ao comungar na mis-  
sa, já não estão em jejum, porque... já comeram metade  
dela. Morosos e indolentes em tudo mais, capazes de le-  
var a ruminar um pachorrento cavaco de três horas, só no  
altar são de uma rapidez vertiginosa, de prestidigitado-  
35 res, sincopando frases e ritos com escândalo de todas as  
pessoas piedosas. Quantas destas me não têm dito ser-  
-lhes difícilimo acompanhá-los pelo *Manual*,<sup>(E)41</sup> na sua  
correria automobilística através das orações litúrgicas da

missa! Se alguns fiéis se queixam de que vós, que apenas levais uns vinte e cinco minutos na celebração do sacrifício eucarístico, sois longos de mais, não façais caso, caros colegas, porque não sois vós que sois longos de mais, é a devoção desses fiéis que é curta em excesso. Ainda aqui, como no resto, profira, o juiz do justo meio termo, o seu veredito, sempre sensato: nem mais de trinta, nem menos de vinte minutos.

Quanto à ação de graças depois da missa, tão recomendada pela Igreja, e para a qual ela própria fornece orações ao sacerdote, extraídas dos mais insignes Padres dos primeiros séculos, será mister encarecê-la? Será necessário recordar ao celebrante católico que tal é a praxe invariável de todos os bons e pios eclesiásticos do mundo, a principiar pela França (tão exemplar neste ponto), Irlanda, Bélgica, Áustria? Pois não é pura e simplesmente uma questão de bom senso, baseada sobre um grama de crença sincera? Receber um hóspede como Jesus Cristo não em uma hospedaria de passagem, mas na sua casa escolhida, e mal recebido, voltar-lhe as costas, como faz o convidado para o enterro, que, mal baixado o defunto à cova, lhe volta o dorso e se retira!... Jesus, o inefável conviva, é filho de boa família e de pais nobres pela ascendência... Sejamos polidos. Não usemos para com ele da grave descortesia de que não usaríamos para com um titular ou um cavalheiro qualquer da simples burguesia que nos viesse visitar a nossa casa. Certamente, o receberíamos com urbanidade, o mandaríamos sentar e lhe faríamos sala com os melhores termos de um carinhoso agasalho. Façamos sala ao Filho de Maria, ao menos durante esse curto espaço em que, atraído pelo amor e pela fórmula sacramental às espécies do pão e do vinho, estas permanecem incorruptas no nosso interior.

O que é muito mais grave é a incúria na renovação periódica do sacramento eucarístico, conservado no cibório. Há negligências da parte de certos párocos a tal respeito, tão extraordinárias, que são verdadeiros sacrilégios e denotam mais que uma fé tibia. Em determinada fre-

1 guesia do Estado de Minas Gerais (Brasil), onde em tempo dei uma missão, entre os anos de 1866–1870, ao abrir pela primeira vez a píxide do altar-mor, para dar a comunhão ao povo, que eu acabava de confessar, encontrei-a  
5 povoada de... teias de aranha, e, por baixo destas, as partículas já verdes de bolor!! Não sonho, ao escrevê-lo, nem tu sonhas, ao lê-lo, leitor. É a pura verdade, que não sofre comentários, ou que não sofre outro, senão que também entre os sacerdotes portugueses “alguns traidores há algumas vezes”.<sup>(E)42</sup> Lá, como cá, creio que são raríssimos, estes casos; porém, bem certo é que ainda há poucos dias um padre exemplar me referiu ter-lhe outro, também exemplar, narrado que, em certa paróquia de aldeia, na ocasião em que, no ato da missa, ia dar a comunhão a  
10 um fiel, deparara com as partículas traçadas de vermes. Inacreditável! A renovação tem um prazo certo, segundo a liturgia católica, que nem a memória nem o espírito de fé devem deixar ultrapassar sensivelmente.

Um dia, Monsenhor De La Motte, o virtuoso bispo  
20 de Amiens,<sup>(E)43</sup> fazendo a visita pastoral do seu bispado, e penetrando no interior de uma igreja matriz, deu com os olhos numa falta grave, semelhante à que acabo de referir, e cujo autor era unicamente o prior. Voltou-se, então, para ele, e disse-lhe:

25 “Tendes ainda fé, senhor prior?”

“Pois não hei de ter, Monsenhor?!”

“Tanto pior para vós!” — tornou o prelado, sobre a face do qual escorregava uma lágrima.

30 Prosseguiremos com vista ao clero em geral e, mencionadamente, à educação dos seminários diocesanos, fazendo ainda certas observações que nos parecem de uma utilidade prática. Se um padre tem na alma alguns átomos disso que eu acima averbei de “espírito de crença,” não permitirá que permaneça, por culpável descuido  
35 seu, apagada, horas ou mesmo dias, a lâmpada que arde diante do altar do Santíssimo, mas avisará imediatamente o sacristão, para que a proveja de azeite. Algumas vezes, tive, eu próprio, de o fazer em pobres freguesias rurais do

Brasil. O sacristão lá vinha, todo aborrecido, resmungando e estugando o passo, de almotolia na mão, a prover a lâmpada. Era míope, o pobre homem. Faltavam-lhe os óculos da fé viva.

1

Outra miséria bem mais lamentável, que também passa despercebida para a miopia deste género, mas que nem por isso deixa de ser incongruente com todas as letras, é a que se refere à roupa branca do altar, quais sejam as toalhas, os corporais, os sanguinhos, e aos paramentos do culto divino. Vedes, vós, aqueles purificatórios todos manchados e amarfanhados? Vedes aquele corporal enodado de pingos de rapé, completamente deslustrado da goma que outrora teve e reduzido a um esfregão? Irrefletidamente e por velho hábito, resignam-se, alguns priores, embora poucos, a empregar no altar, na própria celebração do augusto sacrifício teândrico, objetos que por mero instinto de limpeza se recusariam a empregar para o seu uso privado; e essa tela quadrada, de linho, que vós atiraríeis à roupa suja, meu caro colega, como simples lenço de algibeira, é o sudário sobre o qual repousais diariamente a hóstia santa e o corpo imaculado de Deus!<sup>(7)9</sup>

Por vezes, pendem dos ombros de alguns sacerdotes casulas esfiapadas e mesmo esfrangalhadas, principalmente por diante: estolas e manípulos exibem a mesma penúria e desalinho. Forneceriam um excelente material para um armazém de ferros velhos. E, sem embargo, ainda que modestíssimos e pobres, tais paramentos passariam a ficar decentes, se aquele pároco ou capelão que se resigna a ser todos os dias um cabide de andrajos se desse ao facilimo labor de mandar remendar em sua própria casa esses tristes paramentos descosidos. Apenas alguns minutos de costura! Sei, eu, de um sacerdote que, sendo por vezes testemunha e objeto de semelhante indecência em uma igreja a que ia celebrar, e aonde eu, então estudante, o acompanhava, se resolveu a levar consigo uma agulha e retrós, e dissimuladamente ia remendando e passageando os paramentos rotos. Chamava-se Dr. Francisco Grainha, que, por esse tempo, era professor de

— 1 Introdução à História Natural, no seminário de Santarém. E também sei de outro que, estando a banhos em uma praia do Minho (onde a fé viça mas a limpeza não saiu ainda das mantilhas) e presenciando o estado vergonhoso e 5 imprestável a que estavam reduzidos todos os sanguinhos da freguesia a que ia celebrar, mandou fazer duas dúzias deles, de bom linho abretanhado, e executou pelo fogo um verdadeiro auto de fé daqueles farrapos velhos... da 10 rouparia de Deus: mas, para tranquilizar o sacristão, que se quedara aparvalhado e paralisado perante o auto de fé de que fora testemunha, lhe apresentou logo em seguida os novos sanguinhos, que lhe restituíram alma nova e sangue ao rosto.

Atendam também, os que nos seminários tiverem 15 a seu cargo o ensino da Teologia Pastoral, a recomendar instantemente aos seminaristas, que serão os futuros pastores das paróquias das dioceses, não direi já que estes façam com exata pontualidade a homília dominical, segundo as severas e justíssimas prescrições do Tridentino a tal respeito,<sup>(T)</sup>10 <sup>(E)</sup>44 e a catequese às crianças, afim 20 de as preparar devidamente para a primeira comunhão, nem mesmo que se prestem de boamente e com semblante aprazível às confissões dos fiéis que, ainda fora do dever pascal, implorarem para tal fim o exercício do 25 ministério pastoral. São coisas, estas, tão elementares e fundamentais na prática da vida de um pároco qualquer, que, estou bem convencido, não serão de forma alguma descuidadas nas preleções do professor, nem nas praxes dos futuros pastores, desses, ao menos, que tiverem, 30 mais do que a ciência, a consciência do seu ministério perante as ovelhas do seu rebanho, do seu caráter sacerdotal perante a sociedade, da sua responsabilidade perante Deus. Mas não seria por certo impertinente encarecer, já desde o seminário, a conveniência de os párocos terem 35 sempre *en bonne tenue*<sup>(E)</sup>45 e em perfeita ordem os livros que compõem o cartório paroquial, desde os dos batizados, casamentos e óbitos até aos das desarriscas. Em que deplorável e vergonhoso estado de desalinho não se en-

contram por vezes! Quantas deficiências, rasuras, irregularidades de escrituração os inçam em alguns cartórios, que seriam uma calamidade se fossem devassados pelo olhar inquiridor do Bispo! Outros cartórios, ao inverso, são um modelo de asseio, de caligrafia correta, e estão a formular um elogio em favor desses curas de almas. Naturalmente, esta correção é a dos que a usam em si mesmos e no seu traje. Assim como um defeito chama por outro, uma boa qualidade chama também por outra, sendo certo haver neste mundo, par a par, a repulsiva harmonia do mal e a bela harmonia do bem. Se se visitar o interior do presbitério do padre inimigo da ordem, aí se lhe notará o mesmo caos que nos livros do seu cartório. Se, pelo contrário, ama positivamente a higiénica, correta, estética, radiante harmonia da limpeza e da ordem, aquela que se lhe observar nos seus assentos cartoriais é a mesma que se lhe pode observar na elegante disposição da sua pequena sala, no recinto do seu gabinete de estudo, no distinto aconchego da sua alcova, tão religiosa, tão singela, mas tão alinhada; e, em todo esse presbitério, enfim, embora até humilde e pobre como o de um mal remediado pároco de aldeia, ou simples padre, não há um móvel que a poeira empane e o pano não espance, que um acidente qualquer faça sair do seu lugar próprio e o instinto da simetria não o restitua a ele.

Ainda sob o aspeto da orientação educativa a ministrar num Instituto eclesiástico, há um ponto grave, que eu ia passando, porém, que não pode ser omitido sem culposa inadvertência.

Já que sem o princípio hierárquico não há clero, nem organização eclesiástica, nem vínculo de disciplina, e já que, por outra parte, o século atual, herdeiro legítimo do precedente, é todo de liberdade e independência levada até ao excesso, sestro que tem chegado a invadir, algum tanto, o próprio clero, é obvio e bem desejável que haja nos seminários o máximo cuidado, da parte do Superior e do diretor espirituais, em inocular nos candidatos ao sacerdócio o necessário espírito de obediência para

**1**

com os seus respetivos Prelados e mais Superiores hierárquicos, obediência, digo, que não deverá ser só exterior, mas, quanto possível, interior e cordial.

5 Ouçamos, a este respeito, as sensatas reflexões do padre Gontier, na sua recente obra *Explicação do Pontifical*:<sup>(T)11 (E)46</sup> “Por que se agitam, hoje, as sociedades humanas, impotentes para recuperar a tranquilidade e a paz? Em grande parte, porque perderam o respeito e quase a noção da autoridade.... Ora, a igreja é também uma sociedade; a sua força, abstraindo já das promessas divinas, está na autoridade que a dirige e na obediência que se lhe tributa. Os nossos inimigos sabem-no, e exploram as nossas desuniões. Um deles dizia: ‘o que vos vale, católicos, é a admirável hierarquia da vossa sociedade religiosa. Tendes seminários, onde cedo se verga a juventude ao acatamento da autoridade. O Bispo confia esse cuidado ao homem da sua escolha, e, deste modo, ao sair daqueles Institutos, a unidade de ação é perfeita entre ele e os seus colaboradores. Estes harmonizam-se entre si e gravitam, 10 nas dioceses bem administradas, em volta do Arcipreste, que, sob a alta dependência do Prelado, vigia pela manutenção da unidade da doutrina, disciplina e culto... Uma palavra saída de Roma (centro da vida católica) é obedecida no mundo inteiro. Enquanto assim permanecerdes unidos, nada poderemos contra vós.’” (Comentários do Padre Gontier ao Pontifical, p. 426.) 15

Pareceu-nos de toda a conveniência, nesta Introdução aos dois discursos de Monsenhor Spalding, ferir estas notas, grandes e pequenas, relativas à educação moral e eclesiástica, das quais o insigne Bispo de Peoria se abstraiu quase por completo, por quanto o seu objetivo era a educação literária, científica e social do levita do santuário, nas condições peculiares em que o coloca o nosso século e o nosso meio contemporâneo, de onde parece 20 emergir, projetando-se sobre a face do orbe civilizado, a sombra colossal da estátua granítica que aflora à entrada de New York: “A liberdade iluminando o mundo”<sup>(E)47</sup> 25 Ilumina-o, sem dúvida, apesar dos seus pontos terrível-

mente escuros... e o padre vai levado na torrente, e é for-  
çoso que ele mostre que não só não é inconsciente a esse  
movimento, mas que o aplaude, porque o conhece, e que  
quer orientá-lo, sabendo que tem mandato para tal e que  
o facho do Evangelho, mais fulguroso que o que brilha  
na mão da famosa estátua, consorciado com o da ciên-  
cia, não pode deixar de aumentar-lhe o brilho, mas puri-  
ficando-lhe a chama. Sim, é tempo de fazermos coro às  
justíssimas reflexões do Antístite americano neste nosso  
arraçado prefaciai. *Sursum corda*,<sup>(E)48</sup> colegas e colabo-  
radores! Somos muito mais do que funcionários do Esta-  
do; somos embaixadores do Cristo. Amanhã, esta mesma  
igreja, que por ora permanece unida ao Estado, será tal-  
vez dele separada violentamente; porém, nem por isso  
mudará a atitude, o caráter, a missão do padre católico,  
perante a sociedade. Será de então por diante menos nu-  
meroso e mais pobre? Deixai-o! Será, em compensação,  
mais dedicado, mais desprendido da Terra, do pó que luz,  
e mais livre na sua ação moralizadora. Recusando-lhe o  
pão para a boca, o Governo julgará matá-lo, e o futuro,  
articulado com as experiências do passado e do presen-  
te em outros países, lhe provará que o sacerdócio católi-  
co em Portugal não morre enquanto no povo português  
houver fé, ou se não extinguir, pulverizado pelo corrosivo  
de um vilíssimo negativismo revolucionário, o bloco tra-  
dicional e diamantino daqueles sentimentos cristãos que  
criaram a nossa monarquia, que bafejaram as mais fla-  
mantes páginas da história nacional e, pelos nossos avós,  
nos foram legados, até ao presente, como o mais valioso  
e dignificante timbre de família.

O que monta em primeira linha é que o ministro da  
religião se compenetre até ao imo de que, sob pena de  
eclipsar-se e ser precipitado na inutilidade e no desprezo  
dos seres amorfos, como fezes de um líquido no fundo do  
vaso, deve, de hoje para o futuro, ser militante (não me de-  
digno de o repetir) e mais ativo e zeloso do que pelo pas-  
sado. Para longe, o espírito ramerraneiro, que tudo tolera  
ou acha bom. Para longe, ainda, esse espírito nimiamen-

—  
**1** te comodista, composto em partes iguais de prudência e pessimismo. De prudência (falsificada), para se não querer comprometer e chegar, assim, a vergar a medos pueris; de pessimismo, para julgar frustradas todas as medidas que  
5 se empreguem em contrarrestar os meneios e os esforços do livre pensamento ateu. Se os homens do mal conseguiram avançar tanto na sua faina satânica e talar de tantos destroços os campos do pai família, foi porque “as sentinelas de Israel”<sup>(E)49</sup> dormiam a bom levar, na carência quase absoluta de uma educação técnica, correspondente às evoluções sofridas pelos tempos, ou, então, laudanzadas por uma falsíssima noção do seu mandato social, assim em Portugal como no querido Brasil.

Ainda podemos recobrar as posições que nos competem e readquirir algo do antigo prestígio, pela irrepreensibilidade da vida, invariavelmente pautada pelos exemplos do imortal Protótipo, e também pelo decidido amor do estudo. Não haja escrúpulo de romper por uma vez o diafragma dessa reserva, mal entendida, que pensa  
20 que a dignidade conciliadora do respeito está no sistema de isolamento estabelecido entre o padre e o povo. Por que fugir das multidões, se o nosso alvo é lidar com elas, como com elas lidou Jesus? Por que não ser comezinho-mente acessível ao contato do rosto, da mão, da jaqueta oleosa do pobre, da conversação ilustrada do intelectual,  
25 que lê, raciocina e sabe, do que estuda e interroga? A todos, nos devemos. Mas o que seria deplorável seria se o homem ilustrado se dirigisse a nós e nos consultasse sobre um ponto qualquer de doutrina ou de história, e não soubéssemos responder-lhe mais ou menos, nem sequer o entendéssemos! A ciência barata corre através das ruas e das salas, circula pelos artigos editoriais das gazetas, lavra ao longo das revistas, dos romances e dos livros de uma crítica tão pérfida no intuito como deslealíssima  
30 nos argumentos, desembesta debaixo da ironia de uma frase que nos é artemente sobrescrita: é forçoso estar armado da ciência... de alguma ciência, ao menos. Seja, a nossa arma, açacalada num aturado estudo particular,

e não tenha menos de três canos, prontos a desfechar e relativos: primeiro, à existência de Deus e verdades primeiras; segundo, à autenticidade e veracidade da sagrada Bíblia, principalmente do hexâmero de Moisés e de todo o Pentateuco; terceiro, à história da Igreja. Urge contrapormos o livro ao livro, o folheto ao folheto, o jornal ao jornal. Quem é capaz de manejar uma pena, que a maneje, porque deixá-la em pousio seria indecoroso, quando os inimigos de Deus não descansam, nem ensarilham.<sup>(T)12</sup>

Colegas e caríssimos amigos! Volto ao tema em que acabo de tocar; urge sermos homens de estudo, para sermos homens de ciência. Sobre a parede do escritório do eclesiástico, deveria escrever-se este versículo bíblico: *Labia sacerdotis custodient scientiam*,<sup>(E)50</sup> e este outro, da mesma fonte: *Quia scientiam repulisti, repellam te*<sup>(E)51</sup> — “já que repeliste a ciência, eu te repelirei”.<sup>(T)13</sup> Por baixo, à maneira de glossário, aquele princípio do capítulo 7.º do Concílio de Latrão... *in cunctis sacris ordinibus et ecclesiasticis ministeriis, sint ætatis maturitas, gravitas morum et litterarum scientia inquirendae*.<sup>(E)52</sup> Assim como a ciência sem a virtude nos torna arrogantes, do mesmo modo a virtude sem a ciência nos torna inúteis, e até, por vezes, nocivos. Ouçamos este belo conceito de S. Francisco de Sales: “A ciência é para o padre o oitavo sacramento da Igreja: ela e a piedade constituem os dois olhos de um ministro da religião.”<sup>(E)53</sup>

Como combatermos o erro, se não possuímos a verdade? Que ascendente poderemos exercer sobre uma sociedade mais do que nunca desvanecida e enfatuada por um orgulho científico que não duvida das suas luzes, que, muitas vezes, não aprofunda os seus conhecimentos, julgando pela rama, que nem tem, na sua ânsia de combativismo, a equidade de reiterar pacientemente as suas experiências, antes de proferir um juízo indutivo; que ascendente, digo, poderemos exercer, se se chegar a averiguar que não conhecemos, em erudição teológica, o que um médico, um advogado, um simples mestre-escola, só ignoraria com desdouro das suas funções respetivas? Ora,

1

5

10

15

20

25

30

35

1 sendo-nos incoercivelmente indispensável, a ciência, “o estudo, meio providencial de a adquirir”, observa o padre Gontier, já citado,<sup>(E)54</sup> “torna-se desde logo estritamente obrigatório: estudo *profundo*, que não pare à superfície da verdade; *universal*, que abranja primeiramente os ramos dos estudos sagrados e ambicione também iniciar-se nos que não são; *constante* e de toda a vida, que conserve o tesouro das noções já bebidas (adulterando-se, estas, facilmente, com os largos hiatos de ócio literário) e acumule novas riquezas; *sobrenatural* no seu fim, Deus, e no seu princípio, que é a graça divina; enfim, fecundo e *consolador*, em que o levita de Jesus Cristo encontre, com a consciência do dever cumprido e com a estima dos povos (que simpatizam de preferência com os eclesiásticos bons e ilustrados), um elemento de êxito para o seu ministério, um preservativo eficaz contra os lamentáveis perigos da ociosidade (a velha mãe dos vícios e das quedas, mesmo para o padre) e um gozo nobre na contemplação das mais altas e formosas verdades que podem solicitar-se à inteligência humana...” (Obra citada, p. 394.)

De resto, todas estas considerações redobram de peso, ao recordarmo-nos de que o tirocínio científico dos nossos seminários mais incuba, por ora, do que floresce, e que está ainda longe de corresponder às exigências do solene momento social. Por outro lado, é certo que estamos ainda a muitas léguas de possuímos uma Universidade católica, como, hoje, as há em França, ou nos Estados Unidos, a principiar por aquela gloriosamente fundada pelo Bispo de Peoria.<sup>(E)55</sup> Esperemos que Deus suscite, um dia, em Portugal, um segundo Spalding, um prelado de génio e de enérgica iniciativa que ponha ombros a este cometimento colossal, de tão patente proficuidade. Com ânimo bem sincero, direi que, pelos princípios que já vai dando à sua gestão episcopal, o novo Patriarca de Lisboa, Sr. D. António Bello,<sup>(E)56</sup> e pela sua reconhecida inteligência e zelo corajoso, o julgo muito capaz desse cometimento, que engastaria na sua mitra um dos diamantes de maior fulgor. No episcopado brasileiro, conheço, eu, pessoalmente

prelados capazes de outro tanto, além de que os recursos pecuniários são ali mais copiosos e brotam talvez de terreno mais espontaneamente feraz.

Só nos resta, pois, no entretanto, o recurso do estudo privado no nosso gabinete. Horas de estudo, deliciosas horas do presbitério! Horas de paz e inocência, não manchadas, como as do vício, pelo contato das mãos sujas de Satã! Horas de que o padre sempre pode guardar uma recordação saudosa e aplaudida pela consciência, são essas, que ele tem votado às lucubrações da ciência e das letras, ao passo que os espetros da solidão e do tédio se erguem e velam ao seu lado. O convívio habitual com os bons autores fecunda o espírito, exorna a memória, abastece a erudição, refrigera a alma das fadigas do ministério e contra a aridez inevitável da vida. Providencial oásis de virente palmar e fresca fonte, aberto no areal abrasado de uma sociedade fútil e tantas vezes deletéria, quem te não amará? A ti devo, depois da consciência do dever cumprido, as mais puras alegrias de toda a minha vida. E dar-me-ia por mais que compensado de todo o trabalho destas páginas, se, em alguns sequer dos meus colegas e dos alunos dos seminários, eu conseguisse infiltrar um pouco deste *amor sagrado do estudo*, de tão auríferos resultados.

Quais? Convém aqui especificá-los com maior individualização. Afora os que já aponte de passagem, afora ser ele um excelente meio, e até único, de o padre povoar o seu espírito de noções de ciências naturais, hoje imprescindíveis, e de humanidades, máxime da história e literatura pátrias, assim como do adminículo das línguas estrangeiras, sobretudo do francês e do alemão, para que o fio nunca embotado da crítica não continue a cortar pelos nossos hábitos antigos e a alegar, com tal ou qual verdade geral, “que, à exceção de uma pouca de teologia, nada mais sabemos”; afora tudo isto, tem o amor do estudo a grande vantagem de habilitar um eclesiástico (quando não falte de todo a natureza) a ser um bom orador sagrado e uma inteligência mais ou menos versada na formidá-

— 1 vel questão do dia — na questão bíblica, mormente na da tetralogia evangélica (Mateus, Lucas, Marcos, João Evangelista) e, mais do que na dos livros sinóticos, na daquele último Evangelho, cuja autenticidade está sendo contes-  
5 tada por uma pseudociência orgulhosa e modernista, mas não menos renhidamente confutada.

Primeiro que tudo, a prédica.... O sacerdote que puder pregar, melhor ou pior, deve pregar. É o seu mais nobre mister, e um dos mais imperiosos deveres daquele  
10 que o seu Fundador definiu como “a luz do mundo”<sup>(E)57</sup> “Ai de mim,” dizia o Apóstolo, “se não evangelizar” — *vae mihi si non evangelizavero!*<sup>(T)14 (E)58</sup> Temos de administrar às multidões o pão da palavra, para empregar a frase consagrada da Escritura,<sup>(E)59</sup> mas, em nenhuma parte  
15 desta, nem nos conselhos diretivos da Igreja, nossa mãe e mestra, está escrito que esse pão deva ser amassado com especiarias extravagantes e indigestas, nem que deva ser pão duro, bolorento, azedo ou de rolão; ora, é certo que o orador sagrado, a menos que enriqueça de  
20 contínuo a sua inteligência pelo estudo, ou pela leitura, dos primaciais e coevos modelos do púlpito, principalmente franceses, onde mais floresce, sem contestação, a eloquência sagrada,<sup>(T)15</sup> e se resignar a repetir-se eternamente, sem nunca sair dos velhos assuntos, nem do  
25 estilo e redação das primeiras campanhas oratórias, falará sem alma, como quem reproduz uma lição já muito sabida, e só dará aos ouvintes o tal pão bolorento e duro, a que acima me referi.

Segundo, a questão bíblica. Produz-se, na hora presente, um enorme movimento científico e literário, tanto  
30 na Alemanha, como na Inglaterra e França, assim no campo heterodoxo como no ortodoxo, movimento a que não nos é lícito ser estranhos, porque se trata da defesa da nossa fé, e de nos couraçarmos contra as objeções insidiosas que neste sentido nos possam ser desfechadas por  
35 uma imprensa hostil.

A interpretação dos Livros Sagrados tem dado um grande passo de há uns cem anos a esta parte, e ainda

mais nos últimos quarenta anos. Seria muito ignorante, o padre que o ignorasse e que quisesse, hoje, sustentar o sentido do texto genesíaco, como se sustentava no ciclo dos Padres da Igreja ou no tempo de Cornélio a Lapide,<sup>(E)60</sup> por exemplo, acerca do dilúvio universal. Escuso de dizer que aludo aqui exclusivamente às modernas interpretações autorizadas pela Santa Sé ou por ela expressamente permitidas e tendentes a conciliar, no possível, a revelação escrita com os progressos *positivos* da astronomia, da geografia e da geologia.

O cristianismo é, e sempre foi, antes de tudo, uma doutrina. O que faz o católico é a aceitação integral da doutrina do Mestre, na sua pureza imaculada e na sua plenitude. O dogma é a única coisa sobre a qual a Igreja não transige nem ladeia. Mas é precisamente porque a integridade doutrinal do cristianismo deve ser mantida a todo o transe, que monta não imiscui-la com as sistematizações diversas que se fabricam no transcurso dos séculos, por vezes bem pouco criteriosas e sob a influência de noções científicas hoje experimentalmente convencidas de errôneas ou de meramente convencionais. Se há um sentimento digno de ser preconizado, nas questões como estas, em que os preconceitos de escola e incompetência e a ignorância, tão audaz como emperrada, chegam a sobrelevar ao amor desinteressado da verdade, é, esse, o da lealdade. E como este sentir tão nobre e ponderado sobressai na magnífica encíclica de Leão XIII sobre a sagrada Bíblia!<sup>(E)61</sup> Deveria, ele, ser o programa e a direção prévia de todo aquele que lê e estuda os Livros sagrados. Na arena em que se entrechocam as opiniões humanas, passíveis são, sempre, as decepções. O dever, porém, do apologista, do teólogo, do exegeta, consiste em descobrir o erro; nunca em defendê-lo. É campeão da verdade religiosa, não de tradições obsoletas, nem tampouco de hipóteses novas e não demonstradas por ora. A ciência, sem dúvida, é uma integração, e, à teologia, cumpre digerir e assimilar, por uma leal intro-susceção, toda a parcela de verdade positiva posta ao seu alcance pela torrente da

---

1

5

10

15

20

25

30

35

— 1 especulação humana, e refugir da falsidade depois de a ter verificado. Porém, é justamente porque o cristianismo e o clero são sociedades vivas, que não podem imobilizar-se na atitude mumificada das doutrinas erróneas e mortas.

5 Muitos espíritos tacanhos negam esta renovação progressiva. Coitados! Outros, sem negá-la, sobressaltam-se e amedrontam-se com ela. Bem quebradiça é uma fé tão tímida, que se alarma ante peripécias de escola, 10 que, pela maior parte, nem lascam o rochedo dos nossos dogmas católicos.

Porém, para isto tudo, que acabo de dizer, é forçoso que nos seja familiar a Sagrada Escritura. Será possível que alguns eclesiásticos nunca a tenham lido? Será possível 15 que outros nem, inclusivamente, a possuam? Seria uma VERGONHA levada ao cubo, tratando-se de um livro que é o depósito divino das nossas crenças, a nossa própria história, como cristãos, porque todo o cristão tem duas pátrias. Leiamos sempre a Bíblia, a mais consoladora e a 20 mais sublime de todas as leituras, o nosso livro e o nosso arsenal por excelência. Talvez alguns leitores se recordem ainda das palavras que um modesto orador pronunciou a tal respeito, numa das sessões do Congresso do centenário de Santo António, realizado no templo de S. Vicente de Fora, de Lisboa:<sup>(E)62</sup> “Tomai a Bíblia e lede-a. Desprezál-a é cerrar os ouvidos à voz desse fonógrafo que nos tem conservado até hoje as vibrações do Coração de Deus. Dêmos-lhe entrada franca em nossas casas, deitemo-la 30 sobre a mesa do nosso quarto de estudo, compulsemo-la amiúde e saboreemos essa iguaria tão variada quanto deliciosa, condimentada no Céu para pasto dos filhos da Terra. Lembremo-nos de que era tão familiar ao nosso Santo português,<sup>(E)63</sup> ao ilustre descendente da família Gusmão, o conhecimento da Escritura, que um Papa o cognominou ‘A Arca do Testamento.’<sup>(E)64</sup> E, já agora, vá exemplo 35 de mais longe que do pé da porta. Mr. Olier, o ilustrado e virtuosíssimo fundador e primeiro superior dos Sulpicianos de Paris,<sup>(E)65</sup> venerava de tal modo o Livro das Es-

crituras, que o guardava num verdadeiro sacrário, no intervalo das leituras frequentes que dele fazia de joelhos. Bonaparte confessava que o 'Evangelho produz na alma o mesmo sentimento que se experimenta ao contemplar a extensão infinita do firmamento'.<sup>(E)66</sup> Lamartine<sup>(E)67</sup> sabia de cor muitos dos poemas episódicos da Bíblia, evocava a cada passo as suas reminiscências e chegava até, por vezes, a ser bíblico no seu estilo. V. Hugo,<sup>(E)68</sup> a despeito de livre pensador, não passava um dia, conforme nos declara, que, à companhia e convívio diário com Homero, Sófocles e Dante, não admitisse o de Job e Isaías.<sup>(E)69</sup> Ao sentir avizinhar-se a hora fatídica, Walter Scott pediu a Lockhart, seu genro, lhe fizesse alguma leitura religiosa. 'Que livro escolherei?' perguntou-lhe Lockart. *Há só um livro!* respondeu-lhe o insigne romancista escocês; e, sob a luz doce daquela palavra singela e forte, cerrou os olhos, para principiar o longo sono de que se não acorda na Terra.<sup>(E)70</sup> O que arrebatava um génio na própria hora da morte bem pode edificar-nos e deleitar-nos nas horas fúteis da vida. Ora assentados debaixo da tenda dos patriarcas, ora transportados, com os profetas, até às visões místicas do futuro, ora fazendo o aprendizado da existência nos conceitos éticos do Eclesiastes, ora confundidos com a turba hierosolimitana, para escutar o verbo de Jesus, como se fora um eco do infinito ou da consciência humana, reconheceréis por vós mesmos que a Bíblia não é só o memorial de um povo extinto, e o escrínio eterno das verdades de além-túmulo, o livro de uma nação ou de uma época, mas de todas as épocas e de todas as nações; o único que remonta ao romper do primeiro dia cósmico com o *fiat lux*,<sup>(E)71</sup> e soa a hora do refechar das trevas finais com a queda dos astros, no Apocalipse."<sup>(E)72</sup> (Trecho de um discurso proferido por Sena Freitas, no Congresso Antoniano de 1895.)<sup>(T)16 (E)73</sup>

É tempo, e mais que tempo, de ceder a palavra a Mons. Spalding, esperando, desde já, que o leitor me perdoe que tão tarde o faça. Pobre Introdução minha, pobre e frágil herá que, abraçando-se ao tronco, nem pôde or-

—  
**1** ná-lo! O que rogo aos meus colegas e candidatos ao pres-  
biterado é que percorram essas páginas, vindas daquela  
longínqua República, não só com a atenção devida a uma  
palavra católica, sincera e independente, mas com o in-  
5 teresse e o respeito devidos ao sacerdote e ao Antístite  
preclaro, ao mestre venerável, ao Nestor eclesiástico,<sup>(E)74</sup>  
amadurecido no conhecimento aturado do seu sécu-  
lo, como que cingido de uma auréola de prestígio, para  
10 conciliar ao clero de qualquer país a simpatia que abre o  
sulco à sementeira, e a religiosa disposição de alma que  
promete vindoura e viçosa messe.

Lisboa, 1909.

PADRE SENA FREITAS  
Cónego da Sé Patriarcal

*Aos seus Collegas. no sacerdocio*

E

*Aos Seminarios de Portugal e Brazil*

CONSAGRA O

*Padre Senna Freitas,*

Rogando-lhes, como unica recompensa, que leiam este  
livro mais que uma vez.

*EDUCATION*  
AND  
*THE FUTURE OF RELIGION*

*A Sermon preached in the Church of the Gesù, Rome, March.  
21, 1900, for the benefit of a Free Night-School.*

BY

THE RT. REV. J. L. SPALDING, D. D.

NOTRE DAME, INDIANA, U. S. A.:  
THE AVE MARIA PRESS.

*Da* **Educação Eclesiástica**  
*E da* **Futuro Religioso**



## Education and the Future of Religion

It is the spirit that quickneth: the flesh profiteth nothing. The words that I have spoken to you are spirit and life — ST. JOHN, VI, 63

**R**ELIGION is life in and with God through Christ Jesus; and the stronger, the purer, the more loving the life, the higher and the holier is one's religion. The Saviour came that men might have life and have it more abundantly. In Him the life of the Eternal is made manifest. He has given to the world a truer idea of life's worth, of its sacredness, of its meaning and end than without Him it is possible to have. His words are spirit and life, the preaching and practice of life. They that know and love Him are refreshed by rivers of living water. They that follow Him have the light of life. He is the way, the truth and the life. His whole work is in favor of life. He gives sight to the blind, speech to the dumb, strength to the weak, courage to the despondent, faith to the doubting, pardon to sinners. He lays down His life that men may have immortal life. He is the resurrection and the life and they that believe in Him, though they be dead shall live. He is a vital principle for the whole human race. He answers the deepest cry of man's nature, which is for life and liberty.

The highest life is the highest we can know. It is perfect power, knowledge, goodness,

## Da Educação Eclesiástica e do Futuro Religioso

É o espírito, que vivifica; a carne para nada aproveita. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida — S. JOÃO, 6:63

**A** RELIGIÃO é a vida em Deus e com Deus, por Jesus Cristo; e, quanto mais vigorosa, pura e amante é a vida de um homem, tanto mais elevada e santa é a sua religião. O Salvador veio para que os homens possuam a vida, e a possuam mais abundantemente. Nele, nos foi manifestada a vida do Eterno. De Ele, recebeu o mundo, e só de Ele poderia receber, uma ideia justa do valor da vida, do seu caracter sagrado, do seu sentido e alvo superior. As palavras de Jesus são espírito e vida; pregam-nos a vida e de que modo nos importa levá-la. Conhecê-Lo e amá-Lo é refrigerar-nos na própria nascente das águas vivas; segui-Lo é possuir a luz da vida, visto ser, Ele, o caminho dela. Toda a sua obra tende a promovê-la. Dá vista aos cegos, palavra aos mudos, força aos fracos, coragem aos desesperados, fé aos vacilantes e o perdão aos pecadores. Sacrifica a sua vida mortal, para que os homens a possuam sem fim. **Ele próprio disse:** “Eu sou a ressurreição e a vida; e os que creem em mim, embora tenham morrido, viverão”.<sup>(E)</sup><sup>1</sup> É, pois, um princípio de vida para toda a raça humana e satisfaz a aspiração mais profunda da natureza hominal, para a vida e a liberdade.

Haverá algo maior que o supremo desenvolvimento do ser vital? É a perfeição do poder, da ciência da bon-

— beauty, love. In God it is revealed as a trinity; on earth, it  
2 appears as a trichotomy. It is vegetable, animal, human: it  
is physical, intellectual, moral. It manifests itself in faith,  
hope, and love; in art, science and religion, in the individ-  
5 ual, in the home, and in the social aggregate. All values  
derive their worth from their power to sustain and devel-  
op life, and the importance of institutions is measured by  
their influence on life.

10 **L**IFE, more life, ever-increasing life, is the end; as  
absolute infinite life is the cause and beginning  
of all things. All else is but a means. A soul that thinks  
and acts in the light of thought and love is more than a  
universe of suns and planets in which there should be  
no conscious life. Hence material progress is good only  
15 in so far as it serves spiritual ends. The world exists for  
man, and man exists that he may know and love God, and  
thereby ceaselessly grow in power and quality of life, be-  
come more and more like unto the eternal and all-perfect  
Being, by whom and in whom and through whom and for  
whom he must live or else dwindle and perish.

20 **T**HE law of man's life therefore is growth. He must  
continue to grow, or he will lose vital force: and  
as he develops, the institutions whereby his life is sus-  
tained and fostered must adapt themselves to his increas-  
ing wants. As in order to live he must renew himself, and  
25 therefore change, the environment in which he is placed  
must lend itself to his widening needs, and therefore  
change. As God gives to Nature the power of self-renew-  
al, it is incredible that He should refuse this power to His  
higher spiritual creation.

30 **G**ROWTH is development, and the universal  
means God has given us to unfold and strength-  
en our being, is Education. The noblest individuals, the  
noblest races, are those which have received the best ed-

dade, da beleza e do amor. Em Deus, a vida revela-se na augusta Trindade. Na Terra, aparece-nos debaixo de três formas, vegetal, animal e humana. Esta, por seu turno, é física, intelectual e moral, manifestando-se na fé, na esperança e na caridade; na arte, na ciência e na religião; no indivíduo, na família e na sociedade. Todas as as coisas derivam o seu valor da propriedade que têm de conservar e desenvolver a vida. A importâncias das instituições mede-se pela sua influência sobre a vida humana. Por isso, direi que a vida, mais vida, e um incremento incessante de vida, tal o fim único que nos é designado, do mesmo modo que a vida perfeita e infinita é a causa e origem de tudo. O resto não passa de um meio. Uma alma que pensa e opera à luz da inteligência e sob o impulso do amor vale mais que um mundo de sol e de planetas a que faltasse a vida consciente. Por conseguinte, o progresso material só é admissível e útil enquanto serve os interesses humanos e realiza os seus fins espirituais. É para o homem, que o mundo existe, e o homem existe para elevar-se pelo conhecimento e pelo amor até ao Ser supremo, e, por esta forma, tornar a sua vida mais poderosa e melhor, assemelhando-se mais e mais ao Pai celestial e perfeito, por quem, para quem e em quem deve viver, sob pena de degenerar e perecer.

A lei da vida, para o homem, é, pois, o progresso. Ele deve evoluir de contínuo, e, portanto, mudar; ou perderá a sua força vital. Importa que tudo que o rodeia se modifique e se adapte às suas necessidades sem cessar crescentes. Seria inadmissível que Deus, que confere à Natureza a faculdade de se renovar, recusasse este poder à sua mais perfeita criação espiritual.

Crescer é desenvolver-se, e o meio universal que Deus nos deu para desenvolver e fortificar o nosso ser é a educação. As raças e os indivíduos mais nobres são sempre as raças e os indivíduos que melhor educação recebe-

— 2 ucation. Religion itself, the worship of God in spirit and  
in truth, can be maintained only by education. By doing,  
and by teaching, by suffering and by dying, Christ founded  
the kingdom of heaven. He commanded His Apostles to  
5 go and teach all men, having shown them first that they  
could be true apostles and teachers only by loving one an-  
other, by loving all men, by loving human perfection, the  
image of God in the soul. The secret of power lies in edu-  
cation, in the education which strengthens and illumines  
10 the mind, which purifies and enlarges the heart, which  
forms and confirms the conscience. To educate right-  
ly, we must touch the depths of man's being; we must  
speak to him in the innermost recesses where faith, hope  
and love are born, where God is present and appealing.  
15 We may not lay the chief stress upon practices, however  
commendable; on usages, however venerable: we must  
address ourselves to the mind and the heart more than to  
the senses and the imagination; to the reason rather than  
to the memory; to the whole man, if you will, but never to  
20 the logical faculty alone.

**T**HE truth which not only makes us free, but  
makes us strong and loving, is not a dead thing.  
It cannot be ticketed and laid away like specimens in a  
museum. It is not a collection of formulas or a set of rules.  
25 It is life, the life of the soul; it is love and beauty and good-  
ness. **It is what we live by, and it is only by loving it that it  
can be possessed.** If we are to educate aright, if we are to  
make men Christ like, we must not only help them to see  
God in all things, but help them to sympathy with all that  
30 He has made and makes: we must enable them to per-  
ceive and feel His presence not alone in the monuments  
and deeds of the past, but chiefly in the courage, wisdom,  
knowledge, love and power of those who are living and  
acting with us and around us.

ram.<sup>(τ)1</sup> A própria religião, culto de Deus em espírito e verdade, só pela educação pode ser transmitida. Foi agindo e ensinando, padecendo e morrendo, que Jesus Cristo fundou o reino dos céus. Ordenou aos apóstolos que partissem da Judeia e ensinassem a todos os homens, depois de lhes ter mostrado que, para serem apóstolos e verdadeiros mestres, deviam amar-se uns aos outros, amar a todos os homens e amar a perfeição humana, que é o próprio reflexo de Deus na nossa alma. O segredo da força está na educação, que nutre e alumia o espírito, que purifica e dilata os sentimentos, que forma e revigora a consciência. Para inocularmos em outrem uma educação realmente boa, devemos aspirar a atingir o seio mais íntimo do ente humano, penetrar os mais recônditos recessos da alma, onde desabrocham a fé, a esperança e a caridade, e onde Deus reside e vela. Não convém ligar importância preponderante às práticas exteriores, por mais recomendáveis que possam ser, nem aos usos, mesmo respeitáveis. Dirijamo-nos à inteligência e ao coração mais que ao sensório e à imaginação, à razão mais que à memória, ou, antes, ao homem inteiro, que não exclusivamente ao seu poder de raciocinar nem de mover os lábios.

A verdade, que nos torna não só livres, senão ainda fortes e amantes, não é uma coisa morta, que se possa rotular e classificar, como qualquer artigo de museu; não é uma simples coleção de regras e fórmulas. A verdade é a vida, a vida da alma; é o amor, a beleza, a bondade.

Se quisermos elevar verdadeiramente os homens e fazer deles seres semelhantes ao divino Modelo, não devemos só ajudá-los a ver Deus em todas as coisas, mas também a amar tudo o que Ele fez e ainda faz. Não é unicamente nos monumentos e factos do passado, que cumpre ensinar-lhes a discernir e a sentir a presença do Eterno; é principalmente na coragem, na prudência, na ciência, no amor e no poder daqueles que vivem e operam em torno de nós.

---

**2**

To be Catholic, we must accept and rejoice in all truth and goodness. We must love not only our friends, but our foes as well; knowing that they too, in ways beyond our seeing, help to fulfil the divine purpose. No human being knows enough, or loves  
5 enough, or hopes or believes enough, or is happy enough. Let us, then, without fear or misgivings, throw ourselves into the great world-struggle for truth, and justice and righteousness; do what in us lies, to make men Christlike, to bring the kingdom of heaven nearer; to make all understand that God is in the world, and that as man becomes  
10 more like to Him, the more shall he feel what a divine privilege it is to be alive here and now to work for the salvation of the race. To this end let us put away all narrow thoughts, all sentiments that divide and weaken. Let us  
15 be persuaded that God calls all men to a higher life even in this world; first of all the oppressed, the disinherited, the weak and abandoned. The greatest service we can do a human being is to give him a right education, physical, intellectual, moral and religious. If it be our duty to do  
20 good, as far as in us lies, to all, it is our duty to labor for the education of all; that no child of God may live with an enfeebled body, or a darkened mind, or a callous heart, or a perverted conscience.

Since it is our duty to educate, it is our duty to give the best education: and first  
25 of all to give the best education to woman: for she, as mother, is the aboriginal God-appointed educator. What hope is there of genuine progress, in the religious life especially, if we leave her uneducated? Where woman is ignorant, man is coarse and sensual; where he religion is  
30 but a superstition, he is sceptical and irreverent.

Para sermos católicos, convém que aceitemos com alegria toda a verdade e todo o bem. Devemos, além dos amigos, amar os nossos inimigos, sabendo que também eles contribuem, por caminhos que nos são desconhecidos, para o cumprimento dos desígnios de Deus. Não há criatura humana que saiba, que espere, que ame, que creia bastante, nem que seja bastantemente feliz. Lancemo-nos, pois, sem temor, nem desconfiança, na grande luta universal pela verdade, pela justiça e pelo direito. **Sacerdotes como nós somos**, trabalhemos com todo o empenho para tornar o homem genuinamente cristão, para apressar o advento do reinado de Deus, para fazer compreender a todos que Ele está no mundo, e que, quanto mais semelhante o homem se tornar a Ele, melhormente apreciará o divino privilégio de possuir em si a vida, e, neste sentido, trabalhar para a salvação da raça humana. Em ordem a consegui-lo, rejeitemos todas as ideias estreitas e os sentimentos que dividem os homens e lhes debilitam a ação. Convençamo-nos de que Deus todos chama a uma vida superior, mesmo neste mundo; designadamente, aos oprimidos, aos fracos e aos desamparados. O mais relevante serviço que possamos render a um ente humano é ministrar-lhe a educação física, intelectual e religiosa que lhe convém.<sup>(7)</sup><sup>2</sup> Se é nosso dever fazer bem a todos dentro dos limites das nossas forças, dever é, também, trabalhar para a educação de todos, a fim de que nenhum dos filhos de Deus conserve um corpo anémico, um espírito fechado, um coração endurecido, uma consciência pervertida.

Mas, desde que admitimos ser dever nosso, **como sacerdotes**, transmitir aos homens uma educação tão perfeita quanto o nosso préstimo o comporte, monta, evidentemente, que, antes de tudo, seja o sexo feminino, quem beneficie com a nossa operosidade. Não será a mulher, enquanto mãe, a educadora naturalmente designada pelo próprio Deus? Se, portanto, negligenciarmos educá-la nos princípios sadios e nos bons sentimentos cristãos, como poderemos contar com um progresso sério, particularmente na vida religiosa? Quando a mulher

IF WE are to have a race of enlightened, noble and brave men, we must give to woman the best education it is possible for her to receive. She has the same right as man to become all that she may be, to know  
 5 whatever may be known, to do whatever is fair and just and good. In souls there is no sex. If we leave half the race in ignorance, how shall we hope to lift the other half into the light of truth and love?

Let woman's mental power increase, let her influence grow, and more and more she  
 10 will stand by the side of man as a helper in all his struggles to make the will of God prevail. From the time the Virgin Mother held the Infant Saviour in her arms to this hour, woman has been the great lover of Christ and the unwearying helper of His little ones; and the more we strengthen and illumine her, the more we add to her sublime faith  
 15 and devotion the power of knowledge and culture, the more efficaciously shall she work to purify life, to make justice, temperance, chastity and love prevail. She is more unselfish, more capable of enthusiasm for spiritual ends,  
 20 she has more sympathy with what is beautiful, noble and godlike than man; and the more her knowledge increases, the more shall she become a heavenly force to help spread God's kingdom on earth. Doubtless our failure to win the hearts of all men is due in no slight degree to our  
 25 indifference to the education of woman.

THE Church, in virtue of its divine institution, has the supreme and absolute right to teach Christian truth and thereby to influence all education. To her alone Christ gave the commission to teach whatsoever  
 30 He had revealed and commanded; and none who believe that He speaks the words of the Eternal Father may refuse

é ignorante, e o homem grosseiro e sensual, e quando a religião da mulher não passa de uma vã superstição, o homem descamba para o ceticismo. **Ao padre, portanto, é que convém, em primeira linha, obviar a semelhante mal.**

Se quisermos possuir uma raça de homens esclarecidos, nobres e valentes, dêmos à mulher a melhor educação que seja suscetível de receber. Possui os mesmos direitos que o homem, a atingir o seu mais completo desenvolvimento, a aprender tudo o que é verdadeiro, belo, justo e bom. As almas não têm sexo. Se deixarmos a metade da nossa raça na ignorância, como poderemos elevar a outra até à luz da verdade e do amor?

Suba de ponto, o poder intelectual da mulher, aumente a sua influência, e cada vez estará mais no caso de servir **ao sacerdote** de auxiliar, prestimoso, no triunfo da vontade divina. Desde o dia em que a Virgem-Mãe sustentou pela primeira vez em seus braços o Salvador do mundo, as mulheres não cessaram de ser servas apaixonadas de seus filhos ainda tenros. À medida que lhes dermos mais força e luz, adicionando à sua fé e dedicação o poder da cultura e da ciência, poderão trabalhar mais eficazmente em idealizar esta pobre vida humana, e em fazer triunfar nela a justiça, a temperança, a castidade, a caridade.<sup>(1)3</sup> É, a mulher, menos egoísta, e mais capaz de entusiasmos pelos interesses espirituais, do que o homem. Mais do que ele, sente-se atraída para tudo quanto é belo, nobre e divino. À proporção que adquirir mais ciência, concorrerá com mais eficácia para a difusão do reino de Deus na Terra. Por mim, não ponho em dúvida que a nossa impotência em tocar o coração de muitos homens provém amiúde da nossa indiferença para tudo o que concerne à educação da mulher.

Em virtude da sua origem divina, tem, a Igreja, o direito supremo e absoluto de ensinar a verdade cristã, exercendo, assim, a sua influência salutar sobre a educação digna deste nome. Foi só à Igreja, que Jesus Cristo confiou o mandato de ensinar todas aquelas coisas que Ele revelou e ordenou (*Ite, docete omnes gentes*).<sup>(E)2</sup> To-

—  
**2**

to hearken to the voice of His historic Church uttering the things that appertain to religion and salvation. Christ did not send His Apostles to teach all knowledge, but to teach His religion: to teach the worship of God in spirit and in truth, in lowliness of mind and purity of heart as men who hunger and thirst for righteousness.

In all that concerns the religious life the Church has the office of Christ, represents Him and speaks with His authority; and to enable her to do this with infallible certainty, the Holy Ghost was sent and abides with her. But Christ did not teach literature, philosophy, history or science, and consequently He did not establish His Church to teach these things. He founded a Church, not an academy. *Non in dialectica complacuit Deo saluum facere populum suum.* He left natural knowledge where He found it; left it to grow by accretion and development, through the activity of special minds and races, with the process of the ages. He bade His Apostles teach whatsoever things He had commanded them — the doctrines of salvation and the principles of Christian living. These things He came to reveal — these He lived and died to plant in the minds and hearts of men as seeds of immortal life.

God doubtless might have made known from the beginning all the truths of science; but this was not part of the divine economy. For thousands of years the race was left to make its way amidst the darkness of universal ignorance; and when here and there a ray of light fell from some mind of genius, it seemed quickly to be extinguished amidst the general obscurity. The philosophy and the science of Plato and Aristotle had been in the world for three centuries when Christ came, but He made no allusion whatever to them. He neither

dos os que reconhecem no Messias o próprio Verbo de Deus não podem recusar-se a escutar a voz da sua Igreja visível, quando ela enuncia as verdades pertinentes à religião e à salvação do homem. Jesus Cristo não enviou os apóstolos ao mundo para ensinarem ciências, mas, sim, para fazerem conhecer o culto de Deus em espírito e verdade, na humildade e pureza do coração, como importa a homens que têm fome e sede de justiça.

Para tudo o que respeita à vida religiosa, recebeu, a Igreja, delegação do seu imortal Fundador; fala pela sua autoridade (*tanquam potestatem habens*),<sup>(E)3</sup> e, afim de que possa agir com uma segurança infalível, foi-lhe, por Cristo, enviado o seu Espírito Paráclito, que a ela desceu e nela permaneceu. Mas Jesus não ensinou a literatura, nem a filosofia, nem a história, nem as ciências físicas, e, por conseguinte, não foi para ensinar tais coisas, que fundou a sua Igreja.<sup>(T)4</sup> Foi uma Igreja que estabeleceu, e não uma academia. *Non in dialectica complacuit Deo salvum facere populum suum.*<sup>(E)4</sup> Deixou a ciência natural onde a encontrou, fiando da atividade das raças e dos espíritos superiores o fazê-la progredir e desenvolver-se com o andar dos tempos. Ordenou aos apóstolos que ensinassem tudo o que Lhe tinham ouvido — as eternas doutrinas da salvação humana e os princípios basilares da vida cristã. Eis o que Jesus veio ensinar ao mundo, e foi para derramar estas sublimes coisas no coração e espírito dos homens, qual semente de imortalidade, **que nasceu, viveu, padeceu e expirou no Gólgota.**

Podia Deus, sem dúvida, logo desde o princípio, revelar ao homem os segredos da ciência; mas tais não eram os seus desígnios providencias. Durante milhares de anos, viu-se, a raça humana, reduzida a abrir o seu caminho de minguada luz, através das trevas de uma profunda ignorância; e, quando de tarde em tarde vislumbrava o clarão de algum génio, para logo parecia extinguir-se e perder-se no seio da noite universal. A filosofia e a ciência, tanto de Platão como de Aristóteles, já existiam no mundo havia três séculos, quando o Redentor nasceu. To-

—  
2 praised nor blamed these great masters of all who know.  
Those whom he denounced were not the teachers of wis-  
dom, but the formalists, who, holding rigidly to the let-  
ter of the law, and adding observance to observance and  
5 rule to rule, had lost the spirit of religion, had apostatized  
from the infinite love which is God.

CHRIST came to bring immortal faith and hope  
and love to man. He uttered no word which  
might lead us to suppose that He considered literature  
10 or philosophy or history or science as an obstacle to the  
worship of God in spirit and in truth. He denounces greed  
and lust and indifference and heartlessness; but He does  
not warn against the desire to know, the desire to upbuild  
one's being on every side, to become more and more like  
15 unto God in power, in wisdom, in goodness and in beauty.  
He lays the stress of His example and teaching upon reli-  
gion, upon eternal things. He tells us that we can not ser-  
ve God and Mammon, but He does not say that faith and  
reason conflict. We are human because God is present in  
20 the soul. We have reason because the divine light shines  
within us — the light which enlighteneth every man that  
cometh into this world. There can be no real contradiction  
between God and His universe, between nature and the  
supernatural, between faith and knowledge. On the con-  
25 trary, the universe is the manifestation of God's wisdom,  
goodness and power. Nature and the supernatural both  
come from Him; and in wider and deeper knowledge, we  
shall find a foundation for a mightier and more spiritual  
faith in the Eternal Father and His divine Son. Truth can  
30 not contradict truth, for truth is true because it is enroot-  
ed in God who is absolute truth, and at one with Himself.  
Things are what they are, and God has given us reason,  
that we may see them as they are. The false can never be  
proven to be true, and the author of truth can not teach  
35 error or give grace to believe error.

davia, Jesus não aludiu nem uma só vez às doutrinas de tais filósofos; não louvou, nem censurou, esses grandes mestres do pensamento humano. Não foi contra os que ensinam a ciência, que Ele propriamente se insurgiu, mas contra os formalistas, que, agarrando-se assanhadamente à letra da lei, e acrescentando observância sobre observância ou regra sobre regra, tinham perdido totalmente o espírito de religião e apostatado do amor infinito, que é Deus.<sup>(r)5</sup> Ele veio trazer aos homens a fé, a esperança e o amor eternos, mas não pronunciou uma só palavra que nos pudesse fazer supor que considerava a literatura, a filosofia e a ciência como obstáculos em si ao culto que devemos prestar a Deus; nem nos diz que a fé e a razão colidam entre si.

---

2

5

10

Não pode haver contradição flagrante entre Deus e o seu universo, entre as coisas naturais e as sobrenaturais. O universo é a manifestação da sabedoria, da perfeição e do poder de Deus; por isso, que tanto a ordem natural como a sobrenatural dele promanam. Ora, é na ciência mais extensa e mais profunda, que nós podemos ir beber os motivos de uma fé mais vigorosa no Criador e em seu filho unigênito, Jesus Cristo. A verdade é precisamente tal porque haure as suas raízes em Deus, que é verdade absoluta, a qual forma com ele um só todo. As coisas são o que são, e Deus concedeu-nos o intelecto para as conhecer tais quais são. Não se pode provar que o erro seja verdade, e o autor da verdade não pode ensinar o erro ou dar-nos graças para fazer crer nele.<sup>(r)6</sup>

15

20

25

---

2

All truth is orthodox whether it come to us through revelation, reaffirmed by the infallible voice of the Church, or whether it come in the form of certain and scientific knowledge. Both the Church and the men of science must accept the validity of reason, and must therefore hold that reason can not contradict itself. Knowledge and faith both do God's work; both help to build man's being into ever-increasing likeness to Him. Let us not emphasize the opposition between the temporal and the eternal. God is even here, and even now we are immortal; and whatever helps us to do His will by serving more effectively our fellowmen, is sacred and of priceless worth. The giving of a cup of water in the right spirit is divine service; and so is the patient research which leads to a knowledge of the causes of suffering and disease, and thereby enables us to shut out pestilence or to make uninhabitable regions wholesome.

**H**OW infinitely difficult is it not to preach the Gospel effectively to those who live in ignorance and poverty as in the shadow of the darkness of death? All who have striven and who strive to educate the whole people, to bring opportunity of a freer and more human life to all, have been and are, whether intentionally or not, workers in the cause of Christ for the salvation of men.

**W**ITH what misgiving Catholics and Protestants regarded scientific astronomy when it first began to gain acceptance! And yet what has it done but make known to us a universe infinitely more wonderful and sublime than men had ever dreamed of? So it is with all advancing knowledge. In widening our view of God's work, it gives us a more exalted conception of His absolute perfection; and at the same time it puts into our hands more efficient means of working for the good of man. A truly Catholic spirit deems nothing that may be

Toda a verdade é ortodoxa, quer provenha da revelação, sancionada pela voz infalível da Igreja, quer a recebamos sob a forma de uma teoria certa e científica. Tanto os representantes da Igreja como os da ciência devem reconhecer os direitos da razão **na sua esfera**, e, portanto, terem por certo que a razão não pode contradizer-se a si mesma. Ambas, a ciência e a fé, fazem obra divina, ambas colaboram na elevação da natureza humana, a fim de realizarem uma progressiva semelhança com o seu Autor. Não exageremos oposições entre o temporal e o eterno. Certo é, que Deus está neste mundo, e desde aqui já somos animicamente imortais; e tudo o que concorre para o cumprimento dos desígnios divinos pelo serviço mais e mais amplo e perfeito do nosso próximo é sagrado e de inestimável valor. Se até um copo de água ministrado em espírito de caridade é um ato de adoração prestado a Deus, **como Ele próprio disse**,<sup>(E)5</sup> com quanta maior razão o devem ser as pacientes investigações do sábio, das quais resulta o conhecimento das causas das doenças e as quais nos permitem combater as epidemias ou sanear os países inabitáveis! Nada é mais difícil do que fazer aceitar o Evangelho aos que vivem nas trevas mortais da ignorância, da desgraça e da miséria. Todo aquele que se esforça em elevar a humanidade, dando-lhe a possibilidade de viver uma vida mais livre e humana, esse, tenha ou não consciência do que faz, é obreiro da causa de Jesus Cristo para a salvação dos homens.

Qual não foi a desconfiança dos católicos e dos protestantes em relação à ciência astronómica, quando esta principiou a assentar as suas grandes bases e a ganhar créditos!<sup>(T)7</sup> E, contudo, que fez ela senão revelar aos homens um universo mais maravilhoso e sublime do que em tempo algum haviam sonhado? Outro tanto sucede com qualquer ciência em via de progresso. Um conhecimento mais profundo e completo das obras de Deus conduz-nos a uma conceção mais remontada da sua perfeição absoluta, fornecendo-nos por igual os meios mais eficazes de trabalhar para o bem do homem. Um espírito verdadeira-

— of service to man foreign to the will of God as revealed  
2 in Christ.

We hold fast to the principle of authority:  
and at the same time we believe that man's mind is free,  
and that he has the right to inquire into and learn what-  
5 ever may be investigated and known.

If the Church is to  
live and prosper in a modern world, Catholics must have  
not only freedom to learn, but also freedom to teach.  
The spirit is not a mechanism, and when it is made sub-  
ject to mechanical rules and methods it loses self-activi-  
10 ty, becomes dwarfed and formal, and little by little sinks  
into impotence. A servile mind can never know the truth  
which liberates. Christ did not found His Church to solve  
philosophic, scientific or historic problems. These have  
been left to human research; but Catholics, if they hope to  
15 present effectively their supernatural beliefs to an age of  
civilization and culture, must not neglect the chief means  
by which the mind is made strong, supple and luminous.

Our men of ability,  
whether priests or laymen, must be encouraged to put to  
good use the talents with which the Creator has entrusted  
20 them; and to prepare them for this all-important work we  
must leave nothing undone to provide them with schools  
equal to the best. If we isolate ourselves and fall out of  
the highest intellectual and moral life of the world around  
us, we shall fatally drift into a position of inferiority, and

mente católico considera que nada do que é útil à humanidade pode ser estranho à vontade divina, tal qual nos foi revelada pelo Salvador do mundo.

Ao passo que permanecemos firmemente aderentes ao princípio da autoridade **católica**, cremos também que o espírito do homem foi criado livre pelo seu Autor, e que está no seu direito de sondar tudo que é suscetível de investigação e de aprender tudo o que é possível saber-se (*mundum autem reliquit cogitationibus hominum, escrevia o Sábio*).<sup>(E)6</sup>

Se é verdade, **como, por sem dúvida, o é**, que a Igreja católica deve viver e prosperar no mundo moderno, torna-se mister que os católicos gozem não só da liberdade de aprender, mas ainda da liberdade de ensinar. O espírito não é nenhuma mecânica. Quando está agrilhado a regras invariáveis e a métodos maquinais, perde toda a atividade própria, torna-se estreito, rotineiro e cai pouco a pouco na invalidez da incapacidade. Um entendimento servil não virá nunca a conhecer a verdade que liberta. O homem-Deus não fundou a sua Igreja para resolver problemas de filologia, de ciência ou de história, coisas que são da competência dos estudos **profanos** dos mortais. Porém, se os católicos, **se os eclesiásticos**, quiserem expor com êxito as suas crenças sobrenaturais a um século de civilização e de cultura, convém que não tenham em menos recorrer aos principais meios de ilustrarem, dilatarem, ornarem e fortificarem a sua inteligência com o poderoso adminículo da ciência, mesmo profana. **Assim se imporão a um século descrente e melhor surtirão o elevado escopo de o cristianizar.**

O meu intuito é determinar os homens de real valor, leigos e **principalmente** eclesiásticos, a servirem-se utilmente dos talentos que Deus lhes confiou. E, para se desempenharem de um modo cabal deste dever importante entre todos, cumpre que ponhamos à sua disposição, tanto quanto de nós pende, escolas de primeira ordem, no mais rigoroso sentido da palavra. **Colegas no sacerdócio!** Se nos isolarmos e fazermos fora da vida intelectual e

— lose the power to make ourselves heard and understood.  
2 If in the early centuries of Christianity the Church was  
able to take to itself what was true and good in pagan  
philosophy and culture; if St. Augustine and St. Thomas of  
5 Aquin knew how to compel Plato and Aristotle to become  
helpers in the cause of Christ, why should we lose heart  
and imagine that the Church has lost the faculty of assim-  
ilation? She is old, indeed, but she is also young, having  
the promise of immortal life; and therefore she can never  
10 lack the power to adapt herself to the requirements of an  
ever-evolving environment.

SINCE Christ has made the success of His religion  
largely dependent on human effort, not annull-  
ing nature by grace, but heightening rather the play of  
15 free-will, we must know how to make use of our best and  
strongest men; for an institution which can not make use  
of its best and strongest men is decadent.

What is there to  
fear? Is it conceivable that human error shall prevail  
against God's truth? Does the religion of Christ, the abso-  
lute and abiding faith, need the defence of concealment  
20 or of sophistical apology or of lies? Truth is the supreme  
good of the mind, as holiness is that of the heart; and  
truthfulness is the foundation of righteousness.

The most certain re-  
sult of the philosophic thought of the last hundred years  
25 is that the primal cause and final end of all things is spiri-  
tual, not mechanical or material.

If only we go deep  
enough, we never fail to find God and the soul.

moral que nos rodeia, cairemos fatalmente numa posição de inferioridade, e impossível se nos tornará fazer-nos escutar e compreender. Se efetivamente, nos primeiros séculos do Cristianismo, a Igreja soube assimilar tudo o que encontrou de verdade e de bem na civilização pagã, se S. Agostinho e S. Tomás de Aquino souberam, nas suas obras imorredoiras, constranger Platão e Aristóteles a tornarem-se os auxiliares da doutrina de Jesus Cristo, por que razão havemos de desanimar, e imaginar que a Igreja perdeu essa faculdade de assimilação? Sem dúvida, a Igreja é velha, mas é também jovem, já que possui as promessas de uma vida imortal. A faculdade de adaptar-se às necessidades de um meio que evolui constantemente não lhe pode faltar.

Por isso mesmo, que o Redentor fez em grande parte depender o triunfo da sua religião dos esforços do homem, não querendo que a Natureza fosse anulada pela graça, e realçando, ao contrário, o papel da vontade livre, devemos aplicar-nos a tirar partido dos nossos homens mais fortes na ciência. Uma instituição que não sabe **quer** servir-se deles **nas ocasiões oportunas** está bem perto da decadência.<sup>(r)8</sup>

Que temos a recear? Que o erro humano venha a prevalecer contra a verdade divina? Terá, porventura, a religião de Jesus, terá a fé absoluta e imutável, a mínima necessidade de empregar em sua defesa a arma da dissimulação, do sofisma ou da mentira?<sup>(r)9</sup> A verdade é o bem supremo da inteligência, assim como a santidade é o bem supremo do coração e a lealdade a base irreductível da justiça.

O mais certo resultado das investigações filosóficas dos cem últimos anos foi reconhecer que a causa inicial e a finalidade de todas as coisas são espirituais, que não mecânicas ou materiais.

Com tanto que vamos até ao fundo do problema, é impossível que aí deixemos de encontrar Deus e a alma humana.

---

2

Shall we dread the results of historical research? In the Church as in the world, good has been mingled with evil, the cockle with the wheat. What God has permitted to happen, man may be permitted to know; and if we are wise, we may glean, even from the least promising fields, fruits which shall nourish in us a higher wisdom and a nobler courage. A righteous cause can never be truly served either by the timid or the insincere. And what is true of the history of the Church, is true also of the history of the Bible. No facts connected with its composition can obscure the light of God's word which shines forever in its pages, to illumine the path that leads to a higher and more perfect life, and in the end to everlasting life.

15

**T**HE fundamental principle of the Catholic theologian and apologist is that there is harmony between revelation rightly understood, and the facts of the universe rightly known; and since this is so, the deepest thought and the most certain knowledge must furnish the most irrefragable proof of the truth of our faith. The Catholic who holds this principle with profound conviction will not shrink from any test or any adversary.

20

If faith does not give new strength to the mind, the heart, the whole man, is it genuine faith at all? Shall we cease to desire and to strive to know because we believe? Is it not the property of vital belief to impel to thought and action? Are not faith and hope and love, if they be living, the fountain-heads of the highest energy? Does not all history prove that right human life is possible only when men are self-active in a free and noble way, when they strive bravely for more real knowledge and greater virtue?

25

30

Além disto, por que motivo nos arreçaremos dos resultados das pesquisas históricas? Na Igreja, como no mundo, o bem acotovela o mal, e o joio nasce de mistura com o bom grão. O homem tem incontestavelmente o direito de conhecer os acontecimentos que Deus permitiu;<sup>(r)</sup><sup>10</sup> e, se formos sensatos, saberemos extrair do terreno mais sáfaro frutos capazes de fortificar em nós a sabedoria e a coragem. Por tímidos ou por desleais, não poderá nunca ser fielmente servida uma causa justa, **porque Deus não precisa do sofisma, nem da mentira**. E o que é verdade da história da Igreja é-o também da história da Bíblia. Nenhum dos factos que se referem à sua composição poderia obscurecer a luz da palavra divina que perpetuamente rutila através das suas páginas, alumando o caminho que conduz a uma vida mais alta e perfeita, que vai finalmente disparar na vida eterna.

Erigiram, os teólogos e apologistas católicos, em princípio fundamental, que deve haver harmonia ou concordância entre a revelação bem compreendida e os fenómenos do universo bem conhecidos. Ora, posto isto, será justamente o pensamento mais profundo e a ciência mais exata, que fornecerão as provas mais irrefutáveis **(no terreno racional)** da verdade da nossa fé.<sup>(r)</sup><sup>11</sup> O católico que bem guardar este princípio com uma convicção profunda não temerá qualquer prova que possam desfechar contra as suas crenças, nem recuará cobardemente diante de nenhum dos seus adversários.

Uma fé que não desse nova força à inteligência, ao coração, ao nosso ser completo, seria porventura uma fé verdadeira? Pelo facto de crermos, deveremos cessar de aspirar a saber e a investigar, ou não será acaso o efeito natural de uma fé digna deste nome, levar-nos à reflexão e impulsionar-nos a agir? Quando vivas, não serão a fé, a esperança e a caridade os próprios mananciais de toda a energia? Aí está a história de todos os séculos, para provar que a plena e normal expansão da vida humana só é possível quando o homem exerce a sua livre atividade com independência e nobreza, lutando a braços partidos

Where we strive there is indeed danger of error and mistake; but where we rest in spiritual lethargy, decay and ruin are inevitable. A faculty unused dwindles until it ceases to be. They who dare, must take risks: danger can be overcome only by encountering danger. Shall the Church speak words of approval and cheer to all her children except those who labor with honest purpose and untiring zeal, for deeper and truer knowledge? Shall she permit Catholics to fall into the sleep of self-contented ignorance, while the great world moves on and leaves them in the cerements of the grave?

**O**PINION rules men, and opinion is nourished by beliefs, and beliefs are created and sustained by ideas. If we permit ourselves to fall out of the intellectual movement of the age, we shall lose influence over the minds that create opinion and shape the future. "One man of science," says Von Hertling, "who works with success in the fields of research, whose name is written on the page of history in far-gleaming characters, and who at the same time leads the life of a true son of the Church, outweighs whole volumes of apologetics." The truths of salvation are doubtless infinitely more important than the truths of science; but this natural knowledge so attracts the attention and awakens the interest of the men of to-day, it so transforms and improves, the methods and processes by which civilization is promoted, that it has created a new world-view, not only in the minds of the few profound thinkers and original investigators, but in the general public of intelligent men and women; and if our words are to awaken a response, we must be able to place ourselves at the standpoint of our hearers. The

para conquistar uma ciência mais perfeita e uma virtude mais remontada.<sup>(T)12</sup>

2

Não se admite esforço em ordem ao progresso sem risco de errar. **Verdade é isto, mas também é verdade** que uma letargia intelectual e moral conduz inevitavelmente à decadência e à ruína. Uma faculdade paralisada pela inércia degenera, até cessar de existir. O que ousa contemplar **a luz** tem de expor-se, e, para vencer, é força caminhar ao encontro do perigo. Seria possível, que a Igreja, **esta mãe carinhosa** que tem para todos os seus filhos aprovações e alentos, não os tivesse para dá-los aos que labutam com sincero zelo e coragem na aquisição dos conhecimentos mais exatos e profundos, **que vêm projetar um certo esplendor sobre a própria Igreja?** Ao mesmo passo que ao mundo inteiro é livre ir para a frente, progredindo, permitiria, a Igreja, de bom grado, aos católicos, adormecerem numa ignorância repimpada e sepultarem-se no túmulo de uma sonolenta apatia?

É a opinião, que governa os homens; ora, a opinião apoia-se sobre as crenças, e estas são sustentadas pelas ideias. Se, portanto, jazermos, **apáticos**, fora do movimento intelectual da nossa idade, perderemos todo o influxo sobre os espíritos que criam a opinião e preparam o futuro: “Um só sábio”, observa **o alemão** Von Hertling, “que trabalha com êxito no **formoso** campo das investigações científicas e cujo nome se acha inscrito em letras de ouro nas páginas da História, se, ao mesmo tempo, levar a vida de um genuíno filho da Igreja, poderá prestar-lhe maior serviço que volumes inteiros de apologia.”<sup>(T)13 (E)7</sup>

Por certo, que as verdades da salvação são infinitamente mais momentosas que as da ciência; mas os conhecimentos naturais atraem por tal forma a atenção, pelos tempos que correm, que despertam em supremo grau o interesse de todos os intelectuais; transformam e aperfeiçoam por tal arte os métodos e processos que fazem avançar a civilização, que o mundo chega a aparecer sob um aspeto todo novo, não só a alguns pensadores profundos e rebuscadores originais, senão ainda a todos os

— 2 theologian, the apologist, the orator must be able to say to the children of this generation: “We see all that you see, and beyond we see yet diviner truth.”

Arguments and syllogisms have little power of persuasion. We win men by showing  
5 them the facts of life; and to do this we must be able to look at things from many points. This ability is precisely what the best education confers; for it renders the mind open, luminous, fair, supple and many-sided.

10 **WE BELIEVE** that Christ is God made manifest, and that the Catholic faith is His revelation. If our belief be not vain, the more the light of the mind is thrown upon it — its origins, its doctrines and its essential tendencies — the more divinely true and good and beautiful shall it appear to be.

15 In the depths and amidst the beginnings of things, even the most clear-seeing must grope their way; and instead of discouraging them by throwing suspicion upon their honesty of purpose, we should be quick to overlook their errors, receiving with gratitude even the feeblest ray of light they may be able  
20 to throw on the mysteries of life and being. The good and the generous easily overlook the faults and frailties of the wise and great.

25 **TO LIVE** in the mind, to strive ceaselessly to learn more of the infinite truth, is not easy for any one. It requires a discipline, a courage, a spirit of self-denial, which only the fewest ever possess; and when men of this strength and excellence devote themselves to the elucidation and defence of the doctrines of religion, we must honor and trust them, or they will lose heart or turn

que refletem. Ora, se queremos que as nossas palavras encontrem eco nos que nos ouvem e leem, por ilustrados que sejam, hemos de colocar-nos ao seu nível. O teólogo, o apologista, o orador **sagrado**, devem achar-se no caso de poder dizer aos filhos desta geração: “Nós vemos tudo o que vós vedes, e isso não nos impede de ver, para além, a verdade, e uma verdade ainda mais divina.”

Argumentos e silogismos fraco poder têm, de persuasão. Não se convencem os homens senão apresentando-lhes factos e mostrando-lhes as realidades da vida; mas, para isso, é mister que sejamos capazes de considerar as coisas sob muitos pontos de vista ao mesmo tempo. É precisamente esta aptidão, que um bom sistema educativo produz, dando ao nosso intelecto luz, beleza, largueza de vistas e amplos horizontes. Cremos firmemente que o Filho de Maria é Deus tornado visível aos homens, e que a religião católica é a sua revelação. Se a nossa crença não é vã, **como não o é**, quanto mais difundirmos a luz da inteligência sobre ela, sobre as suas origens, doutrinas e caracteres essenciais, tanto mais transparecerá aos homens divinamente verdadeira, boa, formosa.

Nas trevas que cingem as origens das coisas, vêem-se, os mais clarividentes, reduzidos a sondar caminho às apalpadelas. Em vez de os desalentar desconfiando da retidão das suas intenções, deveríamos ser humanitariamente os primeiros a desculpar os seus erros, **supondo-os leais**, e a receber com reconhecimento o mais pálido raio de luz que possam vir projetar sobre os mistérios da vida e do ser. Aqueles que são bons e generosos não têm dificuldade em se mostrar indulgentes para com as faltas dos sábios e dos eruditos.<sup>(7)14</sup>

Viver apenas pelo pensamento, esforçar-se continuamente em melhor investigar a verdade infinita, a ninguém é fácil. É, para isto, necessária uma disciplina, uma energia e um espírito de abnegação que poucos homens possuem. Em um indivíduo desta têmpera e valor se dedicando a elucidar e defender as doutrinas religiosas, convém, **geralmente falando**, fiar-nos nele; sem o que fa-

— 2 to studies in which their labors will be appreciated. If mis-  
trust of our ablest minds is permitted to exist, the inev-  
itable result will be a lowering of the whole intellectual  
5 moral and religious life. If we have no great masters, how  
shall we hope to have eager and loving disciples? If we  
have no men who write vital books — books of power,  
books which are literature and endure — how shall we ex-  
pect to enter along an inner line into the higher life of the  
10 age, to quicken, purify and exalt the hopes and thoughts  
of men?

Is the Bible itself written with the rigid ex-  
actness of a mathematical treatise? Is it not rather a book  
of life, of literature, full of symbols and metaphors and  
15 poetry? What book has been so misunderstood and mis-  
interpreted even by honest and enlightened minds, even  
by theologians themselves. Do not the method and style  
of its composition show that it was not meant to be a suf-  
ficient rule of faith? Nay, there is a wide divergence of  
opinion as to its moral teaching on important points, so  
20 that without a supreme and infallible living interpreter,  
there is no possibility of agreement as to what inspiration  
means, as to what the word of God really is.

**S**INCE the inspired writers may thus easily be mis-  
understood, may we not conclude that it is our  
25 duty to treat with good will and loving kindness authors  
who, not being supernaturally assisted, employ the tal-  
ents which God has given them, and which their own tire-  
less industry has cultivated to the highest point, to clothe

cilmente poderá desanimar e consagrar-se a outros estudos, em que os seus esforços seriam mais bem apreciados pelo publico. Se formos ocasião de que os talentos mais privilegiados da nossa causa estejam sempre debaixo do pesadelo da desconfiança nos seus labores literários, **um pouco mais arrojados que os dos outros, em prol da verdade cristã,**<sup>(T)<sup>15</sup></sup> daqui resultará inevitavelmente o abaixamento do nível intelectual entre os católicos, e, por via de consequência, a depressão da sua vida moral e religiosa. Sem grandes mestres, qual o meio de obter discípulos zelosos e entusiastas? Se não possuímos indivíduos capazes de escrever livros vigorosos, verdadeiramente literários e dignos de dura, como poderemos, nós, esperar que penetrem no que tem de mais profundo, a vida do nosso tempo, que vivifiquem, purifiquem e elevem as esperanças e os pensamentos humanos?

Será, **por exemplo,** a sagrada Bíblia escrita com a rigorosa exatidão de um tratado de matemática? Não será, ela, ao revés, um livro vivido, literário, colmado de símbolos e de metáforas de altíssima poesia? E qual o livro que mais frequentemente tem sido mal compreendido e interpretado, mesmo por entendimentos esclarecidos e de boa fé, mesmo por certos teólogos? A maneira por que a Bíblia foi composta e redigida não prova assaz que não fora destinada a servir, só por si, de regra de fé **(como ex-cogitaram os protestantes)**? Mais do que isso; é certo que existem notáveis divergências e opiniões no que diz respeito ao seu ensino moral sobre pontos aliás importantes, de sorte que, sem a autoridade suprema do intérprete vivo e infalível, não seria possível vir a um acordo sobre o alcance da inspiração, nem sobre o que é rigorosamente a palavra divina.

Portanto, visto que é tão fácil interpretar erradamente os escritores inspirados, não deveremos, daqui, inferir ser do nosso dever tratar com certa benevolência e com afetuosa simpatia os autores que, não sendo assistidos de nenhum auxílio especial, exercem os talentos que Deus lhes liberalizou, os quais cultivaram à custa de considerá-

## 2

the old truths with the light of the wider and more real knowledge of the universe and of human history, which the modern mind possesses?

The new times demand new men; the ancient faith, if it is to be held vitally, must be commended with fresh vigor and defended with all the arguments which the best philosophy, science and literature may suggest. Christ came to cast fire on earth, and what does He desire but that it be kindled? *Currit verbum Dei*, says St. Paul; and again: "Woe is me if I do not preach." He is debtor to all men. On Mars Hill he speaks to the most enlightened minds of his day. He is a reasoner as well as a preacher. He places the lines of a Greek poet among his own inspired words. To his intellectual, moral and religious activity, heightened and intensified by supernatural faith, we owe the spread of Christianity throughout the Gentile world, **more than to the zeal and labors of all the Apostles.**

Is it credible that if St. Thomas of Aquin were now alive he would content himself with the philosophy and science of Aristotle, who knows nothing, either of creation or of providence, and whose knowledge of nature, compared with our own, is as that of a child? St. Ignatius of Loyola says that to occupy one's self with science, in a pure and religious spirit, is more pleasing to God than practices of penance, because it is more completely the work of the whole man.

Is not theology, like the other sciences, bound to accept facts? To deny a fact is to stultify one's self. But how shall we know what is, if we are ignorant of the world-wide efforts of men of learning and intellectual power to get at the facts of the universe?

veis esforços, para derramarem ao de redor das velhas verdades as vivas luzes da ciência moderna? **E, se trepidarem ou ladearém um pouco na interpretação da Natureza, deveremos para logo condená-los desapiedadamente?**

Os tempos novos reclamam homens novos. Se quisermos que a antiga fé, **de que fazemos franca profissão**, permaneça vivaz, cumpre defendê-la por meio dos mais fortes argumentos que podem subministrar-nos, a filosofia, a ciência e a literatura modernas. Jesus Cristo veio lançar o fogo à Terra, e qual é o seu desejo, senão que se ateie? **São palavras suas.**<sup>(E)8</sup> *Currit verbum Dei*, diz S. Paulo,<sup>(E)9</sup> e, noutro lugar, diz ainda: “Ai de mim, se não evangelizar!”<sup>(E)10</sup> De todos, se considera devedor. Perante o Areópago, dirige-se aos espíritos mais alumiados do seu tempo. Tanto prega como raciocina. Mistura os versos de um poeta grego à sua palavra inspirada,<sup>(T)16</sup> e foi à sua atividade intelectual, moral e religiosa, exalçada e fortificada pela fé sobrenatural, que principalmente se deveu a difusão do cristianismo no mundo gentílico.

Haverá quem suponha que S. Tomás de Aquino, se em nossos dias vivesse, se contentaria com a filosofia e a ciência de um Aristóteles, que nada sabia da criação, nem da Providência, e cujas noções sobre a Natureza, **a despeito do imenso génio do seu autor**, defrontadas com as nossas, atuais, quase parecem as de uma criança? Santo Inácio de Loyola declara que somos mais agradáveis a Deus entregando-nos ao estudo da ciência com uma intenção reta e religiosa, do que às práticas austeras da penitência, pois, no primeiro caso, executamos obra que interessa mais completamente o homem inteiro **e o progresso social.**<sup>(E)11</sup>

É claro que a teologia, como as outras ciências, é obrigada a aceitar a autoridade positiva dos factos; ora, negar os factos é cair no absurdo. Mas como conhecê-los, se ignorarmos os esforços que os homens de ciência e de engenho têm realizado, em todas as províncias do conhecimento, para descobri-los?

2

The supreme fact is life and only that is true, in the best sense of the word, which is favorable to life, to its growth, its joy, its strength, its freedom, its permanence. Whatever dwarfs, whatever arrests, whatever weakens life, is evil.

5        **T**HE great purpose of genuine education is not to store the memory or to accustom to observances, but to strengthen man with his own mind, to rouse him to higher self-activity, to vivify him, to give him fresh faith, hope and courage, to deepen the foundations of his  
10 being, to give faculty, firmer grasp of truth and a clearer view of things as they are.

Whatever narrows, whatever hardens, whatever enslaves is foreign to the purpose of education. We should dread nothing so much as what undermines spiritual energy; for unless man's highest powers are stimulated and kept active, he falls into  
15 sensual indulgence, or becomes the victim of a weak and sceptical temper, no longer able to believe anything, or to hope for anything, or to love anything with all his heart. It is the temper of decadent races, of perishing civilizations, and of dying religions. Losing the power to believe  
20 with vital faith in God and in the soul, men cling to the phantom life of cheap and vulgar pleasures. They seek gold and position; they trust to mechanical devices, to political schemes; they worship the rising sun; their truth is what is popular, their good is what makes for present  
25 success. Having no firm hold of the Eternal and Infinite, they believe in human cunning, not in the might of divine truth. They forget that all truth is orthodox, and that behind all truth stand the veracity and the power of God,  
30 who makes himself known in the laws of science, as in the majesty of the everlasting mountains and the starlit heavens.

O facto por excelência é a vida, e só é verdade, na melhor aceção do termo, o que favorece a vida no seu desenvolvimento, alegria, força, liberdade e permanência. Tudo o que cerceia, paralisa ou debilita a vida é um mal.

O grande objetivo de uma verdadeira educação não consiste em atravancar a memória, nem em multiplicar minúsculas observâncias, porém, sim, em desenvolver o homem por meio da sua própria inteligência, em elevá-lo a um grau superior de atividade pessoal, em vivificá-lo, comunicar-lhe uma sólida renovação de fé, esperança e coragem, escavar mais fundo os alicerces do seu ser moral e transmitir às suas faculdades uma posse mais inconcussa da verdade, com uma visão mais nítida das coisas.

Tudo o que tende a restringir ou a anquilosar o nosso desenvolvimento é estranho aos legítimos fins da educação. Nada devemos temer tanto como o que mina a energia intelectual, porque, se as faculdades superiores do homem não forem constantemente estimuladas e ativadas, tornar-se-á um miserável escravo da sensualidade ou do ceticismo, de então em diante incapaz de crer, de esperar ou de amar seja o que for, ardentemente.

Tal, o estado ordinário das raças em decadência, das civilizações que impendem para um ocaso fatal e das religiões moribundas. Quando os homens chegam a perder a faculdade de crer com uma fé viva em Deus e na alma, atiram-se à vida factícia ou fementida dos prazeres fáceis e vulgares. Anseiam pela posse do ouro e das honrarias, fiam-se em expedientes de ocasião, em combinações políticas, recorrem a alcavalas indignas e adoram todo o sol que nasce. A verdade, para eles, está sempre da banda da popularidade; o bem ideal, no êxito! Não tendo uma firme noção do Eterno e do Infinito, do poder e da bondade divina, só creem no poder da habilidade e da astúcia humanas.<sup>(T)17</sup> Desluz-se-lhes da mente que toda a verdade é ortodoxa, e que, por trás de toda a verdade, se encontram a verdade e o poder de Deus, patenteados,

As a kind word spoken for the love of God and man becomes religious, so a right spirit consecrates human action in whatever sphere.

“Whoever utters truth” says St. Augustine, “utters it by the aid of Him who is truth itself.” A devout and illumined spirit sees all things bound together in harmony and beauty about the feet of the Eternal Father. Knowledge confirms faith, and faith impels to knowledge. Religion nourishes morality, and morality strengthens and purifies religion. Art, in reflecting some feeble rays of the infinite splendor, opens vistas of the diviner life. Science in showing that order reigns everywhere, even in the midst of seeming discord, that all things are subject to law, gives us a clearer perception of God’s infinite wisdom and power. Material progress itself in making earthly things subject to human knowledge and skill, fulfils the will of the Creator who made all things for man.

**T**HUS science and art and progress, all conspire with religion to upbuild man’s being and to mould him into ever-increasing likeness to God. It is in religion, however, that the conquering might of the spirit is best revealed, and this of itself is sufficient to give it supremacy. It is not merely a world-view, a creed and a worship: but an original and historic manifestation in human life of the primal Power, which transforms and liberates. It is the breaking through of the inner source of being, of God, who reveals Himself to the lowly-minded and the pure of heart, as the beginning and end of all that exists; as the One Eternal Absolute, in whom and by whom and for whom all things are. The soul that is conscious that religion rests upon this everlasting foundation is not troubled by misgivings as to its truth or usefulness.

assim, nas leis da ciência, como na majestade das montanhas eternas e dos céus cravejados de estrelas.

2

Do mesmo modo que uma boa palavra pronunciada por amor de Deus e dos homens se torna, por este simples facto, religiosa, assim, igualmente, uma intenção reta santifica todo o ato humano, de qualquer natureza que seja.

5

“Todo aquele que pronuncia uma verdade”, diz o grande Bispo de Hipona, Santo Agostinho, “pronuncia-a pela graça de Deus, que é a verdade”.<sup>(E)12</sup> Um espírito generoso e esclarecido sabe ver todas as coisas unidas em uma harmonia e beleza perfeitas, aos pés do Eterno. A ciência confirma a fé, e a fé busca o estudo da ciência.<sup>(7)18</sup> A religião escora a moralidade, e a moralidade purifica e corrobora a religião. A arte, ao refletir alguns raios do esplendor infinito, emite clarões de uma vida superior, ao passo que a ciência, provando-nos que a ordem existe por toda a parte, ainda no seio de uma desordem aparente, e que tudo quanto existe está sujeito a leis fixas, fornece-nos uma percepção mais nítida da sabedoria e da onipotência divina. O mesmo progresso material, submetendo as forças do nosso orbe à ciência e à perspicácia dos homens, executa a vontade do Criador, que tudo fez para o homem.

10

15

20

Assim, a ciência, a arte, o progresso, conspiram com a religião para sublimar o ser humano e formá-lo cada vez mais à imagem e semelhança do seu Autor. É, todavia, na religião, que melhormente se manifesta o poder triunfante da inteligência, e isto, só por si, basta para estabelecer a sua supremacia. Não é somente uma concepção do mundo, uma crença, um culto, mas, ainda, uma manifestação original e histórica, na vida humana, desse Poder supremo que transforma e emancipa; uma manifestação do princípio íntimo da vida de Deus, em suma, o qual se revela aos pequeninos e aos simples, aos corações retos e puros, como o alfa e ómega de tudo o que é, o único e eterno Absoluto, em quem, por quem e para quem todas as coisas existem. A alma que se remonta a esta região sobranceira não tem nada mais a temer da dúvida.

25

30

35

---

2

It is God present in the innermost part of our being; it is Christ working with the Almighty Father to redeem man from subjection to the transitory and apparent, from the lust of the flesh, **from greed for what ministers to the senses alone**. Thus it is an independent world, a kingdom in itself, able to endure and to remain the same in the midst of an order of things that is forever changing and passing away. Whatever alteration may occur in the views of the intellectual, whatever decay or transformation of political and social institutions may take place, religion, the Catholic religion of Christ, shall abide, still endowed, after the lapse of however many ages, with its original freshness and vigor.

**A**S OUR faith in the Divine Master and in His work becomes more vital, more radically part of all our thinking and doing, **the more able shall we become to transcend the seeming contradictions and obstacles, from whatever source they spring**; the more clearly shall we perceive that our radical experiences and highest intuitions are in harmony with His truth, without which all life, however happily environed and attended, is inchoate, and meaningless; for if there is no possibility of a living union of the divine and human in the innermost depths of being, all hope and faith and love are vain, possession a torment, and knowledge a deceptive light that lures to destruction: and as the craving for redemption from death, the craving for immortal life becomes more deeply and livingly inwrought in human consciousness, the more shall we be brought to look on religion as our most essential need, as the soul of life, and the less shall we be willing to identify it with political institutions, or to degrade it to a means to worldly ends.

Religion shall be dear to us not chiefly because it comforts and consoles, not because it conserves and protects our temporal interests and possessions. We shall love it for itself, as that for which a man should be willing to sell all that he has: as the most price-

A religião é Deus habitando o mais íntimo do nosso ser, é Cristo trabalhando, com seu Pai celestial, em libertar o homem da escravidão às coisas caducas e superficiais, bem como dos apetites **ignóbeis** da carne. Assim compreendida, constitui, ela, um mundo independente e um reino que tem a sua vida própria e imutável em meio das coisas que mudam sempre e que passam. Pouco montam, as revoluções que se operam nas ideias do homem pensador; pouco monta, a metamorfose ou a ruína das instituições políticas e sociais: a religião católica de que Jesus foi o fundador permanecerá, rodados muitos séculos, sempre na posse da sua juventude e vigor originais.

Quanto mais viva for a nossa fé **sacerdotal** no divino Mestre e na sua obra, tanto mais aquela fará parte integrante dos nossos pensamentos e ação; tanto mais claramente compreenderemos, também, que as nossas experiências decisivas e transcendentais intuições se casam e harmonizam com a verdade divina, sem a qual a vida, por mais bela e bem preenchida que pareça, subsiste incompleta e vazia de sentido. Se, com efeito, a viva união entre o divino e o humano nas mais íntimas profundidades do ser é impossível, vazia é toda a esperança, toda a fé e todo o amor. A ciência torna-se **um tormento** e uma luz fermentada que nos conduz à perda daqueles grandes e inestimáveis bens. Pelo contrário, à medida que o desejo estuante da imortalidade penetrar mais fundamente a consciência humana, cada vez veremos melhor na religião a mais essencial das nossas necessidades e a própria alma da nossa vida, ao passo que cada vez menos pensamos em identificá-la com as instituições políticas<sup>(r)19</sup> ou rebaixá-la ao serviço de fins meramente temporais.

Então, o valor da religião consistirá menos, para nós, no poder que encerra de contribuir para a defesa dos nossos interesses e bens terráqueos. Amá-la-emos por si mesma, como uma coisa preciosa, pela qual o homem deve estar pronto a tudo vender para conseguir a sua posse, e

— less gift of God, the gift whereby He bestows Himself.  
2 Then again men of might shall learn to love us; kings shall  
come to offer homage, not with affected reverence or for  
selfish ends, but because they shall feel that in the Church  
5 there is an open fountain of life, of the life which, in their  
best moments, all feel to be the essential need of man.

10 **T**HEN above all the poor, the afflicted and the dis-  
inherited, who heard Christ gladly, and who have  
always loved His Church, when she has not been present-  
ed to them in some caricature, shall gather round us; feel-  
ing that in us the purest and tenderest love is wedded to  
the highest thought and the most certain knowledge; that  
the essential point is good-will and righteousness, that  
15 the creation of a right heart is the end of ends, compared  
with which the most splendid achievements of worldly  
knowledge and power appear theatrical and unreal, an  
unsubstantial pageant which dissolves and leaves not  
a wrack behind. From us they shall learn to understand  
20 that a man is worth what the things are worth which he  
knows, and loves and believes in with all his heart; that  
his life does not consist in what he possesses; that to be,  
is more than to own; that place and pomp and ceremony  
are superfluous where great souls live and act.

We shall be  
able to teach the multitude to look above and take new  
25 heart in a world which has never yet been theirs. We shall  
not walk as though we made apology, we shall not speak  
with bated breath, as though we feared lest the great  
world hear us; we shall know and be able to make men  
understand that the life which is guided and controlled  
30 by the ideas of truth, beauty and goodness, as these are

como o dom mais inapreciável de Deus, pelo qual Ele se dá a si próprio. Então, os poderosos aprenderão de novo a amar **o padre, ministro de tais bens pela ciência e pelo zelo**; os reis e os outros chefes de Estado virão prestar homenagem à Igreja, não com um respeito afetado ou fim interesseiro, mas porque compreenderão que nela se encontra a fonte da vida, dessa vida que todo o homem, nas suas horas de paz, reconhece ser a suprema necessidade da sua existência! Então, designadamente, os pobres, os enfermos, os aflitos, os deserdados deste mundo, que escutavam com a alegria na alma as suas palavras de Jesus, **luaradas de conforto e de amor**, e que sempre têm amado a sua Igreja quando não lha apresentaram debaixo de uma aparênciã toda desfigurada, agrupar-se-ão em torno de nós, tendo praticamente sentido que, em nós, **sacerdotes**, se consorciam a caridade mais terna e afetiva com as ideias mais elevadas e a ciência mais autêntica. Todos, então, compreenderão que o que é essencial é a boa vontade e a pureza dos intuitos, e que a formação de um coração justo é o alvo por excelência a que devemos apontar, entanto os triunfos mais maravilhosos da ciência e do poder humano, **acareados com aquela desejável formação**, são artificiais e ilusórios, como aparências que se desvanecem sem deixar vestígios. Aprender-se-á, de nós, que o homem não vale senão o que valem as coisas que sabe e ama, e em que crê com toda a sua alma; que as suas riquezas não constituem a vida; que *ser* é mais do que *possuir*; que a posição social, a pompa e etiqueta são supérfluas, lá onde vivem e operam grandes caracteres.

Achar-nos-emos, então, no caso de convidar as multidões a olhar para cima e a construir em si um coração novo, ao contato de um mundo que ainda não conheciam. Não exerceremos **o nosso ministério** como quem pede desculpa, não falaremos a meia voz, como se temêssemos que o vasto mundo oiça, porque saberemos, e poderemos fazer saber aos homens, que a vida que tem por guia enorme o Ideal da verdade, da beleza e da bondade,

2

revealed in Christ Jesus, possesses absolute and indefeasible worth.

5 As the great minds of the early Church sought their mental culture in the philosophy and literature of Greece and Rome, deriving from them, despite the errors by which they are disfigured, fresh vigor and new arguments wherewith to defend the faith, so shall we learn to find in the philosophy, literature and science of our own day, whose intellectual, moral and religious content is so much richer than that which gives value to the writings of the ancients, helps to higher education and wider views. The wise are willing to learn from every man, and the good convert what is evil to divine uses.

15 An empire must continue to conquer, or it shall be brought to ruin. A spiritual power must bring forth new things, or the old will fall into discredit. If we suffer ourselves to grow timid, if we become confused and hesitate, if we turn away from the foe instead of confronting him; how shall we hope to inspire confidence in our own sincerity, or in the righteousness of our cause?

20 If we would spread the faith, we must go forth into the world where men think and act; we must be prepared to meet all adversaries and to make reply to all objections.

25 We must think before we can think alike. We must strive to understand those who differ from us, for agreement is possible only when we understand one another. If it is a Christian's duty to have sympathy with men in their sins and miseries, can it be right to refuse sympathy to those who are in error? Are we not all weak rather than wicked; ignorant and blind

tal como se manifestou no nosso divino Salvador, Jesus Cristo, tem um valor absoluto e um preço imarcescível.

2

Assim como os grandes doutores da Igreja primitiva bebiam a cultura intelectual no estudo da filosofia e da literatura da Grécia e de Roma, colhendo desse estudo, sem embargo dos erros que maculam os escritos dos autores gregos e romanos, um ardor mais vivo e novos argumentos, para defenderem a fé, assim, no estudo da filosofia, literatura e ciências modernas, cuja substância intelectual é infinitamente superior à dos escritos antigos, convém que saibamos descobrir os elementos de uma educação intelectual mais cotada e as condições de um espírito mais largo. Os homens doutos **do clero** estão naturalmente dispostos a receber a instrução de todo aquele que lha pode devidamente ministrar, e os bons até do mal sabem tirar o bem.

“Se o Império”, **dizia Tácito**, “não estender as suas conquistas, principiará a declinar para a ruína.”<sup>(E)13</sup> Assim, também, deve um princípio espiritual engendrar e desenvolver de contínuo novas forças, sob pena de ver as antigas caírem em tal ou qual descrédito. Se nos intimidarmos, se parecermos confusos e vacilantes, se dermos costas ao inimigo, em lugar de lhe fazer rosto, como poderemos inspirar-lhe confiança na nossa sinceridade e na justiça da nossa causa?

Para semear a fé, é forçoso que entremos corajosamente no mundo em que os homens pensam e se agitam; forçoso é, também, estarmos mais ou menos aparelhados para medir-nos com os nossos adversários e refutarmos as suas objeções, **sob pena de traírmos a nossa missão sacerdotal.**

Esforcemo-nos bem por compreender os que não pensam como nós, pois o acordo não será possível senão quando nos compreendermos reciprocamente. Se é dever de cristão simpatizar, por um princípio fraternal e comiserativo, com os homens que vivem no pecado, será justo recusar a nossa compaixão aos que vivem no erro? Não é verdade, que, em geral, o homem é mais fraco do

—  
**2** rather than perverse? Let us draw closer together, let us believe in the good-will of the most, which is the essential good. If we are Catholic, shall we not first of all be Catholic in our love, in our readiness to accept all truth, and to do  
5 good to all men? The surest way to improve our fellows is to treat them as though they were what they should be.

It is our duty to make appeal to the best that is in man, to encourage all, individuals and peoples; to put whatever gifts God has bestowed upon them to the best uses.

10 **L**ET us not believe that a dead uniformity is the sovereign good. With St. Paul, let us recognize a variety of gifts, and be glad that it is possible to serve God and man in many ways. There was never yet genuine  
15 thinker, or poet, or artist whose work may not be brought, if we are strong and clear-sighted enough, to contribute to the cause of pure religion.

The theologian, the preacher and the apologist who are ignorant of the best that has been thought and said by the makers of the world's literature, can not have the culture, the intellectual vigor, the  
20 openness and pliability of mind, without which, short of miracle, it is not possible rightly to commend divine truth to an enlightened age. They whose vocation it is to be public teachers, to mould opinion and to direct thought, must have more knowledge, a wider outlook, a firmer  
25 grasp of spiritual realities than those whom they seek to enlighten and guide.

The deepest truth seems shallow when uttered by the frivolous; the holiest things seem to lose half their sacredness, when they are entrusted to the coarse and ignorant. It is not enough that the minister of  
30 religion have a pure and loving heart, a strong and disciplined mind: he must also have the breeding and culture

que mau, mais ignorante e cego do que perverso? Aproximemo-nos, pois, um pouco mais uns dos outros, e tenhamos fé na sinceridade, ao menos, de um grande número, porque é este um bem essencial. Se somos católicos, não convêm que o sejamos, antes de tudo, na nossa solicitude em aceitar toda a verdade e em fazer bem a todos os homens? A maneira mais segura de tornarmos melhores os nossos irmãos consiste em tratá-los como se eles fossem realmente o que devem ser.

O nosso dever é apelar, **nos nossos ensinamentos**, para o que há de mais nobre no homem, e estimular indivíduos e povos a fazer o uso mais assisado dos bens que de Deus receberam. Não imaginemos que a uniformidade inerte e apática seja o sumo bem. Mas, com S. Paulo, reconheçamos a variedade das aptidões, e congratulemo-nos de que seja possível servir a Deus e aos homens, **na esfera do bem**, por modos diversíssimos.<sup>(E)14</sup> Não há um pensador, um poeta, um pintor, um músico, cujo trabalho não possamos utilizar em prol da verdadeira religião, se formos perspicazes e hábeis.

O teólogo, o pregador, o apologista que ignoram totalmente o que disseram e pensaram os mestres modelares da literatura<sup>(E)15</sup> não podem ter a instrução, nem o vigor intelectual, nem aquela forma correta, aprazível e insinuante, sem as quais, a menos de um milagre, impossível é fazer aceitar benignamente a verdade divina a uma época de luz **e amante da forma literária**. Aqueles cuja vocação chama a ser mestres, a formar a opinião e a dirigir o pensamento devem possuir uma ciência mais desenvolvida, uma visão mais dilatada e uma noção mais definida das realidades de ordem espiritual, do que aqueles a quem se propõem elucidar e guiar.

Até a verdade mais profunda parece superficial quando sai de fúteis lábios, e as coisas mais sagradas perdem grande parte do seu caráter augusto ao serem confiadas a entendimentos brancos e néscios. Não basta que o ministro da religião tenha um coração puro e repassado de amor, um espírito firme e subordinado a uma sã dis-

— of a gentleman. Manners are not idle — they spring from  
2 inner worth — they are the flower of high thinking and  
plain living. Christ, it has been said, was the world’s first  
gentleman, and they who live and act in His spirit must be  
5 gentlemen.

If we build majestic temples, if we construct our altars of costly marbles, if our sacred vessels and priestly vestments are made of gold and silk and studded with precious stones, why shall not they who offer sacrifice and who preach the Gospel be required to  
10 be clean and decorous, fair and gracious? If it is vanity to speak with ease and elegance, to pronounce with correctness and distinctness, to read with right intonation and emphasis, then must we not say that it is vanity also to erect gorgeous edifices wherein to worship God who,  
15 as St. Paul says, may not be shut in houses made by human hands? If the priest is to be educated at all, he must receive the most thorough and complete education. He must trust wholly to grace, or he must spare no pains whereby endowment may be developed into faculty.

20 **T**HOMAS à Kempis speaks truth when he says that an humble peasant who serves God is better than a proud philosopher who, neglecting his own perfection, considers the course of the stars. But they who seek to know the best that is or may be known, need not  
25 therefore neglect their own perfection; while they who

ciplina, qualidades, aliás, tão necessárias! Porém, monta além disso, que o padre possua essa cultura cívica especial, própria do homem que vive no meio de uma sociedade civilizada e que constitui o *gentleman*. As maneiras corteses e distintas não são indiferentes; ao contrário, são, elas, a expressão da dignidade interior, e como que a flor de uma certa elevação mental e de uma vida reta. Observou alguém, que o Redentor dos homens foi o primeiro “gentleman” do mundo,<sup>(E)16</sup> por onde não é descabido que os que vivem e atuam conforme o espírito do seu Modelo sejam igualmente outros tantos “gentlemen.”

Uma vez que erigimos à Divindade templos majestosos, que construímos altares de mármore às vezes preciosíssimos, que os nossos vasos sagrados e os nossos paramentos sacerdotais são feitos de ouro e de seda, ou marchetados de custosas pedras, poderíamos, acaso, não desejar que os que oferecem o santo sacrifício eucarístico e pregam o Evangelho apresentem um certo ar de distinção até no seu vestuário, sempre aseado e correto, e nas suas maneiras, sempre dignas e suaves?<sup>(T)20</sup> Se fosse vaidade falar com facilidade e elegância, pronunciar articulada e gramaticalmente, ler com uma entoação inteligente e expressiva, ser afável, que não desabrido, não seria também vaidade, edificar suntuosos templos, para, ali, se adorar o Deus que, segundo a expressão de S. Paulo,<sup>(E)17</sup> não pode ser enclausurado em edifícios construídos por mão de homem? Mas, desde que se entende que a educação é necessária ao padre, importa subministrarlhe a mais acabada. Deve, pois, ou fiar-se exclusivamente na graça de Deus, o que seria necedade, ou não poupar esforços para desenvolver os seus dons naturais e transformá-los em faculdades operativas.

Diz acertadamente, o autor da *Imitação de Cristo*, que “um humilde camponês que serve a Deus na sinceridade do seu coração vale mais que um orgulhoso filósofo que, sem se importar com o seu aperfeiçoamento moral, estuda o curso dos astros.”<sup>(E)18</sup> Todavia, não é menos certo que desejar conhecer as belas obras da Natureza e dos

—  
2 are content with ignorance are necessarily careless of the true self. To labor in the right spirit, to strengthen and illumine the mind, is to strive to make one's self more like unto God, more capable of doing divine work. Does not  
5 the Saviour teach that they who make the best use of the talents confided to them receive the most gracious approval?

10 If God chooses the weak to confound the strong, He does not refuse the service of men of exceptional intellectual power and moral energy, as the calling of St. Paul proves. The supernatural transcends nature, but does not  
15 annul it, as God is transcendent and yet immanent. He is the power behind the material universe, as He is the power within the soul of man. Revelation can be made only to rational beings, and reason impels to the investigation of all that is intelligible.

To forbid men to think along whatever line, is to place one's self in opposition to the deepest and most invincible tendency of the civilized world. Were it possible to compel obedience from Catholics in  
20 matters of this kind, the result would be a hardening and sinking of our whole religious life. We should more and more drift away from the vital movements of the age, and find ourselves at last immured in a spiritual ghetto, where no man can breathe pure air, or be joyful or strong or free.

25 **T**HE young, who are the hope of the future, can be won and held only by the highest ideals, in the light of which they may thrill with hope, and feel that

**homens** não tolhe a própria cultura e perfeição **morais**, enquanto aqueles a quem uma vã ignorância satisfaz olvidam fatalmente o que devem ao exercício dessas faculdades anímicas que são o génesis do seu próprio aperfeiçoamento. Agir esclarecidamente e de jeito a fortificar e iluminar a inteligência não será esforçarmo-nos por tornar-nos mais e mais semelhantes à divindade, por onde, mais capazes de realizar em nós uma ação divina? Pois não é verdade, ensinar-nos, o Salvador, que reserva o seu mais benévolo acolhimento ao que melhor uso houver feito dos talentos que lhe foram confiados?<sup>(E)19</sup>

Se o Senhor escolhe muitas vezes o fraco para confundir o forte, também não enjeita, **e, mesmo, não de maravilha, admite positivamente**, a colaboração dos homens de uma inteligência e de uma energia excepcionais: haja vista a vocação de S. Paulo, **de Santo Agostinho, de S. Jerónimo, de S. Tomás, de Soares e de tantos outros.**<sup>(E)20</sup> O sobrenatural transcende a Natureza sem a aniquilar, do mesmo modo que Deus pode ser, a um tempo, transcendente e imanente. Ele é o poder oculto por detrás do mundo material e a força espiritual que atua dentro da alma humana. A revelação só pode ser feita a entes dotados de intelecto, e a lei do intelecto é buscar compreender o que é inteligível.

Traçar ao pensamento do homem balizas arbitrárias e caprichosas seria contrariar grandemente as tendências mais profundas e invencíveis do mundo civilizado. Ainda quando fosse possível impor aos católicos a obediência em tais matérias, quejanda tentativa indiscreta só daria em resultado minorar, ou, mesmo, paralisar, toda a vitalidade religiosa em nós. Insular-nos-íamos cada vez mais do movimento vital do século, para nos vermos de repente confinados num Gueto espiritual, sem ar, sem alegria, sem força e sem o bem dulcíssimo da liberdade, **este reflexo divino da dignidade humana.**

Os moços, que são a esperança dos tempos vindouros, só podem ser ganhos e retidos por um ideal elevadíssimo, cuja atraente luz os faça fremir de esperança e lhes

— 2 it is a blessed thing to be alive and active, to fight the good fight and, if needs be, to perish in a worthy cause.

To speak to them with contempt of what the nineteenth century has done, of its science and literature, of its truer knowledge  
5 of the past, its keener critical sense, its amazing progress in carrying out the divine command that all things be made subject to man, of the success with which it has battled against **ignorance**, poverty and disease, would be to fill them with contempt for ourselves, as being men  
10 without understanding and without heart. We must indeed warn them against pride and conceit and halfness and dilettantism, against irreverence and knowingness; but it were a fatal mistake to imagine that we can do aught but harm, by seeking to inspire them with a distrust  
15 of science and culture, or with a dread of their influence on religious faith.

We of all men should be able to walk with confidence in the paths of knowledge, for, in the matters of absolute and everlasting import we have an infallible guide to lead us. Since we are glad to receive  
20 money and to have the favor of men in high places to assist us in our spiritual work, how shall we be willing to lack the help of thoroughly disciplined and enlightened minds, to lack the power of thought which is the most irresistible force God has given to man?

entremostre que bem é, o serem vivos, e ativos, e combaterem o bom combate — *bonum certamen certavi* (como dizia o grande Apóstolo, na sua Epístola a Timóteo),<sup>(E)21</sup> e, se preciso for, morrerem por uma nobre causa.

Falar-lhes com desprezo da obra do século dezanove, da sua ciência e literatura, dos seus conhecimentos históricos mais exatos, da sua crítica penetrante e mais criteriosa, dos seus progressos assombrosos no cumprimento da economia divina, que quer que todas as coisas da ordem natural sejam sujeitas ao homem, ou, ainda, desdenhar do incontestável sucesso com que o nosso tempo tem sabido combater a pobreza e a enfermidade, seria chamarmos sobre nós o desprezo desses moços naturalmente sinceros e generosos na sua bela idade juvenil, e revelar-nos a eles como homens destituídos de inteligência e baldos de coração. Devemos, de facto, precatá-los contra o orgulho e a petulância, contra as noções superficiais e o diletantismo, a irreverência e a falsa ciência, que por aí blasona, dogmatiza e improvisa com tão pouca sisudeza e probidade, às vezes; porém, cairíamos num erro grave, se não julgássemos fazer mal insinuando no seu espírito a desconfiança sistemática para com a verdadeira ciência. O Deus da fé é também “o Deus das ciências”, conforme se exprime a sagrada Bíblia.<sup>(E)22</sup> Não o esqueça nunca, o ministro de Jesus Cristo.

Mais que ninguém, deveríamos, nós, palmilhar confiadamente os caminhos da ciência,<sup>(T)21</sup> visto como, em matérias de uma importância absoluta e eterna, temos, para dirigir-nos, um guia infalível, qual a autoridade da Igreja. Se, para sermos subsidiados nas nossas boas obras, não nos corremos, e antes folgamos, de receber um auxílio pecuniário dos aristocratas e dinheirosos, por que motivo nos privaríamos voluntariamente do apoio, ou das luzes, dos verdadeiros cientistas, que estão no caso, pelos seus aturados estudos, de nos esclarecer sobre certos assuntos, e por que renunciaríamos de boa mente à faculdade de pensar e raciocinar, que é o mais nobre poder concedido por Deus ao homem?

2

If we look upon theology as merely a system of crystallized formulas, as a science which need take no cognizance of the general culture of the age, content with presenting the old truths in the old way, as merely a larger catechism, with a more detailed exposition of definitions and refutations, we deprive it of power to influence men who are all alive with thoughts urgent as the growth of wings; who in the midst of problems which the new sciences raise and accentuate, have grown confused and begin to doubt whether human life shall not be emptied of its spiritual content.

All knowledges are related, as all bodies attract and help to hold one another in place: and if we hope to commend and enforce revealed truth with efficacious power, we must be prepared to do so in the full blaze of the light which research and discovery have poured upon nature and the history of man. If in consequence, we find it necessary to abandon positions which are no longer defensible, to assume new attitudes in the face of new conditions, we must remember that though the Church is a divine institution, it is none the less subject to the law which makes human things mutable, that though truth must remain the same, it is capable of receiving fresh illustration, and that if it is to be life-giving, it must be wrought anew into the constitution of each individual and of each age.

25

ONLY that is properly ours which is assimilated into our religious and moral life, by our own

Considerar a teologia como um simples sistema de fórmulas cristalizadas, ou como uma ciência que não tem necessidade, alguma, de se pôr em contato com a cultura geral dos tempos de agora, e se contenta com expor velhas verdades em velhas fórmulas; não ver na teologia mais do que um catecismo desenvolvido, e apenas abastecido de definições e sub-definições, divisões e subdivisões e respostas a objeções, é esbulhá-la da sua força de ação sobre os homens que um pensamento imperioso soergue e arrebatava nas suas asas, e que, perturbados por tantos, tão novos e difíceis problemas, começam a interrogar-se, entre si, com a alma transida de dúvida e ansiedade, se a nossa vida não vai em breve ser evacuada de todo o conteúdo espiritual.

Não há conhecimento que não se ligue a outro, do mesmo modo que não há corpo que não tenha com outro uma certa coesão, causada pela atração, e se não mantenha respetivamente no lugar que lhe compete, em virtude dessa mesma atração. Se quisermos fazer aceitar com mais eficácia a verdade revelada, não deve, **a nossa apologia católica**, temer o clarão cintilante que as investigações e as descobertas têm projetado sobre a Natureza e a história do homem. E, se entendemos necessário desertar velhas posições, tornadas insustentáveis, para adotar uma nova atitude perante as novas condições **do ambiente social que nos rodeia**, devemos bem recordar-nos, **ministros de Jesus Cristo**, de que, posto que a Igreja seja de instituição divina, nem por isso deixa de estar sujeita, **na mente do seu divino Autor**, à lei que exige que todas as coisas humanas evoluam; e, bem assim, devemos recordar-nos de que a verdade, subsistindo a mesma e inalterável através dos tempos, presta-se também, através deles, a novas explicações, **a novos e inesperados desdobramentos**, sendo certo que, para permanecer fecunda, há de, ela, adaptar-se ao feitio e ao carácter de cada século.<sup>(T)22</sup>

Partamos do princípio de que só possuímos propriamente o que inoculamos na nossa vida religiosa e

— 2 thinking, praying and doing. What we hold but formally, is as a garb which may be thrown aside as easily as it is assumed. The soul, like the body, needs to be nourished and refreshed ceaselessly, or it becomes enfeebled and falls into apathy. Only those are sources of spiritual power and influence who continue to drink from the great fountain-head of truth and goodness. Hence the best education, that which, whatever the method or process, we should always and above all seek to give, is the education which creates within the soul a quenchless thirst for knowledge and righteousness. Our young men when they leave our schools cease to be self-active, and become helpless because we have failed to inspire them with a divine discontent, an ever-present yearning for higher wisdom and worthier action. If we are to hope for improvement in this all-important matter, we must begin by providing our colleges, seminaries, universities with a body of thoroughly trained and cultivated teachers. Every animal begets its like — the strong call forth strength, the loving inspire love, they who continue to grow, awaken in others a desire for ceaseless growth.

25 **O**NE of the five wounds of the Church, as Rosmini sees them, is the inferior kind of professors to whom we entrust the training of those who are to be the guides, instructors and models of the multitude. Things have hardly improved since his day. Those who hold chairs

moral, já pelo pensamento, **já pelo estudo**, já pela oração, já pela nossa ação pessoal. Aquilo que não penetrou em nós e, por assim dizer, nas veias do nosso sangue; aquilo de que só recebemos maquinalmente a forma, pode ser comparado a um vestuário que despimos tão facilmente como facilmente o vestíamos. A alma, bem como o corpo, há mister de ser alimentada, e de contínuo restaurada, senão, anemiza-se e morre. Quer isto dizer que só emana uma força espiritual e uma influência efetiva daqueles que não cessam de beber à fonte da verdade e da bondade. Conseqüentemente, a melhor das educações, aquela que, antes de tudo, acima de tudo e sempre, deveríamos buscar inserir **nos jovens candidatos ao sacerdócio, que enxameiam nos nossos seminários**, é a educação que faz nascer em nossa alma uma sede inextinguível de saber, **desse saber segundo Deus, tão profícuo à eficácia do nosso ministério** e de uma virtude **não aparente e só exterior, mas que se apodere de todo o nosso ser moral**. Geralmente, os estudantes, ao largarem as nossas escolas, mostram-se quase totalmente incapazes de uma iniciativa individual **no sentido do bem**, porque não soubemos meter-lhes lá no fundo do coração este tormento divino que procede da necessidade e do hausto insaciável de uma ciência mais alta e de uma atividade mais intensa. Desejemos que se opere uma reforma positiva nesta grave questão da educação, começando por dotarmos os nossos colégios, e, **mais que tudo**, os nossos seminários, de um núcleo de professores solidamente aparelhados de ciência e virtude. Todo o ser gera outro a si semelhante: o forte produz a força, o que ama inspira o amor e o que não cessa de ascender **através dos formosos degraus da verdade e da luz** desperta nos que o escutam o desejo de um desenvolvimento progressivo.

“Uma das cinco chagas da Igreja”, disse Rosmini, **o grande filósofo italiano e cristão**, “é a inferioridade, ou a **inframediocridade**, dos professores a quem é cometido o mister de formar os que um dia serão os guias, os mestres e os modelos dos povos!”<sup>(E)23</sup> Mal progrediram as coisas

—  
2

in our institutions of learning still lack the best pedagogical knowledge and skill; still lack thorough acquaintance with the best philosophic, theological, scientific and literary thought of the age. They lack the wisdom which only  
5 long and deep experience of life can give; they are, with few exceptions, still insufficiently remunerated and still look longingly to the time when they shall be permitted to take up some other kind of work.

To make the situation worse, there is a tendency to confine clerical education exclusively to the seminaries, the result of which  
10 must be a lowering of intellectual and scientific culture in the priesthood. "The Church," says Cardinal Hergenröther, "could not give greater pleasure to its deadly enemies than by destroying the theological faculty of any university, or by calling away from it its ecclesiastical students."  
15 In the days of their greatest power, the Popes deemed it a privilege and an honor to foster and protect the universities which have had so great a part in creating our Christian civilization. What was good and necessary in an  
20 age of comparative ignorance is even more desirable and indispensable in our own, in which education has become the most potent factor in the world's progress, in which our manifold and ever-growing science has placed in our hands new and undreamed-of forces wherewith to direct  
25 and control political, social and economic life.

**T**HERE is nothing now that is not investigated and discussed, **nothing that is not called in question,** nothing that is not considered from every point of view. We know vastly more than the Alexandrine, Cappadocian and Antiochene doctors, who built the foundations  
30 of theological science; more than St. Augustine and St. Jerome; more than Alcuin and Scotus Erigena, more than the great Masters of Scholasticism, who were almost wholly unacquainted with the Christian literature of the  
35 second and third centuries, who had little Hebrew and Greek, and but an imperfect knowledge of Aristotle him-

de então para cá. Aos que lecionam nos nossos colégios e seminários, falece, muitas vezes, a experiência da vida, a habilidade pedagógica e o conhecimento dos melhores trabalhos do nosso tempo em questões de filosofia, teologia, ciência e literatura.<sup>(T)</sup><sup>23</sup> Será necessário acrescentar que, salvas poucas exceções, são tão mal remunerados, que dificilmente podem considerar como definitiva a sua situação?<sup>(T)</sup><sup>24</sup>

É permitido deplorar igualmente a nova tendência que quereria limitar a educação eclesiástica à que dão os seminários, sem outro curso universitário, com risco de abaixar, assim, o nível da cultura intelectual no clero. “A Igreja”, diz o Cardeal Hergenröther, “não poderia satisfazer mais à feição os seus inimigos figadais do que suprimindo as Faculdades de teologia nas Universidades, ou afastando delas os estudantes eclesiásticos.”<sup>(E)</sup><sup>24</sup> No tempo do seu maior poderio, tinham, os Papas, por glorioso privilégio, e honravam-se de criar e sustentar, essas universidades, que quinhoavam em tão larga escala a difusão da civilização cristã. Ora, o que era bom e necessário numa época de ignorância relativa, mais desejável e indispensável é ainda nos nossos dias, em que a educação se tornou o mais pujante fator do progresso, e em que a nossa ciência, de mil ramificações, nos pôs nas mãos novas alavancas, antes totalmente desconhecidas, para orientar e competentemente poder verificar o movimento político, económico, moral e social no mundo que habitamos.

Nada existe, hoje, que não seja explorado no campo da ciência, que não seja examinado debaixo de todos os pontos de vista possíveis. Por sem dúvida, somos, agora, obrigados a saber, e sabemos, mais que os doutores de Alexandria, Capadócia ou Antioquia, que assentaram os primeiros alicerces da ciência teológica; mais que Santo Agostinho e S. Jerónimo, mais que Alcuíno e Scottus Eriugena, mais, enfim, do que os grandes mestres da antiga escolástica. Estes ignoravam quase em absoluto a literatura cristã do segundo e terceiro séculos (em que, posteriormente, se fizeram admiráveis escavações, e se

— 2 self, whose philosophy formed the groundwork of their  
teaching. The ancients belong to the world's youth, while  
we are old with the wisdom and science which the expe-  
rience, the research and study, the defeats and victories  
5 of thousands of years have brought us. We have not only  
greater knowledge than they, but we have developed a  
critical and historical sense which they had not, and which  
gives the student a clearer view of the meaning and con-  
tent of Scripture, of the development and history of the  
10 Church than hitherto it has been possible to have.

It were idle to deny that the mighty  
movement by which the age is impelled is not a men-  
ace to much that is precious — nay, of vital and absolute  
worth. The uttermost truth, we are told, is sad. God is a  
myth, and consciousness a curse; or, in another mood it  
15 is affirmed that nothing can be known save what we see  
and touch, and that our first and only duty is so to shape  
the world that it shall be well with us here, for there is  
no reason to think that there is another and better life.  
The Eternal is but a stream of tendency, whose general  
20 drift seems to associate right conduct with happiness. No  
voice from heaven has ever spoken, and the divinest truth  
we know is that which genius utters. We are under the  
fatal sway of a mechanical universe, and free-will is a de-  
lusion.

encontraram tesouros de conhecimentos arqueológicos); pouco sabiam do grego e do hebraico (sobre os quais, existem, hoje, monografias tão importantes, originárias da Inglaterra e da Alemanha); só tinham um conhecimento imperfeito de Aristóteles, bem que a sua filosofia constituísse, então, a base dos seus ensinamentos escolásticos. Não deve, isso, causar admiração, porque os antigos estavam, como tais, na infância do mundo e da ciência, ao passo que nós, hoje, somos velhos, por toda a sabedoria e por toda a ciência que a experiência, as investigações, o estudo aturado, as derrotas e as vitórias alcançadas nos páramos da verdade, durante milhares de anos, foram adensando e nos foram legando. Mais: não somente a nossa ciência é maior que a dos nossos pais, mas ainda temos desenvolvido o senso crítico e histórico, que, neles, escasseava (pois pode-se afirmar que a crítica histórica é uma coisa toda moderna), e que dá ao estudante, sobre a significação e o conteúdo da Escritura Sagrada, sobre a expansão da Igreja ao longo dos séculos e sobre a sua história, vistas e horizontes mais claros do que nunca teve até hoje.

Seria inepto, negar que o poderoso movimento que arrebatou o nosso século na ânsia dos conhecimentos que têm por objeto exclusivo a matéria, com pronunciado e triste desprezo por tudo o que a ultrapassa, não seja uma espécie de estorvo ameaçador para muitas coisas de alta valia, e até de um preço vital absoluto. “A verdade suprema”, dizem uns, “é desoladora: Deus é um mito, e a consciência uma maldição.” “Nada é suscetível de ser conhecido, senão o que se vê ou apalpa”, afirmam outros, “e o nosso único dever consiste em amoldar este mundo por forma que, nele, vivamos confortavelmente, uma vez que não há razão alguma para esperarmos outra e mais feliz existência. O que chamamos — o eterno — é apenas a resultante de um esforço geral para o acordo da virtude com a ventura.<sup>(E)25</sup> Nenhuma voz do céu falou até hoje, e a verdade mais divina de que tenhamos notícia é a que o

Hence some turn to the worship of Mammon, and some to that of the goddess of lubricity, while the great multitude are losing hold on eternal things and are wandering aimlessly, without God and without hope. Here men fall into indifference and formal observance; there they  
5 follow credulously every advocate of a new belief. No opinion is too shallow or too absurd to gain adherents; no scheme too visionary or too fantastic to win helpers. As the world is filled with advertisements of remedies for all bodily ills, so on every side, men come forward with panaceas for all our political, social and moral diseases. In the midst of the universal  
10 confusion we are ready, like the ancient Greek, to cry to God to come to teach and deliver us.

IS IT possible to look on the great, eager, yearning, doubting and suffering life of man, and not to feel infinite desire to be of help? Can we believe in our inmost  
15 being, that we have the words of eternal life, and not be roused as by a voice from heaven, from our indifference and somnolence, from our easy contentment with formal education and half knowledge?

We do not need new devotions and new shrines, but a new spirit, newness of life, a revivification of faith, hope and love, fresh  
20 courage and will to lay hold on the sources of power, that we may compel all knowledge and science to do homage

gênio faz ouvir; estamos sob o império fatal de um universo mecânico, e a liberdade não passa de uma ilusão”.<sup>(E)26</sup>

2

Eis o motivo por que uns se entregam ao culto degradante de Mamona, e outros ao culto, não menos degradante, da volúpia, com todo o seu cortejo infame, enquanto as multidões menos ilustradas vão perdendo, a pouco e pouco, a noção das coisas eternas, e se agitam, errantes, sem fé, sem esperança, sem alegria, sem alvo e sem Deus! Aqui, vemos homens caindo na indiferença ou no formalismo, e além, seguindo crédula e caprinamente os apóstolos das ideias novas, por excêntricas que sejam. Com efeito, não há opinião, por oca e mesmo absurda, que não encontre adeptos, nem plano quimérico e fantástico que não descubra dóceis colaboradores. Do mesmo modo que o mundo anda inundado de anúncios e reclamações espantosas de elixires que têm a virtude de curar todos os males físicos, assim surdem de toda a parte sabichões de obra grossa, alforjados de panaceias infalíveis para curar cada uma das nossas enfermidades políticas, sociais ou morais; e, no meio desta confusão geral e ensurdecidora, sentimos como que a necessidade de clamarmos a Deus, à semelhança dos antigos gregos, para que venha em pessoa instruir-nos de novo e emancipar-nos do seio deste dédalo.<sup>(T)25</sup>

De facto, será possível contemplar a profunda miséria moral, o estado de dúvida e de sofrimento que mina a existência da pobre humanidade sem experimentar um anseio infinito de vir em seu auxílio? Podemos, nós, crer, das veras da alma, que possuímos as palavras da vida eterna, e não nos arrancarmos resolutamente, como por uma voz do céu, à nossa indiferença e sonolência? Poderemos resignar-nos a uma educação toda exterior e a um saber todo superficial? *Sursum corda!*<sup>(E)27</sup>

Não é de novas devoções, nem de novos relicários, que carecemos: é de outro espírito, de outra vida, de um despertar enérgico de fé, de esperança e de amor; finalmente, de uma vontade mais corajosa de nos apoderarmos das fontes de onde procede em grande parte

— 2 to Christ, and to serve in the noblest way all God's children. We must be resolved to labor to see, not only things as they are, but ourselves too as we are. **Where self-criticism is lacking, whether in individuals or in social aggregates, decay and degeneracy inevitably set in.**

5  
10  
15  
20  
If there are true and wholesome developments of life and doctrine, there is also a false and morbid evolution, against which we must be ever watchful. Ceaseless vigilance is not the price of liberty alone, it is the price we must pay for all spiritual good: and how shall we be ever vigilant, if we are forbidden to criticise ourselves **and the environment by which our life is nourished and protected.** As walking is a continuous falling and rising, so all progress is an upward movement through error and failure toward truth and victory. As the decay of races, the ruin of civilizations, the downfall of states, are seen in the end to be helpful to the progress of mankind, not perishing wholly, but contributing something of their vital substance, to those that follow; so the history of human thought shows that while systems rise and pass away, even the errors of sincere and original minds, associated as they are with truth, aid in some way, the general advancement of knowledge and culture.

25  
30  
All things work together for those who love God. Action may not be dissociated from thought, nor thought from action. Doubt is overcome, not by abstracting and arguing, but by doing the thing which is given us to do. The intellect is not the centre and soul of life; and knowing is not the whole of being. Faith is not a conclusion from a line of reasoning. We can not bind our destiny to the conquest of the mind. We have power to think, but our chief business is to act: and therefore we must forever and forever fall back on faith, hope and love, and

o nosso poder moral, **como sacerdotes**. Será assim, que levaremos toda a ciência a prestar homenagem ao grande Redentor dos homens, e que conseguiremos, pela forma mais nobre, servir os filhos de Deus, **como ministros de Deus que somos**. Devemos esforçar-nos decididamente por ver não só as coisas como elas são,<sup>(E)28</sup> mas por ver-nos, a nós mesmos, tais como somos.

Se a vida e a doutrina são suscetíveis de um desenvolvimento normal, cumpre, por outro lado, precaver-nos contra uma falsa e mórbida evolução. Uma vigilância incessante, eis o preço por que devemos comprar a liberdade, bem como todo o bem espiritual. Ora, como poderemos ser sempre vigilantes, se nos é proibido criticar-nos?

Do mesmo modo que, na deambulação, o pé se abaixa e levanta de contínuo, assim todo o progresso é um movimento ascensional, através de erros e faltas, para o triunfo da verdade. Verificado está, que a decadência das raças, que a ruína das civilizações e que o ruir dos impérios concorrem, em última análise, para o progresso da humanidade, por isso, que nada fenece inteiramente e que a substância vital do que era contribui para edificar o que será. Assim, a história do pensamento humano prova-nos que, ao passo que os sistemas emergem e desaparecem, os próprios erros dos espíritos realmente originais e sinceros, caldeados com a verdade, podem, indiretamente, concorrer, em dose maior ou menor, para o incremento da cultura intelectual e da ciência.<sup>(T)26</sup>

Tudo conspira para o bem de quem ama a Deus. Não pode, a ação, ser separada do pensamento, nem o pensamento da ação, e não é por abstrações e argúcias, que sortiremos sopear a dúvida, mas fazendo exatamente o que temos a fazer. A inteligência não é o centro e a alma da vida, e o saber não constitui o homem inteiro. A fé não pode ser o resultado mecânico de uma série de raciocínios, e não podemos encadear exclusivamente o nosso destino às conquistas do espírito. Se, de facto, possuímos o admirável poder de pensar, contudo, o nos-

— 2 on the conduct they inspire, or we shall be driven forth into the regions of mere speculation, into a dreary world of empty forms.

5 **N**EVERTHELESS, in an age like the present, the doctrines of revealed religion can be rightly presented and enforced by those alone who know philosophy and science, history and literature.

**H**ENCE the education which once may have sufficed, is no longer sufficient.

10 The old controversy between Catholics and Protestants has, to a large extent, lost its meaning, because problems of more radical import have forced themselves on our attention. In the presence of the criticism to which the Bible is now subjected, we are less concerned to show that it is not an adequate rule of faith, than to defend its authenticity and inspiration. The discussion of its dogmatic teaching, which, without an infallible authority, can never be satisfactorily concluded, is giving place to a more earnest desire to make ourselves acquainted with the spirit and life that breathe in its pages. Too long have we all, Catholics and Protestants alike, busied ourselves with disputations about the meaning of texts, while we have drifted away from the all-tender and all-loving Heart of Christ! We have been too eager to make the Scriptures a pretext for argument and contention, and have forgotten the love by which alone men may know that we are the followers of Him who died for all. The Bible, considered as a rule of faith, has been so misused, that many of us have lost sight of its divine use as a book of religious education, as a book of life, of the highest, holiest and most blessed life.

so negócio capital é agir, e, para agir convenientemente, importa que nos estribemos sempre, e outra vez sempre, na fé, na esperança e na caridade, prestes a seguirmos a linha de proceder que estas nos ditarem; sem o que nos veremos arrastados, através das regiões da pura especulação, aos domínios glaciais das formas estéreis e vazias de todo o sentido.

Pelos tempos que correm, as doutrinas, **a nós tão queridas**, da religião revelada não podem ser competentemente expostas, nem seriamente demonstradas **ao público dos intelectuais**, senão por indivíduos bem preparados **nos seminários e no gabinete particular do estudo**, que conheçam assaz a filosofia e **algo das ciências**, a história e a literatura. Eis o motivo por que a educação que noutra hora bastava já não basta hoje.

A grande controvérsia travada entre católicos e protestantes tem consideravelmente perdido a sua razão de ser, desde que se impuseram à nossa atenção problemas de uma importância mais fundamental. Em presença da crítica a que estão atualmente sujeitos, os sagrados Livros, devemos esforçar-nos não tanto em demonstrar que neles não se encontra uma regra de fé *adequada*, como em defender a sua autenticidade e inspiração. A controvérsia acerca do ensino dogmático destes livros, que, sem o veredito de uma autoridade infalível, nunca poderá ser dirimida por forma satisfatória, deve, **em certa medida**, ceder o lugar a um desejo mais imperioso de nos penetrarmos do espírito e da vida que resumbram daquelas páginas divinas. Por tempo demasiado, nos absorvemos, tanto católicos como protestantes, em disputas encarniçadas sobre o sentido dos textos bíblicos, ao mesmo passo que nos afastávamos do coração infinitamente materno e amante do nosso Redentor, Jesus. Temos despendido sobejo ardor em fazer da Sagrada Escritura pretexto para polémicas e argumentações, e, infelizmente, em contrário a isto, negligenciado o amor ou, antes, “a caridade cristã, pela qual os homens reconhecerão se somos os discípulos de Aquele que por todos nós morreu.”<sup>(E)29</sup> **Estas palavras**

**N**O MERELY human writings, however pious, devout, enlightened and profound their authors may be, can take the place of the Sacred Scriptures, of the words of the Holy Ghost Himself: and the more this fountain-head of religious inspiration is neglected, whether by  
5 priests or laymen, the more shall we sink into mere forms and observances, into a mechanical and lifeless worship, into casuistical inquiries into what is or is not permissible, the tendency of which is to narrow minds, to deaden  
10 consciences, **and to make us oblivious of the fact that the sacraments themselves require right dispositions in the recipients.**

Where such a temper prevails, where religiosity is substituted for religion, conscience loses its meaning as God's primal and most authentic voice, character is undermined, and individuals and peoples degenerate and are brought to ruin. The preacher ceases to  
15 have faith-inspiring, life-giving power, and contents himself with commending ceremonies and practices, or with the commonplaces of moral homily, unable to find words  
20 which well from the innermost parts of his being, where God speaks to the soul and enforces the message it utters. The great truth that Christian piety is fostered rather by the prevalence of spiritual ideas than by the predominance of ecclesiastical persons, no longer determines our  
25 course of action.

foram proferidas pelo homem-Deus, ao pregar aos seus discípulos. Tem-se abusado tanto da Bíblia, considerando-a como regra de fé,<sup>(r)27</sup> que muitos têm chegado a perder de vista o uso divino que se deve fazer das Escrituras, como livro de educação religiosa, como livro de vida, e da vida mais alta, mais santa e mais fecunda.<sup>(r)28</sup> 5

Nenhum escrito humano, queridos colegas no presbiterado e interessantes candidatos à dignidade sacerdotal, nenhum escrito humano, por mais piedoso, por mais ascético, luminoso e profundo que seja o seu autor, pode substituir o livro de Deus, redigido sob a inspiração ou assistência do Espírito Santo, livro absolutamente incomparável, que não fala como os outros livros e que, como espada viva de dois gumes, cala e penetra até aos mais íntimos seios da alma, para consolar-nos, fortificar-nos e iluminar-nos, sendo certo que, quanto mais esta fonte da inspiração religiosa for negligenciada, quer pelos presbíteros, quer pelos leigos, tanto mais cairemos nas observâncias puramente formalistas, num culto maquinal, sem vida alguma, e nas investigações da casuística sobre o que é, ou não, permitido; tendências que disparam no acanhamento do intelecto e na falsificação da consciência. 10 15 20

Lá, onde dominar um tal estado de espírito, lá, onde a devoção se substituir à sólida religião, aí, a consciência cessa de ser a voz principal e mais segura de Deus, em nós; os caracteres estiolam-se e os indivíduos, como os povos, degeneram, até à sua ruína; o pregador evangélico perde o poder de inspirar a fé e de comunicar a vida; contenta-se com ordenar cerimónias e pias práticas, ou com repetir por forma de ofício lugares comuns de homílias morais, incapaz de encontrar em si esse verbo que jorra das profundezas de uma alma de padre, quando, através do órgão humano, é Deus quem fala aos espíritos e aos corações. Bastante esquecemos, no conjunto do nosso proceder, esta grande verdade, que, para adquirir a genuína piedade cristã, importa mais orientarmo-nos pelas ideias da fé, e deixarmo-nos dirigir por essa voz interior de Deus que fala à nossa alma, do que pela mão de um 25 30 35

**N**OT at the altar, or in the pulpit, or in the confessional alone, must the priest be prepared to show himself as Christ's minister: he should possess the breeding and culture needed to make him a leader in all spiritual movements, whether for wider knowledge, or larger liberty, or sweeter and purer life. On whatever subjects are of vital import to human welfare, the people should be willing to hear him, as the multitude flocked to the Saviour, not in the synagogue, but on the sea-shore and the hillside, and in the desert, to drink eagerly the words of life. In giving his countenance and aid to the cause of temperance, of public morality, of law and order, in laboring to uplift the poor, to do away with political corruption, to secure the enforcement of the principles of sanitation and hygiene, and thereby to help prevent the spread of contagion and pestilence, in seeking to correct the abuses of the theatre, and to restrain the license of the press, in striving to promote good-will and Christian charity by cooperating with his fellows in worthy enterprises, whether or not their creed is his own — in all this he works with God for the welfare of men. If it is part of Christian duty to give alms, to build hospitals and asylums, to instruct the ignorant and to counsel the doubting, it is not less so, to seek out with diligent industry and patient research, the means whereby sin and misery and poverty may be prevented.

padre, às vezes bem pouco competente, a quem obedecemos passiva e maquinalmente, com quebra, não raro lesiva, dos nossos interesses espirituais.

De resto, não é só no altar, no púlpito ou no confessional, que o padre digno deste nome deve estar em estado de mostrar-se um discípulo benemerente de Jesus Cristo: cumpre, além disto, que possua a educação e a cultura necessárias para tornar-se um bom guia em todo o movimento intelectual e moral que tende a desenvolver a ciência, a aumentar a liberdade ou a tornar mais suave e pura a nossa vida. Em tudo o que se refere essencialmente à prosperidade geral, deveriam, os cristãos, estar sempre predispostos a consultar o padre, como, de antes, na era messiânica, as multidões se agrupavam em torno do Salvador, para ouvi-lo, não nas sinagogas, mas à beira-mar, na escarpa das colinas e até em pleno deserto, sedentos de beber a largos tragos as palavras de vida de Jesus. Preste, o padre, com toda a boa vontade, o seu valioso auxílio à causa de temperança,<sup>(†)29</sup> da moralidade pública, da lei, da ordem **e do respeito à autoridade**. Cure seriamente de levantar, quanto possa, o pobre, **da sua penúria alagada de lágrimas**, e de combater a corrupção política; difunda as noções de boa higiene e salubridade, para atalhar a invasão dos contágios e epidemias no país onde habita; trate de corrigir os abusos do teatro e de restringir, quanto em si caiba, os desbocamentos da imprensa; empregue-se, finalmente, em suscitar a boa vontade e a caridade cristãs, pela sua cooperação nas empresas verdadeiramente uteis à comunidade social, quaisquer que sejam as crenças dos seus promotores. Desta arte, **não só captará a simpatia pública, sempre proveitosa ao seu ministério, senão ainda, o que é mais**, trabalhará positivamente, com Deus, para o bem-estar da humanidade. Se é um dever, para o cristão, dar esmola e erigir hospitais e asilos, instruir os ignorantes, esclarecer os pobres entendimentos, ilaqueados pela dúvida, também o é buscar descobrir, com zelo hábil e pacientes esforços, a pobreza, a miséria, os males morais, para os minorar.

---

2

THE priest best commends his sacramental power and authority, not by emphasizing it, not by calling attention to it, but by leaving nothing undone whereby he may make himself a true, noble and helpful man; by so ministering in all things that men shall see in him a follower of the mild, meek and serviceable Master; a child of the Eternal Father, who is all-wise, all-strong, and all-loving. He may not confine himself within monastic walls, may not rest content with a culture and discipline that are merely theological and ascetic: he must go forth into the great world as a guide and leader—into the world that is controlled by opinion, dominated by aims and ideals, which it is his business to bring more and more into harmony with the truth and love revealed in Christ. He must know that to win men, we must have sympathy with them; that to gain their goodwill and confidence, we must make them understand and feel that we are able and eager to help them. So only shall it come to pass that laymen shall again take an active interest in the welfare and progress of the Church, and again find it possible to cooperate with the priesthood in whatever may in the welfare and progress of the Church, and shall again find it possible to cooperate with the priesthood in whatever may further the cause in religion and civilization.

25 I HAVE spoken of what is required of Catholics in the present age, from the point of view of an American Catholic. This point of view, it seems to me, is that which is, or should be, taken in the English-speaking Catholic world; for in every part of the earth where English is the language of the people, there is a similarity of political, social and religious conditions, so far at least as Catholics are concerned. In the ever-widening domain of the British Empire, in the ever-growing territory of the American Republic, democracy is triumphant; and in all these vast regions, with the exception of the Anglican Establishment, which is an anomaly, confined to England, there is a separation of Church and State; a separation which those who are competent to judge recognize as permanent.

Não será exagerando ou intimando a sua vontade, em relação à receção dos sacramentos, que o sacerdote os fará melhor aceitar dos fiéis, porém, sim, não omitindo nada do que pode torná-lo um homem verdadeiramente nobre e útil, ocupando-se de todos os misteres da sua profissão, por forma a revelar-se, no exercício destes, um legítimo discípulo do seu divino Mestre, tão bom, tão benigno, pacífico e serviçal, e um filho de Deus, infinitamente sábio, forte e amoroso. Não convém, pois, que se enclausure por detrás das paredes de um convento, nem que se contente com uma cultura *exclusivamente* teológica, ou uma disciplina ascética; importa, ao invés, que se lance como guia, ou como *leader*, nesse vasto mundo que a opinião conduz, e onde dominam um fim e um ideal que nos pertence harmonizar mais e mais com a verdade e o amor manifestados na pessoa do homem-Deus. Deve, o padre, compreender bem e saber que, para conquistar os homens, há de simpatizar com eles; que, para ganhar-lhes a boa vontade e a confiança, há de fazer-lhes sentir que não só é capaz, mas ardentemente desejoso, de os socorrer. Só então os seculares se interessarão de um modo ativo na prosperidade e no progresso da Igreja; só então cooperarão com o clero, para tudo o que serve a causa da religião e da verdadeira civilização.

Até agora, palestrei do que se deve esperar dos católicos nos tempos de agora, colocando-me no ponto de vista de um católico americano. Mas estou em que este ponto de vista é, ou deveria ser, o de todos os povos em que se fala a língua inglesa, porque, nestes, há de haver, naturalmente, toda a eficácia nas condições da vida política, social e religiosa; quando menos, no concernente aos católicos. Nos domínios sem cessar mais vastos do império britânico, como nos territórios dia por dia mais extensos da República americana, a democracia triunfa. Em todas estas dilatadas regiões, se excetuarmos a Inglaterra, existe a separação entre Igreja e o Estado; e, conforme o testemunho de pessoas competentíssimas, duradoira tem de ser esta separação. Em todas essas regiões por

—  
2 There is everywhere freedom to write, to publish, to discuss, to organize; and there is no subject of thought, no sphere of action, no interest which it is possible to fence about and shut in from the all-searching breath of liberty.  
5 This condition of things exists; every influence maintains and strengthens it; and so far as we are able to see, it does not appear that any earthly power can change or destroy it. It is a state of things English-speaking Catholics accept without mental reservations, without misgivings,  
10 without regrets, which are always idle; and the common rights which are ours in the midst of a general freedom, have stirred in us an energy of thought and action, which have led to triumphs and conquests that have not been achieved by Catholics elsewhere in the wonderful century  
15 that is now closing, or already closed.

A hundred years ago those who spoke English did not count at all in the Catholic Church. They were few, poor and ignorant. Their fathers had held to the old faith at the cost of all the earthly things that men most seek and cherish. In  
20 England they were a handful, forgotten and forgetting. In Ireland they were ground by the penal laws, a system of tyranny the best adapted of any ever contrived by the ingenuity of oppressors to degrade and dehumanize a people. In America they were a small body confined to  
25 a few counties in Maryland and Pennsylvania, without education, without influence, without consideration. It would have been deemed as probable that the worship of Jupiter should revive among us as that the Catholic religion should reflourish.

30 **W**HAT a marvellous transformation has taken place in the last fifty years, for it is scarcely longer than this since the Catholic revival in the English-speaking world began. More than one-fifth of the bishops who govern dioceses are now found in the British

min apontadas, reina a liberdade de escrever e publicar, de discutir, de organizar. Não há objeto algum do pensamento, nenhuma esfera de ação, nenhum interesse, que aí seja possível proteger e resolver contra a invasão geral da liberdade. Este estado de coisas é um facto iniludível, um facto que todas as influências de qualquer natureza tendem a manter e consolidar; e, a qualquer distância que se prolongue o nosso ângulo visual, não parece possível que força alguma humana seja capaz de o destruir, ou, simplesmente, infirmar. É, aliás, um estado de coisas que os católicos dos países aludidos aceitam sem reserva, sem desconfiança e vãos pesares.<sup>(†)30</sup> Os direitos comuns que fruímos no seio de uma liberdade universal, despertaram em nós uma energia de pensamento, de ação, que nos encaminhou a fulgidos progressos católicos e lisonjeiras conquistas, desconhecidas em qualquer outro país.

Cem anos atrás, não mereciam menção na Igreja católica os indivíduos dos Estados Unidos que falavam a língua inglesa. Pouco numerosos eram; pobres e, ainda por cima, ignorantes. Seus pais, para permanecerem fiéis à antiga fé, haviam sacrificado todos os bens terrestres que os homens mais ambicionam e prezam. Na Inglaterra, eram um punhado deles, desdenhados e desdenhosos. Na Irlanda, aguentavam, os católicos, o jugo das leis penais que constituíam o sistema de tirania mais bem urdido de todos os que a habilidade dos opressores em tempo algum inventou, para degradar um povo e fazê-lo descer abaixo da humanidade. Na América, apenas formavam um grupelho insignificante, encantonado em alguns raros condados do Maryland e da Pennsylvania, sem educação, sem influência e sem importância. Enfim, parecia, então, mais verosímil, o ver florescer no meio de nós o culto de Júpiter, que a religião católica!

Ora, que maravilhosa transformação se tem operado no lapso de cinquenta anos! Não remonta mais longe, o renascimento católico neste país da língua inglesa. Mais da quinta parte dos bispos que governam realmente dioceses pertencem, hoje, ao Império britânico e aos Estados

—  
**2**

Empire and in the United States. The Catholics who speak English are twenty millions or more. In the last half century they have built probably as many churches, schools, convents and institutions of charity as the two hundred million Catholics besides. There have doubtless been losses, but in the midst of struggle and battle loss is inevitable. Has there, then, been no falling away from the faith, no decay of spiritual life among the Catholics of other nations? Are not our losses in America to be attributed largely to the indifference or ignorance of many of those who have come to us from countries that are called Catholic? The root of the evil lies elsewhere than in our own country.

Nevertheless, the history of the Church in the English-speaking world during the nineteenth century is one of real and great progress; and there is good reason to think that we shall continue to advance, since both priests and people are animated by the spirit of confidence, of courage, of generous zeal and devoted loyalty to the faith.

Both alike are persuaded that it is not possible to defend and spread the kingdom of heaven unless they themselves make ceaseless efforts to walk in the light of the ideals revealed in the words and life of the Saviour of men.

They feel that the Church must be a school as well as a house of prayer; a source of knowledge, wisdom and power, as well as a fountain-head of faith, hope and love.

They believe that God is in the world, ready to help those who are willing to help themselves. They live with the old truths, while they walk unafraid in the midst of the vast development of science, culture and material wealth, that is part of the environment by which they are nourished and made strong.

They love the countries where they were born or which they have chosen;

Unidos. Os católicos que falam o anglo idioma orçam já por uns vinte milhões, **sem erro de cálculo**, se não ainda mais. Fundaram, na segunda metade do século dezanove, provavelmente tantas igrejas, escolas, conventos, congregações e institutos de caridade como os duzentos milhões de católicos do resto do mundo.<sup>(τ)31</sup> Por certo, que tem havido perdas ou defeções; mas, no meio da luta e da batalha, são inevitáveis, as perdas. Não as tem havido, igualmente, entre os católicos de outras nações? Não deverão, as nossas perdas na América, ser, em grande parte, atribuídas à indiferença ou à ignorância dos que nos chegam dos países chamados “católicos”?<sup>(τ)32</sup> Não: a razão do mal não se encontra em nós; forçoso é, dizê-lo.

Nem por isso, deixa de ser verdade que a história da Igreja nos países britânicos, durante o século XIX, é a história de um progresso real e considerável, e boas razões temos, para pensar que continuaremos a progredir; por isso, que sacerdotes e fiéis se acham animados de um verdadeiro espírito de confiança, de coragem, de zelo generoso e de leal dedicação pela sua crença.

Uns e outros, **mas sobretudo os ministros da Religião**, estão irmãmente convencidos de que não poderão defender e difundir o reino de Jesus Cristo senão enviando incessantes esforços para caminhar ao clarão desse ideal divino revelado na vida e máximas do Salvador.

Compreendem que a Igreja, sobre ser um templo de oração, deve também ser uma escola, e, além de fonte primeira da fé, da esperança e da caridade, deve também ser uma fonte de ciência, de sabedoria e de poder moral.

Creem que Deus está no mundo, sempre prestes a ajudar os que se ajudam a si próprios. Vivem de mãos dadas com as velhas verdades, mas sem, por isso, deixarem de as estender destemida e alegremente aos vastos desenvolvimentos da ciência, das letras, da arte, da cultura intelectual e da prosperidade material, que fazem parte do meio em que bebem a sua força e alimento.

Amam o país em que vieram ao bafo da vida, ou que escolheram para morada fixa; amam o Homem-Deus e a

— 2 they love Christ and human perfection; they love the Church which He founded; and therefore are they resolved to spare no pains to give themselves and their children the best education, to upbuild their being to its full height,  
5 that they may the more efficaciously work for truth and justice, for peace and righteousness, for liberty and life eternal.

10 They recognize that the Catholic religion is a life to be lived, more even than a doctrine to be taught and believed; for only they who seek life in life, whose faith is action, whose hope is joy and strength, whose love is fruitful, can rightly understand and hold the divine truth which Christ came into the world to make known.

perfeição humana; amam, finalmente, essa Igreja imortal por Ele fundada. **E, se, no elemento leigo ou secular, estes amores podem não ser intensos, numa alma de padre, hão de ir até à paixão.**

---

**2**

Por tudo isto, se infere que os católicos não devem poupar nenhuma tentativa, nenhum ardimento, nenhum esforço, para comunicar a si mesmos e a seus filhos a formação mais adequada a elevar e dilatar plenamente a sua entidade espiritual, de jeito a que possam operar eficazmente em prol da verdade, da justiça, da paz e do triunfo do direito, da liberdade e da vida eterna.

Percebem, **ou, então, percebam**, que a Religião católica é ainda mais uma vida que havemos de viver do que uma doutrina que devamos ensinar e abraçar, porque só aqueles que procuram a Vida, cuja fé é atividade profícua, cuja esperança é júbilo e força no bem, cujo amor é fecundidade, **que não ardor estéril**, podem perfeitamente compreender e praticar a verdade divina que Jesus veio revelar ao mundo.

UNIVERSITY EDUCATION  
Considered in its Bearings on the Higher  
Education of Priests.

---

A DISCOURSE

DELIVERED BY THE

Rt. Rev. J. L. Spalding, D. D.

Bishop of Peoria, Illinois,

AT

THE CATHEDRAL, BALTIMORE,

SUNDAY, NOVEMBER 16, 1884.

---

BALTIMORE:  
PUBLISHED BY JOHN MURPHY & Co.,  
182 BALTIMORE STREET.  
1884.

**Educação Superior**  
*Da* **Clero**



## University Education

### Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests

**T**HE SUBJECT which I have been asked to treat is the higher education of priests, which I suppose, is the highest education of man, since the ideal of the Christian priest is the most exalted, his vocation the most sublime, his office the most holy, his duties the most spiritual, and his mission, whether we consider its relation to morality which is the basis of individual and social welfare, or to religion which is the promise and the secret of immortal and godlike life, is the most important and the most sacred, which can be assigned to a human being.

**R**ELIGION and education like religion and morally are nearly related. Pure religion, indeed, is more than right education, and yet it may be said with truth that it is but a part of the best education, for it co-operates with other forces, with climate, custom, social conditions and political institutions, to develop and fashion the complete man,

and the special instruction of teachers, which is the narrow meaning of the word,

## Educação Superior do Clero

**E**NTRE OS NUMEROSOS problemas que se referem à educação, nenhum conheço mais grave que aquele de que neste momento me vou ocupar — a formação superior do padre.

Se há efetivamente um homem que deva receber uma educação perfeita, é certamente o padre católico, cujo ideal, vocação e ministério roçam pelos ápices da santidade, ao mesmo tempo que a sua missão neste mundo, ou, se considere, nas suas relações com a moral, alicerce do bem-estar social e individual, ou com a religião, fonte indiscutível da vida imortal e divina, é, por sem dúvida, a mais importante e a mais sagrada que possa ser destinada a uma criatura mortal.

A religião e a educação, assim como a religião e a moral, estão entre si ligadas por estreitos vínculos. Verdade é, que a religião é superior à educação propriamente dita. Todavia, num sentido, podemos apenas ver naquela uma parte desta, **por ventura a melhor**, e uma força dinâmica que, conjuntamente com o clima, os costumes, as condições sociais, as instituições políticas, etc., colabora poderosamente na formação do homem completo.

A instrução que se recebe do professor é sempre mais ou menos modificada e contraprovada por aqueles

—  
3 is modified, and to a great extent controlled, by these powers which work unseen, and are the vital agents that make possible all conscious educational efforts.

5 THE faith we hold, the laws we obey, the domestic and social customs to which our thoughts and loves are harmonized, the climate we live in, mould our characters and give to our souls a deeper and more lasting tinge than any school, though it were the best.

10 MY SUBJECT, however, does not demand that I consider these general and silent agencies by which life is influenced; but leads me to the discussion of the methods by which man, with conscious purpose, seeks to form and instruct his fellow-man; to the discussion of the special education which brings art to the aid of nature and becomes the auxiliary and guide of the other forces which contribute to the development of our being.

15 IN THIS age when all who think at all turn their thoughts to questions of education, it is needless to call attention to the interest of the subject, which, like hope, is immortal and fresh as the innocent face of laughing childhood.

25 IS NOT the school for all men a shrine to which their pilgrim thoughts return to catch again the glow and gladness of a world wherein they lived by faith and hope and love, when round the morning sun of life the golden purple clouds were hanging and earth lay hidden in mist beneath which the soul created a new paradise? To the opening mind all things are young and fair, and to remember the delight that accompanied the gradual dawn of knowledge upon our mental vision, sweet and beautiful as the upglowing of day from the bosom of night, is to be forever thankful for the gracious power of education.

agentes vitais, que acionam no segredo das almas, e sem os quais impotente permaneceria o esforço próprio.

3

A nossa fé, as leis a que obedecemos, os usos domésticos e sociais em que, de algum modo, se emolduram os nossos pensamentos e sentimentos, o próprio clima sob que vivemos, imprimem ao nosso caráter e às nossas almas um cunho mais profundo e duradouro do que o poderia fazer qualquer escola, por excelente que fosse. 5

Porém, não me cumpre estudar aqui as influências gerais que, sem mesmo o percebermos, nos modificam a existência. O meu objetivo é outro. O que nesta ocasião intento é examinar os métodos que consciência e formalmente se empregam para educar e instruir os homens. 10

Hoje em dia, em que todos os que se sentem ativos de pensar e refletir buscam aprofundar as questões de educação, inútil será insistir na importância de um assunto que, semelhantemente à esperança, não pode envelhecer, e que, como a infância, nunca perde o encanto que sobre nós exerce. 15

Não será, acaso, aos anos da primeira educação intelectual que gostam de reportar-se os nossos pensamentos, como ao lar, ao santuário, onde encontram ainda uma como faísca ou vislumbre dessa fé, dessa confiança e desse amor que cintilaram um dia sobre nós, no céu dos nossos primeiros anos? Tudo é viçoso e belo para uma inteligência que acorda. Oh, gratos benefícios da educação! E que doce alacridade não era a nossa, quando sentíamos dilatarem-se, pouco a pouco, os horizontes dos nossos conhecimentos, aos clarões da aurora da vida, e iluminarem-se, aos primeiros raios do sol nascente! 20 25 30

3

And is there not in all hearts a deep and abiding yearning for great and noble men, and therefore an imperishable interest in the power by which they are moulded? When fathers and mothers look upon the fair blossoming children, that cling to them as the vine wraps its tendrils round the spreading bough, and when their great love fills them with ineffable longing to shield these tender souls from the blighting blasts of a cold and stormy world, and little by little to prepare them to stand alone and breast the gales of fortune, do they not instinctively put their trust in the power of education?

5

10

WHEN at the beginning of the present century, Germany lay prostrate at the feet of Napoleon, the wise and the patriotic among her children yielded not to despondency, but turned with confidence to truer methods and systems of education, and assiduous teaching and patient waiting finally brought them to Sedan.

15

20

WHEN in the sixteenth century heresy and schism seemed near to final victory over the Church, Pope Julius III declared that the evils and abuses of the times were the outgrowth of the shameful ignorance of the clergy, and that the chief hope of the dawning of a brighter day lay in general and thorough ecclesiastical education. And the Catholic leaders, who finally turned back the advancing power of Protestantism, re-established the Church in half the countries in which it had been overthrown, and converted more souls in America and Asia than had been lost in Europe, belonged to the greatest educational body the world has ever seen. What is history but examples of success through knowledge and righteousness and of failure through lack of understanding and of virtue?

25

30

35

WHEREIN lies the superiority of civilized races over barbarians if not in their greater knowledge and superior strength of character? And what but education has placed in the hands of man the thousand natural forces, which he holds as a charioteer his well-

Com toda a veemência do desejo, reclamamos para a sociedade grandes homens, que sejam os seus contrapontos. Que valor não devemos, pois, ligar ao que forma os grandes homens — *a educação*?! E os pais, quando contemplan aqueles interessantes renovos que se lhes enroscam entre os braços, aquelas vergôntes de poucas primaveras, aqueles filhos queridos, que se cingem aos pais como a vide ao tronco anoso das árvores; quando o seu amor paterno, mais ou menos inquieto, busca fortificar aqueles espíritos ainda frágeis e oscilantes, contra a lufada de tantos elementos nocivos à educação, não será nesta, bem orientada, que assentam toda a sua confiança?

A Alemanha, humilhada e vencida, um dia, aos pés de Napoleão Bonaparte, não se entregou a morno e apagado desalento; o patriotismo dos seus filhos mais esclarecidos inspirou-lhes melhores métodos de educação, e estes, pacientemente aplicados, conduziram-na às **formidáveis desforras que nenhum de nós ignora.**<sup>(E)1</sup>

Quando, no século XVI, a heresia e o cisma pareciam triunfar de monte a monte, o papa Júlio III declarou que os males e abusos que então afligiam a Igreja, provinham da “vergonhosa ignorância do clero”,<sup>(E)2</sup> e que o meio único de preparar melhores dias a essa grande instituição, **fundada pelo Homem-Deus**, era proporcionar aos sacerdotes uma educação mais larga e profunda. Os dignos representantes do catolicismo, que souberam sustar as invasões crescentes dos protestantes, restabelecer a Igreja na metade dos países em que fora suprimida e converter mais almas na **África** e na **Ásia** do que perdera na Europa, pertenciam ao mais notável corpo de educadores que até então jamais se vira. Toda a história anda cheia dos sucessos que obtêm a ciência e a virtude, e da triste derrota que sofre, **no clero**, a ausência de qualquer destes dois predicados.

—  
3

-reined steeds, bidding the winds carry him to distant lands, making steam his tireless ever-ready slave, and commanding the lightning to speak his words to the ends of the earth? What else than this has taught him to map the boundless heavens, to read the foot-prints of God in the crust of the earth ages before human beings lived, to measure the speed of light, to weigh the imperceptible atom, to split up all natural compounds, to create innumerable artificial products with which he transforms the world and with a grain of powder, marches like a conquering god around the globe?

15  
20  
25  
30  
35  
40  
45  
50  
55  
60  
65  
70  
75  
80  
85  
90  
95  
100  
105  
110  
115  
120  
125  
130  
135  
140  
145  
150  
155  
160  
165  
170  
175  
180  
185  
190  
195  
200  
205  
210  
215  
220  
225  
230  
235  
240  
245  
250  
255  
260  
265  
270  
275  
280  
285  
290  
295  
300  
305  
310  
315  
320  
325  
330  
335  
340  
345  
350  
355  
360  
365  
370  
375  
380  
385  
390  
395  
400  
405  
410  
415  
420  
425  
430  
435  
440  
445  
450  
455  
460  
465  
470  
475  
480  
485  
490  
495  
500  
505  
510  
515  
520  
525  
530  
535  
540  
545  
550  
555  
560  
565  
570  
575  
580  
585  
590  
595  
600  
605  
610  
615  
620  
625  
630  
635  
640  
645  
650  
655  
660  
665  
670  
675  
680  
685  
690  
695  
700  
705  
710  
715  
720  
725  
730  
735  
740  
745  
750  
755  
760  
765  
770  
775  
780  
785  
790  
795  
800  
805  
810  
815  
820  
825  
830  
835  
840  
845  
850  
855  
860  
865  
870  
875  
880  
885  
890  
895  
900  
905  
910  
915  
920  
925  
930  
935  
940  
945  
950  
955  
960  
965  
970  
975  
980  
985  
990  
995

WHAT converts the meaningless babbling of the child into the stately march of oratoric phrase or the rhythmic flow of poetic language? What has developed the rude stone and bronze implements of savage and barbarous hordes into the miraculous machinery which we use? By what power has man been taught to carve the shapeless rock into an image of ideal beauty, or with it to build his thought into a Temple of God, where the soul instinctively prostrates itself in adoration?

IS NOT all this together with whatever else is excellent in human works, the result of education, which gives to man a second nature with more admirable endowments? And is not religion itself a kind of celestial education which trains the soul to godlike life?

NO PROGRESS in things divine or human is made by man except through effort, and effort is the power and the law of education. The maxim of the spiritual writers that not to struggle upward and onward is to be drawn downward, applies to every phase of our life. Whence do we derive strength of soul, but from the uplifting of the mind and heart to God which we call prayer? To pray is to think, to attend, to hold the mind lovingly to its object, and this is what we do when we study. Hence prayer, which is the voice of religion, is a part of education, nay, its very soul, breathing on all the chords of life, till their thousand dissonances meet in rhythmic harmony.

Não será a própria Religião uma espécie de educação celeste, que inocula na alma do cristão os elementos de uma vida divina?

Onde é que haurimos o vigor e a coragem invencíveis nas lutas da vida, senão nessa elevação do espírito e do sentimento para Deus chamada “a oração”? Orar é estudar, porque orar é refletir e prender amorosamente o espírito ao objeto da sua atenção. 5

— 3 What is the pulpit but the holiest teacher's chair that has been placed upon the earth?

5 **A**ND as the presence of a noble character is a more potent influence than words, so sacramental communion with Christ is man's chief school of faith, of hope and love.

10 There are worthy persons who turn, as from an unholy thought, from the emphatic announcement of the need of the best human qualities for the proper defense of the cause of God in the world. Such speech seems to them to be vain and unreal, for God is all in all, and man is nothing. But in our day it is easier to go astray in the direction of self-annihilation than in that of self-assertion; since the common tendency now of all false philosophies is pantheistic, and issues in unconscious contempt of individual life. If man is but a bubble merging forth and re-absorbed, without past or future, then indeed, both he and what he seems to do sink into the eternal flow of matter and are undeserving of a thought. This certainly is not the Christian view, to which man is revealed as a lesser god and co-worker with the Eternal, whose thought can reach the infinite and whose will can oppose that of the **Omnipotent**. In Christ, God co-operates with man for the salvation of the world, and in the church man co-operates with God to this same end.

25

The more complete the man, the more fit is he to work with God. Even bodily disfigurement is looked upon as an obstacle; how much more then shall lack of intelligence and want of heart render us unworthy of the divine office?

30 I certainly shall never deny that love which the Apostle exalts above faith

Portanto, a prece, que é a voz da Religião, faz parte do quadro educativo; é, desta, em certo modo, a alma; põe em vibração todas as cordas da vida, fundindo-lhe todas as dissonâncias em uma harmonia maravilhosa. Fatores educativos, são, ainda, o púlpito cristão, a mais respeitável cátedra de professor que tenha sido fundada na Terra, e a sagrada comunhão, incomparável escola, em que a intimidade com Jesus Cristo nos ensina, sem esforço, mediante o feliz contágio do exemplo, a esperar e a amar.

Há para aí **uns pobres ingênuos** que se escandalizariam se ouvissem dizer que a causa de Deus neste mundo, para ser bem defendida, exige certos dons humanos, que ultrapassam a craveira ordinária. Parece-lhes, esta linguagem, destituída de sentido, pois, segundo afirmam, é Deus quem tudo faz em todas as coisas, e a obra do homem para nada presta. Esquecem-se de que, em nossos dias, o perigo está menos em muito presumir do que em muito recear das próprias forças. O erro atual, em filosofia, pende para o panteísmo e o desprezo inconsciente da vida individual. Se o homem não passa de uma bola de sabão, que agora se enche para logo em seguida se dissipar e reduzir a nada, sem passado nem futuro, compreende-se que se perca, e, com ele, o conjunto dos seus atos, no eterno vaivém da matéria, sem merecer que se lhe preste grande atenção. Mas esta teoria é avessa ao espírito cristão, o qual faz do homem quase um semideus, um cooperador do Ser eterno, um auxiliar providencial da sua Providência, um intelecto capaz de atingir o infinito, e, inclusivamente, uma vontade que pode violar as leis da consciência e do **decálogo**. Em Jesus Cristo, Deus colabora com o homem, e, na Igreja, o homem colabora com Deus na mesma obra — a salvação do mundo.

Quanto mais completo é o homem, tanto mais digno de trabalhar com Deus. Se certos defeitos exteriores são considerados como impedimentos à ordenação do padre, quanto mais indigno não é este do ministério divino, se lhe falecer a inteligência ou o coração?!

—  
**3** and hope, is higher also than knowledge. The light of the mind is as that of the moon — fair and soft and soothing, without heat, without the power to call forth and nourish life; but the light of the soul, which is love, is the sunlight, whose kiss, like a word of God, makes the dead to live  
5 and clothes the world in strength and beauty. Character is more than intellect, love is more than knowledge, religion is more than morality, and a great heart brings us closer to God, nearer to all goodness than a bright mind. Education is essentially moral, and the intellectual qualities  
10 themselves, which we seek to develop, derive their chief efficacy from underlying ethical qualities upon which they rest **and from which they receive their energy and the power of self-control**. Inequality of will is the great cause of inequality of mind, and the will is strengthened by the  
15 practice of virtue as the body by food and exercise.

If this is a general truth with what special force must it not apply to the ministers of a religion, the paramount and ceaseless aim of which is to make men holy, so that at times it has almost seemed as though the church were indifferent as to  
20 whether they are learned or beautiful or strong?

She pronounces no man a doctor, unless he be also a saint, and when I insist that the priest shall possess the best mental culture of his age, that without this, he fights with broken weapons, speaks with harsh voice a language men will neither  
25 hear nor understand, teaches truths which having not the freshness and the glow of truth, neither kindle the heart nor fire the imagination, I do not forget that without the moral earnestness which is born of faith and purity of life, mere cultivation of mind will not give him power to un-  
30 seal the fountains of living waters which refresh the garden of God.

Não serei, eu, quem negue que o amor, declarado pelo Apóstolo superior à fé à esperança, sobreleva (**designadamente, no padre**) à própria ciência. A luz do espírito é como um belo luar, suave, meigo e calmante, mas sem calor e incapaz de produzir ou de alimentar a vida, ao passo que a luz do coração, que é o amor, torna-se semelhante ao raio do sol, cuja carícia, tal como a palavra de Deus, restitui a vida ao que jazia por morto e transmite a toda a natureza o seu vigor e formosura. O caráter é mais do que a inteligência, o amor, **neste sentido**, mais do que a ciência, a religião, mais do que a moralidade. Um grande coração aproxima-nos mais de Deus, e de todo o perfeito, do que o poderia fazer um espírito brilhante.<sup>(7)</sup><sup>1</sup> A educação é essencialmente moral, e as qualidades intelectuais, que buscamos desenvolver em outrem ou em nós mesmos, derivam a sua principal eficácia das qualidades morais. A insuficiência da vontade é muitas vezes a grande causa da insuficiência do espírito; ora, a vontade fortifica-se pela prática da virtude, como o corpo pelo alimento e o exercício.

Com que força peculiar não se aplica aos ministros da religião esta verdade, que convém a todos em geral?! Sim, **mais que a ninguém**, aos ministros de uma religião cujo alvo supremo e constante é a santificação dos homens, a ponto tal, que a Igreja por vezes parece quase indiferente à beleza, à ciência e às forças físicas do sacerdote, **para tão-somente atender à sua virtude**.

Ela apenas confere o título de doutor ao que cumula em si a ciência e a santidade, e, quando eu afirmo que um eclesiástico deve possuir a mais alta cultura intelectual do seu tempo, sob pena de só pelejar com armas embotadas e fósseis, de falar uma linguagem semibárbara, que não será ouvida, e de ensinar doutrinas que, não tendo o brilho cru e o viço fascinante de uma verdade do dia, são incapazes de abrasar os corações e de inflamar as imaginações; quando tal afirmo, não esqueço que, sem a autoridade e a gravidade morais que manam da fé prática e da pureza dos costumes, a mera cultura de espírito não

---

**3**

The universal harmony is felt by a pure heart better than it can be perceived by a keen intellect. To a sinless soul the darker side even of life and nature is not wholly dark, and the mental difficulties which the existence of evil involves, in no way weaken the consciousness of the essential goodness that lies at the heart of all things.

5

In the religious, as in the moral world, men trust to what we are rather than to what we say, and the teacher of spiritual truth is never strong, unless his life and character inspire a confidence which arguments alone do not create; for in questions that reach beyond the sphere of sensation, we feel that insight is better than reasons, and hence we instinctively prefer the testimony of a godlike soul to the conclusions of a cultivated mind: and indeed our Blessed Lord ever assumes that the obstacle to the perception of divine truth is moral and not intellectual. The pure of heart see God: the evil doer loves darkness and shuns the light. St. Paul goes even farther and associates mental cultivation with a tendency directly opposed to religious faith, which is humble. "Knowledge puffeth up."

But the words of the Apostle should not be stretched beyond his purpose, which is to point to pride as a special danger of the intellectual as sensuality is a danger of the ignorant. For man to have aught is to run a risk and hence to do as little as possible is in the thought of the **timid** a mark of prudence. And indeed if fear be nearer to wisdom than courage, then should we fear everything, for danger is everywhere. A breath may sow the seed of death; a look may slay the soul. In knowledge, in ignorance, in strength, in weakness, in wealth, in poverty, in genius, in stupidity, in company, in solitude, in innocence itself danger lurks. But God does not abolish life that danger may cease to be, and they who put their trust in Him will not seek to darken the mind lest knowledge

basta para dele fazer jorrar a fonte das águas vivas, que refrescam e fertilizam o jardim da religião.

3

Um coração puro atinge melhormente a harmonia universal do que o pode fazer um espírito, embora penetrante **mas gélido**. Uma alma inocente descobre pontos luminosos até no meio das sombras que cercam a nossa natureza, **humana**, e a nossa vida **telúrica**. Os terríveis atritos que a existência do mal muitas vezes origina não chegam a enfraquecer nela a convicção de que há e subsiste, no fundo de todas as coisas, um princípio de bondade.

Na ordem religiosa, como na moral, regular-se-ão mais pelo nosso valor real do que pelo das nossas palavras, e tamanha será, a eficácia do nosso ensino acerca das verdades espirituais, qual for o teor da nossa vida e caráter, e o apoio, por conseguinte, que fornecerem aos argumentos por nós expostos. É **justiça, em religião**, fiar mais do testemunho de uma alma pura do que dos raciocínios de um entendimento cultivado **mas sem fogo interior**, porque, segundo o testemunho do próprio Salvador,<sup>(E)3</sup> os obstáculos à inteligência das verdades divinas procedem mais da vontade do que do espírito.<sup>(T)2</sup> Os corações puros veem a Deus. O que faz o mal ama as trevas, e foge da luz. São Paulo vai mais longe, quando contrapõe a cultura meramente intelectual à salubre humildade que a crença religiosa requer: “a ciência só por si incha”, diz ele.<sup>(E)4</sup>

Mas não convém exagerar o pensamento do Apóstolo. O que Paulo se propõe, ao expressar-se por tal forma, é apontar-nos, por detrás da ciência, o perigo do orgulho, como existe, por detrás da ignorância, o perigo da sensualidade. Possuir, por pouco que seja, é sempre ocasião de risco, e daqui procede fazerem, os **pusilânicos**, consistir a prudência em agir o menos possível. Porém, se, na realidade, é mais sensato temer do que ter confiança, então, tudo deveríamos temer, porque o perigo existe em toda a parte. Um golpe de ar pode originar a morte, e um simples olhar pode perder uma alma. O perigo oculta-se nas dobras da ciência, como nas da ignorância, na força e

— **3** lead man astray, but will rather in a righteous cause make the venture of all things, as St. Ignatius preferred the hope of saving others to the certainty of his own salvation.

5

And may we not maintain, since we hold that there is no inappeasable conflict between God and Nature, between the soul and matter, between revelation and science, that the apparent antagonism lies in our apprehension and not in things themselves, and consequently that reconciliation is to be sought for through the help of thoroughly trained minds?

10 **The poet speaks the truth** — “A little knowledge is a dangerous thing.” They who know but little and imperfectly, see but their knowledge, if so it may be called, and walk in innocent unconsciousness of their infinite nescience. The narrower the range of our mental vision, the greater the

15 obstinacy with which we cling to our opinions; and the half-educated, like the weak and the incompetent, are often contentious, but whosoever is able to do his work does it and finds no time for dispute. He who possesses a disciplined mind, and is familiar with the best thoughts

20 that live in the great literatures, will be the last to attach undue importance to his own thinking. A sense of decency and **a kind of holy shame** will keep him far from angry and unprofitable controversy: **nor will he mistake a crotchet for a panacea**, nor imagine that irritation is enlightenment. The blessings of a cultivated mind are akin

25 to those of religion.

They are larger liberty, wider life, purer delights and a juster sense of the relative values of

na fraqueza, na opulência e na indigência, no gênio e na inépcia, na sociedade e na solidão, até na mesma inocência. Mas Deus não há de destruir a vida, para fazer cessar o risco, e os que põem toda a sua confiança em Ele não cuidam em povoar de trevas o entendimento, para evitar que uma ciência excessiva os faça soçobrar. Empenharão, pelo contrário, todo o esforço no triunfo da boa causa que anelem fazer vingar, a exemplo de Inácio de Loyola, que preferia, com as contingências de uma vida continuada, a esperança de salvar o próximo à certeza da sua própria salvação,<sup>(E)5</sup> **com uma morte pronta nos braços de Deus.**

Por isso, que não existe antagonismo algum, real, entre Deus e a Natureza, entre a nossa alma e a matéria, entre a revelação e a ciência; bem podemos afirmar com destemor que o antagonismo, aparente, apenas provém das nossas *apreensões* infundadas, que não das coisas em si. É, portanto, às mentes que tenham recebido uma instrução mais ou menos aprofundada, que semelhante conciliação há de ser pedida, **e é delas, que é lícito esperar-la.** Nada é tão perigoso como uma ciência superficial, incompleta e toda de plaqué. Os que sabem pouco, e mal, são justamente os que impam de sabichões — se é que a sua parca ciência, de “ciência,” merece o nome — e nem, ao menos, desconfiam da sua notabilíssima ignorância. Quanto mais apertado é o círculo das nossas ideias e conhecimentos, tanto mais ferrenhos somos nas nossas opiniões, e, por via de regra, é sempre o menos ilustrado, o menos competente, que provoca conflito com o que mais o é.<sup>(T)3</sup> Quando o homem é capaz de um trabalho sério e profícuo, contenta-se de o executar, sem lhe restarem folgas para discussões **em que a vaidade espreita o momento de se meter de permeio.** Aquele que sabe o que é o método e está familiarizado com as obras primas não liga mais importância do que convém às suas opiniões pessoais. Uma espécie de pudor o afasta de inúteis e acres controvérsias, entendendo, acertadamente, que assomos nada provam.

— 3 the means and ends which lie within our reach. Knowledge, like religion, leads us away from what appears to what is, from what passes to what remains, from what flatters the senses to that which speaks to the soul. Wisdom and religion converge, as love and knowledge meet  
5 in God; and to the wise as to the religious man, no great evil can happen. Into prison they both carry the sweet company of their thoughts, their faith and hope, and are freer in chains than the great in palaces. In death they are in the midst of life, for they see that what they know and  
10 love is imperishable, **nor subject even to atomic disintegration**. He who lives in the presence of truth yearns not for the company of men, but loves retirement as a saint loves solitude;

15

and in times like ours, when men no longer choose the desert **for a dwelling place**, the passionate desire of intellectual excellence co-operates with religious faith to guard them against dissipation and to lift them above the spirit of the age. The thinker is never lonely as he who lives with God is never unhappy. Is not the love **of excellence, which is the scholar's love**, a part  
20 of the love of goodness which makes the saint?

And are not intellectual delights akin to those religion brings? They are pure, they elevate, they refine, time only increases their charm, and in the winter of age, when the body is but the agent of pain, contemplation still remains like the light of a higher  
25 world to tinge with beauty the clouds that gather around life's setting. **How narrow and monotonous is sensation!** how wide and various is thought! They who live in the senses are fettered and ill at ease; they who live in the soul are free and joyful. And since the priest, unless he  
30 be a saint, must have, like other men, some human joy, and since he dwells not in the sacred circle of the love

As vantagens da cultura intelectual não deixam de ter certa analogia com as da religião. Consistem em uma liberdade maior, uma vida mais ampla, alegrias mais puras e um sentido mais ajuizado do valor relativo que possuem, os meios e fins postos ao nosso alcance. Conduz-nos, a ciência, bem como a religião, do que parece ser ao que realmente é, do que passa ao que permanece, do que acaricia os sentidos ao que fala à nossa alma. Sabedoria e religião convergem para Deus, como, em Ele, se reúnem o amor e a ciência; nenhum mal verdadeiro pode atingir o verdadeiro sábio, nem o homem religioso. Fossem, embora, lançados em uma cadeia, aí os acompanharia o glorioso cortejo dos seus pensamentos, da sua fé e inabalável esperança, sendo mais livres em ferro que os grandes nos seus palácios. Sob a aparência da morte, vivem uma vida plena, porque veem que o que sabem e amam é imperecível. O que vive na presença da verdade não se preocupa com a sociedade dos homens; basta-lhe o retiro, quando é preciso, a exemplo dos santos.

Na nossa época, em que os homens não procuram mais, como em tempos idos, as solidões dos desertos, o desejo anelante do progresso intelectual casa-se-lhes com a fé religiosa, para os preservar da dissipação exterior e elevá-los acima do espírito do século. O pensador nunca está só, do mesmo modo que o que anda com Deus nunca está triste. A ambição do progresso moral, ou, se quiserdes, do progresso psicológico, é característica do homem de estudo e do santo.

Dizei-me: não são tão parecidas, as alegrias intelectuais, com as que nos ocasiona a religião? Límpidas, deliciosas, nobilitantes, elevadas, são elas. O tempo, longe de as debilitar, requinta-lhes os encantos, e, quando, ao entardecer da vida, o corpo não é mais do que um instrumento de misérias físicas, resta-nos o trabalho do espírito, para iluminar, com os reflexos de um mundo melhor, as nuvens que se condensam sobre a noite que se avizinha! Ao inverso, quanta luz, amplidão e variedade de aspetos no pensamento! Os que levam vida sensual ferem-

— of wife and children, in which the multitudes find repose  
3 and contentment, what solace, what refreshment, in the  
midst of cares and labors, shall we offer him? If there be  
aught for him, that is not unworthy or dangerous, except  
5 the pleasures of the mind, to me it is unknown, and though  
a well-trained intellect should do no more than to enable  
us to take delight in pure and noble objects, it would  
be a chief help to worthy life.

10 And when the whole tendency of our social existence is to draw men out of themselves and to make them seek the good of life in what is external, as money, display, position, renown, is it not a gain, if while we open their minds to the charm of intellectual beauty, we make them see that this eager striving for wealth and place is a vulgar chase? And does not the  
15 spirit of refinement in thought, in speech, in manner, add worth and fairness to him whom it inspires, though the motive which preserves him from what is low or gross be no higher than a fastidious delicacy and self-respect?

20 **T**O DENY the moral influence of intellectual culture is as great an error as to affirm that it alone is a sufficient safeguard of morality. Its tendency unquestionably is to make men gentle, amiable, fair-minded, truthful, benevolent, modest, sober. It curbs ambition and teaches resignation; chastens the imagination and mitigates  
25 ferocity; dissuades from duelling because it is barbarous, and from war because it is cruel; and from persecution because it trusts in the prevalence of reason. It seeks to fit the mind and the character to the world, to all possible circumstances, so that whatever happens we remain ourselves — calm, clear-seeing, able to do and to suffer. At  
30 great heights, or in the presence of irresistible force, as of a mighty waterfall, we grow dizzy; and in the same way, in the midst of multitudes, in the eagerness of strife, in the whirlwind of passion, equipoise is lost and we cease to be  
35 ourselves, to become part of an aggregate of forces that hurry us on whither we know not. To be able to stand in the presence of such power, and to feel its influence and

-se em toda a qualidade de atritos e de agudos estrepes; a vida da alma gera liberdade e júbilo. O padre também, a menos de ser um santo, carece de um tanto ou quanto dessa alegria de que goza o comum dos homens. Ora, que consolação se lhe poderá oferecer no meio dos seus trabalhos e contratempos, já que lhe estão vedadas, as belas e santas afeições da família, em que o mais dos homens encontra paz e ventura? Fora dos gozos do espírito, não lhe é fácil lograr outros que não sejam mais ou menos perigosos para o seu estado e abaixo da sua dignidade.<sup>(T)4</sup>

---

**3**

5

10

3

— yet not to lose self-possession, is to be strong, is, on proper occasion, to be great; and the aim of the best education is to teach us the secret and the method of this complete self-control; and in so far it is not only moral, but also  
5 religious; though religion walks in a more royal road, and bids us love God and trust so absolutely in Him that life and death become equal, and all the ways and workings of men as the storm to one who on lofty mountain peak, amid the blue heavens, with the sunlight around him and  
10 the quiet breathing of the winds, sees far below as in another world, the black clouds and lurid lightning flash and hears the roll of distant thunder.

IT IS far from my thought, **it is needless to say**, that  
15 mental cultivation can be made to take the place or do the work of religion even in the case of the very few for whom the best discipline of mind is possible. My aim is simply to show that the type of character which it tends to create is not necessarily at variance with religious principle and life, **as is, for instance, that of**  
20 **the mere worldling**, but that it conspires with Christian faith to produce, if not the same, at least similar virtues, though its **ethical influence** is comparatively superficial, and the **moral qualities** which it produces **lack consistency** and the power to withstand the fire of the passions.  
25 **It is enough for my purpose to point out that if intellectualism** is often the foe of religious truth, there is no good reason why it should not also be its ally.

**N**O EXCELLENCE, as I conceive, of whatever kind,  
30 is rejected by Catholic teaching, and the perfection of the mind is not less divine than the perfection of the heart. It is good to know as it is good to hope, to believe, to love. A cultivated intellect, an open mind, a rich imagination, with correctness of thought, flexibility of view, and eloquent expression, are among the noblest  
35 endowments of man, and though they should serve no other purpose than to embellish life, to make it fairer and freer, they would nevertheless be possessions without

Longe de mim, a ideia de pretender que a cultura intelectual desenvolvida pode substituir a religião, ainda em relação ao escasso número dos que chegam à mais perfeita disciplina do espírito. Apenas quero dizer que o tipo de carácter que ela tende a criar **em nós** não está necessariamente em contraposição com a vida e os princípios religiosos, mas que, ao contrário, traz consigo, **ao padre**, virtudes, se não semelhantes, pelo menos análogas, às que o cristianismo fomenta, ainda que menos eficazes para a luta contra as paixões. Se a ciência é uma força que, **ainda mal**, tantas vezes tem sido empregada contra a religião, não menos certo é, que pode ser, **que muitas vezes tem sido e continua a ser**, a sua poderosa aliada.

Demais, o ensino católico não desdenha nenhum género de perfeição, e a do espírito não é menos grata a Deus que a da alma. É bom saber, como é bom esperar, crer e amar. Um intelecto cultivado, uma mente de largas noções, uma viva imaginação, consorciadas à precisão do pensamento e eloquência da linguagem, são contadas entre os dons mais preciosos da humanidade; mesmo quando outro préstimo não tivessem, que o de aformosear a

— price, for the most nobly useful things are those which  
3 make life good and beautiful. Like virtue they are their  
own reward, and like mercy they bear a double blessing.  
It is the fashion with many to affect contempt for men  
5 of superior culture, because they look upon education as  
simply a means to tangible ends, and think knowledge  
valuable only when it can be made to serve practical pur-  
poses. This is a narrow and a false view; for all men need  
the noble and the beautiful, and he who lives without an  
10 ideal is hardly a man. Our material wants are not the most  
real, for being the most sensible and pressing, and they  
who create or preserve for us models of spiritual and in-  
tellectual excellence are our greatest benefactors. Which  
15 were the greater loss for England, to be without Welling-  
ton and Nelson, or to be without Shakespeare and Milton?  
Whatever the answer be, in the one case England would  
suffer, in the other the whole world would feel the loss.

Though a thorough-  
ly trained intellect is less worthy of admiration than a  
noble character, its power is immeasurably greater; for  
20 example can influence but a few and for a short time,  
but when a truth or a sentiment has once found its best  
expression, it becomes a part of literature and like a pro-  
verb, is current forevermore, and so the kings of thought  
become immortal rulers, and without their help the god-  
25 like deeds of saints and heroes would be buried in obliv-  
ion. "Words pass," said Napoleon, "but deeds" remain."  
The man of action exaggerates the worth of action, but  
the philosopher knows that to act is easy, to think, diffi-  
cult; and that great deeds spring from great thoughts.  
30

vida e torná-la mais nobre e livre: já daqui lhes resultaria um valor inestimável.

3

Todos nós precisamos de ideal, nem podemos viver sem ele, e mal cabe o direito de ser contado entre os homens, ao que não possui ideal algum. Nem por serem as 5  
mais urgentes e sensíveis, são mais importantes, as necessidades materiais. Sim, os nossos grandes benfeitores são os que satisfazem as necessidades do nosso espírito, criando esses protótipos de beleza intelectual, ou moral, 10  
**que enriquecem o tesouro da literatura de cada nação e da história de cada povo.** É lícito perguntar que maior desastre sofreria a Inglaterra, se não ter tido na sua história um Wellington ou um Nelson, se não ter possuído na sua literatura um Milton ou um Shakespeare;<sup>(E)6</sup> mas, 15  
qualquer que possa ser a resposta a tal quesito, certo é, que, no primeiro caso, a perda só seria para a Inglaterra, no segundo, para o mundo inteiro.<sup>(T)5</sup>

Por outro lado, se é verdade que um caráter de primeira água merece maior admiração que uma inteligência superior, força é, todavia, reconhecer que esta exerce 20  
uma influência social muito mais extensa. O exemplo não atua senão um momento sobre as pessoas que o presenciaram; mas, quando uma verdade ou um sentimento chegam, de alguma sorte, a cristalizar na sua expressão 25  
perfeita, entram para todo o sempre nos domínios da literatura; os reis do pensamento<sup>(E)7</sup> tornam-se os guias imortais do gênero humano; são eles, que perpetuam pelas idades a dentro as obras divinas dos santos e dos heróis. “Passam, as palavras, mas os atos permanecem”, dizia Napoleão;<sup>(E)8</sup> porque os homens de ação, **como ele** 30  
**era**, exageram, em geral, o valor das ações; porém, o filósofo

---

3

There are words that never grow silent, there are words that have changed the face of the earth, **and the warrior's wreath of victory is entwined by the Muse's hand.** The power of Athens is gone, her temples are in ruins, the Acropolis is discrowned, and from Mars' Hill no voice thunders now, but the words of Socrates, the great deliverer of the mind and the father of intellectual culture, still breathe in the thoughts of every cultivated man on earth. The glory of Jerusalem has departed, the broken stones of Solomon's Temple lie hard by the graves that line the brook of Kedron, and from the minaret of Mount Sion, **the misbeliever's melancholy** call sounds like a wail over a lost world, but the songs of David still rise from the whole earth in heavenly concert, upbearing to the throne of God the faith and hope and love of countless millions. And is not the Blessed Saviour the Eternal Word? And is not the Bible God's word? And is not the Gospel the Word, which like an electric thrill runs to the ends of the world? "Currit verbum," says St. Paul, "man lives not on bread alone, but on every word that cometh forth from the mouth of God." Nay, there is life in all the true and noble thoughts that have blossomed in the mind of genius and filled the earth with fragrance and with fruit.

**S**HALL I be told that the intellectual cultivation and discipline, which gives to man control of his knowledge, the perfect use of his faculties, justness of perception with ease and grace of expression, cannot bring serviceable advocacy or defense to the cause of divine truth? What does truth need but to be known? And since to reach the mind and heart of man, it must be clothed in words, what is so necessary to it as the garb and vesture, the form and color, the warmth and life, which shall so mark it that to be loved it need but be seen? **And who shall so clothe it, if not he who has the freest, the most flexible, the clearest, the best disciplined mind?** In the apostolic age, when the manifestations of miraculous power accompanied the

sofo sabe que é menos difícil agir do que pensar, e que as grandes ações nascem dos grandes pensamentos.

3

Palavras há que nunca esquecem, e que chegaram até a renovar a face da Terra. Desapareceu, o poderio de Atenas, ruíram em pó, os seus templos, jaz desmantelada, a sua Acrópole, e nenhuma voz humana repercute mais sobre a colina de Marte;<sup>(E)9</sup> mas a palavra de Sócrates, o grande libertador do espírito **na era pagã**, o pai da cultura intelectual, vive ainda hoje, no pensamento de todo o homem instruído. Desapareceu, a glória de Jerusalém; do templo de Salomão, só restam algumas pedras dispersas, no meio dos túmulos que orlam o leito do rio extinto de Cédron,<sup>(T)6 (E)10</sup> e, do alto do minarete de Sião, o chamamento roufenho do **muezzin**<sup>(E)11</sup> ulula como um gemido por sobre um mundo em ruínas; mas os cantos de David alam-se da superfície da Terra inteira, como um concerto divino, levando ao trono de Deus a fé, a esperança e o amor de milhões e milhões de almas. Por ventura, não será o Salvador o Verbo eterno? Não será a Bíblia a palavra de Deus, e o Evangelho esse verbo que, semelhante a uma corrente elétrica, se prolonga até às extremas do mundo? *Currit verbum*, consoante diz S. Paulo.<sup>(E)12</sup> **E outro, maior do que ele, dizia:** “Não vive, o homem, só do pão, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus.”<sup>(E)13</sup>

Quem pode desconhecer os serviços que a cultura e a disciplina intelectuais prestam à verdade religiosa, decuplando os conhecimentos do homem, desenvolvendo-lhe as faculdades, habituando-o a ver com mais justeza as coisas e os factos, e a exprimir-se com mais propriedade? Certo, que basta à verdade ser conhecida; sem embargo, convém que, para penetrar no espírito e no coração dispostos a recebê-la, seja acompanhada de um encanto; de um fulgor e de uma espécie de movimento vital, que lhe abram ou lhe franqueiem o caminho. Nos tempos apostólicos, quando o dom dos milagres, “então necessários para o estabelecimento inicial do cristianismo”,<sup>(E)14</sup> acom-

—  
3 announcement of Christian doctrine, the lack of the  
persuasive words of human eloquence was not felt.  
Let him who can drink poison and touch scorpions,  
and not suffer harm, despise the aid of learning; but  
5 for us who are not so assisted, no cultivation of mind  
or preparation of heart can be too great, and to ap-  
pear in the garb of a savage were less unseemly than  
to speak the holiest and the highest truths in the bar-  
barous tongue of ignorance.

10

**O**UR WAY here cannot be doubtful. Either we  
must hold with certain peculiar heretics that  
learning is a hindrance to the efficacious teachings of re-  
ligious truth, or **denying this**, we must hold, since mental  
culture is serviceable, that the best is most serviceable.

15

**M**AY WE not take this for a principle — to believe  
that God does everything, and then to act as  
though He left everything for us to do? Or this: since grace  
supposes nature, the growth and strength of the Church  
is not wholly independent of the natural endowments of  
20 her ministers?

**A**S A MATTER of fact we Catholics are constant-  
ly speaking and acting upon principles of this  
kind. We maintain that without a proper education our  
children must lose the faith; and that without careful  
25 moral and mental training no man is likely to become a  
good priest, and all that I further insist upon is that if he  
is to do the best work, he must have the best intellectual  
discipline.

In an  
30 intellectual age, at least, he cannot be the worthy minis-  
ter of worship, unless he is also the accomplished teacher  
of truth.

panhava e servia como de conduto à doutrina cristã, não sofria maior empeno, a falta de eloquência. Ri-se dos preciosos auxílios do estudo, aquele que pode impunemente ingerir veneno ou escórias, aquele que pode, ileso, colher escorpiões: a nós, **sacerdotes**, que não somos invulneráveis,<sup>(E)15</sup> **que não avessamos, infelizmente, tal estômago, nem tal mão**, nenhuma cultura do espírito, nem nenhuma preparação do coração, parecem desdenháveis. Acharíamos, inclusivamente, menos deslocado que um padre se apresentasse em público trajado como um selvagem, do que se exprimisse as verdades mais sagradas e augustas, **quais são as da religião**, na língua bárbara da ignorância.

A estrada, pois, que nos compete seguir, **a nós, ministros de Jesus Cristo**, não pode ser duvidosa. Ou seremos obrigados, perante os espíritos livres e dissidentes, a afirmar que o estudo é um estorvo ao ensino eficaz da verdade religiosa, ou, então, deveremos reconhecer que, oferecendo, a cultura intelectual, verdadeiras vantagens, quanto mais desenvolvida ela for, maiores nos proporcionará. Por que não havemos de adotar este princípio: “crer que é Deus, que tudo faz, mas proceder como se nos deixasse tudo para fazer”,<sup>(T)7</sup> ou, ainda, este: “uma vez que a graça supõe a Natureza, a expansão e a força da Igreja não podem deixar de pender dos dons naturais dos seus ministros”?

De facto, os católicos falam e operam constantemente segundo princípios pautados por esta norma. Sentimos, ou convimos na prática, que, sem uma sólida educação, os nossos filhos perdem infalivelmente a fé, e que, sem um esmerado tirocínio do espírito e da vontade, não se podem fazer bons padres; ora, o ponto sobre que eu insisto é precisamente este, que, quanto mais longe levarem este tirocínio, tanto mais preciosos frutos lograrão.<sup>(T)8</sup>

Numa época tão *intelectual* como a nossa, **em que a ciência é o grande ideal e tudo passa pelo seu crivo**, não nos é possível impor-nos ao respeito da sociedade, conseguir o prestígio de que carecemos e desempenhar-nos dignamente das funções do culto de que somos minis-

3

In vain shall we clothe him in rich symbolic vestments, place him in majestic temples, before marble altars, in the midst of solemn music, in the dim sober-tinted light, with the great and noble looking out upon him, as from a spirit world — in vain shall all this be, if, when he himself speaks, his words are felt to be but the echo of a coarse and empty mind. And hence our enemies would gladly leave us the poetry of our worship, would even enter our churches to be comforted, to be soothed, to seek the elevation and enlargement of thought and sentiment which comes upon us in the presence of what is vast, mysterious and sublime, if we **would but confess that it is only poetry, good and beautiful only as art is good and beautiful**. The spirit of the time, in fact, it seems to me, is more and more disposed to grant us everything except the possession of intellectual truth.

15

That the Catholic Church is a marvellous power; that her triumphs have been so enduring and so unexpected that only the foolish or the ignorant will predict her downfall; that she overcame paganism; that she saved Christianity when Rome fell; that she restrained the ferocity of the barbarians, protected the weak, encouraged labor, preserved the classics, maintained the unity and sanctity of marriage, defended the purity and dignity of woman, espoused the cause of the oppressed, and in a lawless and ignorant age proclaimed the supremacy of right and the worth of learning — that to these signal services must be added her power to give ease and pleasantness to the social relations of men, keeping them equally remote from puritan severity and pagan license; her eye for beauty and grace, which has made her the foster-mother of all the arts; her love of the excellent and the noble, which has enabled her to create types of character that are immortal; her practical wisdom, giving her the secret of dealing with every phase of life, so that her saints are doctors,

tros, se não formos, ao mesmo tempo, capazes de instruir convenientemente os fiéis.

3

De nada servirá ao sacerdote revestir-se de brocados, de riquíssimos e simbólicos paramentos, em um templo majestoso, perante suntuosos retábulos e custosos altares de mármore, **de onde emergem magníficos vasos de flores naturais**, ou artificiais, em meio de uma música vocal e instrumental soleníssima, numa sorte de penumbra misteriosa, através da qual parece coar-se a luz do além, se, quando este mesmo sacerdote chegar a abrir a boca, as suas palavras não forem mais que o eco de um entendimento vazio, descorado e inculto. De bom grado se inclinariam, os inimigos da fé, perante a poesia do nosso culto, e viriam procurar nas nossas igrejas a luz, o lenitivo, o conforto, a elevação de ideias e de sentimentos que inspira sempre a presença do sublime e do indefinido, se lhos soubéssemos inocular; mas o espírito atual da sociedade parece-me cada vez mais disposto a reconhecer em nós toda a qualidade de méritos,<sup>(7)</sup><sup>9</sup> exceto a posse da verdade intelectual, **ou, se quiserem, da ciência.**

Certamente, nenhum homem sério e modestamente ilustrado põe em dúvida ser, a Igreja católica, um poder maravilhoso na sua ação. Tão perduráveis e surpreendentes têm sido os seus triunfos, que só os ignorantes, os néscios, os levianos ou os insensatos a podem julgar prestes a desaparecer. Converteu o mundo pagão, salvou o cristianismo da queda de Roma, enfreou a ferocidade dos bárbaros, protegeu a fraqueza desvalida, **nos seus dois polos, a criança e a mulher**, promoveu o trabalho **na classe proletária**, conservou os clássicos, **ameaçados, na Idade Média, do auto-de-fé do desprezo e de uma indiferença inepta**, manteve a unidade e santidade do casamento, defendeu a pureza e a dignidade do sexo feminino, desposou a causa dos oprimidos, proclamou, numa época de ignorância e de anarquia, a supremacia do direito e o valor da ciência. A estes tão assinalados serviços, podemos adicionar que a Igreja pôs uma certa suavidade e delicadeza nas relações sociais dos homens, equidistan-

— 3 apostles, mystics, philanthropists, artists, poets, kings,  
beggars, warriors, peasants, barbarians, philosophers —

all this, if I mistake  
not, unbelievers even, are more and more willing to concede. Nor are they slow to express their admiration of the  
5 strength and majesty of this single power amid the Christian nations, which reaches back to the great civilizations that have perished, which has preserved its organic unity intact amid the social revolutions of two thousand years, and which is acknowledged still to be the greatest moral  
10 force in the world. But underlying all they say and think, is the assumption that the foundations of this noble structure are crumbling, that the world of faith and thought in which it was upbuilt is become a desert where no flower blooms, no living soul is found; that the temple is beautiful, only as a ruin is beautiful, where owls hoot and bats  
15 flit to and fro. "There is not a creed, we are told, which is not shaken, nor an accredited dogma which is not shown to be questionable; not a received tradition which does not threaten to dissolve."  
20

**T**HE conquests of the human mind in the realms of nature have produced a world-wide ferment of thought, an intellectual activity which is without a parallel. They have increased the power of man to an almost

te da austeridade dos puritanos e da antiga licenciosidade pagã; que o seu gosto pela graça e beleza plástica ideal fez dela o anjo tutelar das belas artes; que o seu amor pela grandeza e perfeição morais fez jorrar do seu seio caracteres imortais, **conforme o demonstra o hagiológico dos seus santos e heróis**. Podemos, finalmente, adicionar que o senso prático da Igreja, na sua concepção das formas da vida, lhe permitiu recrutar muitos desses seus santos em artistas, em poetas, em guerreiros, em místicos, em filantropos, em reis, em mendigos, em pobres camponeses e cultos cidadãos, em doutores e analfabetos, em bárbaros e filósofos.

Ora, eis que aqui estão, salvo o erro, outras tantas concessões que **os espíritos sisudos**, embora mesmo incrédulos, estão assaz dispostos a fazer-nos, e, de facto, vemos, nós, pelos seus escritos, que não cessam de nos exprimir a sua admiração pela força e majestade de um poder existente na Terra, antigo como a era cristã, único no conceito dos povos, que remonta à origem das grandes civilizações, que conservou intata, por entre as revoluções sociais de vinte séculos, a sua unidade orgânica, e permanece, ainda hoje, como a maior força moral do mundo. Porém, através de todos estes preitos, sente-se penetrar em muitos homens a convicção de que um tão nobre edifício ameaça ruína; de que o mundo da fé e do pensamento, no meio do qual campeava majestoso, se transformou em um deserto árido e descalvado, onde nem flores podem mais brotar, nem homens viver; numa palavra, que o templo é ainda belo, mas que — quanto pode ser bela, a inútil e triste formosura das ruínas? Vão dizendo e repetindo, **a estrugir-nos os ouvidos**, que não há mais crença que não oscile, nem dogma que não seja posto em dúvida, nem tradição que não ameace caducar. **Já estamos acostumados, desde Voltaire, a esta fraseologia profeticamente balofa, que o tempo se encarrega sempre de desmentir.**

Todavia, é certo que as conquistas do pensamento humano na esfera das ciências naturais têm produzi-

— 3 incredible degree, have given him control of the earth and the seas, have placed within his grasp undreamt-of forces, have opened to his view **unsuspected mysteries**; they have placed him on a new earth and under new heavens, 5 and thrown a light never seen before upon the history of his race. As a part of this vast development new questions have risen, new theories have been broached, new doubts have suggested themselves; and because we have changed, **all else seems to have changed also**. 10

And since, underlying all questions, there is found a question of religion, the discussion of religious and philosophic problems has, in our day, become a social necessity, and the science of criticism, together with the physical sciences, has driven the disputants upon new and difficult ground, where the 15 battle must be fought, and where retreat is not possible.

**A S WELL** imagine that society will again take on the form of feudalism, as that the human mind will return to the point of view which our ancestors looked on nature. 20

**A ND** this world-view shapes and colors all our thinking, in theology as in other sciences, so that truths which were latent have come to light, and principles which have long been held find new and wider application. 25

**N EVER** has the defense of religion required so many and such excellent qualities of intellect as in the present day. The early apologists who contrasted the sublimity and purity of Christian faith with a corrupt paganism had not a difficult task. In the Middle Age 30 the intellect of the world was on the side of Christ. The controversy which sprang up with the advent of Protes-

do uma fermentação de ideias e teorias, e uma atividade mental que incontestavelmente desbanca a do passado. Aumentaram o poder do homem em proporções quase incríveis, deram-lhe o império dos continentes e dos oceanos, puseram ao seu alcance, e como que nas suas mãos, forças inverosímeis, descobriram ao seu olhar iluminado perspectivas sem fim, colocaram o homem numa terra nova, debaixo de novos céus, e projetaram sobre a história da sua raça um clarão insuspeitado. Das entranhas deste imenso desenvolvimento, manaram novas questões, novas hipóteses, novas dúvidas, e, porque mudámos as nossas opiniões, **a muitos parece que tudo deve mudar conosco.**

Porém, como na base de cada problema se encontra uma questão religiosa, resultou de toda esta revolução intelectual, que a discussão dos problemas filosóficos e religiosos se tornou, em nossos dias, uma necessidade social, e que a crítica, por um lado, e, por outro, as ciências físicas lançaram os combatentes num terreno mal conhecido, onde é forçoso ferir renhida peleja, sem que seja dado bater em retirada.

Com menos custo voltaríamos aos tempos do feudalismo, do que às antigas teorias da Natureza, **sustentadas por Aristóteles e Plínio, o Velho.**

Ora, esta visão atual **e diversíssima** acerca do mundo informa e colora de um modo novo o nosso pensamento na ciência teológica, como em qualquer outra ciência, por tal arte, que muitas verdades até há pouco obscuras ou mesmo ocultas começam a despontar lucidamente ao nosso raio visual, e que certos princípios, já conhecidos de há muito tempo, recebem, contudo, aplicações desconhecidas.

Jamais a defesa da religião exigiu tão imperiosamente altas qualidades de entendimento. Fácil era, aos primeiros apologistas do cristianismo, contrastar a pureza e a sublimidade da nossa fé ao espetáculo de um paganismo corrompido. Na Idade Média, a religião de Jesus

—  
3

tantism, was biblical and historical, and its criticism was superficial. The anti-Christian schools of thought of the eighteenth century were literary rather than philosophical, and the objections they urged were founded chiefly upon political and social considerations. In all these discussions the territory in dispute was well defined and relatively small. But into what a different world are not we thrown! **These** earlier explorers sailed upon rivers, whose banks were lined by firm-set rocky cliffs, by the overshadowing boughs of primeval forests, with here and there pleasant slopes of green where they might lie at rest amid the fragrance of wild flowers, but from our Peter's bark we look out upon the dark unfathomed seas towards an unknown world whose margin ever fades and recedes as we seem to draw near the haven of our desire.

AS IN the beginning of the twelfth century, the cry, "God wills it" rang through Europe, and from all her lands armies of mailed knights sprang into battle array and turned their faces towards the Holy City, resolved to wrench from infidel hands the Sacred Tomb of Christ, so now, from her thousand watch towers, science sounds her clarion note with quite other intent, urging on to the attack of the citadel of God in the heart of man, renewing upon lower fields, the war in which **immortal spirits** contended with the Almighty "in dubious battle on the plains of heaven and shook his throne." As he jests at scars that never felt a wound, so here the lesser knowledge makes the bolder man. Not that difficulties should create doubts, or that objections may not be answered, or that it is necessary to refute each hypothesis that appears and fades like a dissolving view, or to notice each unwarrantable inference from unquestioned facts, or that it is worth while to address ourselves to minds whose nebulous and shifting opinions make it impossible that they should receive correct impressions; but the field upon which attacks upon religion are now made is so vast, the confusion of thought into which new discoveries and speculations have thrown the minds of even educat-

estava à frente do movimento intelectual. A controvérsia que o protestantismo provocou foi principalmente bíblica e histórica, permanecendo, ele, superficial na sua crítica. As escolas anticristãs do século XVIII foram, a bem dizer, mais literárias que filosóficas, sem que as suas objeções saíssem fora do domínio político e social. Em todas estas discussões, era claramente definido, e relativamente restrito, o terreno conquistado. Que diferença entre esse mundo, de então, e o de hoje! Os primeiros exploradores navegavam ao longo dos rios orlados de margens povoadas de rochedos e ensombradas de florestas virgens, onde podiam, de quando em quando, descansar serenamente, no meio da fofa grama e das florezinhas agrestes, enquanto hoje, da barca de S. Pedro, contemplamos, para além de um mar tenebroso e revoltado, um mundo desconhecido, cujas praias indecisas se distanciam de nós à medida que julgamos avizinhar-nos do porto.

Da mesma maneira que, no século XII, ressoava por toda a Europa o grito de: “Deus o quer!” que arrojava à libertação do sepulcro do Salvador milhares e milhares de cavaleiros armados, assim, hoje, do alto dos seus torreões, a ciência lança aos cem ecos do espaço o toque dos seus clarins; mas é para arrastar os homens ao assalto das crenças divinas, para renovar, sobre a face da Terra, as batalhas primitivas que o espírito do mal ousou travar contra Deus nas regiões celestes.<sup>(E)16</sup> E como, consoante a expressão do poeta,<sup>(E)17</sup> só se ri dos golpes o que nunca os recebeu, vê-se que, nesta batalha, ferida em torno de nós, aqueles que ostentam maior audácia e impam de maior destemor são precisamente os menos ilustrados ou mais desprovidos de competente instrução. Não quer, isto, dizer, por certo, que quaisquer reflexões ou objeções científicas que nos desfechem devam abalar as nossas convicções cristãs, nem que semelhantes objeções não possam ser refutadas, ou que seja necessário responder a todas as hipóteses, mesmo infundadas — cuja queda quase coincide com a sua formação, — nem a certas conclusões mal deduzidas que para aí surdem, por vezes. É

— 3 ed men is so bewildering, the methods for the ascertain-  
ment of truth are so tangled and misapplied, the rushing  
on of multitudes to discuss problems which have hitherto  
5 rightly enunciate, is so stupefying, that those who have  
the clearest perception of the mental state of the modern  
world, and who are able to take the finest and the most  
comprehensive view of the religious, philosophic and sci-  
10 entific controversies of the day, seem loth to enter into a  
struggle where the ground continually changes, and where  
victory is only partial, and but leads to further contest.

It is well to  
remember, also, that in the intellectual arena to attack is  
easier than to defend, and any shallow, incoherent talker  
or writer can propose **difficulties** which the keenest think-  
15 er will find great trouble to explain.

Since we and our  
works fall to ruin and pass away, we seem instinctively to  
take the side of those who seek to undermine and over-  
throw systems of thought and belief which **claim** to be  
indestructible, and the human heart is half a traitor to the  
20 Church which declares that she is indefectible and infalli-  
ble. Is there not indeed, however we account for it, in all  
nature, a kind of dread and horror of the supernatural,  
such as one who hides within his bosom a secret of dark  
guilt, feels in the presence of the conscience of mankind?  
25 And does not this make the world lean to the side of those  
who would eliminate God from nature?

**A**ND yet, since man's heart is the home of contra-  
dictions, is it not also true to say that he is natu-  
rally religious? His faith in God is as deep and unwavering  
30 as his faith in the testimony of the senses, and if there

perder tempo, o pretender instruir espíritos parciais, incapazes de ver claro nas questões **que lhes não sorriem** e de se fixarem em noções justas. Mas o campo de ataque contra a religião tomou tamanha latitude, o caos das ideias, no meio do qual as especulações e as novas descobertas lançaram o espírito do homem, ainda que instruído, é tão estonteador; tão implicados e mal aplicados são, os métodos destinados a estabelecer a verdade, tão espantoso e espantosamente tenaz é, o afinco da multidão em discutir problemas até há pouco reservados apenas aos filósofos, que os que melhor compreendem o estado **moral** do mundo moderno e a verdadeira posição das controvérsias religiosas, filosóficas e científicas hesitam em entrar na liça e em um campo de batalha que muda a cada passo, onde, de resto, não é possível, mesmo na melhor das hipóteses, obter mais do que vitórias parciais, que, por via de regra, disparam em novos conflitos.

Por outro lado, importa observar que, na arena intelectual, mais fácil é o ataque que a defesa, pois tanto o orador como o escritor mais superficial e ilógico podem, de repente, suscitar uma obscuridade para a qual não há logo à mão um archote, **nem um fio de Ariadne**.

**O simples facto da nossa antiguidade, como Igreja, e das nossas obras, parece dar razão** aos que rejeitam sistemas de pensamento e de crença que **sustentam** o atributo da perenidade, ao passo que o pobre coração do homem é **demasiadamente cômico da sua fraqueza para aderir sem esforço** a uma Igreja que se declara acima do erro e da ruína das coisas caducas. De qualquer modo que busquemos explicar ou interpretar a Natureza, não haverá nela uma espécie de temor e horror do sobrenatural, semelhante à impressão que um criminoso experimentaria ao encontrar-se em face da consciência do género humano? E não fará, tudo isto, pender o mundo para o lado daqueles que desejariam banir Deus do universo, **se tal fosse possível?**

Ainda assim, sendo o coração do homem como é, um acervo de contradições, não poderemos, nós, afirmar,

— 3 are atheists there are also **men** who hold that all things are unreal and only appear to be; that the world is but a myriad-formed, a myriad-tinted idea, the dream of a substance-less dreamer. Not only do we believe in God and in the soul, but all that we love, all that we hope for, all that gives to life charm, dignity and sacredness, is interpenetrated, perfumed and illumined by this faith. If men could be persuaded that the unconscious is the beginning and the end of all things, what good would have been gained?

10

The light of heaven would fade away and the soul's high faith be made a lie; the poor would have no friend and the rich no heart; the wicked would be without fear and the good without hope; success would be **consecrated** and death alone would remain as the refuge of the unfortunate. Even animal indulgence, in sinking out of the moral order, would lose its human charm. If then in our day there is wide-spread scepticism, a sort of vague feeling that science is undermining religion and that the most sacred beliefs are dissolving, the cause of this lies not so much in the natural tendencies of the mind and heart, as in social conditions, in passing phases of thought, in the shifting of the point of view; from which men have hitherto been accustomed to look on nature, and the continuance and the progress of doubt, and consequently of indifference, is, to some extent at least, to be ascribed also to the fact, that the most earnest believers in God and in Christianity have for now more than a century, been less eager to acquire the best philosophic and literary cultivation of mind, than others who having lost faith in the supernatural seek for compensation in a wider and deeper knowledge of nature and in the mental culture which enables them to enjoy more keenly the high thoughts and fair images which live in literature and art.

com a mesma verdade, que também ele é naturalmente religioso?<sup>(T)</sup><sup>10</sup> <sup>(E)</sup><sup>18</sup> A sua fé em Deus não é menos profunda, nem menos firme, que a sua fé no testemunho dos sentidos. Dir-me-ão que existem ateus. Sim, como existem **excêntricos** que pretendem que nada é real, que só existem aparências e que o mundo não é mais do que uma ideia de mil formas e matizes, ou a visão imaginária de um sonhador.<sup>(E)</sup><sup>19</sup> Não só cremos na existência de Deus e da alma humana, mas tudo o que amamos, esperamos e comunica à nossa vida encanto, dignidade e pureza está cheio, impregnado e embalsamado, desta divina crença. Se os homens pudessem persuadir-se de que a inconsciência é o princípio e o fim de tudo, que conseqüências resultariam daqui?

Apagar-se-ia, a luz dos céus, tornar-se-ia uma triste mentira, a mais alta fé da nossa alma; o pobre já não teria amigo **a enxugar-lhe o pranto**, nem o perverso teria motivo para temer, nem o justo razão alguma de esperar. O êxito só pertenceria à **ronha maquiavélica**, e o refúgio do desgraçado seria apenas a vala aberta da sepultura. O próprio bem-estar corpóreo, suprimida a ordem moral, perderia o seu encanto humano, **para tornar-se numa "apagada e vil" animalidade**.<sup>(E)</sup><sup>20</sup> Se, portanto, em nossos dias, o ceticismo lavra a olhos vistos, se sentimos vagamente que a ciência propende mais e mais a solapar a religião e a dissolver as crenças sagradas do povo, saibamos reconhecer que a causa de tamanho mal está menos nas tendências naturais do espírito e do coração do que nas condições atuais da sociedade, em uma crise particular do pensamento e na deslocação do ponto de vista de onde os homens até agora haviam encarado a Natureza. A duração e o progresso da dúvida, por onde da indiferença, são facilmente atribuíveis à eiva em que caíram os melhores corifeus da apologética cristã, deixando-se exceder, já passante de um século, não só como cultura filosófica, senão ainda literária, por aqueles que, porque perderam a crença no sobrenatural, buscam uma espécie de compensação, ou de contrapeso, num conhecimento

As a well-trained intellect, in argument with the unskillful, easily makes the worse appear the better cause, so in an age or a country where the best discipline of mind is found chiefly among those who are not Christians, or at least not Catholics, public opinion will drift away from the Church, until **the view** finally becomes general that whatever she may have  
5 been in other times, her day is past. Nor will aught external, however fair or glorious, secure her against this danger. How often in the history of nations and of religions is not outward splendor the mark of inward decay? When Rome was free, a simple life sufficed, but when liberty fled, marble palaces arose: the monarch who built Versailles made the scaffold on which French royalty perished; and so a dying faith, like the setting sun, may drape itself in glory. The Kingdom of God is within; there is the source of life and strength, without which nor numbers,  
10 nor wealth, nor stately edifices, nor solemn rites avail. Nor can we be certain of men's love when we cease to have influence over their thoughts. The proper appeal is to the heart through the mind, and even a mother loses half her power when she ceases to be the intellectual superior of  
15 her children. How then shall the heavenly Mother of the soul keep her place in the world, if those who speak in her name, mar by imperfect and ignorant utterance the celestial harmony of her doctrines?

25

**A**h! let us learn to see things as they are. In face of the modern world, that which the Catholic priest most needs, after virtue, is the best cultivation of mind, which issues in comprehensiveness of view, in exactness of perception, in the clear discernment of the re-

mais largo e intenso da Natureza, de passo com um gozo mais completo e delicado dos primores impressos do espírito humano.

3

Assim como em toda a discussão pode, o mais hábil, embora não tenha razão, triunfar do menos hábil, assim, em uma época e num país onde os não cristãos, ou, pelo menos, os não católicos, possuem a melhor formação mental, ver-se-á a opinião pública afastar-se da Igreja, voltar-lhe as costas e pretender espalhar **a falsa ideia** de que, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre o passado, a Igreja já fez o seu tempo. Nenhuma vantagem exterior, por mais fulgurante que possa ser, a livrará do perigo deste facto lamentável, **da opinião**. Quantas vezes nos patenteia, a história das nações e das religiões, um sinal de decadência interna na pompa afetada do que é meramente exterior! Roma, livre, contentava-se com uma vida simples. Foi com a servidão, que coincidiram à uma os **anfiteatros** e os palácios marmóreos. O monarca que construía Versailles<sup>(E)21</sup> exigia ao mesmo tempo o cadafalso, onde havia de perecer a realeza francesa. É assim, que uma fé moribunda pode, como o sol poente, desaparecer na glória. É dentro das almas, que está o reino de Deus. Daí, provém a vida e a força sem as quais nada é lícito esperar, nem do número, nem da riqueza, nem dos edifícios suntuosos, nem dos ritos solenes. Tampouco podemos, nós, contar com o amor dos homens, se perdermos toda a influência sobre os seus pensamentos. Não se ganham, os indivíduos, senão dirigindo-nos pelo espírito ao seu coração, e o poder de uma mãe diminui pela metade quando ela cessa de ser intelectualmente superior aos filhos. Como poderá, pois, a mãe celestial das almas, manter o lugar que lhe compete no mundo, se aqueles que falam em seu nome perturbam e destroem, por ignorantes palavras e por néscios discursos, a divina harmonia das suas doutrinas?

Aprendamos a ver as coisas como elas são,<sup>(E)22</sup> **tenhamos a coragem de encarar a realidade fito a fito**. Em face do mundo moderno, *o que mais importa ao padre*

—  
3

lations of truths and of the limitations of scientific knowl-  
edge, in fairness and flexibility of thought, in ease and  
grace of expression, in candour, in reasonableness; the  
intellectual culture **which brings the mind into form**, gives  
5 it the control of its faculties, creates the habit of attention  
and develops firmness of grasp. The education of which  
I speak is expansion and discipline of mind rather than  
learning; and its tendency is not so much to form pro-  
found dogmatists, or erudite canonists, or acute casuists,  
10 as to cultivate a habit of mind, which, for want of a better  
word, may be called philosophical, to enlarge the intel-  
lect, to strengthen and supple its faculties, to enable it to  
take connected views of things and their relations, and to  
see clear amid the mazes of human error and through the  
15 mists of human passion. I speak of that perfection of the  
intellect, which, to use the words of Cardinal Newman, “is  
the clear, calm, accurate vision and comprehension of all  
things as far as the finite mind can embrace them, each in  
its place and with its own characteristics upon it. It is al-  
20 most prophetic from its knowledge of history; it is almost  
heart searching from its knowledge of human nature; it  
has almost supernatural charity from its freedom from  
littleness and prejudice; it has almost the repose of faith  
because nothing can startle it; it has almost the beauty  
25 and harmony of heavenly contemplation, so intimate is  
it with the eternal order of things and the music of the  
spheres.” This is, indeed, ideal, but they who believe not  
in ideals were not born to know the real worth of things:

30

**Spite of proudest boast  
Reason, best reason is to imperfect man,  
An effort only and a noble aim, —  
A crown — an attribute of sovereign power,  
Still to be courted — never to be won.**

35

católico, depois da virtude, **que deve ser como a sua alma,** é a alta cultura do espírito, de onde provém a amplidão das vistas, a precisão das ideias, o claro discernimento da relação entre as diversas verdades e dos limites do conhecimento científico, a conciliação possível dos princípios, a graça da expressão, a retidão e o senso comum, que tende a tornar-se o senso raro. A cultura a que aqui me refiro propende mais a alargar o espírito e a enriquecê-lo de um método idóneo do que propriamente a mobilá-lo de noções; enfim, a desenvolver aptidões que, à falta de melhor termo, chamarei “filosóficas,” do que a formar casuístas subtis, canonistas eruditos ou patrologistas profundos. Ela fortifica o espírito e ajuda-o a reconhecer-se no dédalo dos factos, do mesmo modo que a preservar-se da bruma das paixões, que o obscurecem. Condu-lo a essa perfeição intelectual que o grande cardeal Newman, assim descrevia: “É a visão e a compreensão clara, serena e exata de todas as coisas, na medida em que um espírito limitado as pode conceber, mantendo a cada uma o seu lugar e carácter próprios. A um intelecto aparelhado por semelhante cultura, o seu conhecimento da história confere uma espécie de poder profético; a sua notícia da natureza humana permite-lhe sondar os corações, e, pela isenção completa de vistas acanhadas, **de rigores descabidos e antievangélicos, e de preconceitos ineptos,** chega a possuir algo da caridade sobrenatural **dos verdadeiros cristãos,** a fruir, quase, a serenidade da fé (porque nada pode surpreendê-lo), e, quase o diria, a esplêndida beleza da contemplação celestial, tanto lhe são familiares, a ordem imutável das coisas e a harmonia das esferas.”<sup>(E)23</sup> Bem sei, eu, que tudo isto é puro ideal; mas os que nada creem de ideal também não são capazes de apreender o valor real das coisas.<sup>(E)24</sup>

---

3

5

10

15

20

25

30

3

IT IS plain that education of this kind aims at something quite different from the mere imparting of useful knowledge. It takes the view that it is good to know, **even though knowledge should not be a means to wealth or power or any other common aim of life.** It regards the mind as the organ of truth and trains it for its own sake without reference to the exercise of a profession. Hence its distinguishing characteristic is that it is liberal and not professional. It holds cultivated faculties in higher esteem than learning, and it makes use of knowledge to improve the intellect, rather than of the intellect to acquire knowledge. Hence, one may be a skillful physician, a judicious lawyer, a learned theologian, and yet be greatly lacking in mental culture. It is a common experience to find that professional men are apt to be narrow and one-sided. Their mind, like the dyer's hand, is subdued to what it works in. They want comprehensiveness of view, flexibility of thought, openness to light and freedom of mental play. They think in grooves, make the rules of their art the measure of truth, and their own methods of inquiry the only valid laws of reasoning. These same defects may be observed in those who are given exclusively to the study of physical science. When they sweep the heavens with the telescope and do not find God, they conclude that there is no God. When the soul does not reveal itself under the microscope, they argue it does not exist, and since there is no thought without nervous movement, they claim the brain thinks.

30 **N**OW, if it is desirable that those who are charged with the teaching and defense of divine truth, should be free from this narrowness and one-sidedness, this lack of openness to light and freedom of mental play, the education of the priest must be more than a profes-

É claro que uma quejanda educação tende a outro fim, que não à simples aquisição dos conhecimentos úteis. Supõe que o saber é bom em si; considera o espírito como órgão da verdade, e disciplina-o para si mesmo, sem pretender prepará-lo *exclusivamente* para o exercício de uma profissão, **quando mesmo esta seja a de um sacerdote**. É, portanto, essencialmente liberal, em vez de ser **simples e acanhadamente** profissional. Mira de preferência à educação das faculdades, em lugar de à erudição; emprega a ciência mais em fazer avançar os horizontes do entendimento do que em aumentar neste o cabedal da própria ciência. Pode-se ser um médico hábil, um advogado judicioso, um sábio teólogo, **um casuísta distinto**, e carecer totalmente de cultura **geral e intelectual**. É reconhecido, que os homens enclausurados nas meras noções da sua profissão têm muitas vezes vistas estreitíssimas. O pensamento deles, como a mão calosa do operário, reduz-se a saber manejar o utensílio do seu ofício; falta-lhes a amplidão e a facilidade características do que é senhor de uma ilustração mais complexa. Esses espíritos estreitos têm a desvantagem de medir toda a verdade pelas leis e, se assim posso dizer, pelo metro da sua arte, tomando-a pela regra única do raciocínio. Com os mesmos defeitos, se depara nos que se entregam exclusivamente ao estudo das ciências físicas. Quando o seu telescópio, apontando ao firmamento, sondou algum planeta e lá não encontrou Deus, concluem que Deus não existe; quando a alma não lhes surge debaixo da objetiva do microscópio, concluem que a alma não existe, e, como o pensamento não se elabora sem um movimento cerebral, que lhe serve de instrumento, decidem perentoriamente que é o cérbero que pensa...

Mas, se é para desejar que os que têm a seu cargo o ensino e a defesa das verdades divinas sejam isentos de uma tal estreiteza de entendimento, pode-se, daqui, inferir que é necessária ao padre católico alguma cousa mais do que uma simples educação profissional, não devendo, ele,

— 3 sional education; and he must be sent to a school higher and broader than the ecclesiastical seminary, which is simply a training college for the practical work of the ministry. The purpose for which it was instituted is to prepare  
5 young men for the worthy exercise of the general functions of the priestly office, and the good it has done is too great and too manifest to need commendation. But the ecclesiastical seminary is not a school of intellectual culture, either here in America or elsewhere, and to imagine  
10 that it can become the instrument of intellectual culture is to cherish a delusion. It must impart a certain amount of professional knowledge, fit its students to become more or less expert catechists, rubricists, and casuists, and its aim is to do this, and whatever mental improvement, if  
15 any, thence results, is accidental.

Hence its methods are not such as one would choose who desires to open the mind, to give it breadth, flexibility, strength, refinement and grace. Its text-books are written often in a barbarous style, the subjects are discussed in a dry and mechanical way, and the professor wholly intent upon giving  
20 instruction, is frequently indifferent as to the manner in which it is imparted, or else not possessing himself a really cultivated intellect, he holds in slight esteem expansion and refinement of mind, looking upon it as at best a mere  
25 ornament.

I am not offering a criticism upon the ecclesiastical seminary, but am simply pointing to the plain fact that it is not a school of intellectual culture, and consequently, if its course were lengthened to five, to six, to eight, to ten years, its students would go forth to their  
30 work with a more thorough professional training, but not with more really cultivated minds.

contentar-se com uma escola, ou com um seminário, em que apenas o preparam à prática do seu futuro ministério.

3

O seminário tem por fim habilitar os jovens alunos para o idóneo exercício das funções gerais do sacerdócio, e o bem que realiza é tão ingente e manifesto, que não carece de apologia. Porém, nem na América nem em outro qualquer continente, o seminário é, no sentido rigoroso da palavra, uma escola de cultura intelectual completa, e seria até uma ilusão, o imaginar que alguma vez o venha a ser. O seu mandato é ensinar aos seminaristas uma certa dose de conhecimentos técnicos, tirocinando-os para desempenharem com mais ou menos habilidade o papel de **homiliasta**, de catequista, de confessores, de liturgistas, de canonistas; para isso, é feito o professor do seminário, e, se, daqui, resultar um progresso intelectual, será como por acidente.

Os métodos dessas casas de educação não são dos que abrem o espírito, o dilatam, o afinam, o tornam maleável e lhe comunicam vigor e graça. Os livros que põem nas mãos dos alunos são muitas vezes redigidos num estilo bárbaro. Os assuntos aí discutidos são-no numa linguagem árida e insípida; o professor, todo entregue à instrução que busca transmitir, não se preocupa com a forma, ou, então, possuindo cultura alguma **literária (como tantas vezes sucede!)**, pouco se lhe dá, a elegância da dicção e o latitudinarismo inteligente dos aspetos sob os quais expõe a doutrina aos discípulos. Tudo isso, para ele, é puramente decorativo, e não suspeita sequer de que ele próprio talvez o seja.

Não venho pôr pecha nos seminários. Limito-me a acentuar o facto, certo e evidente, de que não são, na grande generalidade, escolas de cultura intelectual, e de que, por conseguinte, ainda quando se aumentasse o currículo dos estudos teológicos a um ciclo de oito, ou mesmo de dez, anos, os alunos, ao largar o seminário, levariam consigo o *stock*, ou o abastecimento, de uma instrução profissional **assaz incompleta**, mas não um espírito

The test of intellect is not so much what we know as the manner in which it is known; just as in the moral world, the important consideration is not what virtues we possess, but the completeness with which they are ours. **He who really believes in God, serves Him, loves Him, is a hero, a saint; whereas he who half believes may have a thousand good qualities, but not a great character.** Knowledge is not education any more than food is nutrition; and as one may eat voraciously, and yet remain without bodily health or strength, so one may have great learning and yet be almost wholly lacking in intellectual cultivation. His learning may only oppress and confuse him, be felt as a load, and not as a vital principle, which upraises, illumines and beautifies the mind; **mentally he may still be a boy, in whom memory predominates, and whose intellect is only a receptacle of facts.** Memory is the least noble of the intellectual faculties, and the nearest to animal intelligence, and to know well is, in the eyes of a true educator, of quite other importance, than to know much. **But a memory, more or less well-stored, is nearly all a youth carries with him from the college to the seminary,** and here he enters, as I have already pointed out, upon a course not of intellectual discipline, but of professional studies, whose object is not “to open the mind, to correct it, to refine it, to enable it to know, and to digest, master, rule and use its knowledge, to give it power over its own faculties, application, flexibility, method, critical exactness, sagacity, resource, eloquent expression,” but simply to impart the requisite skill for the ordinary exercise of the holy ministry. Hence it is not surprising that priests, who are zealous, earnest, self-sacrificing, who to piety join discretion and good sense, rarely possess the intellectual culture of which I am speaking, for the simple reason that a university **and not a seminary** is the school in which this kind of education is received. **That the absence of such trained**

mais cultivado **nisso a que chamaríamos** “humanidade,”  
“ciência social.”

3

É menos, o que sabemos, do que o modo por que o sabemos, que dá a medida da inteligência de cada um, da mesma forma que, na ordem moral, a multiplicidade das virtudes é menos importante do que a perfeição com que as praticamos.

5

Não é na ciência, que está, propriamente, a educação, do mesmo modo que não é no que se come, que está o fenómeno alimentício. Com um apetite feroz, podemos muito bem carecer de saúde e vigor, e, mesmamente, podemos arrecadar na memória grande cópia de noções e carecer totalmente de cultura intelectual. Os conhecimentos empilhados na memória podem tornar-se uma carga, uma causa de estorvo, para a inteligência, longe de a elevar, iluminar e aformosear. De todas as nossas faculdades, é a memória a menos nobre, e a que mais se aproxima do instinto animal. O que importa para o genuíno educador não é atochá-la de factos. Sem embargo, o que de ordinário um colegial vem procurar no seminário não é um método que lhe descerre o espírito, o torne capaz de um trabalho pessoal e lhe ensine o melhor modo de expor as suas ideias, mas simplesmente uma formação técnica, que o habilite a bem exercer o seu ministério sacerdotal. Não é, pois, para admirar, que tantos eclesiásticos, aliás fervorosos, discretos, cheios de abnegação e de bom senso, possuam raramente essa alta cultura intelectual, a que acima aludi; por isso, que é sobretudo nas universidades **católicas**,<sup>(7)11</sup> que esta se recebe.

10

15

20

25

3

intellects is a most serious obstacle to the progress of the Catholic faith, no thoughtful man will doubt or deny. Since the mind is a power, in religion as in every sphere of thought and life, the discipline which best develops and perfects its faculties will fit it to do its work, whatever it may be, in the most effective manner. Hence, though the education of which I speak does not directly aim at being useful, it is in fact the most useful, and prepares better than any other for the business of life. It enables a man to master a subject with ease, to fill an office with honor, and whatever he does, the mark of completeness and finish will be found upon his work. He sees more clearly, judges more calmly, reasons more pertinently, speaks more seasonably, than other men. The free and full possession of his faculties gives him power to turn himself to whatever may be demanded of him, whether it be to govern wisely, or to counsel judiciously, or to write gracefully, or to plead eloquently. Whatever course in life he may take, whatever line of thought or investigation he may pursue, his intellectual culture will give him superiority over men who, with equal or greater talents, lack his education. And he possesses within himself resources which in a measure make him independent of fortune, and which, when failure comes and the world abandons him, remain, like faith, or hope, or a friend, to make him forget his misfortunes.

30 OF THE English universities, with all their shortcomings, Cardinal Newman says: "At least they can boast of a succession of heroes and statesmen, of literary men and philosophers, of men conspicuous for great natural virtues, for habits of business, for knowledge of life, for practical judgment, for cultivated tastes, for accomplishments, who have made England what it is — able to subdue the earth, able to domineer over Catholics."

It is only in a university that all the sciences are brought together, their

Com quanto desinteressada, em princípio, é, na prática, útil para tudo, e nada como ela aparelha o homem para as dificuldades da vida. Permite-lhe tornar-se facilmente senhor de qualquer questão e desempenhar-se convenientemente de qualquer emprego; assegura-lhe, em qualquer assunto, uma certa superioridade sobre os seus rivais, torna-o sobranceiro aos golpes da fortuna adversa, e, quer na desgraça, quer no abandono, assiste-lhe, como uma boa amiga, à semelhança da fé, da esperança ou da amizade.

5  
10

Das universidades inglesas, não obstante as suas imperfeições, com razão disse, o cardeal Newman, “que, ao menos, se podem considerar ufanas dessa sucessão de heróis, de políticos, de escritores e filósofos, de homens notáveis pelas suas virtudes naturais, pela sua inteligência dos negócios, conhecimento da vida, segurança e, finalmente, bom gosto, que fizeram da Inglaterra o que ela é, e a colocaram na situação de dominar o mundo.”<sup>(E)25</sup> **Ora, foi de tais universidades, que estes homens saíram.**

15  
20

É apenas nesses grandes ginásios, que todas as ciências são postas em contato umas com as outras, que

—  
3 relations adjusted, their provinces assigned. There natu-  
ral science is limited by metaphysics, morality is studied  
in the light of history, language and literature are viewed  
from the standpoint of ethnology, the criticism, which  
5 seeks beauty and not deformity, which in the gardens of  
the mind, takes the honey and leaves the poison, is ap-  
plied to the study of eloquence and poetry; and over all  
religion throws the warmth and life of faith and hope, like  
a ray from heaven. The mind thus lives in an atmosphere  
10 in which the comparison of ideas and truths with one an-  
other is inevitable, and so it grows, is strengthened, en-  
larged, refined, made pliant, candid, open, equitable.

15 **W**HEN numbers of priests will be able to bring  
this cultivation of intellect to the treatment of  
religious subjects, then will Catholic theology again come  
forth from its isolation in the modern world; then will  
Catholic truth again irradiate and perfume the thoughts  
and opinions of men; then will Catholic doctrines again  
20 sink into their hearts, and not remain loosely in the mind  
to be thrown aside, as one casts away the out-worn ves-  
ture of the body; then will it be felt that the fascination  
of Christian faith is still fresh, supreme, as far above the  
charm of science, as the joy of a poet's soul is above the  
pleasures of sense.

25 The religious  
view of life must forever remain the true view, since no  
other **explains** our longings and aspirations, or justifies  
hope and enthusiasm; and the worship of God in spirit  
and in truth, which Christ has revealed to the world, the  
religion not of an age or a people, but of all times and  
30 of the human race, must eternally prevail when brought  
home to us in a language which we understand; for **we  
place the testimony of reason above that of the senses.  
To the eye the sun rises and sets; to the mind it is station-  
ary, and we accept, not what is seen, but what is known.**

as suas relações se estabelecem e o seu campo de ação se determina. As ciências naturais aí são delimitadas pela metafísica; a moral, estudada à luz da história; a língua e a literatura, sob o aspeto etnográfico. A crítica, que procura a beleza, e não a teratologia, e que, nos jardins do espírito, colhe o mel dos nectários, refugando o veneno, é aí aplicada ao estudo da eloquência e da poesia. E, enfim, a religião, derramada nesses Institutos sobre a ciência, qual raio celeste, projeta sobre ela a ardente vida da fé e da esperança. Afaz-se, desta arte, o intelecto, a comparar entre si as ideias e as verdades, concorrendo, tão profícuo exercício, para dilatar a mente humana, vigorizá-la, rasgar-lhe novos horizontes, torná-la mais dúctil, sincera, acessível e suscetível de maior equidade nos seus juízos.

Quando os sacerdotes forem capazes de possuir<sup>(7)</sup> esta alta cultura do estudo das disciplinas religiosas, então, ver-se-á a teologia católica emergir do isolamento no meio do mundo moderno; ver-se-á a verdade católica iluminar e derramar um bálsamo salutar sobre os pensamentos e as opiniões contemporâneos; ver-se-ão as doutrinas católicas penetrar a fundo nos corações, em vez de só se alastrarem pela superfície dos espíritos, como um vestuário que mal pende dos ombros; e conhecer-se-á, enfim, que o prestígio da fé cristã permanece ainda intacto, conservando todo o seu encanto, tão superior à magia da ciência como a alegria de uma alma de poeta aos prazeres sensuais.

Será sempre a Religião, que nos fornecerá a chave da vida, pois, de outro modo, não há aí meio possível de **vivificarmos** as nossas aspirações, nem de justificarmos as nossas esperanças e entusiasmos. Ora, com tanto que a exponhamos em linguagem inteligível, a religião que prevalecer será sempre esse culto de Deus em espírito e verdade, que Jesus revelou ao mundo, e que não é de um tempo nem de um povo, mas de todos os tempos e de todos os povos.

— 3 Is there need of stronger evidence, that the power within,  
which is our real self, is spiritual? And is it not enough to see  
clearly to perceive that in the struggle of mind with matter,  
5 which is the essential form of the conflict of spiritualism  
with materialism, of religion with science, the soul, in the  
end, will be victorious and rest in the real world of faith and  
intuition and not in the pictured world of the senses?

RELIGION, indeed, like morality, is in the nature  
of things, and Catholic faith is Una's Red Cross  
10 Knight, on whose shield are old dints of deep wounds and  
cruel marks of many a bloody field, who is assailed by  
all the powers of earth and of the nether world, armed  
with whatever weapons may hurt the mind or corrupt the  
heart, but whom heavenly Providence rescues from the  
15 jaws of monsters and leads out to victory.

BUT what true believer thinks himself excused  
from effort, because Christ has declared the  
gates of hell shall not prevail against His Church? Does  
he not know that though, when we consider her whole  
20 course through the world, she has triumphed, so as to  
have become the miracle of history, yet has she at many  
points suffered disastrous defeat? Hence, those who love  
her must be vigilant and stand prepared for battle. And in  
an age when persecution has either died away or lost its  
25 harshness, when crying abuses have disappeared, when  
heresy has run its course, and the struggle of the world  
with the Church has become almost wholly intellectual, it  
is not possible, assuredly, that her ministers should have  
too great power of intellect. And consequently it is not  
30 possible that the bishops, in whose hands the education  
of priests is placed, should have too great a care that they  
receive the best mental culture.

A religião, assim como a moral, está na natureza das coisas, e o **Cristianismo**, constantemente atacado e constantemente vitorioso, parece-se com o cavaleiro da Rosa-Cruz, cujo escudo apresenta ainda os vinctos dos golpes formidáveis nele descarregados, porém, que a Providência salva de todos os perigos e garante dos dardos envenenados dos seus adversários.<sup>(E)<sup>26</sup></sup> 5

Todavia, haverá, ainda assim, um verdadeiro cristão que se julgue dispensado de pôr peito à luta porque o Redentor prometeu que as portas do inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja? Não sabemos, nós, que, se, no seu curso dilatado através dos séculos e do mundo, triunfou do inferno, ao ponto de se nos antolhar como um milagre da história, nem por isso deixou de sofrer, em alguns países, derrotas desastrosas?<sup>(f)<sup>13</sup></sup> **Aquele que garantiu a perpetuidade da Igreja universal não a garantiu em relação a esta ou àquela fração dela.** Portanto, estejam sempre de sobre aviso e prestes para o combate, os que **se dizem amigos e, sobretudo, ministros da Igreja.** Numa época em que a perseguição, se não desapareceu, pelo menos, perdeu, na generalidade, o seu caráter violento, em que os abusos graves cessaram, em que a heresia caducou, em que a luta do mundo com a Igreja se circunscreve quase exclusivamente ao terreno das ideias, nunca será de mais, o poder intelectual que o padre exerça no meio dos seus concidadãos. Por conseguinte, nunca, também, será de mais, o zelo que os bispos, a quem incumbe a educação dos eclesiásticos, desenvolvam, para neles promover a maior cultura possível. 10 15 20 25

---

**3**

And if this be a general truth, with what pertinency does it not come home to us here in America, who are the descendants of men who, on account of their faith, have for centuries been oppressed and thrust back from opportunities of education, and who, when persecution and robbery had reduced them to ignorance and poverty, were forced to hear their religion reproached with the crimes of her foes? And now, when at length a fairer day has dawned for us in this new world, what can be more natural than our eager desire to move out from the valleys of darkness towards the hills and mountain tops that are bathed in sunlight? What more praiseworthy than the fixed resolve to prove that not our faith, but our misfortunes made and kept us inferior. And, since we live in the midst of millions who have indeed good will towards us, but who still bear the yoke of inherited prejudices, and who, because for three hundred years real cultivation of mind was denied to Catholics who spoke English, conclude that Protestantism is the source of enlightenment, and the Church, the mother of ignorance, do not all generous impulses urge us to make this reproach henceforth meaningless? And in what way shall we best accomplish this task? Surely not by writing or speaking about what the influence of the Church is, or by pointing to what she has done in other ages; but by becoming what we claim her spirit tends to make us. Here, if anywhere, the proverb is applicable — *verba movent, exempla trahunt*. As the devotion of American Catholics to this country and its free institutions, as shown not on battlefields alone, but in our whole bearing and conduct, convinces all but the unreasonable, of the depth and sincerity of our patriotism, so when our zeal for intellectual excellence shall have raised up men who will take place among the first writers and thinkers of their clay, their very presence will become the most persuasive of arguments to teach the world that no best gift is at war with the spirit of Catholic faith, and that, while the humblest mind may feel its force, the lofty genius of Augustine, of

E, se é, esta, uma verdade comum, com quanto maior razão se aplica a nós outros, americanos, cujos avoengos foram, durante séculos, oprimidos pela sua fé, frustrados de todos os recursos da educação, reduzidos, pelo esbulho dos seus bens, à ignorância e à pobreza, obrigados, por um silêncio forçado, a ouvir a sua religião acusada dos crimes dos seus inimigos? Agora, que, enfim, neste novo mundo **de Colombo**, temos a ventura de ver repontarem dias melhores, poderá, acaso, haver, entre nós, anseio mais natural e intenso que o de abandonar o vale sombrio onde vivíamos, para galgar aos cumes inundados de luz? Haverá algo que tanto devamos almejar como o demonstrar que só as nossas desgraças, e não a nossa fé, têm sido a causa da nossa inferioridade? Certo é, que os nossos concidadãos, sem embargo da sua incontestável benevolência, guardem contra nós um acervo de preconceitos hereditários, e faz três séculos, que a alta cultura do espírito é recusada aos católicos que falam língua inglesa, chegando-se a ponto de identificar o protestantismo com a luz e o catolicismo com as trevas intelectuais. Havemos, nós, de tolerar, por mais tempo, que isto dure, se temos sangue, que não soro, nas veias?

Ora, a traça adequada para melhorar tal situação não é dissertar sobre a influência da Igreja, nem sobre o que realizou em épocas já há muito transcorridas, mas tentarmos, nós mesmos, realizar o seu ideal. Aqui, mais do que em qualquer outra circunstância, é o caso de aplicar o conhecido provérbio: *Verba movent, exempla trahunt*, "**as palavras emocionam, os exemplos arras-tam.**" Assim como o amor dos americanos católicos para com a sua terra e as suas instituições livres, a poder de se manifestar nos campos de batalha, como, e mais do que, em qualquer ato da vida, acabou por convencer todas as pessoas razoáveis da sinceridade e intensidade do nosso patriotismo, assim, quando o nosso ardor pela alta cultura **científica e religiosa** tiver suscitado entre nós homens capazes de ocupar um lugar distinto e irreduzível entre os primeiros pensadores e os mais cotados escritores do seu

— 3 Dante and of Bossuet, is upborne and strengthened by the splendor of its truth. But if we are to be intellectually the equals of others, we must have with them equal advantages of education, and so long as we look rather to  
5 the multiplying of schools and seminaries than to the creation of a real university, our progress will be slow and uncertain, because a university is the great ordinary means to the best cultivation of mind.

The fact that the growth of the Church here, like that of the country itself, is chiefly external, a growth in wealth and in numbers, makes it the more necessary that we bring the most strenuous efforts to improve the gifts of the soul. The whole tendency of our social life insures the increase of churches, convents, schools, hospitals and asylums; our advance in  
10 population and in wealth will be counted, from decade to decade, by millions, and our worship will approach more and more to the pomp and splendor of the full ritual, but this very growth makes such demands upon our energies,  
15 that we are in danger of forgetting higher things, or at least of thinking them less urgent.  
20

Few men are at once thoughtful and active. The man of deeds dwells in the world around him; the thinker lives within his mind. Contemplation, in widening the view, makes us feel that what even the strongest can do, is lost in the limitless ex-  
25 panse of space and time, and the soul is tempted to fall

tempo, bastará este facto, para atestar que a fé católica não se opõe a progresso algum, e que, se satisfaz o entendimento dos humildes e dos pequeninos, tão profunda é, quando estudada, e tão preñhe de luz, que pode igualmente satisfazer, e ainda fortificar, o génio de um Agostinho, de um Dante ou de um Bossuet,<sup>(E)27</sup> **sem falar de outros escritores menos culminantes**. Mas, se quisermos tornar-nos tão doutos como **alguns seculares que nos são conhecidos**, força é, que recebamos uma formação similar à que receberam. Se só nos importarmos de multiplicar escolas e seminários, sem mesmamente emprendermos a criação de alguma Universidade **católica**, lento, muito lento, e assaz incerto, será o nosso aproveitamento, visto que uma universidade **católica** é o grande meio normal de desenvolver e completar a cultura superior, **ainda que extra-eclesiástica**.

Tal como o nosso próprio país, é especialmente no domínio exterior, que a Igreja se expande. Daqui, a necessidade de um esforço mais enérgico para, concomitantemente, fomentar as vantagens espirituais no regaço **da mesma Igreja**. As próprias tendências da nossa vida social, nos Estados Unidos, garantem a multiplicação dos templos, dos conventos, das capelas, das escolas, dos hospitais e dos asilos. De dez em dez anos, o catolicismo aumentará por milhões a cifra dos seus crentes e a da sua fortuna, ao mesmo tempo que as cerimónias do seu culto se tornarão mais e mais esplendorosas. Absorvidos e um pouco seduzidos por este formoso incremento, teremos, nós, assaz de energia e de bom senso para nos não arriscarmos a descurar, ou ter em menos certos, bens que são, todavia, superiores àqueles, **quais os do homem interior e cristão?**

Poucos indivíduos sabem unir em si a ação e o pensamento. O homem de ação vive totalmente no mundo que o rodeia, o pensador vive dentro de si e consigo. A contemplação, ampliando as nossas vistas, mostra-nos que tudo o que pode constituir mesmo o maior génio se perde no infinito do espaço e do tempo; leva a alma a

—  
3 back upon itself and to gaze passively upon the course of  
the world, as though the general stream of human events  
were as little subject to man's control as the procession  
of the seasons. Busy workers, on the other hand, having  
5 little taste or time for reflection, see but the present and  
what lies close to them, and the energy of their doing cir-  
cumscribes their thinking.

10 **B**UT the Church needs both the men who act and  
the men who think, and since with us everything  
pushes to action, wisdom demands that we cultivate rath-  
er the powers of reflection. **And this is the duty alike of  
true patriots and of faithful Catholics.**

All are working to  
develop our boundless material resources; let a few at  
least labor to develop man. The millions are building cit-  
15 ies, reclaiming wildernesses, and bringing forth from the  
earth its buried treasures; let at least a remnant cherish  
the ideal, cultivate the beautiful, and seek to inspire the  
love of moral and intellectual excellence. And since we  
believe that the Church which points to heaven is able  
20 also to lead the nations in the way of civilization and of  
progress, why should we not-desire to see her become  
a beneficent and ennobling influence in the public life of  
our country? She can have no higher temporal mission  
than to be the friend of this great republic, which is God's  
25 best earthly gift to His children.

If, as English critics  
complain, our style is inflated, it is because we feel the  
promise of a destiny which transcends our powers of ex-  
pression. Whatever fault men may find with us, let them  
not doubt the world-wide significance of our **life**. If we  
30 keep ourselves strong and pure, all the peoples of the  
earth shall yet be free; if we fulfil our providential **mis-  
sion**, national hatred shall give place to the spirit of gen-

dobrar-se sobre si e a deixar passivamente o mundo prosseguir o seu caminho, como se a onda revolta dos acontecimentos terrestres dependesse tão pouco de nós como o curso das estações. Ao revés, o trabalhador, que não tem tempo nem gosto para a reflexão, apenas considera o presente e o que lhe toca de perto; por vezes, sucede que, quanto mais atua, menos pensa.

Ora, a Igreja carece de homens que atuem e pensem; e, já que entre nós tudo tende para a ação e para uma enorme labutação exterior, é de toda a prudência e conveniência, o cultivarmos, quanto em nós caiba, a faculdade de refletir.

Todos, **na livre América dos Estados Unidos**, conspiraram em comum para desenvolver os recursos materiais, que são quase infinitos; haja também alguns, pelo menos, que busquem desenvolver em si o homem interior. Inúmeras multidões se afanam em construir cidades, arrotear desertos e extrair da terra os tesouros que encerra. Haja, pois, também uma pequena escola de indivíduos que se votem ao ideal, que cultivem o belo e que tratem de derramar em torno de si o amor da perfeição moral e intelectual.<sup>(7)14</sup> Uma vez que cremos que a Igreja, instituída antes de tudo para nos conduzir ao Céu, é, outrossim, capaz de dirigir os povos através da estrada da civilização e do progresso, por que não havemos de desejar que ela exerça um influxo benéfico e dignificante sobre a vida pública do nosso país? No que respeita à sua missão temporal, nada lhe pode caber mais nobre e honroso do que ser a legítima amiga desta grande república, o mais belo dom concedido por Deus aos seus filhos na Terra.<sup>(7)15</sup>

Se, conforme a crítica que nos fazem certos censores ingleses, é um tanto espaventoso, o nosso estilo, é porque sentimos em nós a promessa divina de um destino que transcende os recursos da pobre expressão humana. Quaisquer que sejam os defeitos ou as pechas que em nós possam descobrir, uma coisa há, todavia, que não nos devem recusar, a saber, o caráter universal da nossa **missão**. Se permanecermos fortes e evitarmos baixos

— 3 erous rivalry, the people shall become wiser and stronger, society shall grow more merciful and just, and the cry of distress shall be felt, like the throb of a brother's heart, to the ends of the world.

5 Where is the man who does not feel a kind of religious gratitude as he looks upon the rise and progress of this nation? Above all, where is the Catholic whose heart is not enlarged by such contemplation? Here, almost for the first time in her history, the Church is really free. Her worldly position does not over-  
10 shadow her spiritual office, and the State recognizes her autonomy. The monuments of her past glory, wrenched from her control, stand not here to point, like mocking fingers, to what she has lost. She renews her youth, and lifts her brow, as one who not unmindful of the solemn  
15 mighty past, yet looks with undimmed eye and unfaltering heart to a still more glorious future. Who, in such a presence, can abate hope, or give heed to despondent counsel, or send regretful thoughts to other days and lands? Whoever at any time, in any place, might have been sage,  
20 saint or hero, may be so here and now; and though he had the heart of Francis, and the mind of Augustine, and the courage of Hildebrand, here is work for him to do.

25 **I**N WHATSOEVER direction we turn our thoughts arguments rush in to show the pressing need for us of a center of life and light such as a Catholic university would be. Without this we can have no hope of entering as a determining force into the living controversies of the age; without this it must be an accident if we are represented at all in the literature of our country; without

compromissos, haverá liberdade para todos os países do mundo. Se formos fiéis ao nosso destino providencial, os ódios nacionais cederão o lugar às generosas emulações; os povos verão desdobrar-se cada vez mais o seu vigor e sabedoria; tornar-se-á, a sociedade, mais justa e suscetível de amiserar-se dos males alheios, e não haverá grito de angústia, parta, ele, dos confins do mundo, que não acorde em todos os corações um eco fraternal.

Quem não se sentirá possuído de um sentimento de religiosa gratidão, por pouco que reflita sobre a origem e incremento da nossa nacionalidade? Qual será, nomeadamente, o católico cuja alma se lhe não dilate, a semelhante visão? Foi aqui, que, pela primeira vez, quicá, na história, a Igreja possuiu a verdadeira liberdade.<sup>(T)16</sup> A sua posição temporal não é um óbice à sua influência espiritual, e o Estado reconhece-lhe uma perfeita autonomia. Não se veem, aqui, os monumentos da sua glória passada elevarem-se como irónicos testemunhos do que perdeu. Rejuvenesce e ergue-se de frente bem alta, não para desdenhar do seu esplêndido passado, porém, sim, para abraçar com olhar seguro esse porvir, mais glorioso ainda, que ante ela se abre. Quem poderia, pois, em presença de tais perspetivas, cair no desalento ou lançar um relance melancólico e invejoso para passadas eras de outras nações? Todo aquele que, em outras épocas e em outros centros humanos, poderia tornar-se um sábio, um santo, um herói, pode sê-lo também aqui, na hora presente, ainda quando possuísse o coração de um Francisco de Assis, o génio de um Agostinho e a coragem de um Hildebrando,<sup>(E)28</sup> e encontraria no meu país um meio propício, à altura da sua missão.

Portanto, senhores, em virtude do que até agora tenho vindo dizendo, afluem razões e argumentos para atestar a urgente necessidade que temos de um foco de vida e de luz, qual seja uma Universidade católica. Sem ela, não podemos intervir eficazmente nas controvérsias atuais; será completamente por acaso e por uma espécie de sorte feliz, que poderemos obter um lugar distinto na

— 3 this we shall lack a point of union to gather up, harmonize and intensify our scattered forces; without this our bishops must remain separated and continue to work in random ways; without this the noblest souls will look in  
5 vain for something larger and broader than a local charity to make appeal to their generous hearts; without this we shall be able to offer but feeble resistance to the false theories and systems of education which deny to the Church a place in the school; without this the sons of wealthy  
10 Catholics will, in ever increasing numbers, be sent to institutions where their faith is undermined; without this we shall vainly hope for such treatment of religious questions and their relations to the issues and needs of the day, as shall arrest public attention and induce Catholics themselves to take at least some little notice of the writings  
15 of Catholics; without this in struggles for reform and contests for rights we shall lack the wisdom of best counsel and the courage which skillful leaders inspire.

We are a small minority in the presence of a vast majority; we still bear the disfigurements  
20 and weaknesses of centuries of persecution and suffering; we cling to an ancient faith in an age when new sciences, discoveries and theories fascinate the minds of men and turn their thoughts away from the past to the future; we preach a spiritual religion to a people whose prodigious  
25 wealth and rapid triumphs over nature have caused them to exaggerate the value of material progress; we teach the duty of self-denial to a refined and intellectual generation, who regard whatever is painful as evil, whatever is difficult as omissible; we insist upon religious obedience  
30 to the Church in face of a society where children are ceasing to reverence and obey even their parents; if in spite of all this we are to hold our own, not to speak of larger

literatura do nosso país; careceremos de um centro especial para reunir, harmonizar e consolidar as nossas forças dispersas; os nossos Prelados, sem ligação entre si, continuarão a trabalhar isoladamente e como que à ventura; as mais belas almas debalde procurarão um campo de ação mais vasto do que a caridade local; não poderemos oferecer senão uma escassa resistência às-falsas teorias e aos sistemas de educação que recusam à Igreja o seu lugar na escola; os filhos dos católicos dinheirosos, cujo número vai sempre aumentando, serão enviados a Institutos onde a sua fé se encontrará pouco a pouco minada à surdina; não poderemos, além disto, quer seja sobre as questões religiosas, quer sobre as relações do público com os acontecimentos ou as necessidades do dia, obrigá-los a ter em consideração as nossas **vistas particulares**, nem mesmo os católicos, a ocuparem-se um pouco do que escrevem certos católicos; por último, nas nossas lutas travadas pelas reformas e defesa dos nossos direitos, careceremos de conselhos assaz autorizados, e não conheceremos essa coragem invencível que a gente experimenta ao ver-se dirigido por homens realmente superiores.

Grandes são, as dificuldades. Somos simplesmente uma minoria. Trazemos ainda em nós os gilvazes das feridas recebidas na série de muitos séculos de perseguições, e o depauperamento que delas resulta. Numa época em que novas ciências, descobertas, e teorias fascinam os entendimentos e derivam os olhares do passado, para os transportar ao futuro, permaneceremos abraçados a uma fé antiga. A um povo que as suas riquezas prodigiosas e os seus rápidos progressos sobre a Natureza propelem a exagerar o valor do progresso material, pregamos a religião do espírito. A uma geração intelectual e requintada nos seus hábitos de comodismo, que tem por um mal tudo o que é doloroso, que resolveu pôr de banda tudo o que é árduo, **que descrê das austeridades da virtude**, ensinamos o espírito de sacrifício e o dever irredutível da

— hopes, it is plain that we may neglect nothing which will  
3 help us to put forth our full strength.

DO not, of course pretend that this higher educa-  
tion is all that we need, or that, of itself, it is suf-  
5 ficient, but what I claim is that it would be a source of  
strength for us who are in want of help. God works, in  
many ways, through many agencies, and I bow in homage  
to the humblest effort in a righteous cause of the lowli-  
est human being. There are diversities of graces, but the  
10 same spirit; diversities of ministries, but the same Lord.  
*Numquid omnes doctores?* asks St. Paul. But since he plac-  
es teachers by the side of apostles and prophets, sure-  
ly they will teach to best purpose who to the humility of  
faith add the luminousness of knowledge. To those who  
15 reject the idea of human co-operation in things divine I  
speak not; but we who believe that we are co-operators  
with Christ cannot think that it is possible to bring to this  
godlike work either too great preparation of heart or too  
great cultivation of mind. Nor must we think lightly even  
20 of refinement of thought, and speech and behavior, for  
we know that manners come of morals and that morals in  
turn are born of manners, as the ocean breathes forth the  
clouds, and the clouds fill the ocean.

LET there be then an American Catholic university,  
25 where our young men, in the atmosphere of faith  
and purity, of high thinking and plain living, shall become  
more intimately conscious of the truth of their religion and  
of the genius of their country, where they shall learn the re-  
pose and dignity which belong to their ancient Catholic de-

abnegação. De uma sociedade cujos membros começam a não conceder mais, ainda aos próprios progenitores, o respeito e a obediência que lhes são devidos, exigimos para com a Igreja uma submissão semelhante. Em tais condições, não será porventura necessário, **já não digo para ganhar terreno, mas simplesmente para permanecermos naquele em que até agora nos temos conservado**, envidar todos os esforços e pôr por obra todos os recursos que podem concorrer para que realizemos no seio da sociedade o *maximum* das nossas forças vivas? 5 10

Bem longe estou de pretender que esta educação superior, pela qual venho pugnando, possa bastar para tudo; porém, o que afirmo é que carecemos de auxiliares, e que aí está um de primeira ordem. Opera, Deus, de diversos modos, e serve-se de toda a espécie de instrumentos. Eis porque me inclino perante o menor esforço tentado pelo mais humilde dos humanos em prol de uma boa causa. Há graças diversas, mas o espírito é um só e o mesmo; ministérios diferentes, e um só Senhor. **“Serão, acaso, todos doutores?”** — *numquid omnes doctores?* — pergunta S. Paulo.<sup>(E)29</sup> E, visto que ele assemelha os doutores aos apóstolos e aos profetas, serão, por sem dúvida, os mais capazes de ensinar aqueles que à humildade da fé reunirem as luzes da ciência. Aos que não admitem a colaboração do homem nas obras divinas, nada tenho, eu, a dizer; mas nós, **ministros do Senhor**, que **sabemos muito bem** sermos os cooperadores do Homem-Deus — **Dei adjutores sumus (S. Paulo)**,<sup>(E)30</sup> não podemos, em nenhuma maneira, admitir que se possa trazer ao exercício de tamanha missão uma excessiva preparação moral **e religiosa**, nem tampouco uma excessiva cultura intelectual. 15 20 25 30

Surja, pois, nos Estados Unidos, uma Universidade católica,<sup>(f)17</sup> e aprendam aí, os nossos jovens, em uma atmosfera de fé e de pureza de elevação e retitude, a melhor conhecer a verdade da sua religião e o génio do seu país; possam, aí, encontrar essa calma dignidade que tão bem quadra à antiguidade das suas tradições e da sua no- 35

— 3 scent, and yet not lose the fire which glows in the blood  
of a new people; to which from every part of the land  
our eyes may turn for guidance and encouragement,  
seeking light and self-confidence from men in whom  
5 intellectual power is not separate from moral purpose;  
who look to God and His universe from bending knees of  
prayer; who uphold

The cause of Christ and civil liberty  
As one and moving to one glorious end.

10 S HOULD such an intellectual centre serve no other  
purpose than to bring together a number of  
eager-hearted, truth-loving youths, what light and heat  
would not leap forth from the shock of mind with mind;  
what generous rivalries would not spring up; what intel-  
15 lectual sympathies, resting on the breast of faith, would  
not become manifest, **grouping souls like atoms, to form  
the substance and beauty of a world.**

O SOLEMN groves that lie close to Louvain and to  
20 Freiburg, whose air is balm and whose murmuring  
winds sound like the voices of saints and sages whispering  
down the galleries of time, what words have ye not  
heard bursting forth from the strong hearts of keen-witted  
youths, who, **titan-like**, believed they might storm the citadel  
of **God's truth!** How many a one, heavy and despondent,  
25 in the narrow, lonesome path of duty, has remembered you,  
and moved again in unseen worlds, upheld by faith and hope!  
Who has listened to the words of your teachers and not felt  
the truth of the saying of Pope Pius II — that the world holds  
nothing more precious or more  
30 beautiful than a cultivated intellect? The presence of such  
men invigorates like mountain air, and their speech is a  
refreshing as clear-flowing fountains. To know them is to be  
forever **their debtor**. The company of a saint is the school

breza, mas sem nada perder dos impulsos ardorosos que naturalmente refervem nas veias de uma jovem nação, É para esta Universidade de todos os Estados da União, que poderemos voltar os olhos, afim de pedir socorro, alento, luz e confiança, a mestres idóneos que não separem a vida intelectual da vida moral, que contemplem Deus e o Mundo através da prece efetiva e persistente,

3

5

e para quem, finalmente, a causa de Jesus Cristo se identificará com a própria causa da liberdade.

Ainda quando um tal centro intelectual não produzisse outro resultado senão o de agrupar um escol de mancebos ávidos de verdade, de luz e de ardor, que generosa emulação, que **crístã e** fecunda simpatia, não faria nascer um tão belo encontro de vontades?!(E)<sup>31</sup>

10

Jardins austeros, graves aleias de Louvain e de Friburgo,<sup>(E)<sup>32</sup></sup> cujo ar é tão balsâmico, e onde o ciciar do vento parece trazer-nos vozes de santos e de sábios, que nos chegassem por uma avenida de séculos; que palavras entusiásticas não tendes, vós, ouvido exaltarem-se do grande coração desses jovens prontos a conquistar de assalto as fortalezas **da ciência**? Quantos, de entre eles, nas horas apagadas de tristeza e de desânimo, quando o dever lhes parecia tão duro, não tiveram mais que recordar-se de vós, para se sentirem reportados às regiões superiores, onde reinam a fé e a esperança?! Qual de vós pôde ouvir as palavras dos seus dignos mestres e não tocar com o dedo a verdade desta frase de Pio II: “Não há, no mundo, nada mais belo, nem mais precioso, do que um espírito verdadeiramente cultivado”?(E)<sup>33</sup> A presença de tais homens é tão vivifican-

15

20

25

— 3 of saints: a strong character develops strength in others,  
and a noble mind makes all around him luminous.

5 **W**HY may not eight million Catholics upbuild a  
home for great teachers, for men who, to real  
learning and cultivation of mind, shall add the persuasive-  
ness of easy and eloquent diction, whose manifest and  
indisputable superiority shall put to shame the self-con-  
ceit of American young men, our most familiar intellectu-  
al bane and an insuperable obstacle to all improvement  
10 — **self-conceit, which is the beatitude of vulgar characters  
and shallow minds?** If our students should find in such an  
institution but one man, who, like Socrates, with ironic  
questioning, might make for them the discovery of the  
new world of their own ignorance, the gain would be  
15 great enough.

20 **W**HY may we not have a centre of light and truth  
which will raise up before us standards of in-  
tellectual excellence, which will enable us to see that our  
so-called educated men are as far from being scholars as  
the makers of our horrible show-bills are from being art-  
ists, which will teach us that it is not only false, but vulgar  
to cull things by pretentious names; as, for instance, to  
call a politician, a statesman; a declaimer, an orator; or a  
Latin school, a university.

te como o ar das montanhas, e a sua bela palavra refresca como o jorro de uma fonte cristalina. Tê-los conhecido é **ter aproveitado**. Frequentar um santo é a melhor traça para vir a ser santo: a companhia de um bravo carácter propaga a bravura, e a de um grande erudito propaga a luz.

Com oito milhões de católicos, não poderíamos, nós, criar uma espécie de centro ginásial para professores que aliassem a uma sólida instrução e a uma profunda cultura intelectual o encanto de uma dicção eloquente e persuasiva? E que, pelo simples facto da sua superioridade evidente, confundissem a insuportável presunção dos jovens americanos, nosso grande defeito e principal obstáculo ao progresso **moral**?

Ainda quando os nossos estudantes não encontrassem em quejanda instituição senão um homem capaz de lhes ensinar (consoante fazia Sócrates, por meio de perguntas irónicas)<sup>(7)</sup><sup>18</sup> a imensidade insuspeitada da sua ignorância, este simples benefício valeria bem o esforço e o tentame que vos proponho. O que nós pedimos e ambicionamos é um centro, ou foco, de luz, de verdade, que nos coloque debaixo dos olhos modelos de superioridade intelectual, e nos faça ver que os nossos pretensos eruditos estão tão longe de ser sábios como os nossos borradores de prédios o estão de ser artistas; que nos mostre finalmente o que há de ridículo em dar grandes nomes a pequeninas coisas, em apelidar “homem de Estado” a um simples político, “orador emérito” a um qualquer declamador, em conferir o título de “Universidade” a uma escola de latim.

**(Referindo-se, agora, de um modo especial à Universidade católica nos Estados Unidos, faz, o autor, as seguintes reflexões particulares ao seu país e à criação de uma Universidade de orientação cristã, as quais, embora sejam pouco práticas e pouco aplicáveis, por ora, à minha pátria, nem por isso deixarei de as traduzir, para respeitar o texto original e porque não deixam de ser úteis e edificantes para a minha classe.)**

—  
3

AH! surely as to whether an American Catholic university is desirable there cannot be two opinions among enlightened men. But is it feasible? A true university is one of the noblest foundations of the great Catholic ages, when faith rose almost to the height of creative power, and it were folly in me to maintain that such an undertaking is not surrounded by many and great difficulties. To begin with the material for foundation, money is necessary, and this, I am persuaded, we may have. A noble cause will find or make generous hearts. Men above all we need, for every kind of existence propagates itself only by itself. But let us bear in mind that the best teacher is not necessarily or often he who knows the most, but he who has most power to determine the student to self-activity; for in the end the mind educates itself. As distrust is the mark of a narrow intellect or a bad heart, so a readiness to believe in the ability of others is not only a characteristic of able men, but it is also the secret charm which calls around them helpers and followers. Hence, a strong man, who loves his work, is a better educator than a half-hearted professor who carries whole libraries in his head.

TO BRING together in familiar and daily life a number of young men, chosen for the brightness of their minds and an eager yearning for knowledge, is to create an atmosphere of intellectual warmth and light, which invigorates and inspires the master, while it stimulates his disciples. In such company it will not be difficult to form teachers. But will it be possible to find young men, who will consent when after years of study they have finally reached the priesthood, to continue in a higher institution the arduous and confining labors to the end of which they have looked as to the beginning of a new life? In other lands such students are found and if with us there is a tendency to rush with precipitancy and insufficient preparation to whatever work we may have chosen, this is but a proof of the need of special efforts to restrain an ardor which springs from weakness and not

Será, pois, desejável, a criação de uma Universidade católica nos Estados Unidos? Não podem haver duas opiniões a este respeito. Mas, será, ela, possível? A instituição de uma verdadeira Universidade é a empresa magna das épocas de uma fé criadora, e seria pueril, não lhe reconhecer as graves dificuldades. Para começar pelo lado material da fundação, torna-se necessário dinheiro, mas estou persuadido de que o obteremos. Uma boa e nobre causa encontra sempre, ou faz surgir, corações generosos. De homens, de homens, é que carecemos principalmente, pois só do vivo é que nasce o vivo — *omne vivum ex vivo*<sup>(E)34</sup> Porém, como, em última análise, a inteligência forma a si mesma, não esqueçamos que os melhores professores não precisam tanto de uma ciência extraordinária como do dom precioso de saber suggestionar no aluno um trabalho pessoal e mental. Ora, estes professores, sem excluir os outros, estamos, nós, seguros de os encontrar;

3

5

10

15

e até  
ousarei dizer que não seria muito difícil, criarem-se numa atmosfera de juventude impulsiva e sôfrega de saber.

Mas ser-nos-á viável, o reuni-la? Acharemos, nós, eclesiásticos que, tendo recebido o sacerdócio depois de muitos anos de estudo, consintam em continuar num Instituto superior esta faina árdua e absorvente, cujo termo tão impacientemente esperavam, para poderem entrar na vida ativa? Se é verdade que nos sintamos, mais do que outros, tentados a entregar-nos precipitadamente e sem o suficiente tirocínio à obra da nossa escolha, só podemos concluir daqui que é força aplicar-nos com maior afã a reprimir esta espécie de ardor, que mais prova fraqueza do

20

25

—  
3 from strength. Haste is a mark of immaturity. He who is  
certain of himself and master of his tools, knows that he is  
able, and neither hurries nor worries but works and waits.  
5 The rank weed shoots up in a day and as quickly dies, but  
the long-growing olive tree stands from century to cen-  
tury and drops from its gently waving boughs ripe fruit  
through the quiet autumn air. The Church endures forever  
and we American Catholics, in the midst of our rapidly  
10 moving and ever-changing society should be the first to  
learn to temper energy with the patient strength which  
gives the courage to toil and wait through a long life, if so  
we make ourselves worthy to speak some fit word or do  
some needful deed. And to whom shall this lesson first  
15 be taught if not to the clerics whose natural endowments  
single them out as future leaders of Catholic thought and  
enterprise, **and where can this lesson so well be learned**  
as in a school whose standard of intellectual excellence  
shall be the highest?

20 **W**HILE we look, therefore, to the founding of a  
true university, we will begin as the university  
of Paris began in the twelfth century, and as the present  
university of Louvain began fifty years ago, with a national  
school of philosophy and theology, which will form  
25 the central faculty of a complete educational organism.  
Around this, the other faculties will take their places, in  
due course of time, and so the beginning which we make  
will grow, until like the seed planted in the earth, it shall  
wear the bloomy crown of its own development.

30 **A**ND though the event be less than our hope,  
though even failure be the outcome, is it not  
better to fail than not to attempt a worthy work which  
might be ours? Only they who do nothing derive comfort  
from the mistakes of others, and the saying that a  
blunder is worse than a crime is doubtless true for those

que poderosa precipitação. A precipitação apenas denota falta de de maturação. Aquela que está seguro de si e dos seus instrumentos de trabalho sabe de que é capaz, e não se apressa nem se perturba; opera e espera. O mastruço e o escalracho brotam em um dia, e morrem com a maior facilidade com que brotaram; porém, a oliveira, que leva anos a desenvolver-se e a avigorar-se, deita frutos não só por anos, mas por muitos séculos. Filhos de uma Igreja que possui as promessas da imortalidade, nós deveríamos ser, nesta sociedade americana, de tão rápidas mudanças, os primeiros a possuir a energia e a força paciente que dá a coragem de trabalhar e de esperar durante uma vida inteira, para sermos, no momento oportuno, os homens que pronunciem a palavra providencial, ou que executem o ato necessário. Mas, se o conselho é bom, não vejo ninguém a quem melhor quadro do que aos jovens eclesiásticos, chamados, pelos seus talentos naturais, a tornarem-se os *leaders* do pensamento e das empresas católicas; nem vejo lugar mais azado para esses talentos serem **devidamente apreciados**, do **que o Instituto científico**, onde se presta à cultura intelectual a mais rendida homenagem.

Pensando na fundação de uma Universidade **católica**, começaremos, como começaram a de Paris, no século XII, e a atual de Louvain, há cinquenta anos, por uma escola nacional de filosofia e de teologia, que será como que a célula central de um organismo completo de educação. Com o tempo, virão, as outras Faculdades, agrupar-se em torno dela. A pequena célula seminal tornar-se-á uma grande árvore a desentranhar-se em flores e frutos.

E, ainda quando o êxito alcançado não correspondesse às nossas esperanças elevadas, ainda quando o nosso empreendimento houvesse de abortar, não será lícito, e mesmo digno de ambição, o mérito de o haver tentado? Só os que nada fazem e nada querem fazer se regozijam com os reveses alheios. O provérbio segundo o



qual “um grave engano é pior do que um crime” não pode ser tido como verdadeiro senão por indivíduos de fraca estofa, habituados a julgar de tudo pelo sucesso obtido e pela opinião de um público superficial e fútil. Quanto a nós, **cristãos**, sabemos, mercê de Deus,

---

**3**

5

que existe um Juiz aos olhos do qual a aspiração a um alvo generoso já por si mesma constitui um belo ato moral e uma fonte de mérito, embora balda de anelado êxito.<sup>(E)35</sup>



**Notas Explanatórias**  
*Da* **Tradutor**



## 1. INTRODUÇÃO

1

1. Reminiscência do título que Hugo de S. Victor dava a alguns dos seus tratados teológicos.

2. *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus.* Math. [Mateus 5:13 — “Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.”]

3. *Prosint potius, quam praesint.* [“Deveriam beneficiar; não, governar”] (conclusão das sessões do Tridentino. *Oratio in sess. 9.<sup>a</sup> et ultima*) [sessão nona, e última, do Santo Concílio de Trento, celebrada, nos dias três e quatro de dezembro de 1663, por Pio IV].

4. A visita dos doentes entrevados, por tantos párcos omitida, é um dos múnus pastorais que ela [*sic*] mais deve ter em mente; e fique sabendo que bem poucos [outros múnus] lhe conquistarão mais simpatias, e são mais dignos do papel que desempenha.

5. Não tenho escrúpulo de me repetir, para, ainda em nota, voltar a este assunto importantíssimo da bondade. Não é natural nem facilmente, que o homem é bom, e o ministro da Religião deve sê-lo eminentemente. Baixemos da teoria à pratica. É bem pouco evangélica, bem pouco cristã e edificativa, a facilidade com que certos párcos se arreliam e rompem em assanhas de mau humor no seu trato social, especialmente nas suas relações cartoriais com os paroquianos, a quem deveriam atrair e ganhar pela suavidade, e a quem, pelo contrário, escandalizam, arrufam e afastam, pela sua falta de paciência e até de simples cortesia. Lembremo-nos, estimáveis e diletísimos colegas, de que a bondade há de, por força, ser uma das nossas características, como imitadores de Jesus Cristo e continuadores natos da sua missão na Terra. O Espírito Santo, no dia chamado de “Pentecostes,” desceu sobre os Apóstolos, para investi-los do espírito do alto, e afim de confirmá-los na graça, para o desempenho do

# 1

grande mandato evangélico que iam iniciar. Ora, não nos é lícito esquecer que esse Espírito Paráclito, enviado pelo divino Fundador do cristianismo, não desceu sobre os primeiros representantes da nossa classe debaixo da forma de um abutre, como de um milhafre ou de um condor, mas sim de uma pomba, sem garras, nem bico adunco, nem fel. Símbolo bem significativo, porque a pomba é pura e sem malícia, delicada nos seus movimentos, serena nos seus hábitos, boa e mansa como nenhum outro animal, e, assim, bem própria para emblemar a alma de um padre, como a quer o Redentor e como Ele foi. Seja um dos exemplos desta bondade, o confessor. Um sacerdote segundo o coração de Deus conservar-se-á sempre equidistante do laxismo e do espírito jansenista, no exercício deste sacramento, nem pendendo para a relaxação, que é uma peste, e que quase autoriza o pecado, pela nímia facilidade com que o absolve, nem, ainda menos, para o espírito metucioso e inquisitorial, que, por qualquer reincidência, verbera um pobre penitente e o faz levantar do confessor, sendo, por essa forma (não raro), a causa de ele nunca mais se tornar a confessar, ou, então, por uma direção espiritual pouco inteligente, pouco ilustrada e demasiado estrita, entenebrece e inferna de escrúpulos a alma, sua dirigida. Como distava quilómetros destas praxes acanhadas, o espírito de Jesus, que não acabava de apagar a mecha ainda fumegante, absolvía a adúltera e defendia a pecadora de Magdala!

6. Como, felizmente, já se tem feito em Lisboa e no Porto.

7. É lamentável, a insensatez com que certos pregadores, especialmente no clero regular (falo dos pouco ilustrados), *amiúdam*, nas suas prédicas, de um modo até contraproducente, a recordação do dogma formidável da nossa escatologia, católica, e multiplicam narrações de visões de modo algum autorizadas pela Igreja.

8. Entre essas qualidades que tão belamente assentam em um ministro da Religião, ia, eu, omitindo uma, que me parece importante, e que, por isso, aqui vai em nota;

é a alegria. Um padre deve atrair a si a sociedade secular, sendo, ele, como é, a sombra e o simulacro de Aquele que disse: “Vinde a mim, os que sofreis, e eu vos consolarei”; ora, a tristeza afasta e a alegria aproxima. Uma é ordinariamente o espelho da paz da consciência, outra, muitas vezes, o é da perturbação interior e do remorso; a alegria é o sinal de que o homem sabe suportar com coragem os males da existência, a melancolia pode facilmente ser o sintoma de um ânimo pusilânime. Para preconizar a primeira, o Livro Sagrado encerra palavras como. estas: “Folgai sempre no Senhor, de novo digo; folgai” (Paul. *ad Philipense* — 4:4); para preconizar a sombria e repelente melancolia, a Bíblia não encerra nem um monossílabo. De facto, o cristianismo só inspiraria repulsão se uma das suas notas características fora a tristeza, e, ao contrário, nenhum melhor embaixador lhe poderia angariar adeptos do que o facto de ele atrair a serenidade e a alegria ao coração, ao rosto, à linguagem. Um padre triste é quase um contrassenso. Todavia, é claro que não aludo à falsa alegria, que é a complacência no mal, a essa alegria estrepitosa e cascalhada, toda exterior e aparente, que não vem do coração e da consciência aos lábios como uma onda que sobre eles se espraia, mas só dos sentidos ou das piores tendências do homem. Aludo, sim, àquela que, quando mesmo é leviana, nunca deixa de ser limpa, educada e de boa fonte. Aos que têm escrúpulo até de sorrir (não sei por que estranho princípio de: virtude), prefiro os bons e francos risos esféricos, sendo certo que os silenciosos e ovais são, muitas vezes, os da dissimulação. Em suma, este estado habitual de jovialidade pareceu ao Papa Bento XIV de tal modo ligado com a sólida virtude, que fez da sua presença no cristão uma das condições da beatificação, e a mais célebre mulher do santoral católico, a heroica e ascética Teresa de Jesus, dizia às suas filhas espirituais de Ávila: “Nada temo tanto para vós como perderdes a alegria; sei muito bem o que é uma alma em luta com o descontentamento.”

9. Outra coisa curiosa é o estado dos cíngulos, que não raramente parecem cordas nodosas de carrejões, o tamanho curtíssimo dos mesmos, que mal podem segurar a estola, o tamanho dos sanguinhos, tão microscópicos que mais molham o cálice do que o enxugam, dos cordões dos amitos, igualmente tão curtos que acabam onde deviam principiar, e, ao inverso, das alvas, que nunca acabam. Com as suas sobras desnecessárias, se proveriam de roupa branca algumas igrejas pobres.

10. Sessão 24.<sup>a</sup>, Capítulo 4.<sup>o</sup> *Predicationis munus à quibus et quando obeundum*, p. 299.

11. Esta obra do erudito superior do seminário de filosofia de Autun, que é um precioso comentário do Pontifical Romano, foi vertida do francês para a nossa língua pelo operoso e inteligente sacerdote português, da Congregação de S. Vicente de Paulo, o Reverendo J. M. Machado, que já anteriormente traduzira outra obra utilíssima: *Regulamento da vida sacerdotal*. Ambas as traduções, conscienciosamente feitas, foram editadas pela antiga casa editora de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74, Porto.

12. Nada há, hoje, que substitua a imprensa, e muito menos o jornal. Nem todos os assuntos se podem tratar no púlpito; o jornalismo é muito mais latitudinário, e o eco da sua voz chega muito mais longe, tem maior ressonância e fixidez. O jornal é o grande propagandista e o formidável missionário do bem... e do mal. Nem a cadeira da verdade, nem mesmo o livro, descem a incidências de momento, que, nem por isso, deixam de ter, por vezes, sua importância e alcance. Ora, a folha diária é a *arma de precisão* para responder sem demora ao ataque, ao sofisma, à falsidade, à calúnia de ontem, ou para tornar conhecida pelo estampido da publicidade uma benevolência, um ato glorioso, que não devia ficar debaixo do alqueire. E inqualificável apatia é a do eclesiástico que, tendo talento, instrução, facilidade em escrever (natural ou adquirida), saúde, vagar e, ainda por cima, a unguir-lhe o vigor, o elixir da juventude, permanece de braços cru-

zados, sem produzir um livro, sem se arregimentar como soldado voluntário na leva do jornalismo militante, quando os inimigos do cristianismo, mais zelosos do que “os filhos da luz” [Lucas 16:8], não cansam nunca, nem sequer admitem armistício.

13. Oseias 4:6.

14. Tão momentoso é este dever em todo o sacerdote, mas especialmente num cura de almas, que observa a este respeito, muito assisadamente, um emérito moralista eclesiástico: “Em um padre, qualquer queda formal contra a castidade, de que faz profissão, torna-se um erro grave. Contudo, se esta falta permanecer oculta, é menos grave e menos desastrosa para a Igreja do que a quebra de um dever profissional, qual o da prédica. Uma queda que não é pública, por mais detestável que seja, não prejudica diretamente senão ao infeliz presbítero e, talvez, ao seu cúmplice; enquanto a preguiça e a incúria apática do pastor, no tocante à pregação e ao ensino do catecismo, estabelecem na paróquia a ignorância, e parecem uma espécie de pecado original, que lavra através de todas as almas carecidas de verdade”, e, isto, muito mais na época presente, em que, nas famílias (geralmente falando), não se ensina a orar, nem as primeiras verdades elementares da Religião, e, nas escolas, só perfuntoriamente o fazem, os que o fazem.

15. Tais como os padres Lacordaire, Felix, Didon, Monsabré, Olivier, D’Huist, Cochet e Mons. Landriot, todos eles muito notáveis.

16. É possível que os alunos dos seminários e ainda alguns colegas meus desejem que eu lhes indigite algumas edições de bíblias anotadas e aprovadas, bem como algumas revistas sobre a Sagrada Escritura, ou simplesmente eclesiásticas, para o estudo das ciências que nos são peculiares.

Quanto ao primeiro ponto, citar-lhes-ei, entre outras muitas, além da Bíblia do Padre António de Figueiredo, modificada nas notas e recentemente publicada na Livraria Marques, de Lisboa, a Bíblia de Allioli, padre alemão,

## 2

vertida em francês e aprovada pela Santa Sé, a de Drioux, que é magnífica, a de Carrières, todas elas em francês e excelentemente anotadas. Para os que conhecerem o italiano, a do Arcebispo Martini, que é reconhecida universalmente por uma das melhores.

Quanto às revistas, indicarei a melhor de todas, a *Revue des Questions Bibllques*, dirigida, em Jerusalém, pelo eminente dominicano Mr. Lagrange. Para as ciências eclesiásticas, uma das melhores revistas que eu conheço, e mais compreensivas nos seus assuntos, é a *Revue du Clergé Français*, que se publica quinzenalmente em Paris, rue des Saints-Pères, 76.

### 2. DA EDUCAÇÃO ECLESIASTICA...

1. Exemplo: a Alemanha, a Inglaterra, a França. Em sentido contrário, os países menos desenvolvidos, menos fortes e nobres, são aqueles que menos educação recebem. Note-se.

2. Neste ponto, o educador é superior ao pai. Criar é formar o corpo, mas educar é formar o espírito. O pai produz uma natureza em bruto; o educador lapida-a. O pai dá ao mundo um ser humano; o verdadeiro educador abre um entendimento á luz e um coração ao sentimento de bem.

3. Ninguém pode deixar de aplaudir estas reflexões, tão sensatas, do autor. Se a mulher, se a mãe de família, tão pouca influência intelectual, moral e religiosa tem, entre nós (quão diferentemente do que sucede na Inglaterra, onde a senhora é talvez mais instruída do que em nenhum outro país!), na educação dos seus filhos e, portanto, indiretamente, no bem social, “idealizando um pouco mais esta pobre vida humana”, tão paganizada no materialismo dos costumes atuais, é porque ela mesma não possui em si essa força e luz a que alude, acima, o eminente Prelado americano. E não a possui porque não a recebeu no lar doméstico, onde a educação, com

honrosas exceções, ou é nula ou negativa, ou puramente mundana, cívica, exterior, ou de mero bom tom social, muito adequada a fazer títeres de ambos os sexos, mas não cidadãos, na nobre e forte aceção do termo, caracteres cristãos dignos deste nome, futuros pais e mães de família, capazes de entretecer alguns fios de oiro nesta vil tela dos nossos deploráveis costumes contemporâneos. Se algumas famílias (que as há. afortunadamente) enviam as filhas aos bons colégios cristãos, força é, confessar que a formação que aí recebem ainda, em algumas coisas, é bem deficiente, tanto em Portugal como nos países estrangeiros, sendo, em parte, mais própria de um tirocínio de convento do que da missão materna futura, e essencialmente educadora, a dentro do lar doméstico. Famílias há, também, que levam suas filhas a ouvir no templo a palavra autorizada e diretriz do sacerdote, e ainda fora do templo, lá onde, outrossim, se faz ou pode fazer ouvir. Ora, culpa só será dos ministros de Deus se, por carência completa dos conhecimentos necessários à sua profissão e mandato, o padre for inábil para inocular no espírito da jovem algo dessa “força e luz” a que se refere o insigne orador, adicionando à sua fé e dedicação o poder (e o amor) da cultura e da ciência, afim de a preparar, quando mãe de família, a imprimir nos frutos do seu consórcio conjugal uma educação intelectual e cristã que consiga idealizar um pouco neles esta pobre vida humana, e fazer triunfar nela o culto da virtude. A todos estes fatores apontados, e conducentes tanto a desenvolver como a aperfeiçoar a educação da mulher, poderei, ainda, acrescentar outro? Posso, e não será ocioso fazê-lo: é o de que, à leitura exclusiva do romance banal e até, por vezes, deletério, prefira a leitura dos livros instrutivos, que lhe ampliem a inteligência e lha enriqueçam de noções gerais e profícuas.

4. (1) Impensadamente, quereriam, muitos livres pensadores, que a Igreja, com o andar dos tempos, evoluísse nos seus dogmas, os alterasse e, até, os suprimisse; que, de sociedade religiosa, se tornasse científica e se

aplicasse ao descobrimento de novas teorias no terreno científico, ou, quando menos, as acompanhasse sem discriminação, para, assim, se impor ao respeito e simpatia dos intelectuais de todos os matizes. Seria pura loucura, e uma indigna abdicação. O mandato de que a Igreja foi investida pelo seu divino Fundador não foi um mandato científico, senão religioso, não natural, mas sobrenatural, não tendente a fazer dos homens naturalistas, matemáticos, físicos, historiadores, literatos, mas a instaurar todos os homens em Jesus Cristo e a fazer deles justos para o Céu, nossa pátria definitiva.

Não impede, todavia, isso, que um padre se possa instruir naqueles conhecimentos, hoje tão uteis, nem lhe é, por forma alguma, vedado ensiná-los a outrem, com um fim subordinado ao fim principal, que nunca há de perder de vista.

5. Ainda hoje, se veem os tais formalistas em certos cristãos pouco esclarecidos, em muitos membros das comunidades religiosas de ambos os sexos, e até em não poucos membros do clero secular, sem excetuar o alto clero, que antepõem o acessório ao principal.

6. Por conseguinte, não nos concederia a sua graça para nos fazer abraçar certas teorias outrora — isto é, nos primeiros séculos da Igreja — professadas até por alguns teólogos, mas, hoje, universalmente reconhecidas como erróneas, tais como que a Terra é imóvel, que não existem antípodas, que o mundo tem apenas seis mil anos, etc.

7. Infelizmente, é verdade. Na Polónia, interromperam-se as exéquias que se faziam a Copérnico, por se julgar que seriam feitas a um ímpio; Galileu foi sentenciado por se ter afastado “das teorias de Aristóteles e Ptolomeu”, rezam as peças de um processo.

8. Muito bem. E é por isso, que, hoje, muitos escritores católicos, na demonstração racional de certas doutrinas ortodoxas, se socorrem, como de testemunhas involuntárias, das opiniões ou dos depoimentos confluentes de cientistas, quais sejam Comte, Spencer, Tyndale, Virchow, Huxley, Darwin, etc.

9. Assim sucedeu com as questões de Galileu, da Inquisição, de Savonarola, de Alexandre VI, etc. Certos historiadores católicos de pouco critério e pouca fé mais comprometeram do que reivindicaram a causa da Igreja com as suas defesas sofisticas e manifestamente contrárias à verdade histórica. Eles têm sempre medo de que a Igreja e a fé periclitem por coisas que nada têm com a fé, nem com a indefetibilidade da Igreja.

10. Ora, se Deus permitiu as defeções de alguns dos seus apóstolos, de alguns justos, de alguns Papas, de alguns bispos, de algumas ordens religiosas ou de um ou outro dos seus membros, e os erros de alguns concílios parciais, por que razão não poderemos, nós, conhecer e fazer conhecer esses factos na sua plena verdade histórica? Com que fim, pretendem, certos historiadores incriteriosos, escondê-los, torcê-los, sofismá-los, contra toda a probidade histórica, como se, por fim, não viessem a provar-se tais quais se deram, ou como se tais defeções e erros pudessem fazer ruir a Igreja, e como se, na defesa desta, Jesus Cristo, que é a própria verdade, precisasse do processo da mentira, do sofisma e da dissimulação!

11. Reparemos bem em que o autor diz, com toda a razão, “a ciência mais exata” — porque pouco importa que qualquer verdade da nossa fé não esteja em harmonia com as hipóteses científicas que pululam, por vezes, nos campos da chamada “ciência,” e muito menos com o romance da ciência, qual foi o Zodíaco de Denderah, o *bathybius heackelii*, de Huxley, e a célebre genealogia animal fantasiada por Haeckel, contra toda a base determinista.

12. A História lamenta, de facto, que Copérnico, Rogério Bacon, Kepler, Descartes, tivessem sido coagidos nas suas louváveis investigações científicas. Copérnico teve de dedicar a sua obra *De revolutionibus orbium coelestium* ao papa Paulo III, como que colocando-se debaixo da sua proteção; Rogério Bacon foi incriminado de ter pacto com o diabo, por ter descoberto a pólvora. Que digam, Kepler e Descartes, o que tiveram a sofrer da parte do fanatismo protestante, chegando até, este último,

a ser acoimado de “ateu” (ele, tão crente!) pelo teólogo luterano de Utrecht, Gijsbert Voet, e a ter de homiziar-se na Holanda e, posteriormente, em Estocolmo!

13. Vêm aqui, naturalmente, aos bicos da pena, os nomes gloriosos de Spallanzani, Kircher, Secchi, Pasteur, Moigno, Denza, Hettinger e de muitos outros.

14. São, estes, muitas vezes, os apologistas involuntários da religião. Assim, o insuspeitíssimo Laplace, com as suas teorias cosmográficas, vem dar uma grande luz sobre o Hexaémeron de Moisés, acerca da formação do Sol, no quarto dia da criação. Assim, Caminhoá, na sua botânica, veio também demonstrar, contra Voltaire, que o figo é, sucessivamente, flor, com os seus órgãos reprodutivos, e fruto, confirmando, por esta forma, que não era anticientífica, a expressão do Messias, no Evangelho, quando condenava a figueira que se lhe deparara no caminho por não estar *florida* no tempo em que o devia estar.

15. Haja vista o que se deu, no seu tempo, com as admiráveis obras teológicas e ascéticas de São Francisco de Sales, tido, por alguns teólogos, como laxistas e, posteriormente, canonizadas pelo veredito indefetível da Igreja católica. Outro tanto, podemos dizer das afirmações do padre Didon, quando, em escritos seus, sustentava, contra espíritos acanhados, a conciliação do catolicismo com as diversas formas políticas. O grande Leão XIII, em encíclicas suas, veio confirmar pelo modo mais absoluto a opinião do distintíssimo sacerdote francês.

E, agora mesmo, não é certo que o insigne dominicano, o Padre Lagrange, que está em Jerusalém, à testa dos *Estudos Bíblicos*, tem sido atacado por um padre Alemão, Hetzenauer? — por causa de o sábio filho de S. Domingas entender que não se pode mais sustentar e interpretar a Bíblia como há duzentos anos, em face da crítica e dos conhecimentos atuais. Pio X tem animado muito os trabalhos e o zelo do Padre Lagrange.

16. O verso, ou, antes, hemistíquio, a que alude o orador é o seguinte: “Nós somos da raça de Deus” — *genus*

*Dei sumus*, segundo S. Jerónimo traduziu, na sua Vulgata. O nome do poeta grego é Arato, e o poemeto onde se nos depara o referido hemistíquio intitula-se *Phainomenon*.

17. Não parece que o exímio orador está, aqui, fotografando os costumes da sociedade lisbonense, e até, talvez, de uma parte do nosso clero nacional?

18. É exatamente o pensamento de Santo Anselmo de Cantuária — *Fides quaerens intellectum* [“Fé em busca de conhecimento”].

19. O que quer dizer que o catolicismo está muito acima da política e se concilia com todas as formas políticas sérias e sensatas, quer seja monarquia ou república. *Stat Crux, dum volvitur orbis*: “a Cruz permanece imóvel, enquanto o mundo lhe gira ao redor.”

20. Estas reflexões do autor são realmente muito bem cabidas. Temos, sem dúvida, entre nós, eclesiásticos bem educados e extremamente corteses; porém, alguns há, também, que parecem mal humorados desde o berço e que não o sabem disfarçar; que nasceram, infelizmente, cobertos com a carapaça do ouriço-cacheiro, ou que, na sua infância, não receberam dos pais, pobres, nem, posteriormente, nos institutos que frequentaram, nada que se parecesse com educação cívica e bom tom (coisa a que, infelizmente, se liga, por ora, pouca importância, nos nossos seminários, pois não seria nada de mais se aí se abrisse uma aula especial de civilidade, como existia no seminário de S. Lázaro, que eu frequentei, em Paris), a não ser que deixassem cair tais elementos de bom tom para baixo dos bancos das aulas desses institutos, ao largá-los. Ignoram, portanto, alguns membros do clero, o que sejam maneiras corteses e afáveis para com todos, ainda para com aqueles que não professam as nossas ideias, e dir-se-ia, até, que certos sacerdotes pensam que a distinção no porte e na linguagem seja uma afetação ridícula, indigna de um padre, a que opõem um formal contraste, por exemplo, na maneira por que respondem a quem requisita os seus serviços no cartório paroquial, ou no modo plebeu e anguloso por que fazem aos seus

paroquianos quaisquer admoestações, à estação da missa, admoestações que, se em alguma coisa primam, é na grosseria; de onde resulta que, podendo conseguir muito, e tudo, dos seus paroquianos, só conseguem o ranco. Pensavam e procediam de um modo contrário, um S. Francisco de Sales, um Fénelon, um Manning, o insigne Cardeal de Westminster, não há muitos anos falecido, o ex-Cardeal Bispo do Porto, D. Américo, outros tantos modelos de cortesia e outros tantos *gentlemen*, que tão bem sabiam provar que não há melhor código de civilidade do que o Evangelho, bem compreendido e ainda melhor exemplificado.

Pelo que respeita ao vestuário de um eclesiástico, quem poderá negar que Monsenhor Spalding tenha toda a razão? Mas cumpre evitar extremos. Nos países ou nas cidades em que o traje ordinário do clero é a batina, seria vergonhoso que a trouxessem remendada, mais cerzida que uma sutura da caixa craniana; suja, sebácea, desbotada até ao amarelo embaciado das molduras velhas, ou que, para dar nas vistas e satisfazer vaidades pueris, a trouxessem de seda, por vezes, até avivada de distinções que não pertencem à classe de que fazem parte. Seja a única distinção da sotaina o seu asseio perfeito, onde tornar-se-ia inútil procurar uma mancha, um pequeno rasgão.

Nos países, porém, nas províncias, nas cidades onde o traje ordinário do clero é chamado *secular* — casaco, calça, colete e cabeção, — convém, sem dúvida, respeitar o uso geral, para evitar singularidades (tanto mais que o traje clerical não é necessariamente o talar), mas fora deplorável, que um eclesiástico se envergonhasse, já não digo da sua coroa, mas mesmo do seu cabeção, que é o distintivo visível da sua classe, tão nobre, e que o substituisse por uma gravata, às vezes, até, de cor, realçada por um alfinete de ametista ou de fantasia. Fora deplorável, e digno de acre censura, que envergasse um casaquinho curto de cor dúbia, ou até berrante, em ar de quem tem um pé na Igreja e outro no mundanismo, ou de quem,

pertencendo ao clero, suspende, na frontaria, tabuleta de leigo. Não menos triste é, que ele ande tão desalinhado e poeirento, que deixe supor não possuir em casa uma escova de fato. A pureza exterior é a imagem da interior, e, não raro, vice-versa.

21. É inegável, que, pelos tempos que correm, cada um tem a pretensão de pensar por si, para seu uso e por sua conta e risco ; e isto chega a tornar-se até uma necessidade, numa época em que não se recebe mais a fé como um bem de família, como uma tradição respeitada e intata, ou como uma herança da qual cada um dos filhos quinhoeira por igual, mas, sim, como um dom oferecido individualmente por Deus, que um acolhe docilmente e outro desdenhosamente rejeita. Que seja, este, um mal, um acidente de todo o ponto lamentável, não ponho em dúvida; porém, é um facto positivo, e que muito nos importa ter em conta no exercício do nosso ministério sacerdotal, tanto ou mais que qualquer outro facto. Portanto, não pode, não deve, mais, daqui por diante, limitar-se, o padre, ao menos nas cidades, a pregar a verdade; cumpre-lhe provar que tem razão. E, sendo assim, se quiser desempenhar-se da missão que presentemente lhe incumbe, importa no mais alto grau que adquira uma instrução vasta e menos superficial do que a que até hoje ele julgava ser suficiente. Aliás, não corresponda, ela, ao seu mandato divino-social, e o público desprezará-lo-á. Sem dúvida, nem todos podemos ser sábios, nem isso é preciso, ou poços de erudição, nem isso se requer; mas está chegado o tempo em que será indispensável, para conservarmos um certo tom de autoridade sobre o espírito das populações, que lhes apareçamos como homens ilustrados e conhecedores de factos científicos, de questões, de teorias que, antes, um orador sagrado nem conhecia, porque muitas delas não existiam, mas que, hoje, existem, pululam e estrepitam através dos jornais e das revistas, das conferências e dos comícios. Convém, portanto, que um eclesiástico se instrua acerca de tais teorias e sofismas, para deles poder pôr de sobreaviso o público a que tiver

de se dirigir, ou como pároco, ou como orador sagrado, ou como escritor.

22. Não é que haja progresso no dogma, mas pode haver no seu desenvolvimento, na nova maneira de o demonstrar e de o levar a ser abraçado pelos espíritos livres. *Non nova, sed nove* [“Não é novo; porém, é original”].

23. Também por lá, nos Estados Unidos!...

24. Também por lá, naquela república tão rica!

25. Alusão à prece, ou voto, de Platão, parece-me que no *Teeteto*.

26. Eis porque a Sagrada congregação do Index, sempre e mais que nunca prudente, não é, hoje, fácil em condenar toda a obra de qualquer livre pensador, não só porque seria condenar a saco muito mais da metade do que atualmente, ainda que mal, se publica, mas porque ela bem sabe que os próprios erros dos espíritos sinceros, caldeados com muitas verdades importantes na ordem experimental, podem, às vezes, concorrer consideravelmente, embora indiretamente, para o incremento da cultura intelectual e da ciência, e, o que não é nada menos, para o descobrimento de um facto, de uma noção, útil à *vindicação da verdade da própria doutrina da Igreja*.

27. É claro, que estas reflexões do autor se aplicam especialmente aos países protestantes, ou àqueles em que as duas religiões se encontram constantemente em face e em luta.

28. Eu teria remorso, se não lançasse mão deste ensejo oportuno para recomendar aos meus dignos colegas a leitura assídua da Sagrada Bíblia, “o livro sacerdotal por excelência,” como a chama o Boca de Ouro; o livro que é a Arca do Testamento da sua religião, o arquivo autêntico da doutrina que por eles é professada e a mina inesgotável dos temas das suas prédicas, das demonstrações dos dogmas e máximas morais que tenham de inocular na alma popular dos fiéis; livro que é a história da sua pátria, porque todo o padre católico deve ter duas pátrias, a pátria do seu nascimento e a pátria da sua fé; livro que, nas horas tediosas da vida ou dos seus transes lancinantes, encerra bálsamos

e incomparáveis elixires, manipulados, na farmácia do Céu, pela mão de Deus, para todas as dores. O volume Sagrado oferece todos os estilos; entenece na narração idílica de Ruth e de José do Egito, assombra nos surtos proféticos de Isaias e Daniel, instrui, edifica e consola nas máximas sapienciais do Esposo dos Cantares, e é quase o pábulo da Hóstia Santa nas arquidivinas páginas do Evangelho. Que um padre não leia assídua e repetidamente (que não uma vez na vida) as Escrituras, é triste; que nunca as leia, é horrível; que não as possua na sua livraria, ao passo que a literatura romântica e ligeira seja fartamente representada nos raios da sua estante, é inacreditável!... E, para muitos eclesiásticos, tanto de Portugal como do Brasil, é talvez um facto.... Sintoma pouco lisonjeiro, sob todos os aspetos, até de falta de vocação eclesiástica e de espírito sacerdotal. Todavia, não podem ser mais insistentes e mais encarecidas do que são a este respeito, as recomendações dos três últimos Papas, Pio IX, Leão XIII e Pio X.

É necessário fazer o que o Anjo das Igrejas, no Apocalipse, ordenava a João Evangelista, na visão mística da ilha de Patmos; é necessário “comer aquele volume,” *manduca volumen* [*comede volumen istud*, Ezequiel 3:1]. É forçoso comer o Livro divino, triturá-lo, ingeri-lo, assimilá-lo, possuí-lo, nutrirmos dele.

Seria prudente, indicar aqui, para os que a não possuem, a recente edição da Bíblia, do Padre António Pereira de Figueiredo, em três volumes, com notas ilustrativas e gravuras de Gustave Doré, publicada pela Casa Marques, editora da História de Portugal, R. Augusta, 95. Esta edição tem a vantagem de ser, no género, a mais económica que eu conheço.

29. Esta expressão do orador recorda a bela obra denominada Assotiation of Temperance, fundada, no século passado, por um franciscano irlandês, Father Mathew, estabelecida, hoje, em toda a Grã Bretanha e nos Estados-Unidos. Os membros da referida associação obrigam-se, por juramento e perante um sacerdote, a renunciar totalmente ao alcoolismo, tendo, eu mesmo, quando estive em

### 3

Dublin, ouvido oficialmente alguns desses juramentos; e é incalculável, o resultado de moralização que tem produzido naquelas duas nações, a obra tão altamente humanitária do humilde frade católico. Os protestantes têm por tal forma admirado, em si e nas suas consequências, o instituto filantrópico do padre Mathew, que, em diversos pontos da Grã Bretanha, lhe erigiram estátuas....

30. Oxalá o mesmo se pudesse dizer de outros países em que também existe separação entre a Igreja e o Estado! Desafortunadamente, não sucede assim na atual República francesa, onde, em lugar de haver separação e, com ela, liberdade recíproca, o que tem havido é uma formal perseguição do forte contra o inerme, do Estado contra o clero e os católicos franceses.

31. E note-se que este discurso do bispo de Peoria foi proferido ao espirar do século XIX. De então para cá, os progressos do catolicismo, como é constante das estatísticas publicadas nos grandes almanaques católicos dos Estados Unidos, têm prosseguido ininterruptamente e de um modo simplesmente admirável.

32. Por experiência, sei que esta observação do ilustre Prelado é, de todo o ponto, verdadeira. Muitos franceses, por exemplo, e muitos portugueses que demandam os portos da América do Sul, não fazem aí brilhante figura, sob o ponto de vista moral e religioso; dos colonos italianos e espanhóis, nem falo.

### 3. EDUCAÇÃO SUPERIOR DO CLERO

1. Ponhamos, por exemplo, em paralelo S. Vicente de Paulo e Bossuet, e julguemos se o autor tem, ou não, razão.

2. Neste sentido, dizia, com alto senso, S. Boaventura, que “a alma humana era semelhante a um espelho que, segundo se achava límpido ou embaciado, nele, se refletiam, ou não, as verdades da fé.”

3. O exemplo dos padres do Index que condenaram a teoria científica de Galileu “por ser contrária à de Pitágoras e Aristóteles” já é clássico; mas, entre outros, que o não são tanto, indigitaremos, em abono das justíssimas reflexões do conferencista, o lamentável exemplo daqueles padres portugueses do meado do século passado que, tanto na imprensa como até do alto do púlpito, acusaram Alexandre Herculano de heresia, por ter negado a verdade histórica do milagre de Ourique, como se esse facto tradicional tivesse cousa alguma com o dogma católico. Mais ilustração e critério teria evitado semelhante *fiasco*.

4. Permita-se-me dissentir aqui um pouquinho do parecer do ilustre Prelado, atendendo a que não é, nem pode ser, proibido, aos que ainda têm pais ou irmãs, viver em companhia deles; e, do mesmo modo, em quanto a “gozos” que não são propriamente “os do espírito”, mas simples distrações e recreios dos sentidos, para repouso do espírito, nem todos são vedados ao padre, nem perigosos, nem abaixo da sua dignidade. Tudo está na escolha discreta que ele fizer de tais distrações e recreios. Todavia, é bem certo que se tornam, às vezes, para nós, uma diversão imprescindível, que não seja senão como salutar derivativo a aturadas lucubrações intelectuais, ou a certos penosos exercícios do ministério eclesiástico.

5. Com paridade de razão, poderíamos também perguntar que maior perda seria para Portugal, se não ter possuído um D. João de Castro ou um Afonso de Albuquerque, se não ter tido um Camões, um Vieira ou um Herculano. Quanto a mim, opto pela segunda disjuntiva.

6. Com mais exaço, se deve dizer que o que hoje remanesce do velho templo hebraico não são algumas pedras dispersas, a juncar o Cédron extinto, porém, sim, algumas lajes enormes e justapostas, constituindo os últimos restos dos fundamentos do famoso templo, cuja situação fica, aliás, assaz longe do citado rio, para se não poder confundir com ele. Digo-o por observação pessoal. Onde, antes, existia o templo salomónico, eleva-se, hoje, a soberba mesquita de Omar.

7. É neste mesmo sentido, que a sabedoria instrutiva do nosso povo português diz: “trabalha, que eu te ajudarei.”

8. Chegado ao fim desta interessante divisão, é-nos bem grato reconhecer quanto seja edificante e consolador, ver a veemência e o encarecimento com que um eminente bispo católico pugna, do alto da sua inconteste autoridade, pela necessidade da ciência, ainda das ciências positivas e naturais, em um ministro da religião.

Respeito aquele prelado português que, numa conferência a que assisti na minha juventude de seminarista, nos dizia: “Cautela com o saber!”; mas, ainda mais, respeito a intimativa apostólica com que Mons. Spalding brada ao clero americano e, na pessoa deste, a todo o clero católico: “Cautela com a ignorância!” Saber é um bem, ignorar é um mal. Do saber, pode-se usar e abusar igualmente, se não for condimentado com a humildade, a confiança no auxílio divino e o amor de Deus. Da ignorância, é que não se pode usar nem abusar, porque não se usa legitimamente do mal, e não se abusa senão do bem. Um dos cognomes que Deus tem na Bíblia Sagrada é de “Deus das ciências,” *Deus scientiarum Dominus* [1 Samuel 2:3]; e não há, lá, texto que o cognomine “o Senhor dos ignorantes”. Só o objeto do saber, ou o seu excesso, pode ser vicioso. O objeto do saber há de ser o que direta ou indiretamente se relacionar com a profissão do padre e o seu ministério da palavra, escrita ou falada. Tantas coisas se relacionam com este, se ele o quiser bem desempenhar! O excesso estaria em que o padre deixasse de se conformar com este conselho do grande Apóstolo: *Non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem* [“Não ser mais sábio do que se deve ser, mas ser sábio com sobriedade”, Romanos 12:3]. Mas, que eclesiástico, ou que espírito ilustrado, poderá dizer onde começa a insobriedade?

9. E, isso mesmo, não por toda a parte...

10. Esta frase, aliás, é daquele agudíssimo espírito que se chamou Tertuliano.

11. Ou, então, à falta de uma universidade católica, num metódico, variado e tenaz estudo, que o padre fará

no seu próprio gabinete, não só intensificando o conhecimento já adquirido das ciências teológicas, apenas esboçando nos seminários, mas ornando, igualmente, o seu espírito, de noções precisas sobre as ciências naturais, hoje tão úteis à demonstração de certas verdades religiosas, como sejam a paleontologia, a geologia, a biologia, a zoologia, a botânica (ciências, aliás, cheias de atrativos e encantos) e, bem assim, sobre a história profana, a começar pela do seu país, e sobre as ciências sociais, que lhe abrirão os olhos, que lhe multiplicarão as luzes acerca do meio social em que vive e da marcha e peripécias políticas dos povos. Não será difícil, aos meus colegas, armazenar pouco a pouco este cabedal precioso de conhecimentos, se possuírem aquele *sagrado amor do estudo*, que bane as conversações ociosas, as visitas desnecessárias e as leituras banais, e se lhes arfar o peito, o zelo da causa da Igreja, do bem da sociedade, da honra da sua classe (que tanto sobredouram os padres ilustrados) e o brio do seu próprio nome.

12. Ou por meio de semelhantes universidades católicas, ou por meio de um constante estudo particular; pois é sabido que os seminários só servem para nos ensinar a bem estudar, e não para mais.

13. Sem dúvida alguma. E, aqui, recordamo-nos naturalmente da Grécia, que foi outrora católica e que, de Fócio para cá, cessou totalmente de o ser, para abraçar o cisma. *Item*, a Inglaterra, a “ex-terra dos santos”, lançada no protestantismo pelo sensualíssimo Henrique VIII, a Alemanha, igualmente protestantizada pelos sofismas e pelo zelo satânico de um ex-frade agostinho, a França, balouçada tristemente entre o galicanismo de Bonaparte e o do Clemenceau das “cultuais,” etc., etc.

14. Como isto se pode aplicar perfeitamente a nós, padres portugueses ou brasileiros! E como é sempre, e infelizmente, tão exíguo e tão raro, o exemplo daqueles eclesiásticos que se votam ao ideal, que cultivam o belo e os nobres amores da vida do pensamento e do estudo dos grandes mestres!

Nuns, a indolência, noutros, a dissipação do espírito, alimentada em intermináveis e frívolas conversações, nestes, a maldita escarlatina da política, que os põe num prurido constante, naqueles, a ambição plutocrática, a *auri sacra fames* [“fome de ouro sagrado”, *Eneida*, III, V. 57] (um dos piores flagelos do padre), matam, nos ministros da religião, esse culto do ideal, do belo e da ciência, que tanto relevo lhes daria e os tornaria membros muito mais prestimosos dessa religião que servem.

15. Releve-se, ao autor, este ardor incendiado do seu patriotismo. Quem bem conhecer esse notável país, a águia das nações, auréola de glória do Genovês Colombo, pátria de tantas ideias grandes, foco da maior civilização que até hoje se conhece e atingida em pouco mais de um século, poderá, porventura, deixar de lhe dar alguma, ou, mesmo, toda, a razão?

16. E esta reflexão é tão justa, que o autor poderia, talvez, omitir sem inconveniente o seu *quiçá*.

17. E, em relação a Portugal e ao Brasil, enquanto não criarmos, também, uma Universidade católica, o que é imensamente desejável mas de uma execução se não impossível, pelo menos, difícil para os nossos hábitos pouco arrojados e enérgicos, direi, ao menos: Surjam, entre nós e entre os nossos irmãos da república brasileira, melhores seminários, isto é, de uma formação moral, religiosa, científica mais completa, de um nível mais elevado, à altura das necessidades dos tempos modernos, que possam constituir o que se chama “o padre moderno,” no sentido mais nobre da expressão, o padre amigo do povo, que vá ter com o povo e que saiba falar ao povo uma linguagem atual, penetrante e eficaz.

18. De facto, Sócrates, conforme o sabemos pelos numerosos “Diálogos” de Platão, em que quase sempre introduz o seu mestre, nada ensinava que não fosse por meio de perguntas reiteradas, que, já por si, preparavam, de alguma sorte, a resposta do respondente, e, por isso, se intitulava, a si mesmo, “parteiro dos espíritos.” É sabido, que, a este método pedagógico, por perguntas e respostas, se dá o nome de *método socrático*.

**Notas Críticas**  
*Da* **Editor**



## 1. INTRODUÇÃO

1

1. “De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo”. 2 Coríntios 5:20 — *Pro Christo ergo legatione fungimur, tamquam Deo exhortante per nos. Obsecramus pro Christo, reconciliamini Deo.* (“De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.”)

2. “Oh, vergonha!”

3. “Venha à frente, aquele que é chamado.”

Quase de certeza, Sena Freitas pretendia escrever: *Accedat, qui ordinandus est* (“Venha à frente, aquele que é ordenado”). É que são estas, as palavras que, por determinação da secção do Pontifical Romano (*Pontificale Romanum*) que se intitula “Da Ordenação do Diácono” (*De Ordinatione Diaconi*), o arqui-diácono deverá pronunciar, por altura de tal ordenação: *Pontifex ante medium altaris in faldistorio sibi parato sedet, renibus altari versis, et Archidiaconus, aut alius minister, vocat Ordinandum, dicens: Accedat, qui ordinandus est ad officium Ostiariorum.* (“O pontífice senta-se à frente do meio do altar, num faldistório para ele preparado, com as costas voltadas para o altar, e o Arqui-diácono, ou outro ministro, chama o ordenando, dizendo: ‘Venha à frente, aquele que é ordenando ao ofício de Zelador.’”)

Terá, Sena Freitas, sido levado a erro pela semelhança fónica que subsiste entre *vocatus* (“chamado”) e “vacionado”?

4. O religioso e pregador católico francês, bem como jornalista e intervencionista político, Jean-Baptiste-Henri Lacordaire (1802–1861).

5. J. L. Spalding. *Opportunity, and Other Essays and Addresses*. Chicago, A. C. McClurg & Co., 1900, 228 p.

6. A “epígrafe geral” de *Opportunity, and Other Essays and Addresses*, consiste em tradução para a língua inglesa do seguinte passo da primeira das *Regulae ad directionem ingenii* (*Regras para a direcção da mente*), de

1

Descartes: *Et profecto mirum mihi videtur, plerosque hominum mores, plantarum vires, siderum motus, metallorum transmutationes, similibusque disciplinarum obiecta diligentissime perscrutari, atque interim fere nullos de bona mente, sive de hac universali Sapientia, cogitare, cum tamen alia omnia non tam propter se, quam quia ad hanc aliquid conferunt, sint aestimanda.* (“Parece-me deveras estranho, que a maioria dos homens estude com tanta diligência as virtudes das plantas, os movimentos das estrelas, as transmutações dos metais e outros assuntos semelhantes, enquanto quase nenhum deles se preocupe com o bom uso da razão, ou com a sabedoria universal, quando todas as outras coisas devem ser valorizadas não tanto por si mesmas, mas por contribuírem, de algum modo, para isso.”) René Descartes. *Regulae ad directionem ingenii (Regulal I)*. Ed. Charles Adam e Paul Tannery, Paris, J. Vrin, 1965, p. 34, ll. 12–19.

A referida tradução para a língua inglesa (a tradução que constitui a “epígrafe geral” de *Opportunity, and Other Essays and Addresses*) é esta: “It is strange that most students should inquire with much diligence concerning the virtues of plants, the motions of the stars, the transmutations of metals, and other similar subjects, while few or none make it their purpose to acquire a good mind, though all other things are to be esteemed not so much for themselves as for their influence on the right use of reason.”

Com relação a “o mote do brasão da família Chateaubriand”, veja-se o seguinte passo de *Mémoires d’outre-tombe (Memórias de Além-Túmulo)*, de François-René Chateaubriand (1768–1848): “Les Brien vers le commencement du onzième siècle communiquèrent leur nom à un château considérable de Bretagne, et ce château devint le chef-lieu de la baronnie de Chateaubriand. Les armes de Chateaubriand étaient d’abord des pommes de pin avec la devise: *Je sème l’or.*” (“Por volta do início do século XI, a família *Brien* deu o seu nome a um castelo considerável da Bretanha, que se tornou a capital da

baronia de Chateaubriand. O brasão de Chateaubriand era inicialmente composto por pinhas com o moto: *Eu semeio ouro.*”) François-René Chateaubriand. *Mémoires d'outre-tombe*. Paris, Garnier Frères, s.d., vol. 1, p. 8.

7. Importa relembrar (a Nota Introdutória já o deu a saber) que os “dois discursos” a que Sena Freitas se refere aqui, os dois textos que percorrem, em inglês, as páginas deste livro com numeração par, não foram reunidos pelo autor (John Lancaster Spalding) em *Opportunity, and Other Essays and Addresses*. Trata-se, na verdade: (i) do sermão *Education and the Future of Religion* (A Educação e o Futuro da Religião), que Spalding pregou, em Roma, na Chiesa del Santissimo Nome di Gesù (Igreja do Santíssimo Nome de Jesus), no dia 21 de março de 1900; (ii) do discurso *University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests* (A Educação Universitária, Considerada nas suas Relações com a Alta Educação dos Padres), que o próprio Spalding proferiu, na Catedral de Baltimore, no dia 16 de novembro de 1884 — por ocasião do Terceiro Consílio Plenário de Baltimore (Third Plenary Council of Baltimore), constituído por bispos, arcebispos e superiores de ordens religiosas dos Estados Unidos. O discurso *University Education* consta de *Memorial Volume: A History of the Third Plenary Council of Baltimore, November 9 December 7, 1884* (Baltimore, The Baltimore Publishing Co., 1885, pp. 74–102).

8. Claude Arvisenet (1755–1831), cónego e vigário-geral de Troyes. Autor não de *Manuale Sacerdotum*, mas de *Memoriale Vitae Sacerdotalis* (*Memorial da Vida Sacerdotal*).

9. Jean Croiset (1656–1738), clérigo e escritor francês da Companhia de Jesus. Autor de *L'année chrétienne: contenant les messes des dimanches, fetes & ferries de toute Pannée en latin et en François, avec L'explication des epîtres & des evangiles, & un abregé de la vie de Saints don on fait l'office* (*O Ano Cristão: Contendo as Missas dos Domingos, Festas e Feriados do Ano Inteiro em Latim e Francês, com a Explicação das Epístolas e Evangelhos, e*

— **1** *um Resumo das Vidas dos Santos de que se Fazem Offícios*), publicado, em dezoite volumes, a partir de 1712.

10. 1 Coríntios 11:1.

11. Alusão a Lucas 8:16. “E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso, ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz.”

12. 1 Coríntios 9:22.

13. Alusão a Mateus 5:13. “Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.”

14. 1 Pedro 5:3 — *neque ut dominantes in cleris, sed forma facti gregis ex animo*. (“Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.”)

15. “O sacerdote é um outro Cristo.”

De acordo com o papa João Paulo II, esta asserção é asserção “tradicional” e, pois, transmitida oralmente: “in tutta verità si può ben dire, con l’intera Tradizione, che ogni Sacerdote è *alter Christus*”. (“Messaggio di Giovanni Paolo II ai Aartecipanti al IV Incontro Internazionale dei Sacerdoti”, de 19 de junho de 1999.)

Contudo, a ideia que essa mesma asserção expressa surge especificamente já num manual do século XVII. Trata-se de *Manuale Praelatorum Regularium (Manual dos Prelados Regulares)*, da autoria de Ludovico Miranda, em cujo Artigo XIX, na Questão XLI (*Utrum Missae sacrificium fit intensiue infinitum?* — “Se o sacrificio da Missa se torna intensamente infinito”), se lê: *...nam licet Sacerdos secundum se, sit persona finita, non tamen illud offert in sua persona, sed in persona Christi, estque (ut sic loquamur) aequivalenter, quasi alter Christus, in repraesentatione Christi, qui est principalis offerens...* (“...pois muito embora, em si mesmo, o Sacerdote seja pessoa finita, ele não a oferece [a missa] em pessoa própria, mas na pessoa de Cristo, isto é, é dele equivalente (por assim dizer), outro Cristo em representação do próprio Cristo, que é o

principal ofertante...”) Ludovico Miranda. *Manuale Prae-latorum Regularium*. Romae, Bartholomaeum Zanettum, 1612, vol. 1, p. 592.

16. Marco Aurélio. *Marco Aurélio António, Imperador, a si Mesmo* (ΜΑΡΚΟΥ ΑΥΡΗΛΙΟΥ ΑΝΤΩΝΙΝΟΥ, ΑΤΤΟΚΡΑΤΟΡΟΣ, ΤΩΝ ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ). É possível que a adjetivação “invencivelmente bom” seja tradução de “excelentes e justos” (ἄριστοι καὶ δικαιοτάτοι), na qualidade de predicados atribuídos aos Deuses. C. R. Haines, por exemplo, traduz “excelentes e justos” por “infinitely good and just” (“infinitamente bons e justos”): “For even thyself canst see that in this presumptuous enquiry of thine thou art reasoning with God! But we should not thus be arguing with the Gods were they not infinitely good and just.” (Marcus Aurelius. *The Communings with Himself of Marcus Aurelius Antoninus, Emperor of Rome*. Trad. C. R. Haines, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1961, p. 327.)

17. 2 Coríntios 2:15 (“...para Deus, somos o bom perfume de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem.”)

18. Filipenses 4:13.

19. “Gastarei e me deixarei gastar”. 2 Coríntios 12:15 — “Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar, pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado”!! (*Ego autem libentissime impendam, et super impendar ipse pro animabus vestris: licet plus vos diligens, minus diligar.*)

20. “Este é o meu corpo”. Mateus 26:26. “E, quando comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: ‘Tomai, comei, isto é o meu corpo.’” (*Coenantibus autem eis, accepit Jesus panem, et benedixit, ac fregit, deditque discipulis suis, et ait: Accipite, et comedite: hoc est corpus meum.*)

21. Antiga cidade grega, situada nas margens do Golfo de Taranto. Fundada em 720 A.C., tornou-se, via do comércio, uma das cidades mais ricas e importantes da Magna Grécia. A vida opulenta e de grande conforto dos

# 1

mais dos seus habitantes deu origem ao qualificativo “sibarita,” o qual expressa, precisamente, predileção por e apego a uma tal forma de vida.

22. Gálatas 6:14 (“...longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.”)

23. João 17:21 (“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”)

24. *Sacerdotium vero Christi est aeternum* (“O verdadeiro sacerdócio de Cristo é eterno”). Thomae de Aquino. *Super Epistolam Pauli ad Hebraeos Lectura (Comentário à Epístola aos Hebreus)*, Caput VII. Lectio IV (acerca de Hebreus 7:20–28). In: Thomae de Aquino. *Opera Omnia*. Parmae, Typis Petri Fiacadori, 1862, vol. 13, p. 728 B.

25. O “peso”, ou padrão, “do santuário” determinava a equivalência mais exata e justa entre diferentes moedas, bem como entre estas e certos metais. *Veja-se* Números 7:84–86. <sup>84</sup> Esta foi a consagração do altar, feita pelos príncipes de Israel, no dia em que foi ungido, doze pratos de prata, doze bacias de prata, doze colheres de ouro. <sup>85</sup> Cada prato de prata de cento e trinta siclos, e cada bacia de setenta; toda a prata dos vasos foi dois mil e quatrocentos siclos, segundo o siclo do santuário; <sup>86</sup> Doze colheres de ouro cheias de incenso, cada colher de dez siclos, segundo o siclo do santuário; todo o ouro das colheres foi de cento e vinte siclos....”

26. *Rerum Novarum (Das Coisas Novas)*: a trigésima-oitava encíclica do papa Leão XIII — sobre o Capital e o Trabalho, e de 15 de maio de 1891.

27. No vol. 3 da *História Religiosa de Portugal* (Dir. Carlos Moreira Azevedo, Lisboa, Círculo de Leitores–Autores, 2002, p. 93), lê-se: “Sena Freitas queria ver aqui o que directa e indirectamente conhecera lá fora. Queria um catolicismo lúcido e interveniente, que não deixasse de lado nenhuma questão, religiosa, cultural ou social que fosse, e não uma sobrevivência retraída ou a recusa do seu tempo. Queria que o catolicismo português amplias-

se de algum modo a sua própria existência, interessando-se por toda a actualidade de ideias e factos, mesmo para a criticar, mas conhecendo-a primeiro.... Para ir mais longe, distinguindo teoricamente o que na prática ainda consentia ambiguidades: o Estado confessional poderia ser criticado e talvez fosse mesmo dispensável por parte do catolicismo; mas tal não deveria significar ausência dos crentes e da crença na vida pública, refúgio no templo, ou abrandamento da presença na sociedade. E quase um lema: ‘Fora do Estado alguma vez, tora da nação e de Deus, nunca.’”

28. Manuel González Garcia (1877–1940), nomeado “Arcipreste de Huelva” em 1 de março de 1905. “¿Qué es Acción Social Católica?” “Es un viaje *de ida y vuelta*, que empieza, el de ida, en Cristo y termina en el pueblo, y empieza en el pueblo, el de vuelta, y termina en Cristo”. Conferência “Acción Social del Párroco”, proferida, em 1908, na III Semana Social de Sevilha (Manuel González Garcia. *Obras Completas*, Burgos, Monte Carmelo, vol. 2, 2005, pp. 237–257).

29. Nos registos das vinte e cinco sessões do Concílio de Trento (1545–1563), o Editor não encontrou a expressão “pupila dos seus olhos,” nem outra que lhe seja similar. Tratar-se-á de expressão inspirada a Sena Freitas pela seguinte afirmação: *Archidiaconi etiam, qui oculi dicuntur Episcopi, sint in omnibus ecclesiis, ubi fieri poterit, magistri in theologia....* (“Os arqui-diáconos, que são chamados ‘os olhos dos bispos,’ também devem ser professores de teologia em todas as igrejas, sempre que possível....”)? (Sessão XXIV. *Decretum de Reformatione*, cap. 12. In: *O Sacrosanto e Ecuménico Concilio de Trento, em Latim e Portuguez. Dedicada e consagra, aos Excell. e Rev. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycond*. Lisboa, Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, vol. 2, p. 296.)

30. “Abominação da desolação na igreja de Cristo”. A expressão “abominação da desolação” (*abominatio desolationis*) remete para Daniel 11:31. “E braços serão

# 1

colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e [que] tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora.” (*Et brachia ex eo stabunt, et pollutent sanctuarium fortitudinis, et auferent iuge sacrificium: et dabunt abominationem in desolationem.*)

31. Alusão a Mateus 13:19-22. “<sup>19</sup> Ouvindo, alguém, a palavra do reino e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatada a semente que foi semeada no seu coração; este é o que foi semeado junto ao caminho.<sup>20</sup> O que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; <sup>21</sup> Mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição, por causa da palavra, logo se ofende; <sup>22</sup> E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera; <sup>23</sup> Mas, o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta.”

32. Sena Freitas terá traduzido este passo do “Decreto da Reforma” (*Decretum de Reformatione*) a partir da sua versão original, em latim, ou de tradução deste para uma qualquer outra língua. — Já que o texto que apresenta não coincide, como seria de supor ocorrer, com o texto da tradução para português de 1781 (*O Sacrosanto e Ecuménico Concílio de Trento, em Latim e Portuguez. Dedicada e consagrada, aos Excell. e Rev. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Rey-cend. Lisboa, Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, vol. 2, p. 117.*)

Eis o texto original:

*Nihil est, quod alios magis ad pietatem, et Dei cultum assidue instruat, quam eorum vita, et exemplum, qui se Divino Ministerio dedicarunt. Cum enim a rebus sæculi in altiores sublatis locum conspiciantur, in eos, tamquam in speculum, reliqui oculos coniciunt, ex iisque sumunt, quod imitentur. Quapropter sic decet omnino Clericos, in sortem Domini vocatos, vitam, moresque suos omnes componere, ut habitu, gestu, incessu, sermone, aliisque*

*omnibus rebus, nil, nisi grave, moderatum, ac religione plenum, præ se ferant; levia etiam delicta, quæ in ipsis maxima essent, effugiant; ut eorum actiones cunctis afferant venerationem.*

1

Eis, agora, a tradução de 1781, para português:

“Naô ha cousa, que assim instrua os proximos, continuamente na piedade, e culto de Deos, como a vida, e exemplo daquelles, que se dedicárao ao Culto Divino. Porque como os vem levantados a huma classe superior a todas as cousas do seculo, todos poem nelles os olhos, como em espelho, e delles tomao o que haõ de imitar. Por tanto convém, que os Clerigos chamados para a sorte do Senhor ordenem a sua vida, e costumes de modo, que em seu vestido, gesto, andar, práticas, e em tudo o mais, nada appareça que naõ mostre gravidade, moderação, e esteja cheio de Religiaõ: evitando ainda as culpas leves, que nelles seriaõ graves, para que as suas açções causem veneraçã a todos.”

33. “À unha,” “com pefeição.” O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* elucida: “Alusão ao costume dos estatuarios antigos que passavam a unha pela superfície do mármore, para avaliarem o polimento e o grau de perfeição do seu trabalho”.

34. Chateaubriand (François René de, 1758–1848) escreveu *O Génio do Cristianismo* (*Génie du christianisme*) na década de 1790, durante o seu exílio na Inglaterra. Teve em vista, ao fazê-lo, produzir defesa sua da fé católica, que então, durante a Revolução Francesa, já se encontrava sob o ataque de quantos Sena Freitas viria a apodar de “adversários de Cristo” [8:29]. Em 1800, após Napoleão ter concedido amnistia aos exilados de França, tornou-se possível a Chateaubriand regressar àquele seu país, onde a obra que se encontra aqui em pauta foi publicada em 1802.

35. *Ver* Jonas 4:5–11. <sup>45</sup> Então, Jonas saiu da cidade, e sentou-se ao oriente desta cidade; e ali fez uma cabana, e sentou-se debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade. <sup>6</sup> E fez, o Senhor Deus, nascer uma abo-

boreira, e ela subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira. <sup>7</sup> Mas Deus enviou um verme, no dia seguinte, ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou. <sup>8</sup> E aconteceu que, aparecendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental, e o sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: ‘Melhor me é morrer do que viver’. <sup>9</sup> Então, disse Deus a Jonas: ‘Fazes bem que assim te ires por causa da aboboreira?’ E ele disse: ‘Faço bem que me revolte até à morte’. <sup>10</sup> E disse, o Senhor: ‘Tiveste tu compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer, que numa noite nasceu, e numa noite pereceu; <sup>11</sup> E não hei de, eu, ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?’”

36. Ver a décima-segunda encíclica de Leão XIII (de 5 de setembro de 1898), sobre o Rosário: *Diuurni temporis* (“Por muito Tempo”).

37. *De Imitatione Christi*, escrito pelo cónego germano-holandês Thomas à Kempis (c. 1380–1471) entre, aproximadamente, 1418 e 1427.

38. *Les vies des Saints dont on fait l’office*, coligido pelo padre francês Françoise Giry (1635–1688) e publicado, em vários volumes, no decurso da segunda metade do século XVII.

39. Ver Efésios 6:10–17. “<sup>10</sup> No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. <sup>11</sup> Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. <sup>12</sup> Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.. <sup>13</sup> Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. <sup>14</sup> Estai, pois, firmes,

tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; <sup>15</sup> E calçados os pés na preparação do evangelho da paz; <sup>16</sup> Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. <sup>17</sup> Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus...”

40. Não é fácil, certamente — porventura, não será, mesmo, possível, — identificar com exatidão e de modo inequívoco a “proibição” que Sena Freitas terá tido em mente, ao escrever estas palavras. Nenhuma das trinta e uma encíclicas de Bento XIV (papa de 1740 a 1758), bem como nenhuma das bulas e cartas, faz referência explícita à obrigação de “celebrar o sacrifício da missa com todas as orações e cerimônias prescritas pela Igreja” — nem mesmo a encíclica *Cum semper oblatas* (de 19 de agosto de 1744), que é a que trata com maior extensão e pormenor das normas que deverão reger o ofício da missa. Talvez Sena Freitas tivesse em mente, ao referir-se a tal “proibição,” passo específico da obra de Bento XIV que tem por título *De sacrosancto missae sacrificio* (*Sobre o Sagrado Sacrifício da Missa*), o qual é escrito a que ele mesmo, Bento XIV, faz referência em algumas das suas encíclicas. De qualquer modo, não poderá deixar de se ter tratado, na mente de Sena Freitas, de estipulação decorrente de “quanto cuidado é necessário para que o Santíssimo Sacrifício da Missa seja celebrado com todo o culto e veneração próprios da Religião” — no dizer do primeiro parágrafo da carta *Quanta Cura* (de 30 de junho de 1741).

41. Trata-se de Manual igual ou semelhante a este: *Manual do Christão Devoto para a Missa, Confissão e Principaes Devoções*. 10. ed, Lisboa, Luiz C. da Cunha, 1869.

42. Será, talvez, difícil não pressupor que Sena Freitas tenha tido em mente, ao escrever (ou citar de memória) “alguns traidores há algumas vezes”, a rábula que o jornalista brasileiro Ferreira Araújo publicou, com o pseudônimo Lulú Sênior, no número de 18 de dezembro de 1886 do jornal do Rio de Janeiro *A Gazeta de Notícias*.

# 1

O passo de tal rábula que interessa a esta nota é o que se segue (que o Editor transcreve da tese de Doutoramento: Vizette Priscila Seidel. *BALAS DE ESTALO ALÉM DE MACHADO DE ASSIS*. Curitiba, 2022, vol. 1, p. 222).

“Diz ele que a Sra. viscondessa de... mandou rezar uma missa por alma de pessoa que foi cara, e que um reverendo padre recebeu o dinheiro da missa e fez crer que era rezada por alma do defunto uma outra que ele tinha de rezar em serviço da irmandade.

“Eu sei mais ou menos o que tu pensas a este respeito: que mesmo entre os próprios portugueses *alguns traidores há algumas vezes*; ou talvez haja uma casuística explicação para estas missas de dois tiros; eu, por mim, penso que, apesar de não estar o caso previsto em nenhum artigo... do Código Criminal, nem por isso deixa de ser uma reverenda pantomimice.

Tu, quando tiveste notícia do caso, naturalmente desataste a chorar; eu desatei a rir.” (O itálico é do Editor.)

43. Louis-François-Gabriel d’Orléans de La Motte (1683–1774), bispo de Amiens de 1733 a 1774.

44. O texto do quarto Capítulo do Decreto da Reforma (*Decretum de Reformatione*) que tem por título, na Sessão vigésima-quarta, *A quibus, et quando munus Prædicationis obeundum* (“Por quem, e quando, o ofício da pregação deverá ser exercido”), o qual Sena Freitas referencia em nota, dá a ler, resumidamente, o seguinte: *Prædicationis munus, quod Episcoporum precipuum est, cupiens sancta Synodus, quo frequentius possit ad fidelium salutem exerceri... mandat, ut in Ecclesia sua ipsi per se... in alis autem Ecclesiis per Parochos... saltem omnibus Dominicis, et solemnibus diebus festis....* (“O santo Sínodo, desejando que o ofício da pregação, que é o principal ofício dos Bispos, seja exercido com a maior frequência possível, para salvação dos fiéis... ordena que os Bispos o exerçam, eles mesmos, em suas próprias igrejas... mas os párocos em outras igrejas... pelo menos todos os domingos e dias festivos solenes....”) *O Sacrosanto e Ecuménico Concílio de Trento, em Latim e Portuguez. Dedicada e con-*

sagra, aos Excell. e Rev. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reyceud. Lisboa, Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, vol. 2, pp. 275–276.

45. “Em bom estado.”

46. Paul Gontier (1875–1959). *Explication du Pontifical. Commentaire Historique, Dogmatique et Moral*. Angers, G. Grassin, 1903, 422 p. A tradução para a língua portuguesa que Sena Freitas referencia em nota, da autoria de J. M. Machado, é a seguinte: Paul Gontier (1875–1959). *Explicação do Pontifical*. Porto, José Frutuoso da Fonseca & Filho, 1908, xix, 432 p.

47. “A Liberdade Iluminando o Mundo” (*Liberty Enlightening the World, La Liberté éclairent le monde*) é a designação que Édouard René de Laboulaye Lefèvre deu à Estátua da Liberdade em 1875, ao anunciar o projeto da sua construção.

48. *Sursum corda* (“corações ao alto”) é a exortação que, seguindo o rito latino, o padre pronuncia no princípio do “Prefácio” da missa, a primeira parte da Ação de Graças.

49. *Ver* Isaías 56:10-12. “<sup>10</sup> Todos os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; andam adormecidos, estão deitados, e gostam do sono. <sup>11</sup> E estes cães são gulosos, não se podem fartar; e eles são pastores que nada compreendem; todos eles se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um por sua parte. <sup>12</sup> ‘Vinde,’ dizem, ‘trarei vinho, e beberemos bebida forte; e o dia de amanhã será como este, e ainda muito mais abundante.’”

50. Malaquias 2:7 (“Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a lei porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos.”)

51. Oseias 4:6 (“porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei”) Na sua totalidade, o versículo versa: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote

—  
**1** diante de mim; e, visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.”

52. O terceiro Cânone do terceiro Concílio de Latrão, de 1179, começa assim: *Cum in cunctis sacris ordinibus et ecclesiasticis ministeriis, et aetatis maturitas et gravitas morum et litterarum scientia sit quaerenda* (“Uma vez que, em todas as ordens sagradas e ministérios eclesiásticos, se deve procurar maturidade de idade, seriedade moral e conhecimento literário....”) Sena Freitas, que declara encontrar-se a transcrever o “capítulo 7.º do Concílio de Latrão”, sem mais, cita o seguinte: *...in cunctis sacris ordinibus et ecclesiasticis ministeriis, sint aetatis maturitas, gravitas morum et litterarum scientia inquirendae* (“...em todas as ordens sagradas e ministérios eclesiásticos, são de examinar maturidade de idade, seriedade moral e conhecimento literário.”)

53. Saint François de Sales (1567–1622). “...la science à un prêtre c’est le huitième sacrement de l’a hiérarchie de l’Église, et son plus grand malheur est arrivé de ce que l’arche s’est trouvée en d’autres mains que celles des lévites” (“o conhecimento é o oitavo sacramento da hierarquia da Igreja, e o seu maior mal decorreu de o arco se encontrar em outras mãos que não as dos levitas.”) “Exhortation aux ecclésiastiques de s’appliquer à l’étude.” *In: —. Oeuvres Complètes*. Paris, J. J. Blaise, 1821, vol. 14, p. 282.

O parágrafo completo, que é o primeiro do escrito, corre assim: “Ceux d’entre vous , mes frères , qui s’emploient à des occupations qui leur empêchent l’étude, font comme ceux qui veulent manger des viandes légères contre le naturel de leur estomac grossier; et de là vient qu’ils défont peu à peu. Je puis vous dire avec vérité qu’il n’y a pas grande différence entre l’ignorance et la malice; quoique l’ignorance soit plus à craindre, si vous considérez qu’elle n’offense pas seulement soi-même, mais qu’elle passe jusqu’au mépris de l’état ecclésiastique. Pour cela, mes très chers frères, je vous conjure de vaquer sérieusement à l’étude; car la science à un prêtre c’est le huitième sacrement de l’a hiérarchie de l’Église, et

son plus grand malheur est arrivé de ce que l'arche s'est trouvée en d'autres mains que celles des lévites."

1

("Aqueles, de entre vós, meus irmãos, que têm ocupações que os impedem de estudar agem como aqueles que querem comer carnes leves, contra a inclinação natural de seu estômago grosseiro, sendo que, daí, resulta que acabam gradualmente por desfalecer. Posso afiançar-vos com verdade que não há grande diferença entre a ignorância e a malícia, embora a ignorância seja mais temível, como vos será óbvio se considerarem que não só ofende a si mesmo, mas que chega ao ponto de desprezar o estado eclesiástico. Por essa razão, meus caríssimos irmãos, imploro-vos que vos dedicais seriamente ao estudo; pois, para um sacerdote, o conhecimento é o oitavo sacramento da hierarquia da Igreja, e o seu maior mal decorreu de o arco se encontrar em outras mãos que não as dos levitas.")

54. Ver p. 28, ll. 4–26.

55. Como se depreende em particular da leitura do segundo dos dois escritos que Sena Freitas traduziu, "Educação Superior do Clero" ("University Education, Considered in its Bearings on the Higher Education of Priests"), John Lancaster Spalding foi um dos fundadores da Catholic University of America (CUA), que fica situada em Washington D.C. e é, hoje, uma das duas universidades pontifícias da Igreja Católica na América do Norte. Fundada em 1887, com aprovação do Papa Leão XIII e na qualidade de centro de estudos e de investigação para alunos já graduados, a CUA passou a oferecer estudos a alunos não graduados a partir de 1904.

56. António Mendes Bello (1842–1929), décimo-terceiro Patriarca de Lisboa, com o nome D. António I (de 1907 a 1929).

57. João 8:12 ("Falou-lhes, pois, Jesus, outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida").

58. 1 Coríntios 9:16. *Nam si evangelizavero, non est mihi gloria: necessitas enim mihi incumbit: vae enim mihi*

— 1 est, si non evangelizavero. (“Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!”)

Não tendo sido capaz de identificar o autor das palavras (o “emérito moralista”) que Sena Freitas cita na nota que faz a este passo [p. 203, n. 14], o Editor julga ter interesse reparar em que, de modo não despreciando, tais palavras ecoam estas outras, de Martinho Lutero:

*Hic mihi quispiam dicet, Magnum esse crimen et scandalum fornicationem ac potationem, lusus et si quae alia in Clero reprehensione digna. Fateor, haec magna sunt, arguenda sunt, mutanda sunt: verum haec ab omnibus agnoscuntur, crasse sunt corporalia et sensibus exposita, ideo et movent animos. Sed heu! haec labes et pestis incomparabiliter noentior et crudelior est, non tractasse verbum veritatis aut illud adulterasse, atque hoc malum, quia crassum corporale non est, non agnoscitur, non movet, non terret, quod tamen solum agnosci maxime oportuit. Quotusquisque sacerdotum est hodie, qui non maius peccatum dicat, si lapsus sit in peccatum carnis, si non oraverit, si titubaverit in Canone, quam si verbum veritatis omiserit aut non recte tractaverit? Nam hi, alias boni et sancti viri, gravissime errant. Solum verbum veritatis est, in quo putant se non posse peccare, cum pene solum sit, in quo sacerdos peccet ut sacerdos. In ceteris sane peccat ut homo: hic, si verbum omittit aut adulteratur, in officium suum et ut sacerdos, i. e. longe horribilius quam homo, peccat, Adeo, proh dolor! dure et insensate Pontifices hodie securi sunt, ut non modo tacuerint, sed quicquid tandem e bucca in populum spiraverint, hoc praedicasse ac docuisse appellitent, nullam prorsus rationem habentes, nullo timore commoti, an sit verbum veritatis, ad nativitatem divinam appositum, nec ne: pro quo tamen solo sunt quicquid sunt, h. e. sacerdotes et clerus, nam in ceteris omnibus non est opus sacerdotibus. Proinde si Pontifices aut sacerdotes alioqui essent rotunde sancti et beati, si in hoc uno sint incuriosi (sicuti ferme omnes sunt), ut verbum veritatis non curent recte tractari, certum est, eos*

*inter lupos, non inter pastores numeratum iri, inter idola, non inter Pontifices coram Deo haberi.*

1

(“Aqui, alguém poderá dizer-me: ‘Fornicação, bebida, jogo e tudo o mais que seja digno de reprovação no clero são crimes e escândalos de grande monta.’ Admito que sejam grandes, que devam ser discutidos, que devam ser mudados. Contudo, são crimes e escândalos reconhecidos por todos, dado que são grosseiramente corpóreos e expostos aos sentidos, e que, por conseguinte, comovem as mentes. Mas, ai de mim! — que essa mancha e praga se afiguram incomparavelmente mais repugnantes e cruéis do que não ter manuseado a palavra da verdade ou tê-la adulterado, e este mal, por não ser grosseiramente corpóreo, não é reconhecido, não comove, não assusta, quando, no entanto, deveria ser o único a ser reconhecido. Quantos padres há, hoje, que afirmariam que cair em pecado da carne, não ter rezado, vacilar no Cânon, constitui pecado menor do que omitir a palavra da verdade ou não tê-la manuseado corretamente? Porém, esses, homens bons e santos, erram gravemente. A palavra da verdade é a única coisa em que julgam não poder pecar, quando é quase a única coisa em que um padre peca como padre. No resto, é claro, ele peca como homem, ao passo que, aqui, se omitir ou adulterar uma palavra, pecará contra o seu ofício e, pois, pecará como padre. Isto é, pecará de modo muito mais horrível, infelizmente, do que um mero homem peca! Hoje, os Pontífices estão tão dura e insensatamente seguros, que, de par a par com permanecer em silêncio, apodam de pregação e ensino, movidos por medo algum, destituídos em absoluto de razão, quanto, não obstante, acabe por lhes sair da boca e ser dirigido ao povo, seja tal, ou não, a palavra da verdade aplicada à natividade divina. Somente para isso, porém, são, eles, o que são, padres e clérigos, já que não há necessidade de padres em todas as outras coisas. Portanto, se os Papas ou padres fossem completamente santos e abençoados, mas descuidados nesta única coisa (como quase todos são), de modo que não se importas-

# 1

sem com a palavra da verdade ser tratada corretamente, é certo que seriam contados entre os lobos, não entre os pastores, considerados entre os ídolos, não entre os Papas diante de Deus.”)

Martin Luther. *Sermo praescriptus praeposito in Litzska, in illud Ioannis* (1512). In: —. *Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimar, Herman Böhlau, 1883, vol. 1, pp. 12–13.

59. Ver João 6:51. *Ego sum panis vivus, qui de caelo descendi* (“Eu sou o pão vivo, que desceu do céu”).

60. O padre católico flamengo Cornelius Cornelii a Lapide (1567–1637).

61. Leão XIII (1810–1903). Encíclica *Providentissimus Deus* (“Deus Todo-Providente”), de 18 de novembro de 1883.

62. Como Senas Freitas dá a saber parenteticamente, no final deste parágrafo, as “palavras” a que aqui se refere são “Trecho de um discurso proferido por Sena Freitas, no Congresso Antoniano de 1895.”

63. Santo António de Pádua, ou de Lisboa (1195?–1231).

64. No seu livro *Saint Anthony of Padua According to his Contemporaries* (London, J. M. Dent, 1926, pp. 73–74), Ernest Gilliat-Smith escreve:

“Os biógrafos contemporâneos de Santo António contam-nos muito pouco sobre ele do fim da sua missão na Romanha até o verão de 1230, um período de sete ou oito anos...

“...após o término da sua viagem missionária na província da Romanha, o Ministro da Ordem enviou-o à Corte Papal a negócios da Ordem, onde Deus dispôs os veneráveis príncipes da Igreja a recebê-lo com muita gentileza. O próprio Sumo Pontífice e todo o colégio cardinalício assistiram aos sermões dele com muita devoção, e ficaram tão impressionados com a eloquência, a profundidade e a extensão de conhecimento das Sagradas Escrituras que ele possuía, que o Vigário de Cristo lhe deu

o cognome Arca da Aliança numa audiência privada que lhe foi concedida como sinal especial de favor.

“Se Santo António não tivesse pregado aos veneráveis príncipes da Igreja, e se o Papa não o tivesse chamado de *Arca testamenti*, nunca teria passado pela cabeça do... [escritor de “Primitivo”], tão cauteloso com os fatos e tão pródigo em frases, cuja principal preocupação parece ter sido a glorificação da pregação, mencionar a visita dele, Santo António, à Corte Papal.”

Agora, se, de acordo com este relato, Santo António terá estado na Corte Papal por volta de 1222 ou 1223, Honório III (papa de 1216 a 1227) terá sido o “Vigário de Cristo” a apodá-lo de *Arca testamenti*. Ou, então, Gregório IX, que foi papa de 1227 a 1241.

65. O sacerdote católico francês Jean-Jacques Olier de Vaudreuil (1608–1657).

66. “L’Évangile possède une vertu secrète, je ne sais quoi d’efficace, une chaleur qui agit sur l’entendement et qui charme le cœur; on éprouve à le méditer ce qu’on éprouve à contempler le ciel.” *Ap.*: Chevalier de Beauterne. *Sentiment de Napoléon I<sup>er</sup> sur le Christianisme*. Paris, Pierre, Téqui, 1912, p. 111.

67. O escritor, poeta e político francês Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790–1868).

68. O romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta Victor-Marie Hugo (1802–1885).

69. O Editor não foi capaz de identificar, na vastíssima obra e nas cartas de Hugo, esta “declaração” (“conforme nos declara”). Os nomes Dante e Job surgem repetidas vezes nas páginas de Hugo; porém, dois dos passos da obra dele que mais abonam a favor de tal “declaração,” em virtude, inclusive, de incorporarem o nome Isaías, são, sem dúvida, os que se seguem, do ensaio *William Shakespeare* (Paris, Librairie Internationale, 1864, pp. 55, 110):

PRIMEIRO PASSO:

“L’art suprême est la région des Égaux.

Le chef-d’œuvre est adéquat au chef-d’œuvre.

Comme l’eau, qui, chauffée à cent degrés, n’est plus

# 1

capable d'augmentation calorique et ne peut s'élever plus haut, la pensée humaine atteint dans certains hommes sa complète intensité. Eschyle, Job, Phidias, Isaïe, saint Paul, Juvénal, Dante, Michel-Ange, Rabelais, Cervantes, Shakespeare, Rembrandt, Beethoven, quelques autres encore, marquent les cent degrés du génie.

L'esprit humain a une cime. Cette cime est l'idéal.  
Dieu y descend, l'homme y monte."

SGUNDO PASSO:

"Peut-être, à l'extrême rigueur, et encore toutes les réclamations seraient légitimes, pourrait-on désigner comme les plus hautes cimes parmi ces cimes Homère, Eschyle, Job, Isaïe, Dante et Shakespeare."

70. É de crer que este relato consista em não mais do que fabulação, uma vez que o biógrafo oficial de Walter Scott, o seu genro, John Gibson Lockhart, não faz qualquer referência, no decurso dos volumes do seu *Memoirs of Sir Walter Scott* (London, Macmillan an Co., 1900, 5 vols.), ao episódio que descreve. Eis como, quase no final do seu último volume (vol. 5, pp. 428–429), Lockhart narra os últimos instantes de Scott:

"As I was dressing on the morning of Monday the 17th of September, Nicolson came into my room, and told me that his master had awoke in a state of composure and consciousness, and wished to see me immediately. I found him entirely himself, though in the last extreme of feebleness. His eye was clear and calm — every trace of the wild fire of delirium extinguished. 'Lockhart,' he said, 'I may have but a minute to speak to you. My dear, be a good man — be virtuous — be religious — be a good man. Nothing else will give you any comfort when you come to lie here.' — He paused, and I said — 'Shall I send for Sophia and Anne?' — 'No,' said he, 'don't disturb them. Poor souls! I know they were up all night — God bless you all.' — With this he sunk into a very tranquil sleep, and, indeed, he scarcely afterwards gave any sign of consciousness, except for an instant on the arrival of his sons. They, on learning that the scene was about to close, obtained

anew leave of absence from their posts, and both reached Abbotsford on the 19th. About half-past one P.M., on the 21st of September, Sir Walter breathed his last, in the presence of all his children. It was a beautiful day — so warm that every window was wide open — and so perfectly still, that the sound of all others most delicious to his ear, the gentle ripple of the Tweed over its pebbles, was distinctly audible as we knelt around the bed, and his eldest son kissed and closed his eyes.”

71. *Ver* Genesis 1:3. *Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est lux.* (“E disse Deus: Haja luz; e houve luz.”)

72. *Ver* Apocalipse 6:12-14. <sup>12</sup> E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue; <sup>13</sup> E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. <sup>14</sup> E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.”

73. Esta nota do Editor remete para a nota décima-sexta do Tradutor [pp. 203–204], e serve para precisar as referências bibliográficas que o próprio Tradutor ali faz.

Tanto quanto o Editor conseguiu saber, a “Bíblia do Padre António Figueiredo,” que Sena Freitas afirma ter sido “recentemente publicada na Livraria Marques, de Lisboa,” foi publicada em Lisboa, entre 1900 e 1909, variadíssimas vezes, mas pelo Depósito das Escrituras Sagradas (1900, 1902, 1903, 1909) ou pela Empresa da História de Portugal, Livraria Moderna Tipographia (1902–1904). Aliás, no último parágrafo da sua vigésima-oitava nota a “2. Da Educação Eclesiástica...” [pp. 212–213], Sena Freitas refere, com relação à “Bíblia do Padre António Figueiredo,” a “editora da História de Portugal, R. Augusta, 95”, mas identifica-a com a já mencionada “Casa Marques”.

A “Bíblia de Allioli” é a seguinte: Joseph Franz von Allioli (1793–1873). *Übersetzung der heiligen Schriften, Alten und Neuen Testaments, aus der Vulgata, mit*

# 1

*Bezug auf den Grundtext, neu übersetzt und mit kurzen Anmerkungen erläutert.* Nuremberg, 1830–1834, 6 vols.

Esta Bíblia foi “vertida em francês” por H. F. De-launay (Paris, 1856, 5 vols.)

A Bíblia “de Drioux” é a seguinte: Claude-Joseph Drioux (1820–1898). *La Sainte Bible en latin et en français, avec les commentaires de Menochius et des notes historiques et théologiques.* Paris, Berche et Tralin, 1877, 8 vols.

A Bíblia “de Carrières” é a seguinte: Louis de Carrières (1662–1717). *La Sainte Bible en français, avec un commentaire littéral inséré dans la traduction.* 2. ed., Nancy, 1738–1741, 22 vols. (Prefácio, resumos e dissertações de Henri-François de Vence.)

A Bíblia “do Arcebispo Martini” é a seguinte: Antonio Martini (1720–1809). *La sacra Bibbia: Secondo la volgata, tradotta in italiano e dichiarata con note dall’arcivescovo Antonio Martini.* Firenze, Editore, 1833–1837. (O Novo Testamento foi originariamente publicado de 1769 a 1771; o Velho Testamento, de 1776 a 1781.)

“Revue des Questions Bibliques” remete, aparentemente, para *Revue Biblique*, fundada pelo padre Marie-Joseph Lagrange (1855–1938), em Jerusalém, em 1892, dois anos após ter fundado, ali, a École Pratique d’Études Bibliques. A *Revue Biblique* é publicada atualmente (2025) em linha, com periodização trimestral, pela École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem e com a estampa PEETERS, LOUVAIN–PARIS. No segundo parágrafo da sua décima-quinta nota a “2. Da Educação Eclesiástica...” [p. 208], Sena Freitas dá a saber que “o Padre Lagrange... está em Jerusalém, à testa dos *Estudos Bíblicos*”.

A *Revue du clergé française* (RCF) foi publicada de 1895 a 1920, com periodização bimensal. Foi fundada por Lucien Joseph Bricout (1898–1920), que a dirigiu de 1895 a 1898. De 1898 a 1920, foi dirigida por Joseph Bricout (1867–1930). A capa do primeiro volume, de 1895, tem a estampa LETOUZEY & ANÉ, ÉDITEURS — 17, RUE DU VIEUX-COLOMBIER, PARIS.

74. Na *Iliada*, Nestor surge na qualidade de Argonauta a lutar, na Guerra de Troia, do lado dos Aqueus. Caracterizam-no idade proecta, eloquência cortante e sabedoria acutilante, sendo que o leitor se depara com ele, mais do que uma vez, a aconselhar os jovens guerreiros. Inclusivamente, é ele, quem aconselha Agamémnon e Aquiles a se reconciliarem.

## 2. DA EDUCAÇÃO ECLESIAÍSTICA...

1. João 11: 25.

2. Mateus 28:19. *Euntes ergo docete omnes gentes: baptizantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.* (“Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”)

3. “Como tendo autoridade”. Mateus 7:29. *Erat enim docens eos sicut potestatem habens, et non sicut scribae eorum, et pharisaei.* (“Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas e os fariseus.”)

4. “Deus não se comprazeu com salvar o seu povo via de dialética”. *Omnem enim vim venorum suorum in dialectica disputatione constituunt, quæ philosophorum sententia definitur non astruendi vim habere, sed studium destruendi. Sed non in dialectica complacuit Deo salvum facere populum suum: Regnum enim Dei in simplicitate fidei est, non in contentione sermonis* (1 Cor. 14:20). (“Pois eles depositam todo o poder do seu veneno na disputação dialética, que, segundo o juízo dos filósofos, se dá a definir como tendo capacidade não para edificar, mas para levar o estudo à destruição. Contudo, Deus não se comprazeu com salvar o seu povo via de dialética: ‘pois o reino de Deus reside na simplicidade da fé, não em contender por via da palavra.’”) Sanctus Ambrosius Mediolanensis (Santo Ambrósio de Milão, c. 339–397 AD.) *De Fide (Da Fé)*, Liv. I, cap. v, 42. In: J.–P. Migne, ed. *Patrologiæ Cursus Completus*. Paris, Excudebat Vrayet, 1845, vol. 16, p. 537.

5. Mateus 10:42 (“E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão”) e Marcos 9:41 (“Porquanto, qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão”).

6. “Porém, deixou o mundo às considerações dos homens”. Ver Eclesiastes 3:10–11. <sup>10</sup> *Vidi afflictionem quam dedit Deus filiis hominum, ut distendantur in ea.* <sup>11</sup> *Cuncta fecit bona in tempore suo, et mundum tradidit disputationi eorum, ut non inveniatur homo opus quod operatus est Deus ab initio usque ad finem.* (“<sup>10</sup> Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os exercitar. <sup>11</sup> Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.”)

7. “Ein einziger Gelehrter, der erfolgreich in die Forschung eingreift, dessen Namen mit weithin sichtbaren Zeichen in die Blätter der Geschichte eingegraben ist, und der sich zugleich in seinem Leben stets als treuer Sohn der Kirche bewährt hat, wiegt ganze Bände Apologetik auf.” (“Um único homem de saber que intervenha com sucesso no campo da pesquisa, cujo nome esteja gravado nas páginas da história com caracteres amplamente visíveis e que, de par a par, se haja conservado, no decurso da sua vida, filho fiel da Igreja, superará volumes inteiros de apologética.”) Georg Friedrich von Hertling (1843–1919). *Kleine Schriften zur Zeitgeschichte und Politik (Pequenos Escritos sobre História e Política Contemporâneas)*. Freiburg im Breisgau, Herdersche Verlagshandlung, 1897, p. 572.

8. Lucas 12:49. “Vim lançar fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso?”

9. “A palavra de Deus corre”. Esta formulação (*currit verbum dei*) não se encontra presente em toda a Vulgata. A referência a S. Paulo remete, aparentemente, para 1 Coríntios 9:23–24. <sup>23</sup> *Omnia autem facio propter Evangelium: ut particeps ejus efficiar.* <sup>24</sup> *Nescitis quod ii qui in*

*stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium? Sic currite ut comprehendatis.* Na tradução do Editor: “<sup>23</sup> Faço tudo, pois, pelo Evangelho, para alcançar devir participante dele. <sup>24</sup> Não sabeis que os que correm no estádio... todos correm, é certo, porém, apenas um aprende o prémio? Correi, pois, para que apreendais.” Na tradução de João Ferreira de Almeida: “<sup>23</sup> E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele. <sup>24</sup> Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.”

Tudo parece indicar, porém, que Lencaster Spalding tinha em mente (sem que o Tradutor desse por isso?) não palavras de “St. Paul”, mas sim Salmos 147:4 (na Vulgata): *Qui emittit eloquium suum terrae: velociter currit sermo ejus.* Na tradução de João Ferreira de Almeida (Salmos 147:15): “Ele envia sua ordem à terra, e sua palavra corre veloz”.

10. 1 Coríntios 9:16. *Nam si evangelizavero, non est mihi gloria: necessitas enim mihi incumbit: vae enim mihi est, si non evangelizavero.* (“Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!”)

11. “Acerca de las cosas spirituales, quanto a los que se reciben en los Colegios, en tanto que están en probaciones, es la mesma razón que de los que se reciben en las Casas. Después de probados, quando se atiende al studio, como es de advertir que con el calor del estudiar no se intibien en el amor de las verdaderas virtudes y vida religiosa, ansí las mortificaciones y oraciones y meditaciones largas no tendrán por el tal tiempo mucho lugar; pues el atender a las letras que con pura intención del divino servicio se aprenden, y piden en cierto modo el hombre entero, será no menos, antes más grato a Dios nuestro Señor por el tiempo del studio.” (“No que toca aos assuntos espirituais, aplica-se aos que são recebidos nos Colégios, enquanto estão em provação, o mesmo que se aplica aos que são recebidos nas Casas. Depois de terem sido provados, mortifi-

cações, orações e longas meditações não terão muito lugar durante o tempo em que se dedicarem aos estudos, dado que é de evitar que o calor do estudo os aqueça no amor às verdadeiras virtudes e à vida religiosa — já que o estudo das letras que se norteia pela intenção pura do serviço divino, o qual é estudo que, de certo modo, exige o homem na sua inteireza, não será menos, senão mais, agradável a Deus, Nosso Senhor, durante aquele mesmo tempo.”) San Ignacio de Loyola. *Constituciones*, IV, iv [340]. In: —. *Obras Completas*. Madrid, La Editorial Catolica, 1963, p. 490.

12. “[F]or by whomsoever truth is spoken, it is spoken by the gift of Him who is the Truth” ([A] *quocumque enim verum dicitur, illo donante dicitur, qui est ipsa Veritas*.) Aurelius Augustine. “Letter CLXVI: A Treatise of the Human Soul, Addressed to Jerome” (A. D. 415). In: —. *Works*. Ed. Marcus Dods, Edinburgh, T. & T. Clark, 1875, vol. 13 (*Letters*), p. 308.

13. As palavras que Sena Freitas cita aqui, atribuindo-as a Tácito, surgem, na verdade, na *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. Em concreto, no discurso de Alcibiades que ocupa a Divisão décima-oitava do capítulo sexto. Diz Alcibiades ali, na tradução de Hobbes of Malmesbury: “And think...that a state, as, as well as any other thing, will, if it rest, wear out of itself... whereas, by exercise, it will continually gain to itself skill, and will get a habit of resisting the enemy, not with words, but action. In sum, this is my opinion, that a state accustomed to be active, if it once grow idle, will quickly be destroyed by the change...” (“E mantende em mente... que, tal como qualquer outra coisa, um Estado se desgastará por si só, se se der descanso... ao passo que, continuando a exercitar-se, ganhará continuamente habilidade e se habituará a resistir ao inimigo, não com palavras, mas com ações. Em suma, esta é a minha opinião: um Estado acostumado a manter-se ativo, se alguma vez se tornar ocioso, será rapidamente destruído pela mudança....”) Thucydides. *Thucydides*. Trad. Hobbes of Malmesbury, Oxford, Henry Slatter and Joseph Vincent, 1841, p. 410.

14. É possível que Sena Freitas tivesse em mente, aqui, Romanos 1: 13–15. “<sup>13</sup> Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido) para também ter entre vós algum fruto, como também entre os demais gentios.<sup>14</sup> Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.<sup>15</sup> E, assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós, que estais em Roma.”

15. Esta formulação, “the best that has been thought and said by the makers of the world’s literature” (“o que disseram e pensaram os mestres modelares da literatura”), chegou a Lancaster Spalding, sem dúvida, vinda diretamente do ensaísta e poeta vitoriano Matthew Arnold (1822–1888). Veja-se: “The whole scope of the essay is to recommend culture as the great help out of our present difficulties; culture being a pursuit of our total perfection by means of getting to know, on all the matters which most concern us, the best which has been thought and said in the world”. (Matthew Arnold. *Culture and Anarchy*. In: — *The Complete Prose Works*. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1989, vol. 5, p. 233.)

16. Na quinta página do exemplar de 21 de fevereiro de 1903 do semanário *Thomasville Times-Enterprise* (NS, vol. XIII, n. 31), publicado em Thomasville, Georgia, consta um pequeno artigo intitulado “Christ was the First Gentleman,” da autoria de J. P. Eckmann, “Pastor of St. Paul’s Methodist Episcopal Church, New York.” As últimas linhas desse mesmo artigo dão-se a ler assim: “‘GENTLEMAN’ IS THE PROUDEST TITLE IN THE WORLD, BUT NO MAN FIT TO BEAR IT IS PROUD AND ARROGANT. | In the words of a late review, ‘Christ was a gentleman.’ And this reminds me that the gentleman is the product of Christianity. | ... | CHRIST WAS THE FIRST GENTLEMAN, AND IT HAS REMAINED FOR THE CHRISTIAN RELIGION TO PRODUCE GENTLEMEN.”

Tem-se, pois, que é quase certo que, ao escrever “Christ, it has been said, was the world’s first gentleman,”

Lancaster Spalding estava a referir-se, com ou sem consciência disso, ao artigo que vem de ser referido.

No seu *Memoir and Letters of Francis William Newman* (London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1909, p. 297), I. Giberne Sieveking escreveu: “I remember coming across the word ‘gentleman’ interpreted in a far different sense in an old fifteenthcentury book. Many words change their meaning with time, but this word has changed from its fifteenth-century interpretation more than any. The sentence ran thus : ‘Jesus Christ was the first Gentleman.’ Anything further from the original conception of its meaning as set forward in this sentence than our English idea of what is meant to-day by ‘gentleman’ it would be difficult to find. For He went among the people as one of themselves, was born among them, and was educated as they were. There was no hint of patronage, no suggestion of any social demarcation. He Who was the world’s Redeemer was yet a Socialist in the highest and best sense of the term.”

17. Atos 17:24. “O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens...”

18. *De Imitatione Christi* (c. 1418–1427), I, ii. *Omnis homo naturaliter scire desiderat; sed scientia sine timore Dei quid importat? Melior est profectò humilis rusticus qui Deo servit, quàm superbus phllosophus, qui, se neglecto, cursum coeli considerat.* (“Todo e qualquer homem deseja, naturalmente, saber. Porém, que importância poderá o conhecimento ter na ausência de temor a Deus? Mais valor terá de haver num humilde camponês que sirva a Deus do que em filósofo orgulhoso que, negligenciando a si mesmo, contemple o curso do céu.”) Thomas à Kempis (c. 1380–1471). *De Imitatione Christi*, I, ii. Romae, Typis Sac Cong. de Prop. Fide, 1804, p. 3.

19. Spalding e, ao traduzi-lo, Sena Freitas tinham em mente, sem dúvida, a chamada “Parábola das dez virgens e dos dez talentos” (Mateus 25:1–30).

Resta, pois, saber se um e o outro, Spalding e Freitas, alguma vez terão apreendido-compreendido a saturada significação metafórica — de índole sexual — de também essa mesma parábola.

O “ reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo”!

“Porque, a qualquer que tiver, será dado, e terá em abundância; mas, ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado”!

Compare-se esta conceção metafórica de “justiça determinada por *retidão*” — e, pois, esta conceção de “reino dos céus” — com a conceção (de “justiça determinada por *retidão*”) de Paulo de Tarso (1 Coríntios 12:23–25): “<sup>23</sup> E, os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses, honramos muito mais; e, aos que, em nós, são menos decorosos, damos muito mais honra. <sup>24</sup> Porque os que, em nós, são mais nobres não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; <sup>25</sup> Para que não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham, os membros, igual cuidado uns dos outros.”

“[O]s que reputamos... menos honrosos no corpo”:— *quae putamus ignobiliora membra... corporis.*

“[O]s que, em nós, são menos decorosos”:— *quae inhonesta sunt nostra.*

“[O]s que, em nós... mais nobres”:— *honestas... nostras.*

“Para que... tenham, os membros, igual cuidado uns dos outros”: *pro invicem sollicita sint membra.*

Leia-se Lancaster Spalding, agora, à luz da “Parábola... dos dez talentos” — de modo a que se torne evidente que, por vezes, os homens ilustrados e bem intencionados proferem sentença sem bem saberem que sentença proferem:

“To labor in the right spirit, to strengthen and illumine the mind, is to strive to make one’s self more like into God, more capable of doing divine work. Does not

the Saviour teach that they who make the most use of the talents confined to them receive the most gracious approval?" [p. 86, ll. 2–7] (“Agir esclarecidamente e de jeito a fortificar e iluminar a inteligência não será esforçarmo-nos por tornar-nos mais e mais semelhantes à divindade, por onde, mais capazes de realizar em nós uma ação divina? Pois não é verdade, ensinar-nos, o Salvador, que reserva o seu mais benévolo acolhimento ao que melhor uso houver feito dos talentos que lhe foram confiados?”) [p. 67, ll. 5–11.]

“[M]ais e mais semelhantes à divindade”!

É que, como, por exemplo, Matthew Arnold bem percebeu, e quis dar a perceber a seus leitores vitorianos via de recurso ao itálico: “At the time they [the men from whom we get the Bible] produced those documents which give to the Old Testament its power and its true character, the *not ourselves* which weighed upon the mind of Israel, and engaged its awe, was the *not ourselves* by which we get the sense for *righteousness*, and whence we find the help to *do right*. This conception was indubitably what lay at the bottom of... naming God... Jehovah.... The name they used was: *The Eternal*.” (Matthew Arnod. *Literature and Dogma*. In: —. *The Complete Prose Works*. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1980, vol. 6 (*Dissent and Dogma*), p. 181.)

Ora, Χριστός, ο Σωτήρας, “o Salvador” da linhagem de “Israel,” bem era conhecedor e continuador parabólico — Spalding e Sena não o negariam, tendo em conta Mateus 5:17–18 — das genuínas preocupações e do genuíno espírito de “the men from whom we get the Bible”.

Leia-se (Marcos 4:11–12): “<sup>11</sup> E ele disse-lhes: A vós, é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas, aos que estão de fora, todas estas coisas se dizem por parábolas,<sup>12</sup> Para que, vendo, vejam, e não percebam [e não vejam]; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não se convertam, e lhes [não] sejam perdoados os pecados.” *Et dicebat eis vobis datum est mysterium regni Dei: illis autem, qui foris sunt, in parabolis omnia fiunt; ut videntes vi-*

*deant, et non videant: et audientes audiant, et non intelligent: nequando convertantur, et dimittantur eis peccata.*

Leia-se (Mateus 10:26–27): “<sup>26</sup> ...nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se. <sup>27</sup> O que vos digo em trevas dizei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados.”

20. (i) S. Paulo: c. 5–c. 65; (ii) Santo Agostinho: 354–430; (iii) S. Jerónimo: c. 342–420; (iv) S. Tomás: c. 1225–1274). “Soares” remete para o padre, filósofo e teólogo espanhol Francisco Suárez (1548–1617).

21. 2 Timóteo 4:7. *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi.* (“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.”)

22. 1 Samuel 2:3. *Nolite multiplicare loqui sublimia glorientes; recedant vetera de ore vestro: quoniam Deus scientiarum Dominus est et ipsi praeparantur cogitationes.* (“Recusai proferir repetidamente palavras de altivez, de vanglória; recedam, de vossa boca, os assuntos de outros tempos, porque o Senhor é Deus de conhecimento, e planos se lhe encontram preparados.”)

23. Quase de certeza, Sena Freitas dá forma de citação, aqui (em oposição a Lancaster Spalding), a resumo (seu ou de outrem) do segundo capítulo de *Delle Cinque Piaghe della Santa Chiesa (Das Cinco Chagas da Santa Igreja*, de 1863), que tem por título “Della piaga della mano diritta della santa Chies, che è la insufficiente educazione del Clero” (“Da praga da mão direita da santa Igreja, a qual é a educação insuficiente do Clero”).

A certa altura desse mesmo capítulo, Rosmini escreve: “Ma se piccoli libri e piccoli maestri vanno del pari: di questi due elementi potrà egli formarsene una grande scuola? No; e la difettuosità di metodo è la quarta ed ultima cagione di questa piaga della Chiesa di cui parliamo, cioè dell’ insufficiente educazione del Clero ne’ tempi nostri.” (“Ora, se pequenos livros e pequenos professores andam de mãos dadas, poderá uma grande escola ser formada a partir desses dois elementos? Não. Acresce que método deficiente é a quarta e última causa desta praga

da Igreja, de que falamos. Isto é, é a causa da educação insuficiente do clero nestes nossos tempos.”)

O mesmo capítulo termina assim: “Ah chi restituirà alla Chiesa un tal metodo, che è il solo degno di lei? Chi renderà alle scuole de’ Sacerdoti i suoi grandi libri, e i suoi grandi precettori? Chi sanerà, in una parola, la piaga si profonda della insufficiente educazione del Clero, che indebolisce tutto giorno, e fa mandar lamentevoli gemiti alla bella Sposa di Cristo? Non altri che l’Episcopato: a lui fu commesso di reggerla, a lui dato il potere miracoloso di sanarla inferma”. (“Ah, quem restituirá à Igreja um tal método, que é o único digno dela? Quem restituirá às escolas sacerdotais os seus grandes livros e os seus grandes mestres? Quem curará, em suma, a ferida profunda da educação insuficiente do clero, que a cada dia se enfraquece e faz a bela Esposa de Cristo lançar gemidos lamentosos? Ninguém menos que o Episcopado: a ele, foi confiada a tarefa de governá-la; a ele, foi dado o poder milagroso de curar sua enfermidade.”) Antonio Rosmini (1797–1855). *Delle Cinque Piaghe della Santa Chiesa*. Rovereto, s.ed., 1863, pp. 60, 68.

24. Trata-se do Cardeal alemão Joseph Hergenröther(1824–1890), de cujos escritos assumem relevância estes: *Der Kirchenstaat seit der französischen Revolution (Os Estados Papais desde a Revolução Francesa)*, de 1860; *Katholische Kirche und christlicher Staat in ihrer geschichtlichen Entwicklung und in Beziehung auf Fragen der Gegenwart (Igreja Católica e Estado Cristão, Considerados no seu Desenvolvimento Histórico e em Relação a Questões Contemporâneas)*, de 1876; *Handbuch der allgemeinen Kirchengeschichte (Manual da História Geral da Igreja)*, em 3 vols., publicados de 1876 a 1880. O Editor não conseguiu encontrar nestas obras fonte da citação a que esta nota tem referência.

25. Esta afirmação, “The Eternal is but a stream of tendency, whose general drift seems to associate right conduct with happiness” (“O que chamamos — o eterno — é apenas a resultante de um esforço geral para o acor-

do da virtude com a ventura”), *aponta* diretamente para o ensaísta e poeta vitoriano Matthew Arnold (1822–1888). Veja-se: “They had dwelt upon the thought of conduct, and right and wrong, until the *not ourselves*, which is in us and all around us, became to them [the Hebrew people] adorable eminently and altogether as *a power which makes for righteousness*; which makes for it unchangeably and eternally, and is therefore called *The Eternal*”; “for science, God is simply the stream of tendency by which all things seek to fulfil the law of their being”; “Let us put into their ‘Eternal’ and ‘God’ no more science than they [the Hebrew writers] did: — *the enduring power, not ourselves, which makes for righteousness.*” (Matthew Arnold. *Literature and Dogma*. In: —. *The Complete Prose Works*. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1980, vol. 6 (*Dissent and Dogma*), pp. 183, 189, 200.)

26. Repare-se em que Sena Freitas traduz, aqui, “free-will” (em “We are under the fatal sway of a mechanical universe, and free-will is a delusion”) não por “livre arbítrio” (como deveria ter feito), mas por “liberdade”.

27. *Sursum corda* (“corações ao alto”) é a exortação que, seguindo o rito latino, o padre pronuncia no princípio do “Prefácio” da missa, a primeira parte da Ação de Graças.

28. A formulação “to see... things as they really are”, em “We must be resolved to labor to see, not only things as they really are, but ourselves too as we are” (“Devemos esforçar-nos decididamente por ver não só as coisas como elas são, mas por ver-nos, a nós mesmos, tais como somos”), Lancaster Spalding *recebeu-a* diretamente do poeta e ensaísta vitoriano Matthew Arnold (1822–1888). Veja-se: “But although culture makes us fond stickers to no machinery, not even our own, and therefore we are willing to grant that perfection can be reached without it, ...yet perfection can never be reached without seeing things as they really are; and it is to this, therefore, and to no machinery in the world, that we stick.” (Matthew Arnold. *Culture and Anarchy*. In: — *The Complete Prose*

### 3

Works. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1989, vol. 5, p. 253.)

29. João 13:34–35. <sup>34</sup> Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; que, como eu vos amei, a vós, também vós uns aos outros vos ameis. <sup>35</sup> Nisto, todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”

Trata-se, neste ponto da tradução, de uma outra citação forjada. Na verdade. pessimamente forjada. Repare-se na incongruência morfossintático que subsiste entre ela, citação (“a caridade cristã, pela qual os homens reconhecerão se somos os discípulos de Aquele que por todos nós morreu”), que *coloca* o “homem-Deus” na condição de um de “seus discípulos,” e o acrescento da informação: “Estas palavras foram proferidas pelo homem-Deus, ao pregar aos seus discípulos”!

### 3. EDUCAÇÃO SUPERIOR DO CLERO

1. Repare-se em que Sena Freitas optou por substituir “finally brought them to Sedam” por “conduziram-na às formidáveis desforras que nenhum de nós ignora.” “Sedan,” comuna francesa situada nas Ardenas, remete para a Batalha de Sedan que ocorreu em 1870 (no decurso da Guerra Franco-Germânica), na qual os alemães derrotaram os franceses, com o resultado de Napoleão III ter de capitular, assim se tendo assistido à queda do Segundo Império Francês.

2. O Editor não conseguiu encontrar fonte para esta afirmação (por parte de Lancaster Spalding) ou citação (por parte de Sena Freitas). Júlio III foi papa de 1550 a 1555, e supervisionou as sessões décima-segunda a décima-sexta do Concílio de Trento, que ocorreram de 1551 a 1552.

3. Lancaster Spalding faz, aqui, tão-somente interpretação genérica do sentido e do espírito dos ensinamentos de Cristo (“our Blessed Lord ever assumes that the obstacle to the perception of divine truth is moral

and not intellectual”), ao passo que o Tradutor, Sena Freitas, confere às palavras dele, Spalding, sentido que conduz a pressupor ter tido em mente este ou aquele outro passo dos Evangelhos (“segundo o testemunho do próprio Salvador”).

No fundo, a diferença a que Spalding se refere, a diferença entre “insight” e “reasons” [p. 130, ll. 10–12] — porquanto, entre “the testimony of a godlike soul” e “the conclusions of a cultivated mind [p. 130, ll. 13–14] — é a mesma que, por exemplo, o teólogo americano Jonathan Edwards (1703–1758) explicitou no seu sermão “The Importance and Advantage of a Thorough Knowledge of Divine Truth”:

“...there are two kinds of knowledge of the things of divinity, viz., *speculative* and *practical*, or, in other terms, *natural* and *spiritual*. The former remains only in the head. No other faculty but the understanding is concerned in it. It consists in having a natural or rational knowledge of the things of religion, or such a knowledge as is to be obtained by the natural exercise of our own faculties, without any special illumination of the Spirit of God. The latter rests not entirely in the head, or in the speculative ideas of things; but the heart is concerned in it: it principally consists in the sense of the heart. The mere intellect, without the heart, the will or the inclination, is not the seat of it. And it may not only be called seeing, but feeling or tasting. Thus there is a difference between having a right speculative notion of the doctrines contained in the word of God and having a due sense of them in the heart. In the former consists speculative or natural knowledge of the things of divinity; in the latter consists the spiritual or practical knowledge of them.” (Jonathan Edwards. *The Works of President Edwards*. New York, Leavitt & Allen, 1852, vol. 4, p. 4.)

4. 1 Coríntios 8:1. *Scientia inflat, caritas vero aedificat* (“O conhecimento incha, mas o amor edifica”).

5. A fonte desta afirmação é muito provavelmente o *Memorial* do madeirense Luís Gonçalo da Câmara (c.

1519–1575), padre da Companhia de Jesus, confidente de Inácio de Layola e preceptor e confessor de D. Sebastião. Na entrada número 158 do referido *Memorial*, lê-se: “Recuerdo que Nuestro Padre decía muy a menudo que no quería en la Compañía a ninguno que viniera a salvarse sólo a sí mismo, sino decía que todos habían de ser tales, que, además de eso, contribuyesen también a la salvación de los demás.” (“Lembro-me de que o Nosso Padre dizia repetidas vezes que não queria na Companhia quem tivesse intenção de entrar nela para salvar exclusivamente a si mesmo; pelo contrário, dizia, todos [os membros da Companhia] haveriam de ser homens que, de par a par com a intenção de se salvar, contribuíssem, de igual modo, para a salvação de outros.”) Benigno Hernández Mones, ed. *Recuerdos Ignacianos: Memorial de Luís Gonçalves da Câmara*. S.l., Mensajero–Sal Terrae, s.d., p. 131.

6. (i) O Marechal Arthur Wellesley, 1.º Duque de Wellington (1769–1852), que ganhou, para os ingleses, a Batalha de Waterloo, travada, contra o exército napoleónico, a 18 de junho de 1815, e que, por esse modo, pôs fim às Guerras Napoleónicas (1803–1815); (ii) O Almirante inglês Horatio Nelson (1758–1805), que morreu, vitorioso, na Batalha de Trafalgar, travada, a 21 de outubro de 1805, contra as frotas das marinhas francesa e espanhola, em resultado da Terceira Coligação, que ocorreu (de agosto a dezembro de 1805) durante as Guerras Napoleónicas (1803–1815); (iii) o dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare (1564–1616); (iv) o poeta inglês John Milton (1608–1674), autor de *Paradise Lost* (*Paraíso Perdido*).

7. A expressão “os reis do pensamento” (“the kings of thought”), que é por demais familiar a todos quantos conheçam a poesia do Romantismo inglês, provém do poema *Adonais: An Elegy on the Death of John Keats* (1821), da autoria do poeta inglês Percy Bisshe Shelley (1792–1822). Na quadragédima-oitava estância desse mesmo poema, Shelley refere-se a (o poeta) John Keats (1795–1821), “Adonais,” do seguinte modo: “And he is gather’d to the kings of thought | Who wag’d contention

with their time's decay" ("E encontra-se, ele, reunido com os reis do pensamento | Que travaram contenda com a decadência do seu tempo").

Porém, terá, talvez, sido com o poeta vitoriano Matthew Arnold (1822–1888) em mente, que Spalding terá escrito "the kings of thought." Já que, na estância vigésima do poema "Stanzas from the Grande Chartreuse" (1855) — que trata, precisamente, da circunstância de o Mundo moderno gritar à alma cristã *modernamente* medieva que "faith is now | But a dead time's exploded dream", — se depara com a formulação "the kings of modern thought":

Achilles ponders in his tent,  
The kings of modern thought are dumb,  
Silent they are though not content,  
And wait to see the future come.  
They have the grief men had of yore,  
But they contend and cry no more.

("Aquiles medita em sua tenda, | Os reis do pensamento moderno estão mudos, | Silentes estão, embora não satisfeitos, | E aguardam por ver o futuro chegar. | Sentem a mágoa que os homens outrora sentiam, | Mas não mais pelejam, não mais esbravejam.") Matthew Arnold. "Stanzas from de Grande Chartreuse" (vv. 115–120). *In: —. Poems*. Ed. Keneth Allott, London, Longman, 1979, p. 307.

8. "Despair, policy, and fury, in every country, painted him [Napoleon] as an object of detestation and alarm. Thus, all that has been said against him can excite no astonishment: it is only surprising that more calumny has not been uttered, and that it has not produced a much greater effect. When, in the enjoyment of his power, he never would permit any one to reply to the attacks that were made upon him. 'Whatever pains might have been bestowed on such answers,' said he, 'they would only have given additional weight to the accusations they were intended to refute. It would have been said that all that

was written in my defence was ordered and paid for. The ill-managed praise of those by whom I was surrounded had already in some instances been more prejudicial to me than all the abuse of which I was the object. Facts were the most convincing answers. A fine monument, another good law, or a new triumph, were sufficient to defeat thousands of such falsehoods. Declaration passes away, but deeds remain!” (Emmanuel-Augustin-Dieudonné-Joseph, Comte de Las Cases. *Memorial de Sainte Helene: Journal of the Private Life and Conversations of the Emperor Napoleon at Saint Helena (Two Volumes in One)*. Lexington, Thomas Smith, 1823, p. 97.)

9. A Acrópole (a “cidade alta,” de ἄκρος, “alto”, e πόλις, “cidade”), colina que se ergue acima de Atenas, foi o lugar que o estadista Péricles (c. 495 A.C–429 A.C) escolheu para a construção, por volta de 450 A.C., do Partenon (o templo principal de Atenas), do Erectéion (Templo dos Deuses do Campo), do Templo de Atena Níkē (vίκη, “vitória”) e do Propileu (o portal para a parte sagrada da Acrópole). A Colina de Marte (*Martis Collis*, em latim) corresponde à Colina do Areópago ou Colina de Ares (Ἄρειος Πάγος, *Areios Pagos*), um rochedo que se ergue sobre a cidade de Atenas a noroeste da Acrópole, sob ao qual foi edificado o Conselho do Governo ateniense, que, posteriormente, deveio Tribunal Supremo.

10. No Primeiro Período do Templo (a partir do século X A.C), o riacho Cédron, que hoje se encontra seco, começava a norte da chamada “Cidade Velha de Jerusalém” e descia em direção a sudeste, ao longo do Deserto Judaico e passando a este da referida cidade, até entrar no Mar Morto. Sena Freitas tem, pois, razão, ao afirmar, na sua sexta nota [p. 215], que “o famoso templo” “fica... assaz longe do citado rio, para se não poder confundir com ele.”

11. “Muezzin” é, no mundo islâmico, o arauto que se encontra encarregado de anunciar em voz alta, do alto dos minaretes das mesquitas, o *adhan*: o chamamento à oração, que consiste na frase *Allah hu Akbar* (“Alá é

grande”), seguida da profissão de fé “não há outro Deus para além de Alá, e Muhammad é o seu profeta.” Lancaster Spalding qualifica-o de “melancholy call” que “sounds like a wail”, ao passo que o Tradutor, Sena Freitas, o qualifica de “chamamento roufenho”. O facto é, porém, que o *adhan* é, por norma, entoado melodiosamente, com o cuidado de as palavras que o constituem serem pronunciadas de modo inteligível.

12. “A palavra de Deus corre”. Esta formulação (*currit verbum dei*) não se encontra presente em toda a Vulgata. A referência a S. Paulo remete, aparentemente, para 1 Coríntios 9:23–24. <sup>23</sup> *Omnia autem facio propter Evangelium: ut particeps ejus efficiar.* <sup>24</sup> *Nescitis quod ii qui in stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium? Sic currite ut comprehendatis.* Na tradução do Editor: “<sup>23</sup> Faço tudo, pois, pelo Evangelho, para alcançar devir participante de ele. <sup>24</sup> Não sabeis que os que correm no estádio... todos correm, é certo, porém, apenas um aprende o prémio? Correi, pois, para que apreendais.” Na tradução de João Ferreira de Almeida: “<sup>23</sup> E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele. <sup>24</sup> Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.”

Tudo parece indicar, porém, que Lancaster Spalding tinha em mente (sem que o Tradutor desse por isso?) não palavras de “St. Paul”, mas sim Salmos 147:4 (na Vulgata): *Qui emittit eloquium suum terrae: velociter currit sermo ejus.* Na tradução de João Ferreira de Almeida (Salmos 147:15): “Ele envia sua ordem à terra, e sua palavra corre veloz”.

13. Mateus 4:4. “Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.”

14. Arrogando-se uma outra vez liberdade para alterar a seu belo prazer o texto de Lancaster Spalding, o Tradutor, o padre Sena Freitas, transforma em citação a referência a “the apostolic age, when the manifestation

### 3

of miraculous power accompanied the announcement of Christian doctrine”. Terá ele, o Tradutor, tido em mente algum texto específico? Ou apenas terá querido transferir para aquela mesma referência a sacra textualidade de, por exemplo, Lucas 5:15 (“A sua fama, porém, se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades”) ou de João 6:2 (“E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos”)?

15. A crer em Marcos 16:17–18, Lencaster Spalding, o Bispo de Peoria, contradiz aqui, sem dúvida, palavras de seu amado Mestre: “<sup>17</sup> E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; <sup>18</sup> Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum....”

16. A citação que o Tradutor, Sena Freitas, se limita a parafrasear (“as batalhas primitivas que o espírito do mal ousou travar contra Deus nas regiões celestes”) consiste nos versos 104–105 do primeiro Canto de *Paradise Lost* (*Paraíso Perdido*), do poeta Inglês do século XVII John Milton. Esses dois versos entram nos que compõem fala de Satã, no Inferno, a seu coadjuvador Belzebu, e surgem na sequência da caracterização que o próprio Satã então faz de sua “mente inquebrantável” e de seu “desdém altaneiro”:

...that fixed mind,  
And high disdain from sense of injured merit,  
That with the Mightiest raised me to contend,  
And to the fierce contention brought along  
Innumerable force of Spirits armed,  
That durst dislike his reign, and, me preferring,  
His utmost power with adverse power opposed,  
In dubious battle on the plains of Heaven,  
And shook his throne.

(“...aquela mente inquebrantável, | E desdém altaneiro de consciência de mérito acometido, | Que me conduziram com o Todo Poderoso a contender, | E que, para

a contenda, conjuntamente levaram | A força enumerável  
de Espíritos armados, | Que ousaram repudiar seu reino  
e, a mim preferindo, | Opuseram a seu poder extremo  
poder adverso, | Em batalhas incertas nos planaltos dos  
Céus, | Levando seu trono a tremer.”)

17. *Romeo and Juliet*, II, ii, 1 (“He jests at scars that never felt a wound”). Evidentemente, o acréscimo “consoante a expressão do poeta” remete para Shakespeare.

18. Sena Freitas deu a saber, na sua nota décima [p. 216], que “Esta frase” (“naturalmente religioso”) “é daquele agudíssimo espírito que se chamou Tertuliano.” Contudo, falhou no seguinte. Em primeiro lugar, em não ter explicitado que Tertuliano não escreveu *homo est naturaliter religiosus* (“o homem é naturalmente religioso”) ou *anima est naturaliter religiosa* (“a alma é naturalmente religiosa”), mas sim “a,” ou “uma,” “alma naturalmente cristã” (*alma naturaliter Christiana*). Em segundo lugar, em não ter explicitado que se trata de predicação (*naturaliter religiosa*) com que se depara, em forma de exclamação, em XVII.6 do escrito do próprio Tertuliano (c. 160–c. 220 A. D.) que tem por título *Tertulliani Apologeticus* (*Apologética de Tertuliano*), onde se lê: *O testimonium animae naturaliter Christiana!* (“Oh, o testemunho da/de uma alma naturalmente cristã!”). Tertullian. *Apology [and] De Spectaculis*. Trad. T. R. Glover, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1984, pp. 88, 89.

19. Neste passo, Lancaster Spalding tinha em mente, especificamente, o filósofo alemão Gottlob Fichte; em concreto, passo do escrito deste último que se intitula *Die Bestimmung des Menschen* (*A Vocaçãõ do Homem*), no qual, ao criticar a epistemologia de Kant e as suas consequências, argumenta: “Toda a realidade se transforma em um sonho fantástico, sem que haja vida de que o sonho possa ser sonho, sem que haja mente que sonhe” (“Alle Realität verwandelt sich in einen wunderbaren Traum, ohne ein Leben, von welchem geträumt wird, und ohne einem Geist, dem da träumt”). Johann Gottlieb Fichte. *Die*

*Bestimmung des Menschen*. ED. Theodor Ballauff e Ignaz Klein, Stuttgart, Philip Reclam, 1981, p. 101.

No seu *Religion, Agnosticism and Education*, sem se aperceber de que, ao citar Fichte, se encontra a citar os argumentos que este apresenta contra Kant (em *Die Bestimmung des Menschen*), ao invés de de se encontrar a citar Fichte acerca de “the system of Fichte”, Spalding escreveu: “The result of Kant’s criticism is seen in its further development in the system of Fichte. ‘I know absolutely nothing,’ he says, ‘nothing of any being, not even of my own. There is no being. I know nothing and I am nothing. There are figures, appearances, shadows, they are the only things which exist; they know themselves after the fashion of shadows — fleeting shadows, flitting over nothing. Shadows of shadows and related only to shadows; images which resemble nothing, without meaning and without purpose. I myself am one of these shadows, not a shadow even, but a confused cloud-heap of intermingled shadows. All reality is but a dream which has no life for its object, no mind for its subject; a dream which holds to nothing but a dream. Sight is a dream, and thought, the source of the whole substance and reality which I elaborate from my being, my strength, my destiny, is the dream of a dream.” (J. L. Spalding. *Religion, Agnosticism and Education*. Chicago, A. C. McClurg and Company, 1902, pp. 76–77.)

É de querer que o Tradutor, o padre Sena Freitas, não haja, de todo, vislumbrado o que Spalding tinha tido em mente ao escrever, sem dar a conhecer o seu entendimento de “unreality”, “there are also men who hold that all things are unreal and only appear to be”. É que, a não ter sido assim, teria ele, Sena Freitas, deturpado voluntariamente o texto que traduzia com vista a apodar Kant, ou Fichte, de “excêntrico” (“como existem excêntricos”)? Não obstante (é evidente) ele mesmo, Sena Freitas, estar convencido — como estava — de suas opiniões católicas (ao invés de “epistemológicas”) não carecerem de fundamento nas “verdades eternas” determinadas, com infalib-

ilidade, pelos papas e pela igreja do Sacro-Santo Império Romano. *Sursum corda!*

20. É evidente que foi por os consabidos versos do Canto X de *Os Lusíadas* (“No gosto da cobiça e na rudeza | Dũa austera, apagada e vil tristeza”) lhe terem aportado à mente, que, mais uma vez, o Tradutor decidiu *escrupulosamente* adiconar à afirmação de Spalding (“Even animal indulgence... would lose its human charm”) o conseqüente “para tornar-se numa ‘apagada e vil’ animalidade.”

21. Trata-se — como é evidente — do rei francês Luís XIV.

22. A formulação “to see things as they are”, na proposição “Let us learn to see things as they are”, Lancaster Spalding *recebeu-a*, como bom vitoriano, diretamente do poeta e ensaísta Matthew Arnold (1822–1888). Veja-se: “But although culture makes us fond stickers to no machinery, not even our own, and therefore we are willing to grant that perfection can be reached without it, ...yet perfection can never be reached without seeing things as they really are; and it is to this, therefore, and to no machinery in the world, that we stick.” (Matthew Arnold. *Culture and Anarchy*. In: — *The Complete Prose Works*. Ed. R. H. Super, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1989, vol. 5, p. 253.)

23. John Henry Newman. “Discourse VI: Knowledge Viewed in Relation to Learning.” In: —. *The Idea of a University*. Ed. Frank M. Turner, New Haven & London, Yale University Press, 1996, p. 101.

24. Os versos que o Tradutor, Sena Freitas, omitiu do texto original, sem dar qualquer notícia disso a seus leitores, são os últimos cinco versos do seguinte passo do Livro V do poema *The Excursion* (1814), da autoria do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770–1850):

“Our Nature,” said the Priest, in mild reply,  
 “Angels may weigh and fathom: they perceive,  
 With undistempered and unclouded spirit,  
 The object as it is; but, for ourselves,

That speculative height we may not reach.  
 The good and evil are our own; and we  
 Are that which we would contemplate from far.  
 Knowledge, for us, is difficult to gain—  
 Is difficult to gain and hard to keep—  
 As Virtue's self; like Virtue is beset  
 With snares; tried, tempted, subject to decay.  
 Love, admiration, fear, desire, and hate,  
 Blind were we without these; through these alone  
 Are capable to notice or discern  
 Or to record; we judge, but cannot be  
 Indifferent judges. 'Spite of proudest boast  
 Reason, best Reason, is to imperfect Man  
 An effort only, and a noble aim;  
 A crown, an attribute of sovereign power,  
 Still to be courted—never to be won!"

("A Nossa Natureza", sussurrou o Sacerdote, em resposta suave, | 'Os anjos são capazes de a pesar e sondar: eles percebem, | Com espírito imperturbável e sereno, | O objeto tal como ele é; mas, a nós, | Tal elevação especulativa não se dá de alcançar. | Bem e mal, de nós mesmos provêm; e nós | Somos quanto quereríamos contemplar de longe. | O conhecimento, para nós, é difícil de alcançar — | É difícil de alcançar e difícil de guardar — | Tal como a verdade da Virtude; qual ela, Virtude, encontra-se à beira | De emboscadas; cortejado, tentado, sujeito à decadência. | Amor, admiração, medo, desejo e ódio, | Cegos seríamos, nós, na sua ausência; somente por via deles, | Somos capazes de reparar ou discernir | Ou manter presente; praticamos juízo, mas somos incapazes ser Juiz imparcial. | Apesar de quanto, orgulhosa, mais se possa gabar, | A Razão, a mais apta Razão, permanece, para o Homem, que é imperfeito, | Não mais do que um anseio, e um desígnio nobre; | Um diadema, um atributo do poder soberano, | De contínuo a ser cortejado — jamais a ser conquistado!"

William Wordsworth. *The Excursion* (V, vv. 485–504). In: —. *Poetical Works*. Ed. Thomas Hutchinson, Oxford, Oxford University Press, 1978, p. 847.

25. John Henry Newman. “Discourse VI: Knowledge Viewed in Relation to Learning.” In: —. *The Idea of a University*. Ed. Frank M. Turner, New Haven & London, Yale University Press, 1996, p. 105.

Repare-se em que, repleto de imparcialidade e de proibidade eclesiástico-católicas, o Tradutor, o padre Sena Freitas, se não coibiu de, uma outra vez, adular o texto de Lancaster Spalding. Agora, aqui, por via de traduzir Henry Newman a predicar da Inglaterra capacidade para “to domineer over Catholics” (“alcançar domínio sobre os católicos”) para Henry Newman a predicar da Inglaterra capacidade para “dominar o mundo”!

26. Este é o passo da versão original do discurso “University Education” menos esperado, sem dúvida, por qualquer leitor genuinamente cultivado, inteligente, honesto (porquanto, imparcial), e, por conseguinte, é também o passo mais exasperante, porque, para além do mais, de todo indesculpável. O que está em pauta é o seguinte.

O poeta isabelino Edmund Spenser (c. 1552–1599), que, afinal, emparelha, na história da literatura ocidental, com os seus coetâneos William Shakespeare (c. 1564–1616) e Christopher Marlowe (1564–1593), escreveu o seu longo poema épico *The Faerie Queene* (*A Rainha das Fadas*) tendo em vista, em primeiro lugar, cantar a verdade e a virtude do Cristianismo protestante anglicano (do ponto de vista dele, é claro), de par a par com apregoar ao mundo a falsidade e a vileza do Cristianismo católico (não menos, do ponto de vista dele, Spenser).

No primeiro Livro do poema em particular, Spenser louvou o primeiro (o Anglicanismo) na pessoa alegórica da virgem Una (integridade, verdade) e de seu inexperiente, mas valoroso, protetor, The Knight of the Red Crosse, ou St. George, o padroeiro da Inglaterra e angariador, via de suas aventuras, da virtude “Holinesse” (Graça Santificante).

O segundo (o Catolicismo) vilanizou-o na pessoa alegórica de Duessa (duplicidade, falsidade) e de Archimago (o Papa, alegoricamente representado com grande feiticeiro), bem como na monstruosidade alegórica de Errour (erro teológico), a fera com que Red Crosse se defronta em caverna situada, significativamente, em The Wondring Wood (o bosque da errância teológico-intelectual).

O grande objetivo de The Knight of the Red Crosse é cavalgar até ao paraíso Eden, para ali derrotar o dragão Satan (responsável pelo aparecimento do pecado e do Catolicismo-Papado), com vista a libertar os progenitores de Una, o rei e a rainha do Paraíso Perdido, do Castelo Metálico (Brazen Castle) do Satanismo-Catolicismo-Papado, para lhes permitir reinstaurar uma nova Ordem protestante (anglicana) — na qual a Inglaterra viesse futuramente a destacar-se, em virtude de haver dado continuidade à grandeza político-religiosa estabelecida por Elizabeth I (alegoricamente, a Rainha das Fadas).

Este é, em suma, o enredo do primeiro Livro (dos primeiros dez Cantos) de *The Faerie Queene*, quando a factualidade gráfica que constitui o poema é olhada (lida) com imparcialidade garantida por honestidade e determinação intelectual de “to see things as they are” (já que, Spalding *dixit*, “Let us learn to see things as they are” [p. 158, l. 26]); garantida, pois, por determinação de ter “a coragem de encarar a realidade fito a fito” (no dizer acrescentado do Tradutor, o padre Sena Freitas [p. 159, ll, 37–38]).

Ora, como age aqui, neste passo, o autor, Monsenhor Lancaster Spalding, o pregador indefetível de “intellectual culture”, coadjuvado e *branqueado* (para além de, não poucas vezes, aditado) por Sena Freitas, com não menor virtude católico-cristã?

Resposta: dando razão, afinal, a Spenser (o imaginador de Duessa e Archimago), identifica “Catholic faith” com o protetor protestante (anglicano) de Una (integridade, verdade), Red Cross Knight” (“Catholic faith is Una’s

Red Cross Knight”); e, por conseguinte, identifica a Duessa (duplicidade, falsidade) e o Archimago (alegoricamente, o papa *qua* grande feiticeiro) católicos de *The Faery Queene*, os quais Spenser vilipendia, com a fé protestante–anglicana, que o próprio Spenser louva! — Ainda que, por certo, não fosse intenção dele, Spalding, fazer isto.

O autor desta nota, o Editor, apontou há pouco para que o Tradutor, Sena Freitas, há (neste passo) *branqueado* as palavras de Spalding. Como? Por via — decerto, intencionalmente — de traduzir “Catholic faith” por “o Cristianismo”! Quão virtuoso estratagema, transitar, em tradução, da espécie (catolicismo) para o género (cristianismo)! Quão conveniente! Quão catolicamente imparcial! Como não seria, certamente, de esperar de “honest and enlightened minds” [p. 69, l. 15]. — Na tradução de Freitas: “entendimentos esclarecidos e de boa fé”! [p. 69, ll. 22–23.]

Repetindo palavras de Spenser, Spalding afirma que, no escudo de Red Crosse Knight, “are old dints of deep wounds and cruel marks”, sendo que, se procede assim, é em virtude de ter estado consciente de que Spenser há armado Red Cross com armas não só dele, Red Cross, mas de todo o cristão — de acordo com Paulo (Efésios 6:11–17, com distinção, aqui, para o versículo dezasseis: “Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno”).

De par a par, Spalding afirma que Red Crosse “is assailed by all the powers of earth and of the nether world, armed with whatever weapons may hurt the mind or corrupt the heart” (como, na verdade, ocorre no decurso de parte significativa do poema).

Ora, a grande ironia, percebe-se, é esta: a ironia que decorre da circunstância de, do ponto de vista de Spenser, que determina todo o poema (*The Faerie Queene*), “whatever weapons may hurt the mind or corrupt the heart” terem de ser, por força, armas do aqui-inimigo católico, armas pertencentes à “fé católica” (“Catholic faith”), na pessoa alegórica de Duessa, e desferidas, por consequin-

3

te, contra Red Crosse Knight–St. George! Não, como Spalding pretende, armas de archi-inimigo *não-católico* — qual, senão o Protestantismo? — *desferidas, porquanto, contra Red Crosse Knight–St. George:*— Após este ter sido literariamente catolicizado, em Peoria, nos Estados Unidos da América, por Monsenhor Spalding!

Eis de seguida (para quem a souber ler — à semelhança de Spalding?) a primeira estância do primeiro Canto do primeiro Livro de *The Faerie Queene*, já que é a ela que Monsehor Spalding dirige a atenção de seus leitores:

A Gentle Knight was pricking on the plaine,  
Y cladd in mightie armes and silver shielde,  
Wherein old dints of deepe wounds did remaine,  
The cruell markes of many a bloody fielde;  
Yet armes till that time did he never wield:  
His angry steede did chide his foming bitt,  
As much disdayning to the curbe to yield:  
Full jolly knight he seemd, and faire did sitt,  
As one for knightly giusts and fierce encounters fitt.

(“Um Cavaleiro Gentil cravava espora pelo planalto, | En capado por armas possantes e escudo de prata, | No qual permaneciam mossas antigas de feridas profundas, | Marcas cruéis de batalhas sangrentas a perder de conta; | Contudo, armas jamais manejava até aquele momento: | Seu garanhão espigado desfeiteava seu bridão espumado, | Tanto quanto subestimava de ao freio se submeter: | Ares, tinha, de cavaleiro amistoso a valer, e montava como deve ser, | Qual aquele que equipado para justas de montaria e recontros medonhos.”) Edmund Spenser. *The Faery Queene* (I, i, 1). Ed. A. C. Hamilton, Harlow, England, Longman, 2001, p. 31.

27. (i) Agostinho (de Hipona): 354–430; (ii) Dante (Alighieri): c. 1265–1321; (iii) Bossuet (Jacques-Bénigne): 1627–1704.

28. (i) Francisco de Assis: c. 1181–1226; (ii) Agostinho (de Hipona): 354–430; (iii) Hildebrando (papa Gregório VII): c. 1025–1085.

29. 1 Coríntios 12:29. “São todos doutores?”

Porque são testemunho flagrante de quanto o louvor dos “abençoados,” dos “pobres de espírito”, sempre foi estratagemas ideológico engendrado para persuadir os *pés* sociais a obedecerem à *cabeça* social, em lugar de democraticamente a deceparem, eis, de seguida, os versículos 18 a 31: <sup>18</sup> Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. <sup>19</sup> E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? <sup>20</sup> Assim, pois, há muitos membros, mas um corpo. <sup>21</sup> E o olho não pode dizer à mão: ‘Não tenho necessidade de ti’; nem, ainda, a cabeça aos pés: ‘Não tenho necessidade de vós’. <sup>22</sup> Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são muito mais necessários; <sup>23</sup> E, os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses, honramos muito mais; e, aos que em nós são menos decorosos, damos muito mais honra. <sup>24</sup> Porque os que em nós são mais nobres não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; <sup>25</sup> Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. <sup>26</sup> De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. <sup>27</sup> Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular. <sup>28</sup> E, a uns, pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. <sup>29</sup> Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? <sup>30</sup> Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos? <sup>31</sup> Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente.”

“Ora, vós sois o corpo de Cristo”. — Cabendo, pois, perguntar: Quais, de entre “vós,” serão, de Cristo, o falo? Os mais fortes ou os mais fracos? Ainda que a resposta seja por de mais evidente: “os que, sendo os mais fortes (sendo *lobo*), se dão de passar por os mais fracos (se dão de vestir pele de *cordeiro*).

Ainda que não deem por isso, não obstante apreçoarem que “We must be resolved to labor to see... ourselves too as we are” [p. 100, ll. 2-3] (“Devemos esforçar-nos decididamente por... ver-nos, a nós mesmos, tais como somos” [p. 101, ll. 5-7]). — Qual o caso, sem dúvida, do Tradutor, que — certo de ser *cabeça* — exclama, na sua Introdução, louvor aos *pés*: “Querido povo de grenha empastada, de blusa metalizada pela limalha da oficina, de mãos encardidas, que lê de relance o seu diário à esquina da rua e não sabe ler entrelinhas que o exploram e o iludem vilmente; pobre e querido povo, que geme debaixo das rodas de uma máquina ou se aperta à roda da mesa de um lôbrego restaurante, a beber um ruim café; que feliz se deve sentir uma verdadeira alma de padre, se, depois de meter a sua mão na dele, na efusão de uma sincera estima, conseguir meter-lhe também Cristo no coração!” [p. 16, l. 38–p. 17, l. 9.]

Trata-se, deveras, dos *pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum caelorum*: dos “pequenininhos... obscuros... miseráveis” — a que há que, catolicamente, “meter... Cristo no coração!”

Só no coração? Ou também em certas concavidades e certas proclividades recônditas dos “membros no corpo”?

“E, os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses, honramos muito mais!” — Como se, para além do mais, algum filho de Cristo preferisse perder a honra menor da cabeça, em lugar de perder a honra maior dos pés ou das pernas!

“Querido povo... que... não sabe ler entrelinhas que o exploram e o iludem vilmente!” — Exclama o *lobo-ovelha*, sem disso saber, às *ovelhas-lobo*. Contudo, sabendo

“muito bem” não poder “em nenhuma maneira, admitir que se possa trazer ao exercício” da “tamanha missão” de padre “uma... excessiva cultura intelectual.” [p. 185, ll. 28–31.]

30. 1 Coríntios 3:9. *Dei... sumus adjutores* (“nós somos cooperadores de Deus”)

31. O Tradutor, Sena Freitas, sumariza, aqui, os dois versos que Lancaster Spalding cita. Trata-se dos versos 221–222 do Livro II do poema *The Excursion*, da autoria do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770–1850). Esses mesmos versos fazem parte do relato da vida de “One who lives secluded” (v. 159) em virtude de, após ter deixado de ser Capelão para casar e procriar-se, ter visto a sua felicidade ser destruída pela morte, num só ano, de seus dois filhos e de sua mulher. Após ter vivido, a partir de então, em solidão e na esperança de a morte o vir libertar da mágoa e da indiferença que dele se haviam apoderado, recebe notícia da ocorrência da Revolução Francesa — a qual é virconstância que o faz partir “To the great City” (v. 216), onde, retomando a sua condição de pregador, “mantained” “from the Pulpit zealously” (v. 220) — nem menos: “The cause of Christ and civil liberty, | As one, and moving to one glorious end.” (“A causa de Cristo e da liberdade civil, | Como uma só, e em trânsito para fim glorioso.”) Lancaster Spalding não cita, contudo, os quatro versos irônicos que se seguem, os quais constituem comentário por parte do narrador. São estes versos (vv. 223–226): “Intoxicating service! I might say | A happy service; for he was sincere | As vanity and fondness for applause, | And new and shapeless wishes, would allow.” (“Serviço intoxicante! Poderia dizer | ‘Serviço gratificante;’ dado que ele era sincero | Tanto quanto vaidade e apreço por aplauso, | De par com desejos novos e indefinidos, haveriam de permitir.) William Wordsworth. *The Excursion*. In: —. *Poetical Works*. Ed. Thomas Hutchinson, Oxford, Oxford University Press, 1978, p. 605.

32. “After Spalding’s graduation from Mount St. Mary’s of the West, he went to Europe for his training in Theology. He was a student for the Diocese of Louisville, over which his uncle, Martin John Spalding, presided. The American College at the University of Louvain opened in March of 1857. This College owes its existence to a great extent to Archbishop Martin John Spalding. To this institution he sent his nephew. Spalding entered Louvain in 1859. From 1859 until July of 1864 he was in residence there, where he pursued his study of Theology, as well as other courses in the University proper.”

“July 7, 1862, the degree S. T. B. was conferred upon him by the University of Louvain. He was ordained to the priesthood by Cardinal Sterckx at Mechlin December 19, 1863. He spent the rest of the academic year in finishing his studies for the degree S. T. L., which he received July 11, 1864. [...] Spalding at this time was only a little over twenty-three years of age, and he asked his uncle’s permission to spend the next year or more in Rome pursuing further his studies. This permission was granted, and he left Louvain in July of 1864 to continue his studies in Rome. A great friendship had grown up between him and Father De Neve, the Rector of the American College at Louvain; and, on his way to Rome, Spalding wrote him the following...: ‘Freiburg, July 18th, 1864. I arrived in Freiburg after a safe and pleasant journey. I stayed all night in Trier where I said Mass in the Cathedral, after having incurred the suspicion of being suspended. I passed the next night in Heidelberg, famous for its University.’” (J. J. Cosgrove. *Most Reverend John Lancaster Spalding, First Bishop of Peoria*. Mendota, Illinois, Wayside Press, 1960, pp. 31, 38.)

33. O Editor não conseguiu encontrar fonte para estas palavras (segundo Spalding) ou citação (segundo Sena Freitas). Cabe-lhe, contudo, dar a saber que as palavras que Lancaster Spalding adjudica ao papa Pio II (Enea Silvio Bartolomeo Piccolomini, 1405–1464) ecoam, de algum modo, estas: *Primum [münus] est, anima nostra, quae notatur per aurum; quia sicut auro nihil nobilius est,*

*vel pretiosius aut pulchrius, sic nihil nobilius vel pretiosius aut pulchrius, quam anima corara Deo reputatur.* (“O primeiro [dom] é a nossa alma, que tem por símbolo o ouro; porque, tal como não há nada mais nobre, mais precioso ou mais belo do que o ouro, também não há nada mais nobre, mais precioso ou mais belo do que alma considerada querida por Deus.”) Ludolphus de Saxonia (c. 1295–1378). *Vita Jesu Christi*. Ed. L. M. Rigollot, Parisiis, Societate Generali Librariae Catholicae, 1878, vol. 1, p. 94 A.

34. “Tudo o que vive surge de quanto viva ou haja vivido.” Este princípio, que se julga ter sido dissimulado pelo italiano Francesco Redi, o autor de *Esperienze Intorno alla Generazione degl’Insecti* (*Experiências na Área da Geração dos Insetos*), de 1668, prende-se com a questão de saber se toda a vida poderá ser gerada apenas por vida (biogénese) ou se, pelo contrário, poderá também ser gerada por matéria não viva ou inorgânica (abiogénese).

35. Nestas últimas linhas, Sena Freitas parafraseia (com inexactidão negligível) o significado dos versos que, também ao terminar, Lancaster Spalding cita. Trata-se dos versos finais da curta elegia, da autoria do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770–1850), cujo primeiro verso é: ‘Brave Schill! by death delivered, take thy flight’.

O poema, que data de 1815 e é o décimo-nono da divisão dos poemas de Wordsworth que tem por título “Poems Dedicated to National Independence and Liberty” (“Poemas Dedicados à Independência Nacional e à Liberdade”), celebra a bravura e a morte do Comandante prusso Ferdinand von Schill (1776–1809), cuja revolta contra o domínio napoleónico sobre a Prússia se malogrou com a ocorrência da Batalha de Stralsund (1809), no decurso da qual perdeu a vida.

A seguir a comparar Schill a meteoro “em noite negra” e a afirmar que, não obstante, o nome “conspícuo e sublime” do próprio Schill haveria de permanecer fixo, qual estrela, “no firmamento do tempo”, Wordsworth exclama: “Alas! it may not be: for earthly fame | Is Fortune’s frail dependant” (“Ah! não poderá ser: a fama terrena | Tem, frágil,

dependência da Fortuna”). Ocorrem, então, instaurando compensação à inevitável transitoriedade da “fama terrena”, os versos (vv. 10–14) a que esta nota tem referência:

...yet there lives  
A Judge, who, as man claims by merit, gives;  
To whose all-pondering mind a noble aim,  
Faithfully kept, is as a noble deed;  
In whose pure sight all virtue doth succeed.

(“...e, contudo, há, vivente, | Um Juiz que põe quanto um homem por mérito pede; | Em cuja mente toda-providente um desígnio nobre, | Se mantido com firmeza, devém, só por si, ato nobre; | A cujos olhos penetrantes toda a virtude alcança prémio.”) William Wordsworth. ““Brave Schill! by death delivered, take thy flight””. In: —. *Poetical Works*. Ed. Thomas Hutchinson, Oxford, Oxford University Press, 1978, p. 252.

A razão por que Lancaster Spalding terminou o seu discurso citando estes versos é por de mais evidente: a criação de uma Universidade Católica nos Estados unidos era, ao escrevê-lo e proferi-lo, o grande “desígnio nobre” que lhe habitava a mente e o coração. Tudo indica, aliás, que o ensejo de fundar uma tal universidade terá sido, por essa razão, o grande determinante da escolha do tema “University Education.”

Aliás, não terá ele, Spalding, pensado-se a desempenhar então missão igual à que Henry Newman, o autor de *The Idea of a University*, desempenhara, na Irlanda, cerca de trinta anos antes?

**Notas Textuais**  
*Da* **Editor**



## 1. INTRODUÇÃO

- 3:23–24. ao invés de como ← e não como  
3:16. mais do que ← do que  
4:28. Introdução ← introdução  
4:34. Dogma ← dogma  
5:19. arquitetar e a ← arquitetar e  
6:9. de que eu ← que eu  
6:14. instilaram ← instilou  
7:13. ao clero do meu ← ao do meu  
7:35. há de compenetrar-se ← compenetrar-se  
8:15. o seu título ← ao seu título  
9:14. “se...prejudica.” ← se... prejudica.  
9:33. de negar ← de se negar  
11:2. Terra ← terra  
11:19. Natureza ← natureza  
12:9. com ele ← conosco  
12:14. dá até ← se dá até  
13:4. “um monstro” ← um monstro  
14:8. (“honra,” “ônus”) ← (honra, ónus)  
15:6. para, por ← para que por  
16:26. tomar ← tomarem  
17:25. Por isso, ← por isso que  
17:27–28. dos seus olhos”: porque ← dos seus olhos.”  
Porque  
17:37. cinquenta ← 50  
17:38. setenta ← 70  
20:8. que lhes ← que lhe  
20:16. Teologia Pastoral ← teologia pastoral  
20:17. tampouco ← tão pouco  
20:21. que ← de que  
20:25. leitura de ← leitura do  
21:22. *Imitação de Cristo* ← Imitação de Cristo  
21:23. *Vidas dos Santos* ← Vidas dos Santos  
21:33. será o ← é o  
22:20. vinte ← 20  
22:28. importar ← importarem  
22:30. comungar ← comungarem

- 22:33. levar ← levarem  
 23:2. vinte e cinco ← 25  
 23:3. de mais ← demais  
 23:7. trinta ← 30  
 23:6. vinte ← 20  
 23:27. Certamente, o ← Certamente que o  
 24:15. deparara com as ← deparara as  
 24:27. vós!" — tornou ← vós!" tornou  
 24:33–34. "espírito de crença," ← espírito de crença  
 24:37. Algumas vezes, ← Alguma vez  
 25: 26–27. ainda que modestíssimos ← ainda modestíssimos  
 26:15. Teologia Pastoral ← teologia pastoral  
 26:34. de os párocos ← dos párocos  
 27:6–7. Naturalmente, esta ← Naturalmente que esta  
 27:23. empane ← empanasse  
 27:37. do Superior e do diretor ← do Superior e diretor  
 28:6. Por que ← Porque  
 28:13. católicos ← católicos".  
 28:24. Enquanto ← Em quanto  
 28:25. contra vós." ← contra vós  
 28:30. se abstraiu ← abstraiu  
 28:37. New York ← New-York  
 28:18. Terra ← terra  
 29:23. enquanto ← em quanto  
 30:2. pessimismo. De prudência ← pessimismo; de prudência  
 30:12. laudanizadas ← laudanizados  
 30:21–22. Por que ← Porque  
 30: 23. Por que ← Porque  
 31:2. primeiro ← 1.º  
 31:3. segundo ← 2.º  
 31:5. terceiro ← 3.º  
 31:15. *repulisti* ← *repullisti*  
 31:16. "já que... repelirei". ← já que... repelirei.  
 31:24. Sales ← Salles

- 31:25. ela e a piedade ← conjuntamente com a piedade
- 31:29. mais do que ← mais que
- 31:32. que nem tem ← nem tem
- 31:38. ignoraria ← ignorariam
- 32:2. adquirir”, ← adquirir,
- 32:3. “torna-se ← torna-se
- 32:4. pare à ← para à
- 32:10. riquezas; ← riquezas:
- 32:19. solicitar-se ← solicitar
- 32:24–25. António Bello ← António Belo
- 32:27. como, hoje, as há ← como as hoje há
- 33:27. de o padre ← do padre
- 34:1. do dia — na questão ← do dia, na questão
- 34:3. do que na dos... na daquele ← que dos... daquele
- 34:10. definiu como “a luz ← definiu “a luz
- 24:12. *evangelizavero!* ← *evagelizavero!*
- 33:1. quarenta ← 40
- 33:34. tampouco ← tão pouco
- 35:28. Deveria ← Devia
- 36:20. Talvez alguns ← Talvez que alguns
- 36: 30–31. Terra ← terra
- 36:32. Gusmão ← dos Gusmões
- 36:34. ‘A Arca do Testamento.’ ← *A Arca do Testamento.*
- 37:10. e Dante ← e o Dante
- 37:12. Lockhart ← Lockart
- 37:27. Terra ← terra
- 27:37. Introdução ← introdução

## 2. DA EDUCAÇÃO ECLESIASTICA...

- 43:Epíg. S. João, 6:63 ← S. João Evangelista, 6–26
- 43:22. Haverá algo ← haverá nada
- 45:2. Terra ← terra
- 45:30. Natureza ← natureza

- 47:30. a ver ← a verem  
49:7. nem que seja ← nem seja  
49:26. afim de que ← afim de que  
51:29. Terra ← terra  
57:7. Ambas, a ciência e a fé ← ambas  
57:18–19. das quais resulta ← de onde resulta  
57:19–20. e as quais nos ← e que nos  
61:10. Sem dúvida, a ← Sem dúvida que  
61:17. Natureza ← natureza  
63:29. porventura ← por ventura  
65:24. von Hertling ← von Herthing  
67:5–7. “Nós... de ver... divina.” ← “Nós... de vermos... divina.”  
67:27. e a receber ← e receber  
67:30. mostrar ← mostrarem  
69:38. os quais cultivaram ← e que cultivaram  
71:3. Natureza ← natureza  
71:10. Terra ← terra  
71:23. Natureza ← natureza  
73:21. crer ← crerem  
75:25. cada vez mais ← cada vez  
75:33. o qual se revela ← que se revela  
79:1. Ele ← um  
79:21. entanto ← entanto que  
79:25. sem deixar ← sem deixarem  
79:32. olhar ← olharem | construir ← construirém  
83:12. fazer ← fazerem  
83:27–28. cuja ← que a sua  
83:28. ser ← serem | formar ← formarem  
83:29. dirigir ← dirigirem  
85:28. Natureza ← natureza  
87:2. enquanto ← em quanto que  
87:17. e de tantos ← e tantos  
87:18. Natureza ← natureza  
89:32. por que ← porque  
89:36. por que ← porque  
91:22. Natureza ← natureza  
95:13. Hergenröther ← Hergenraether

- 95:30. Por sem dúvida, ← Por sem dúvida que  
 95:37. segundo e terceiro ← 2.º e 3.º  
 99:3. por que ← porque  
 99:6. enquanto as ← enquanto que as  
 99:19. curar ← curarem  
 101:6. ver não só as coisas ← ver as coisas, não só  
 101:11. por que ← porque  
 101:21. e que a substância ← e a substância  
 103:14. por que ← porque  
 105:29. com repetir ← repetir  
 107:17. beber ← beberem  
 109:27. em que ← que  
 111:15. encaminhou ← encaminharam  
 111:31. mais verosímil ← menos verosímil  
 111:35. cinquenta ← 50  
 113:2. vinte ← 20  
 113:12. “católicos” ← católicos | Não: ← Não;  
 113:13 nós; ← nós,  
 115:7. comunicar ← comunicarem

### 3. EDUCAÇÃO SUPERIOR DO CLERO

- 121:22. encontram ← encontra  
 123:4. *a educação?! ← a educação!*  
 123:32. da triste ← a triste  
 127:6–7. Terra ← terra  
 127:36. não é ← é  
 127:32. *coração?! ← coração!*  
 129:5. a vida, ← a vida:  
 129:21. *geral?! ← geral!*  
 129:28. santidade, ← santidade  
 133:5. evitar ← evitarem  
 133:8. anelem ← anelam  
 133:13. Natureza ← natureza  
 133:23. “ciência” ← ciência  
 137:4. de que ← que  
 139:14. Demais ← De mais

- 141:1. livre: ← livre,  
 143:4. Terra ← terra  
 143:16. Terra ← terra  
 143:31. penetrar ← penetrarem  
 145:5. a nós, ← nós,  
 145:8. parecem ← nos parecem  
 145:20. Por que não... de adotar ← Porque não...  
 adotar  
 145:23. Natureza ← natureza  
 147:10. chegar ← chega  
 147:17. lhos ← lho  
 147:21. Certamente, ← Certamente que  
 147:31. Idade Média ← idade média  
 149:2. fez ← fizeram  
 149:13. Ora, eis que aqui ← Ora eis aqui  
 149:18. Terra ← terra  
 149:21. vinte ← 20  
 149:29. mas que — quanto ← mas quanto  
 149:30. ruínas? ← ruínas  
 151:23. Natureza ← natureza  
 151:25. colora ← colore  
 153:24. Terra ← terra  
 153:36. infundadas —cuja ← infundadas, cuja  
 153:37. formação, — nem ← formação, nem  
 155:5–6. ainda que instruído ← ainda instruído  
 155:30. Natureza ← natureza  
 157:17. o perverso teria motivo ← o perverso motivo  
 157:31. Natureza ← natureza  
 157:32. e o progresso ← e progresso  
 157:36. porque ← por isso que  
 157:37. a crença no ← a crença do  
 159:1. Natureza ← natureza  
 159:26. Tampouco ← Tão pouco  
 159:29–30. quando ela cessa ← quando cessa  
 161:11. “filosóficas” ← filosóficas  
 161:22. confere ← confere-lhe  
 161:28. quase o diria ← quase que diria  
 161:29. são familiares ← é familiar

- 163:9. em lugar de à erudição ← do que à erudição  
 163:23. Com os mesmos ← Os mesmos  
 163:24. se depara ← se deparam  
 165:9. alguma vez ← jamais  
 165:15. será como ← é como  
 165:24. possuindo ← não possuindo  
 165:25. se lhe dá, a elegância ← se lhe dá da elegância  
 165:28. do que ← que  
 165:34. oito ← 8  
 165:35. dez ← 10  
 165:36. *stock* ← stock  
 167:1. “humanidade,” ← humanidade,  
 167:2. “ciência social.” ← ciência social.  
 167:3. por que ← porque  
 169:13. ufanas ← ufanos  
 173:25. de mais ← demais  
 173:27. de mais ← demais  
 175:6. ouvir ← ouvirem  
 175:12. algo ← nada  
 177:15. ainda que ← ainda  
 177:37–38. gênio se perde ← gênio, perde-se  
 179:24. por que ← porque  
 179:29. Terra ← terra  
 181:26. poderia ← pode  
 183:21. dirigido ← dirigida  
 183:31. Natureza ← natureza  
 185:21. visto que ele ← visto como ele  
 185:31. Tampouco ← tão pouco  
 187:5. separem ← separaram  
 187:6. contemplem ← contemplaram  
 187:14. vontades?! ← vontades!  
 187:25. esperança?! ← esperança!  
 187:27. Pio II: ← Pio 2.º:  
 189:6. oito ← 8  
 189:10. E que ← e que  
 189:23. ser ← serem  
 189:26. “homem de Estado” ← homem de Estado

- 189:27. “orador emérito” ← orador emérito  
189:28. “Universidade” ← Universidade  
191:8. de que ← que  
191:13. forma ← se forma  
193:11. possuir ← possuírem  
193:20. o Instituto ← no Instituto  
193:25. cinquenta ← 50

# Apêndices



**APÊNDICE A:**

*fac simile* da Página iii da Edição de 1909

Carta de Monsenhor Spalding ao Conego Senna Freitas

10.<sup>bro</sup> — 6 — 908.

Dear Sir

It is with pleasure that I give you permission to translate into portuguese my book entitled OPPORTUNITY. When the volume is published, please send me a copy.

Very sincerely

your, etc.

*T. Spalding.*

Bishop Peoria, Illinois.

10.<sup>bro</sup> — 6 — 908.

Caro Snr.

E' com prazer que auctoriso V. Rev.<sup>ma</sup> a traduzir em portuguez o meu livro intitulado OPPORTUNIDADE. Quando o volume estiver já publicado, queira remetter-me um exemplar.

Assigno-me muito sinceramente

Seu, etc.

*T. Spalding.*

Bispo de Peoria, Illinois.

## APÊNDICE B:

*fac simile* da Página v da Edição de 1909

### Approvação do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo do Porto

D. Antonio José de Souza Barroso, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, Prelado Assistente ao Solio Pontificio, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

Fazemos saber que por parte do R.<sup>mo</sup> Conego Senna Freitas Nos foi presente a Obra pelo mesmo dada á luz e intitulada — *Alta Educação do Padre* — e porque na mesma nada se contem, que vá de encontro á fé e bons costumes, mas antes em todos os pontos é conforme á boa moral e doutrina catholica, e tendo em attenção a informação e parecer favoraveis do R.<sup>mo</sup> Dr. Antonio Ferreira Pinto, Vice-Reitor do Seminario diocesano e Professor da Cadeira de Pastoral no mesmo Seminario, não só damos, quanto podemos, Nossa approvação á mencionada Obra, mas muito a recommendamos ao clero d'esta Diocese, a quem poderá ser devéras util e proveitosa;

E para que conste ao douto Auctor, mandamos passar a presente Provisão sob o Nosso Signal e Sello de Nossas Armas aos 3 de Junho de 1907.

*Antonio, Bispo do Porto.*

## APÊNDICE C:

*fac simile* da Página vi da Edição de 1909

Parecer do censor nomeado por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

Cumprindo a honrosa missão, que, ha bem poucos dias acceitei, venho informar a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> que li os 2 discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria nos Estados-Unidos, e a introdução do notavel escriptor — Rev.<sup>mo</sup> Snr. Conego Senna Freitas.

Que devo agora dizer destes trabalhos? Que critica posso eu fazer á sciencia dum Prelado illustre e á capacidade dum polemista vigoroso e escriptor consagrado?

Direi apenas que são trabalhos dignos dos mais sinceros louvores e que muito fructos podem e devem produzir não só nos candidatos ao sacerdocio, mas tambem naquelles que já o são. Os tres escriptos formarão um volume, que ficará admiravelmente na meza de estudo do seminarista ou na estante do sacerdote catholico, e por isso estes trabalhos merecem a recommendação de V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>.

O Snr. Conego Senna Freitas, que é um escriptor muito brilhante e erudito, resumiu, em poucas palavras (até pag. xviii), o plano de Mgr. Spalding, acompanhando-o de notas pessoas e interessantes, relativas ao tempo em que cursava preparatorios no Seminario de Santarem.

A algum espirito muito meticoloso poderão causar estranheza as palavras «nacionalisação», mas não terá motivo para tanto quem ler todo o trabalho.

Quer que o Padre seja «um militante, postado sempre, arma ao hombro, de piquete constante á guarda do deposito sagrado da fé» (pag. xvii), mas logo, em successivas e profundas considerações, não esquece nenhuma das virtudes passivas, seguindo assim os sabios ensinamentos da Igreja e sobretudo de Pio X, na sua exhortação ao clero catholico (4 de agosto de 1908).

Fulmina vicios, corrige e aponta abusos, representando sempre o ideal do sacerdote catholico, o qual não deve já-

## APÊNDICE D:

*fac simile* da Página vii da Edição de 1909

mais esquecer que «é christão para si, mas propriamente Padre para os outros» e dum modo especial para as classes mais necessitadas e humildes. A' luz da verdadeira doutrina catholica, escreve brilhantes ponderações sobre a missão dos seminarios. Escreve sobre o estudo, encarece-o, e lamenta que, nos nossos seminarios, ainda esteja longe de corresponder ás exigencias do solemne momento social.

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

A rapida leitura d'estes trabalhos convenceram-me da sua importancia. Creio que a sua approvaçào e recommendaçào é de justiça, embora possa haver criterio differente.

Beijando o anel de V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>mo</sup>

Sou att.<sup>o</sup> v.<sup>o</sup> e sub.<sup>o</sup> obr.<sup>do</sup>

Seminario do Porto, 3 de junho de 1909.

O VICE-REITOR

*Antonio Ferreira Pinto.*

---

Approvaçào do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Coimbra

Pelo pouco que lemos no livro — *Opportunidade* — de Mgr. Spalding, e que o M. R. Conego Senna Freitas traduziu e annotou dando-lhe o titulo de — *Alta Educaçào do Padre* — e pelo que nos informam a respeito d'elle, não só o approvamos, mas recommendamos muito a sua leitura ao nosso Clero, e aos Professores e alumnos do nosso Semina-

**APÊNDICE E:**

*fac simile* da Página viii da Edição de 1909

rio, porque, nestes tempos tão difíceis para a religião e seus ministros, muito lucrarão estes lendo e meditando bem o que n'elle se expõe com tanta proficiência e saber tanto do Auctor como de quem o traduziu e annotou.

Paço Episcopal de Coimbra, 29 de Maio de 1909.

*Manuel*, Bispo Conde.

NOTA BENE

Por estar até esta data (26 de Maio) ausente em Roma o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Patriarcha de Lisboa, não pude obter tambem a sua approvaçãõ, que aliás me promettera e me daria, se estivesse presente n'esta capital.

S. F.



# **Lista de Textos Bíblicos Citados**



## ♦ ANTIGO TESTAMENTO

- Daniel 11:31, n. <sup>(E)30</sup>,  
pp. 227–228.  
Eclesiastes 3:10–11, n. <sup>(E)6</sup>,  
p. 244.  
Genesis 1:3, n. <sup>(E)71</sup>, p. 241.  
Isaías 56:10–12, n. <sup>(E)49</sup>,  
p. 233  
Jonas 4:5–11, n. <sup>(E)35</sup>,  
p. 229–230.  
Malaquias 2:7, p. 31,  
ll. 13–14.  
Números 7:84–86, n. <sup>(E)25</sup>,  
p. 226.  
Oseias 4:6, p. 31, l. 15.  
Salmos 147:4 (na Vulgata),  
Salmos 147:15 (na  
tradução de João  
Ferreira de Almeida),  
n. <sup>(E)9</sup>, pp. 244–2145;  
n. <sup>(E)12</sup>, p. 259.  
1 Samuel 2:3, p. 89,  
ll. 23–24; n. <sup>(T)8</sup>, p. 216.

## ♦ NOVO TESTAMENTO

- Apocalipse 6:12–14, n. <sup>(E)72</sup>,  
p. 241.  
Atos 17:24, n. <sup>(E)17</sup>, p. 248.  
Efésios 6:10–17, n. <sup>(E)39</sup>,  
p. 230–231.  
1 Coríntios. 4, 20, p. 53,  
ll. 18–19  
1 Coríntios 3:9, p. 185,  
ll. 27–28.  
1 Coríntios 8:1, p. 131, l. 26.

- 1 Coríntios 9:16, p. 31, l. 12;  
p. 71, ll. 12–13.  
1 Coríntios 9:22, p. 9,  
ll. 30–32.  
1 Coríntios 9:23–24, n. <sup>(E)9</sup>,  
pp. 244–2145; n. <sup>(E)12</sup>,  
p. 259.  
1 Coríntios 11:1, p. 9,  
ll. 9–10.  
1 Coríntios 12:29, p. 185,  
ll. 19–20.  
1 Coríntios 18 a 31, n. <sup>(E)29</sup>,  
p. 269.  
2 Coríntios 2:15, p. 11,  
ll. 10–11.  
2 Coríntios 5:20, p. 4, l. 4.  
2 Coríntios 12:15, p. 12,  
l. 15.  
Filipenses 4:4, n. <sup>(T)8</sup>, p. 201.  
Filipenses 4:13, p. 11, l. 23.  
Gálatas 6:14, p. 13,  
ll. 25–28  
João 6:2, n. <sup>(E)14</sup>,  
pp. 259–260.  
João 6:51, n. <sup>(E)59</sup>, p. 238.  
João 8:12, p. 34, l. 10  
João 11: 25, p. 43, ll. 17–19.  
João 13:34–35, p. 103,  
ll. 37–38.  
João 17:21, p. 13, ll. 37–38  
Lucas 5:15, n. <sup>(E)14</sup>, p. 255.  
Lucas 8:16, n. <sup>(E)11</sup>, p. 224.  
Lucas 12:49, p. 71, l. 10.  
Lucas 16:8, n. <sup>(T)12</sup>, p. 203.  
Marcos 4:11–12, n. <sup>(E)19</sup>,  
pp. 248–249.  
Marcos 16:17–18, n. <sup>(E)15</sup>,  
p. 260.

Mateus 4:4, p. 143,  
ll. 23–24.  
Mateus 5:13, n. <sup>(τ)2</sup>, p. 199  
n. <sup>(Ε)13</sup>, p. 224  
Mateus 7:29, p. 53, l. 11.  
Mateus 10:26–27, n. <sup>(Ε)19</sup>,  
pp. 248–249.  
Mateus 10:42, n. <sup>(Ε)5</sup>, p. 244.  
Mateus 13:19-22, n. <sup>(Ε)31</sup>,  
p. 228.  
Mateus 25:1–30, n. <sup>(Ε)19</sup>,  
pp. 248–249.  
Mateus 26:26, p. 13, l. 2  
Mateus 28:19, p. 51, l. 38.  
1 Pedro 5:3, p. 10, l. 14.  
Romanos 1: 13–15, n. <sup>(Ε)14</sup>,  
p. 247.  
Romanos 2: 13, n. <sup>(τ)8</sup>,  
p. 216.  
2 Timóteo 4:7, p. 89, l. 2.

# **Lista de Outros Textos Citados**



- Aquino, Thomae de. *Super Epistolam Pauli ad Hebraeos Lectura (Comentário à Epístola aos Hebreus)*.  
— p. 14, ll. 3–4.
- Augustine, St. “Letter CLXVI: A Treatise of the Human Soul, Addressed to Jerome.” — p. 75, ll. 8–10.
- Aurélio, Marco. *Marco Aurélio Antônio, Imperador, a si Mesmo* (ΜΑΡΚΟΥ ΑΥΦΗΛΙΟΥ ΑΝΤΩΝΙΝΟΥ, ΑΤΤΟΚΡΑΤ ΟΡΟΣ, ΤΩΝ ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ). — p. 10, l. 22.
- CONCÍLIO DE LATRÃO (1179), Cânone III. — p. 31, ll. 18–20.
- CONCÍLIO DE TRENTO, Sessão 9 [25], *Oratio*, 3–4 dezembro 1563. In: *Canones et Decreta Sacrosancti Oecumeni Concilii Tridentini sub Paulo III, Julio III et Pio IV. Romae, Collegio Urbano de Propaganda Fide, 1834*, p. 196, l. 302 — n. <sup>(T)</sup>3, p. 199.
- CONCÍLIO DE TRENTO, Sessão 22, *Decretum de Reformatione* (Canon I), 17 setembro 1562.  
— p. 19, ll. 5–19.
- CONCÍLIO DE TRENTO. ?? — p. 17, l. 27.
- Freitas, Senas. “Discurso proferido no Congresso Antoniano de 1895.” — p. 36, l. 24–p. 37, l. 31,
- Garcia, Manuel González. “¿Qué es Acción Social Católica?” — p. 16, l. 33.
- Gontier, Paul. *Explication du Pontifical. Commentaire Historique, Dogmatique et Moral*. — p. 28, ll. 6–25.
- Hergenröther, Joseph. ?? — p. 95, 12–16.
- Hertling, Georg Friedrich von. *Kleine Schriften zur Zeit geschichte und Politik (Pequenos Escritos sobre História e Política Contemporâneas)*.  
— p. 65, ll. 24–29.
- Júlio III, Papa. ?? — p. 123, ll. 21–22.
- Kempis, Thomas à. *De Imitatione Christi*, I, ii.  
— p. 85, ll. 34–37.
- Milton, John. *Paradise Lost*, I, vv. 104–105.  
— p. 152, ll. 27–28.
- Newman, John Henry. *The Idea of a University*.  
— p. 161, ll. 17–30; p. 169, ll. 13–19.
- Pio II, Papa (Enea Silvio Bartolomeo Piccolomini). ??  
— p. 187, ll. 27–29.

- Rosmini, Antonio. *Delle Cinque Piaghe della Santa Chiesa*.  
— p. 93, ll. 34–38.
- Sales, Saint François de. “Exhortation aux ecclésiastiques  
de s’appliquer à l’étude.” — p. 31, ll. 24–26.
- Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*.  
— 81, ll. 17–18.
- Virgílio. *Eneida*, III, v. 57. — n. <sup>(τ)</sup>14, p. 218.
- Wordsworth, William. ‘Brave Schill! by death delivered,  
take thy flight’. — p. 194, ll. 4–7.
- Wordsworth, William. *The Excursion* (V, vv. 485–504)  
— p. 160, ll. 31–35; (II, vv. 221–222)  
— p. 186, ll. 8–9.

# Índice Onomástico



- Agostinho, José de Santo (Frei). p. 5, l. 3.
- Agostinho, S. p. 61, l. 6; p. 75, l. 9; p. 87, l. 16; p. 95, l. 34; p. 181, l. 29.
- Albuquerque, Afonso de. n. <sup>(T)</sup>5, p. 215.
- Alcuíno de Iorque. p. 95, l. 34.
- Alexandre VI, Papa. n. <sup>(T)</sup>9, p. 206.
- Alighieri, Dante. p. 37, l. 10.
- Allioli, Joseph Franz von. n. <sup>(T)</sup>16, p. 203.
- Anselmo, de Cantuária (S.) n. <sup>(T)</sup>18, p. 209.
- Aquino, Tomás de. p. 14, l. 5; p. 61, l. 7; p. 71, l. 20; p. 87, l. 17.
- Arato de Solos. n. <sup>(T)</sup>16, pp. 208–209.
- Aristóteles. p. 53, l. 37; p. 61, l. 8; p. 71, l. 22; n. <sup>(T)</sup>7, p. 206; n. <sup>(T)</sup>3, p. 215.
- Assis, S. Francisco de. p. 181, ll. 28–29.
- Avisenet, Claude. p. 7, l. 23.
- Bacon, Roger. n. <sup>(T)</sup>12, p. 207.
- Bello, António Mendes. p. 32, ll. 34–35.
- Bento XIV, Papa. p. 22, l. 29; n. <sup>(T)</sup>8, p. 201.
- Boaventura, S. n. <sup>(T)</sup>2, p. 214.
- Bonaparte, Napoleão. p. 123, l. 14; p. 141, l. 30; n. <sup>(T)</sup>13, p. 217.
- Bossuet, Jacques-Bénigne. n. <sup>(T)</sup>1, p. 214.
- Caminhoá, Joaquim Monteiro. n. <sup>(T)</sup>14, p. 208.
- Camões, Luís de. n. <sup>(T)</sup>5, p. 215.
- Carrières, Louis de. n. <sup>(T)</sup>16, p. 204.
- Castro, D. João de. n. <sup>(T)</sup>5, p. 215.
- Chateaubriand, François René de. p. 20, l. 24.
- Clemenceau, Georges Benjamin. n. <sup>(T)</sup>13, p. 217.
- Cochet, Jean Benoît Désiré. n. <sup>(T)</sup>15, p. 203.
- Colombo, Cristovão. p. 175, l. 8; n. <sup>(T)</sup>15, p. 218.
- Comte, August. n. <sup>(T)</sup>8, p. 206.
- Copérnico, Nicolau. n. <sup>(T)</sup>7, p. 206; n. <sup>(T)</sup>12, p. 207.
- Croiset, Jean. p. 7, l. 24.
- Darwin, Charles. n. <sup>(T)</sup>8, p. 206.
- Denza, Francesco. n. <sup>(T)</sup>13, p. 208.
- Descartes, René. n. <sup>(T)</sup>12, p. 207.
- Didon, Henri Louis Rémy. n. <sup>(T)</sup>15, p. 203; <sup>(T)</sup>15, p. 208.
- Doré, Gustave. n. <sup>(T)</sup>28, p. 213.
- Drioux, Claude-Joseph. n. <sup>(T)</sup>16, p. 204.
- Erígena, Scottus. p. 95, ll. 34–35.
- Fénelon, François de La Mothe. n. <sup>(T)</sup>20, p. 210.
- Figueiredo, António Pereira de. n. <sup>(T)</sup>16, p. 203; n. <sup>(T)</sup>28, p. 213.

- Fócio I, de Constantinopla. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 217.
- Fonseca, José Frutuoso da. n. <sup>(τ)</sup>11, p. 202.
- Galilei, Galileu. n. <sup>(τ)</sup>7, p. 206; n. <sup>(τ)</sup>9, p. 207; n. <sup>(τ)</sup>3, p. 215.
- Garcia, Manuel González. p. 16, l. 35.
- Giry, Françoise. p. 21, l. 23.
- Gontier, Paul. p. 28, l. 5: p. 32, l. 3.
- Grainha, Francisco. p. 25, l. 38.
- Gregório VII (Hildebrando), Papa. p. 181, l. 30.
- Haeckel, Ernst. n. <sup>(τ)</sup>11, p. 207.
- Henrique VIII. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 217.
- Herculano, Alexandre. n. <sup>(τ)</sup>3, p. 215; n. <sup>(τ)</sup>5, p. 215.
- Hergenröther, Joseph. p. 95, l. 13.
- Hertling, Georg Friedrich von. p. 65, l. 24.
- Hettinger, Franz. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.
- Hetzenauer, Michael. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 208.
- Hildebrando (Papa Gregório VII). p. 181, l. 30.
- Homero. p. 37, ll. 9–10.
- Hugo, Victor. p. 37, l. 7.
- Huist, Maurice Le Sage d'Hauteroche d'. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Huxley, Thomas Henry. n. <sup>(τ)</sup>8, p. 206; n. <sup>(τ)</sup>11, p. 207.
- Jerónimo, S. p. 87, l. 17; p. 95, l. 34; n. <sup>(τ)</sup>16, pp. 208–209.
- Jesus, Teresa de (St. Teresa d'Ávila). n. <sup>(τ)</sup>8, p. 201.
- João III (D.). p. 15, l. 13.
- Kempis, Thomas à. p. 21, ll. 22–23; p. 85, l. 33.
- Kepler, Johannes. n. <sup>(τ)</sup>12, p. 207.
- Kircher, Athanasius. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.
- Labatut (*Abbé*). p. 6, l. 3.
- Lacordaire, Jean-Baptiste-Henri. p. 5, l. 17; n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Lagrange, Marie-Joseph. n. <sup>(τ)</sup>16, p. 204; n. <sup>(τ)</sup>15, p. 208.
- Lamartine, Alphonse Marie Louis de. p. 37, l. 4.
- La Motte, Louis-François-Gabriel de. p. 24, l. 19.
- Landriot, Jean-François-Anne. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Lapide, Cornélio. p. 35, l. 4.
- Laplace, Pierre-Simon. n. <sup>(τ)</sup>14, p. 208.
- Leão XIII, Papa. p. 15, l. 28; p. 21, l. 19; p. 33, l. 27; n. <sup>(τ)</sup>15, p. 208; n. <sup>(τ)</sup>28, p. 213.
- Lockhart, John Gibson. p. 37, l. 12.
- Loyola, Santo Inácio de. p. 71, ll. 25–26; p. 133, l. 8.
- Luís XIV. p. 159, ll. 18–19.
- Machado, J. M. n. <sup>(τ)</sup>11, p. 202.

- Manning, Henry Edward. n. <sup>(τ)</sup>20, p. 210.
- Manuel I (D.) p. 15, l. 13.
- Martini, Antonio. n. <sup>(τ)</sup>16, p. 204.
- Marx, Karl. p. 16, l. 30.
- Mathew, Theobald. n. <sup>(τ)</sup>29, p. 213.
- Milton, John. p. 141, l. 14.
- Moigno, François-Napoléon-Marie. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.
- Monsabré, Jacques-Marie-Louis. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Nelson, Horatio. p. 141, l. 13.
- Newman, Henry. p. 161, l. 16; p. 169, l. 13.
- Olier, Jean-Jacques. p. 36, l. 35.
- Olivier, Auguste Constant. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Pasteur, Louis. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.
- Paulo III, Papa. n. <sup>(τ)</sup>12, p. 207.
- Paulo, S. p. 9, ll. 9, 30; p. 11, ll. 10, 22; p. 13, l. 24; p. 21, l. 26; p. 71, l. 12; p. 83, l. 14; p. 87, l. 16; p. 89, l. 3; p. 131, l. 24; p. 143, l. 22; p. 129, l. 2; p. 185, l. 21; n. <sup>(τ)</sup>8, p. 201; n. <sup>(τ)</sup>8, p. 216.
- Paulo, S. Vicente de. n. <sup>(τ)</sup>1, p. 214.
- Pedro, S. p. 153, l. 14.
- Pio IX, Papa. n. <sup>(τ)</sup>28, p. 213.
- Pio X, Papa. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 298; n. <sup>(τ)</sup>28, p. 213.
- Pitágoras. n. <sup>(τ)</sup>3, p. 215.
- Platão. p. 53, l. 37; p. 61, l. 7; n. <sup>(τ)</sup>25, p. 212; n. <sup>(τ)</sup>18, p. 218.
- Ptolomeu, Cláudio. n. <sup>(τ)</sup>7, p. 206.
- Rosmini, Antonio. p. 93, l. 34.
- Rougier, Felix of Jesus. n. <sup>(τ)</sup>15, p. 203.
- Sales, São Francisco de. p. 31, ll. 23–24; n. <sup>(τ)</sup>15, p. 208; n. <sup>(τ)</sup>20, p. 210.
- Salomão. p. 143, l. 11.
- Savonarola, Giordano. n. <sup>(τ)</sup>9, p. 207.
- Scott, Walter. p. 37, l. 11.
- Secchi, Angelo. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.
- Shakespeare, William. p. 141, l. 14.
- Silva, Américo Ferreira dos Santos (Cardeal). n. <sup>(τ)</sup>20, p. 210.
- Sócrates. p. 143, l. 7; p. 189, l. 16; n. <sup>(τ)</sup>18, p. 218.
- Sófocles. p. 37, l. 10.
- Spalding, John Lancaster. p. 4, l. 9; p. 6, l. 28; p. 7, l. 10; p. 8, l. 3; p. 28, l. 28; p. 32, l. 30; p. 37, l. 35; n. <sup>(τ)</sup>3, p. 204; n. <sup>(τ)</sup>11, p. 207; n. <sup>(τ)</sup>20, p. 209; n. <sup>(τ)</sup>27, p. 212; n. <sup>(τ)</sup>1, p. 214; n. <sup>(τ)</sup>31, p. 214; n. <sup>(τ)</sup>8, p. 216; n. <sup>(τ)</sup>15, p. 218; n. <sup>(τ)</sup>16, p. 218.
- Spallanzani, Lazzaro. n. <sup>(τ)</sup>13, p. 208.

Spencer, Herbert. n. <sup>(τ)8</sup>,  
p. 206.

Soares (Suárez), Francisco.  
p. 87, l. 17.

Tácito, Públio Cornélio. p. 81,  
l. 17.

Tertuliano. n. <sup>(τ)10</sup>, p. 216.

Tyndale, William. n. <sup>(τ)8</sup>,  
p. 206.

Victor, Hugo de S. n. <sup>(τ)1</sup>,  
p. 199.

Vieira, Padre António. n. <sup>(τ)5</sup>,  
p. 215.

Virchow, Rudolf Ludwig Karl.  
n. <sup>(τ)8</sup>, p. 206.

Voet, Gijsbert (Gisbertus  
Voetius). n. <sup>(τ)12</sup>, p. 208.

Voltaire (François-Marie  
Arouet). n. <sup>(τ)14</sup>, p. 208.

Wellington, Arthur Wellesley,  
1.º Duque de. p. 141,  
l. 13.







ISBN 978-989-35259-4-4